

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS  
PROGRAMA DE LÍNGUA E LITERATURA FRANCESA**

**O GÊNERO CARTA DO LEITOR:  
UMA PROPOSTA DE ENSINO DO FLE**

**Aline Saddi Chaves**

**Orientadora: Profa. Dra. Tokiko Ishihara**

**São Paulo  
2003**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA FRANCESA**

**O GÊNERO CARTA DO LEITOR:  
UMA PROPOSTA DE ENSINO DO FLE**

**Aline Saddi Chaves**

**Dissertação apresentada como exigência parcial para  
obtenção do título de Mestre em Língua Francesa –  
Programa de Pós-graduação em Língua e Literatura  
Francesa – à banca examinadora da Universidade de  
São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências  
Humanas, sob a orientação da Professora Dra. Tokiko  
Ishihara.**

**São Paulo  
2003**

## **BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

**São Paulo  
2003**

Este trabalho é dedicado a minha mãe, Arlete,  
e a meu pai, José Afonso Chaves (*in memoriam*),  
pela educação cuidadosa e formadora, da qual sempre colherei frutos.

## **AGRADECIMENTOS**

À professora Tokiko Ishihara, que com sua orientação “pointilleuse” me salvou dos frequentes devaneios teóricos.

À professora Sabina Kundman, um exemplo inigualável de dedicação ao próximo.

À professora Gláucia Lara, pelo incentivo e companheirismo em momentos marcantes de meu percurso.

À professora Véronique Dahlet, pelas dicas valiosas para o desenvolvimento do trabalho.

Ao Edmar, marido e amigo presente nas minhas ausências.

A todos os alunos, maiores responsáveis pelas alegrias e frustrações de cada descoberta.

A todos os familiares e amigos, pelo apoio e compreensão quando não pude estar presente.

## RESUMO

Neste trabalho, analisamos o funcionamento lingüístico-discursivo da carta do leitor, um gênero discursivo do jornalismo, com o objetivo de verificar de que modo a transposição didática desse gênero no ensino do francês língua estrangeira auxilia os alunos nas atividades de compreensão e produção de textos. Nossa abordagem teórica apoia-se na noção de gênero do discurso de Bakhtin, definido pelo tema, estilo e composição. Partindo do pressuposto de que todo texto se insere num gênero do discurso marcado por características sócio-históricas, investigamos as principais classificações elaboradas na lingüística para dar conta da heterogeneidade composicional dos gêneros, chegando à tipologia sequencial de Jean-Michel Adam, que prevê a existência de cinco seqüências prototípicas na organização textual (narrativa, descritiva, explicativa, argumentativa e dialogal). A carta do leitor, um gênero produzido por leitores da imprensa, caracteriza-se pela tomada de posição do locutor, que organiza seu texto em função dos propósitos comunicativos desejados, prevendo-se aí diferentes modos de composição textual. A experiência didática foi realizada com alunos do nível 5 (intermediário) do curso de francês extracurricular da FFLCH-USP. Nosso *corpus* é constituído de cartas do leitor autênticas, publicadas em jornais e revistas franceses, e de produções dos alunos. A experiência nos permitiu constatar que a leitura e a produção de cartas do leitor coloca em evidência os saberes adquiridos do aprendiz: as competências comunicativa ou genérica, enciclopédica, lingüística e textual. Por outro lado, a familiarização com o gênero promove a assimilação de práticas discursivas e aspectos culturais da língua de estudo. Essa abordagem privilegia o caráter dinâmico da linguagem, estabelecendo o elo necessário entre os conteúdos ensinados e a prática viva da língua em contexto pedagógico.

Palavras-chave: gêneros do discurso; tipos textuais; carta do leitor; ensino/aprendizagem do FLE; transposição didática.

## RÉSUMÉ

Dans cette recherche, nous avons analysé le fonctionnement linguistique et discursif de la lettre de lecteur, un genre du discours appartenant à la sphère journalistique, dans le but d'observer de quelle manière la transposition didactique de ce genre dans l'enseignement/apprentissage du français langue étrangère peut aider les élèves dans les activités de compréhension et production de textes. Notre approche théorique se fonde dans la notion de genre du discours chez Bakhtine, défini par le thème, style et structure compositionnelle. Présupposant que tout texte appartient à un genre du discours socio-historiquement inscrit, nous avons étudié les principales classifications élaborées en linguistique visant à rendre compte de l'hétérogénéité compositionnelle des genres. La typologie séquentielle de Jean-Michel Adam conçoit que l'organisation textuelle est composée de cinq séquences prototypiques (narrative, descriptive, explicative, argumentative et dialogale). La lettre de lecteur, un genre produit par les lecteurs de la presse, se caractérise par la prise de position du locuteur, qui organise son texte selon les visées communicatives envisagées, et l'on peut y prévoir différents modes de composition textuelle. L'expérience didactique a été entreprise avec des étudiants de niveau 5 (intermédiaire) du cours de français extra-curriculaire de la FFLCH-USP. Notre *corpus* est constitué de lettres de lecteur authentiques publiées dans des journaux et revues français et de textes produits par les élèves. L'expérience nous permet de conclure que la lecture et la production de lettres de lecteur met en évidence les savoirs acquis de l'élève: les compétences communicative ou générique, encyclopédique, linguistique et textuelle. D'un autre côté, la familiarisation avec le genre promeut l'assimilation de pratiques discursives et aspects culturels de la langue d'étude. Cette approche privilégie le caractère dynamique du langage à travers l'établissement du lien nécessaire entre les contenus enseignés et la pratique vivante de la langue en contexte pédagogique.

**Mots-clés :** genre du discours ; types textuels ; lettre de lecteur ; enseignement/apprentissage du FLE ; transposition didactique.

## ABREVIATURAS

Utilizaremos as seguintes abreviaturas para fazer referências aos jornais e revistas citados ao longo do trabalho.

Le Monde: [MONDE]

Le Figaro: [FIGARO]

Le Nouvel Observateur: [NOBS]

L'Express: [EXPRESS]

Elle: [ELLE]

Madame Figaro: [MMEFIGARO]

O Estado de São Paulo: [OESP]

Folha de S. Paulo: [FSP]



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>CAPÍTULO I: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b> .....	4
1.1 OS GÊNEROS DO DISCURSO EM BAKHTIN .....	4
1.1.1 Definição e Funcionamento .....	9
1.1.2 Limites e Particularidades do Enunciado .....	11
1.2 DIVERSIDADE FUNCIONAL X TIPOLOGIZAÇÃO .....	21
1.2.1 Por uma Tipologização dos Gêneros do Discurso .....	28
<b>CAPÍTULO II: GÊNEROS DO DISCURSO NO ENSINO</b> .....	48
2.1 POR QUE GÊNEROS NO ENSINO? .....	48
2.2 QUAIS GÊNEROS NO ENSINO? .....	56
2.2.1 O Caso de Alguns Manuais Didáticos Franceses .....	56
2.2.2 Critérios de Seleção .....	65
2.3 COMO TRABALHAR COM GÊNEROS NO ENSINO? .....	69
2.3.1 Gênero e Tipo .....	69
2.3.2 Ensino do FLE .....	74
<b>CAPÍTULO III: O GÊNERO CARTA DO LEITOR</b> .....	78
3.1 A CARTA DO LEITOR: UM GÊNERO DISCURSIVO DO JORNALISMO .....	79
3.1.1 A Seção de Cartas .....	83
3.1.2 Configuração Gráfica .....	86
3.1.2.1 Elementos peritextuais .....	92
3.1.3 A Edição das Cartas .....	96
3.1.3.1 A presença do editor na carta do leitor .....	100
3.2 FUNCIONAMENTO LINGÜÍSTICO-DISCURSIVO .....	112
<b>CAPÍTULO IV: TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA DA CARTA DO LEITOR</b> .....	133
4.1 DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM .....	133
4.1.1 Características do Curso .....	133

4.1.2 Perfil do Grupo Analisado.....	134
4.1.3 Condições de Aprendizagem.....	135
<b>4.2 OBJETIVOS VISADOS.....</b>	<b>136</b>
<b>4.3 RELATO DA EXPERIÊNCIA.....</b>	<b>142</b>
<b>4.4 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO E ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>.....</b>	<b>152</b>
<b>4.5 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>153</b>
4.5.1 Interpretação.....	153
4.5.2 Produção.....	158
<b>4.6 ALGUMAS CONCLUSÕES DA EXPERIÊNCIA.....</b>	<b>164</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>168</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>171</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>177</b>

## INTRODUÇÃO

A didática das línguas estrangeiras tem buscado nas últimas décadas integrar as contribuições teóricas da lingüística do discurso no intuito de repensar o ensino tradicional da língua centrado na gramática. O caráter social e dialógico da linguagem, pronunciado por Bakhtin (2002), aparece no cenário da didática como uma possibilidade inédita de enxergar a língua como instrumento de comunicação, a qual se realiza segundo “tipos relativamente estáveis de enunciados”: os gêneros do discurso.

Experiências didáticas atuais propõem currículos orientados para a compreensão e produção de gêneros orais e escritos de maior circulação social, com base na constatação de que todo texto se insere num dado gênero do discurso, definido pelo tema, estilo e estrutura composicional. Nessas pesquisas, há um consenso de que a língua, enquanto sistema, atende primordialmente às necessidades comunicativas dos falantes.

A transposição didática de conceitos teóricos oriundos da lingüística requer, no entanto, a adaptação do objeto de ensino, os gêneros, à situação de aprendizagem: objetivos, conteúdos a serem ensinados, perfil e necessidades dos alunos. Diante disso, é preciso pensar de que modo os gêneros podem e devem ser ensinados sem que o professor perca de vista o caráter dinâmico dessas formas de comunicação.

Dentre as classificações elaboradas para dar conta do funcionamento lingüístico-textual dos gêneros, a tipologia seqüencial de Adam (2001a) concebe que todo texto, desvinculado dos fatores sócio-discursivos da produção, se organiza em seqüências prototípicas de narração, descrição, explicação, argumentação e diálogo. Também chamadas tipos textuais, as seqüências estariam na base de toda composição textual e explicariam a “diversidade funcional dos enunciados” aludida por Bakhtin (1984).

A tensão entre o gênero e o tipo, objeto de discussão em várias publicações científicas, coloca em evidência as dimensões, respectivamente, discursiva e lingüística das produções de linguagem, constituindo um desafio para o professor no tratamento da polêmica: diferença (gênero) versus repetição (tipo).

Com base nessas reflexões, o presente trabalho apresenta como hipótese inicial que os saberes prévios dos aprendizes com relação aos gêneros – tema, estilo, composição e

contexto de enunciação – e seus conhecimentos de mundo atenuam as dificuldades relativas à gramática no sentido clássico, e em particular à questão dos referentes culturais em língua estrangeira.

Pretendemos mostrar que o trabalho com o gênero discursivo carta do leitor, pertencente ao jornalismo, auxilia os alunos nas atividades de compreensão e produção escritas em francês língua estrangeira. Nessa abordagem, buscamos valorizar o aprendiz por meio da familiarização com cartas do leitor publicadas na imprensa francesa, instaurando em sala de aula um elo entre a língua e o mundo.

Este trabalho está organizado em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, descrevemos a teoria dos gêneros do discurso em Bakhtin (1984) e as classificações posteriores elaboradas na lingüística para dar conta dos traços lingüísticos recorrentes nos gêneros. Para explicar o modo como os gêneros se estruturam textualmente, apresentamos uma exposição da tipologia seqüencial de Adam (2001a), o que se justifica em nosso trabalho pela necessidade de ter critérios de análise da organização textual que possibilitem a transposição didática.

No segundo capítulo, direcionamos o conceito de gênero para o ambiente didático, pretendendo responder às questões: *Por que gêneros no ensino?*, *Quais gêneros no ensino?* e *Como trabalhar com gêneros no ensino?*

As respostas à primeira questão (*Por que...?*) visam a legitimar a proposta de transposição didática da carta do leitor no ensino de línguas.

A segunda questão (*Quais...?*) é indispensável para se pensar a assimilação do conceito em meio pedagógico, uma vez que nem todos os gêneros se adaptam às condições da aprendizagem. Uma reflexão sobre os critérios de seleção dos gêneros se faz necessária, expondo previamente o tratamento dado ao assunto em alguns manuais didáticos franceses recentes.

A terceira questão (*Como...?*) buscará respostas sobre o modo como os gêneros devem ser trabalhados no ensino. A distinção entre gênero e tipo pode constituir um instrumento de utilidade pedagógica para o estabelecimento dos objetivos visados no ensino, em particular do francês língua estrangeira.

No terceiro capítulo, descrevemos o funcionamento discursivo da carta do leitor, mencionando o contexto de enunciação desse gênero – horizonte social, autor, destinatário, finalidade comunicativa, intervenção do editor, apresentação gráfica da seção de cartas – e seu

funcionamento lingüístico-textual – tema, estilo e estrutura composicional. O *corpus* selecionado para a descrição do gênero é constituído de cartas do leitor autênticas publicadas em jornais e revistas franceses e brasileiros da atualidade.

No quarto capítulo, comentamos a experiência didática com a carta do leitor realizada com o grupo de francês nível 5 (intermediário) dos cursos extracurriculares promovidos pela FFLCH-USP. Nas quatro etapas desenvolvidas em sala de aula, promovemos a familiarização dos alunos com o gênero na imprensa francesa em atividades diversificadas de leitura e produção escrita. Nesse capítulo, procedemos à análise dos resultados obtidos na experiência, que nos permitirá avaliar as vantagens e restrições de se trabalhar com o gênero selecionado, avançando algumas conclusões.

## CAPÍTULO I: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

### 1.1. OS GÊNEROS DO DISCURSO EM BAKHTIN

Este capítulo tratará, inicialmente, da reflexão sobre o modo de funcionamento da linguagem presente nos estudos de Bakhtin (2002) em *Marxismo e filosofia da linguagem*<sup>1</sup>. Nesses escritos, o autor russo avança uma concepção da linguagem que se realiza mediante gêneros do discurso, caracterizados essencialmente pela esfera social de atividade humana em que o discurso<sup>2</sup> se manifesta.

Uma segunda parte deste capítulo será dedicada ao modo de funcionamento lingüístico dos gêneros, segundo as diferentes tipologizações elaboradas na lingüística para dar conta da “diversidade funcional” dos textos<sup>3</sup>.

Para abordar a problemática dos gêneros do discurso tal como ela se dá nas pesquisas lingüísticas atuais, é preciso situar primeiramente o objeto de estudo na história das ciências da linguagem.

A denominação “gêneros do discurso” é atribuída ao teórico russo Mikhail Bakhtin (1984), que em *Esthétique de la création verbale* dedicou todo um capítulo ao assunto, desencadeando a partir de então um grande número de reflexões teóricas que ainda hoje conservam seu grau de originalidade. Os gêneros do discurso são uma referência para grande parte dos pesquisadores das ciências da linguagem e para o ensino de línguas vivas, seja para a suscitação de debates, para a reformulação de pontos de vista teóricos como para a assimilação do conceito na prática pedagógica.

---

<sup>1</sup> Doravante *MFL*.

<sup>2</sup> Em oposição a texto, o discurso refere-se, neste trabalho, ao ato de realização empírica da atividade verbal dos falantes. O discurso se manifesta lingüisticamente em textos concretos, indissociável do contexto de produção. O aspecto social presente na noção de discurso é assim explicado por Brandão (no prelo): “por discurso, entendemos toda atividade comunicativa, produtora de sentidos, ou melhor, de efeitos de sentido, entre interlocutores (sujeitos situados social e historicamente) nas suas relações interacionais”.

<sup>3</sup> Emprega-se “texto”, neste trabalho, enquanto a manifestação concreta do discurso por meio de um plano de expressão verbal, sendo ele oral ou escrito. Quando se fala em texto, focaliza-se sua totalidade: contextualização, coesão, coerência, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade e intertextualidade (FÁVERO, 1991). A noção de texto apresenta ainda um aspecto de durabilidade e repetibilidade, visto que este circula fora do contexto de enunciação.

Quaisquer que sejam as leituras dos gêneros discursivos de Bakhtin, é certo que, se o tema encontra eco ainda nos dias de hoje, isso se deve em grande parte ao caráter ideológico de sua análise. Pois para o autor, toda produção de linguagem possui uma orientação social, ou ainda, toda enunciação é condicionada social e historicamente. Ao privilegiar o aspecto social na análise lingüística, Bakhtin apontou novos rumos para o estudo do funcionamento da linguagem, fortemente marcado até então por uma visão normativa da língua.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin (2002) se serve do método sociológico marxista para desenvolver uma série de reflexões sobre o caráter ideológico da linguagem. Para chegar a tal concepção, expõe previamente o posicionamento adotado pelo objetivismo abstrato para explicar o funcionamento da linguagem. Essa orientação filosófica-lingüística fundamenta-se na representação que os falantes de uma dada comunidade lingüística possuem acerca da norma, ou seja, se é que existe uma consciência por parte dos falantes de que a língua é um sistema de normas imutáveis. Essa linha de pensamento entende o sistema lingüístico como o território da expressão por meio de signos<sup>4</sup> mas não descarta a imutabilidade da norma.

Bakhtin enxerga nessa concepção uma visão da língua um tanto mecanicista, que encontra respaldo nos primórdios da reflexão lingüística, a saber a leitura dos textos sagrados das línguas mortas. Fazendo um retorno às primeiras sistematizações lingüísticas de que se tem conhecimento, Bakhtin atribui aos sacerdotes hindus, os primeiros filólogos da história, o pensamento científico que dominou a lingüística indo-européia.

Na base dos métodos de reflexão lingüística que levam à postulação da língua como sistema de formas normativas, estão os procedimentos práticos e teóricos elaborados para o estudo das línguas mortas, que se conservaram em documentos escritos. (BAKHTIN, 2002, p. 96)

A reflexão lingüística é gerada da necessidade de se dominar a palavra estrangeira, num primeiro momento, e de ensiná-la, posteriormente. A língua estrangeira é, portanto, o ponto de partida para a formalização da língua e, fora desse contexto, não se realizaria. Sendo a palavra estrangeira pertencente à cultura de dominação dos povos e à língua dos escritos

---

<sup>4</sup> Bakhtin opera uma distinção entre signo e sinal. O primeiro é descodificado, o segundo é reconhecido. O signo é variável e possui colorações ideológicas, enquanto o sinal é estável e desprovido de ideologia. (BAKHTIN, 2002, p. 93).

sagrados, sua influência foi determinante para a instauração de instrumentos de análise e codificação da língua com o objetivo de aprendê-la e de ensiná-la.

A respeito da forma como a reflexão lingüística se originou, Bakhtin (2002, p. 101) aponta alguns problemas. Em primeiro lugar, a supervalorização da língua estrangeira em detrimento da língua materna, que não apresenta, aparentemente, maiores dificuldades. Assistiu-se, assim, à assimilação de um modo de apreensão da língua puramente normativa e codificada, com base no “grandioso papel organizador da palavra estrangeira”. Essa visão é inadequada, segundo Bakhtin, a uma compreensão correta e plena da linguagem enquanto manifestação concreta da realidade com contornos sociais bem delineados.

Assim é a língua morta-escrita-estrangeira que serve de base à concepção da língua que emana da reflexão lingüística. A enunciação isolada-fechada-monológica, desvinculada de seu contexto lingüístico e real, à qual se opõe, não uma resposta potencial ativa, mas a compreensão passiva do filólogo: este é o “dado” último e o ponto de partida da reflexão lingüística. (BAKHTIN, 2002, p. 99)

A citação, além de confirmar o caráter abstrato e unívoco da língua na concepção do objetivismo abstrato, esta última inspirada na tradição filológica de descodificação da língua estrangeira, deixa entrever algumas pistas para a interpretação do funcionamento da linguagem elaborada por Bakhtin.

Trata-se da compreensão da linguagem com base no peso ideológico inerente a toda atividade de fala humana. Nesse sentido, a inadequação do modelo adotado pelo objetivismo abstrato confirma-se pela descaracterização do ato de fala em sua essência, pois o modo de funcionamento da palavra estrangeira difere da enunciação do falante em sua língua materna. Se na língua estrangeira o reconhecimento do sinal constitui o primeiro passo na busca pela compreensão, na língua materna esta etapa é praticamente apagada, uma vez que os falantes já dominam o sistema lingüístico. A interação verbal entre falantes de uma mesma língua pressupõe o reconhecimento do sinal e a conseqüente descodificação do signo, e o que se tem propriamente são enunciações concretas inseridas numa situação de comunicação precisa.

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico vivencial. (BAKHTIN, 2002, p. 95)



Com essa afirmação, o estudioso redimensiona a compreensão sobre a natureza da linguagem em que falantes e ouvintes interagem numa relação dialógica dos enunciados<sup>5</sup>, que, por sua vez, não são constituídos de palavras em estado morto, como nos dicionários, mas de formas lingüísticas dinâmicas, em constante evolução

Na busca por modos de dizer que sirvam às suas intenções de comunicação, os falantes produzem enunciados concretos e para tanto se servem das possibilidades de expressão oferecidas pela língua. Portanto, uma representação da língua enquanto conjunto de normas imutáveis revela-se falsa no âmbito da língua materna. Para se conceber a enunciação monológica como o fazem o objetivismo abstrato e os filólogos em sua prática heurística, é preciso considerá-la num contexto específico de análise, como por exemplo na prática pedagógica da didática das línguas ou nos “momentos de conflito” do uso da língua, como a expressão escrita.

As reflexões teóricas acerca da natureza da linguagem, em *MFL*, contêm o gérmen dos gêneros do discurso tal como o autor russo os concebeu em escritos posteriores (BAKHTIN, 1984). O que se pode constatar, a priori, com base nas idéias desenvolvidas anteriormente, é que todo enunciado possui uma orientação social pré-estabelecida que determina sua manifestação entre falantes inscritos em uma dada esfera de atividade humana.

Sendo a produção verbal de natureza social e ideológica, é impossível conceber a língua fora de tais parâmetros e, menos ainda, como um sistema regido por regras de funcionamento imutáveis, pois as formas lingüísticas são atualizadas pelos falantes a cada nova enunciação. O mesmo processo se dá com a recepção: o ouvinte compreende a enunciação e com ela dialoga no contexto de produção específico da interação, e raramente a compreende como unidades lingüísticas codificadas. É o que se infere da afirmação seguinte:

Assim, na prática viva da língua, a consciência lingüística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto de contextos possíveis de uso de cada forma particular. (BAKHTIN, 2002, p. 95)

---

<sup>5</sup> Para especificar o uso que Bakhtin (1984) faz do termo “enunciado” em *Esthétique de la création verbale*, é preciso lembrar que o enunciado é a unidade da troca verbal, em oposição à oração, unidade de língua pertencente a uma enunciação monológica descontextualizada. Ao afirmar que o enunciado é delimitado pela alternância dos sujeitos falantes, o autor considera que, em sua enunciação, o locutor incorpora os enunciados pré-existentes e os enunciados futuros. Assim, o papel desempenhado pelo(s) parceiro(s) da troca é fundamental para se entender o modo de funcionamento da linguagem que, para Bakhtin, é dialógica. Entende-se aqui que “enunciado” corresponde a “discurso”, este último tomado como a seqüência verbal enunciada por um único locutor inserida num gênero de discurso específico.

É desta relação dinâmica entre os enunciados que nasce o sentido, instaurado pelo enunciador em sua enunciação única e não-reiterável.

Outra pista importante é revelada por Bakhtin em sua crítica ao objetivismo abstrato. Trata-se do caráter monológico da enunciação, tal como ela é concebida pela visão normativa da língua. Esta interpretação da realidade dos fatos lingüísticos vai de encontro com a essência dialógica dos enunciados, confirmada pelo autor russo em sua consideração da atividade verbal como um todo discursivo, o qual precede muitas vezes o enunciado.

Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernente à vida cotidiana, à literatura, ao conhecimento, à política, etc.). (BAKHTIN, 2002, p. 123)

A análise da totalidade da enunciação foi relegada a outras disciplinas, como a Retórica e a Poética, ficando a lingüística encarregada de estudar as unidades mínimas, cuja máxima extensão é a oração complexa. Para Bakhtin (1984, p. 104), existe um inevitável “abismo entre a sintaxe e os problemas de composição do discurso”, ignorada pelos lingüistas em sua época. Nota-se, nesta passagem, uma preocupação do lingüista russo em articular os enunciados na corrente da evolução da língua, prescrevendo o modo de funcionamento da enunciação em sua totalidade, o que desmotiva em geral o estudioso diante da dificuldade de apreensão da natureza heterogênea dos enunciados. Mas, para Bakhtin, fora desse quadro, o enunciado não sobrevive, dependente que é dos outros enunciados para significar e para existir enquanto um elo da cadeia verbal ininterrupta e em constante evolução.

Para se pensar uma classificação dos gêneros do discurso que circulam na sociedade é preciso situá-los socialmente, estabelecer a relação dialógica que entretêm com outros enunciados, para então serem passíveis de uma classificação. É necessário, igualmente, que o enunciado seja analisado em sua totalidade, inscrito no gênero de discurso a que pertence, podendo então ser observado e analisado em toda sua dimensão.

O mesmo se passa com o ensino da língua viva estrangeira. Ultrapassado o estágio de reconhecimento do sinal, passa-se à compreensão do todo do enunciado. Bakhtin diz que uma assimilação correta da língua estrangeira acontece quando “o sinal é completamente absorvido pelo signo e o reconhecimento pela compreensão”.

Em suma, um método eficaz e correto de ensino prático exige que a forma seja assimilada não no sistema abstrato da língua, isto é, como uma forma sempre idêntica a si mesma, mas na estrutura concreta da enunciação, como um signo flexível e variável. (BAKHTIN, 2002, p. 95)

Ao abordar temas como fala, enunciação, interação verbal, tema e significação, Bakhtin traça, em *MFL*, as grandes linhas de investigação da lingüística centrada no discurso. Em destaque, o autor russo prenuncia o conceito de gêneros do discurso difundido em pesquisas posteriores ao longo do século XX até os dias atuais. Pode-se depreender da citação seguinte o gérmen do gênero do discurso:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 2002, p. 123)

Apoiando-se na concepção bakhtiniana sócio-interacionista da linguagem, esboçada nestas primeiras linhas, é possível avançar, por ora, que, sendo a natureza da linguagem de ordem social, é dentro de tal perspectiva que ela deve ser interpretada e direcionada no ambiente didático.

### 1.1.1. Definição e Funcionamento

Em *Esthétique de la création verbale*, Bakhtin (1984) desenvolve um capítulo especialmente destinado à reflexão sobre os gêneros do discurso, que ele assim define:

Tout énoncé pris isolément est, bien entendu, individuel, mais chaque sphère d'utilisation de la langue élabore ses types relativement stables d'énoncés, et c'est ce que nous appelons les genres du discours. (BAKHTIN, 1984, p. 265)

Atestando uma certa estabilidade, ou normatividade, nas produções verbais dos falantes, Bakhtin deixa claro, desde o início do texto, que essa invariabilidade acompanha a dinamicidade da fala, única em sua realização: O emprego da língua, segundo ele, se realiza sob a forma de enunciados concretos e únicos, orais ou escritos, segundo a representação de dada atividade humana. Por sua vez, o enunciado reflete as condições e finalidades de cada atividade mediante três elementos: o conteúdo (ou tema), o estilo (escolhas lingüísticas) e a

estrutura composicional (organização textual). Esses três elementos compõem o enunciado, unidade da interação verbal.

A dificuldade de se conceber a natureza da linguagem deve-se à diversidade das produções verbais, que vão das formas mais simples, como o diálogo cotidiano às formas mais evoluídas, como o romance literário. Em razão de tal heterogeneidade, seria difícil encontrar um campo de estudo comum a tais práticas de linguagem. A “diversidade funcional”, ou seja, os enunciados tão diferentes entre si como a conversa familiar e o romance, por exemplo, faz com que os traços que os caracterizam sejam abstratos e/ou inoperantes para uma classificação dos discursos.

Uma abordagem tradicional dos gêneros do discurso é aquela efetuada na literatura. Mas as classificações aí operadas restringem-se a um interesse artístico, não cabendo reflexões acerca da natureza do enunciado ou de sua estabilidade. Outra abordagem, dos gêneros retóricos, na Antigüidade, voltava-se para o estudo da natureza verbal do enunciado nas relações entre o locutor e a ação. Apesar de se voltar para a análise da materialidade lingüística, a especificidade de tal classificação reduz a natureza lingüística do enunciado. Segundo Bakhtin, o estudo dos gêneros na lingüística geral limitou-se ao discurso cotidiano oral a partir de enunciados primitivos.

Partindo da assunção da heterogeneidade como constitutiva dos gêneros do discurso, Bakhtin passa a definir o caráter global do enunciado, fazendo a célebre distinção entre gêneros primários (simples) e gêneros secundários (complexos).

Os gêneros primários se constituem nas circunstâncias de uma troca verbal espontânea e, portanto, possuem uma relação direta com o real, com o momento único da produção. As réplicas do diálogo cotidiano são exemplares desses gêneros.

Os gêneros secundários, por sua vez, absorvem e integram os gêneros primários com a finalidade de realizar uma troca cultural, sobretudo escrita. Nesse sentido, os gêneros secundários são mais complexos e evoluídos. É o caso do romance, do teatro, do discurso científico, ideológico, jornalístico, etc.

Os gêneros primários tornam-se componentes dos gêneros secundários quando são absorvidos por estes, como no caso de um diálogo que é inserido em um romance. Nesse caso, o diálogo, um gênero originalmente primário, perde sua relação com o real, ou seja, com sua função primeira, que é a de realizar uma troca verbal espontânea.

A distinção entre gênero primário e gênero secundário é necessária para elucidar a natureza do enunciado, complexa e sutil. O procedimento indicado por Bakhtin é o estudo, por um lado, da relação gêneros primários/gêneros secundários e, por outro, do processo histórico de formação dos gêneros secundários. A adoção de tal procedimento justifica-se pelo fato de que aqueles que trabalham com o “material lingüístico concreto”, nos diversos objetos de pesquisa, lidam certamente com enunciados concretos que se definem segundo a esfera de atividade humana implicada. As crônicas, textos de lei, documentos oficiais, escritos literários, científicos, ideológicos, entre outros, são a fonte em que os pesquisadores buscam os fatos de língua de que necessitam.

Para Bakhtin, uma concepção clara acerca da natureza do enunciado em geral e dos tipos variados de enunciados – os gêneros do discurso – é indispensável a qualquer estudo. Ignorar tais fatos leva ao formalismo e à abstração e, por conseqüência, enfraquece o elo existente entre a língua e a vida. A citação a seguir ilustra com pertinência tal reflexão.

La langue pénètre dans la vie à travers des énoncés concrets (qui la réalisent), et c'est encore à travers des énoncés concrets que la vie pénètre dans la langue. (BAKHTIN, 1984, p. 268)

### 1.1.2. Limites e Particularidades do Enunciado

Ao afirmar que os falantes elaboram “tipos relativamente estáveis de enunciados”, os “gêneros do discurso”, Bakhtin emprega a noção de enunciado como unidade da troca verbal, presente nos gêneros primários mais simples e igualmente nos gêneros secundários mais complexos. Na concepção desse autor, o estudo do enunciado e de suas particularidades é o ponto de partida para se entender a natureza da linguagem sem que a heterogeneidade funcional dos enunciados constitua um obstáculo à análise.

O que essa concepção apresenta de inovador é o fato de se considerar o evento lingüístico num âmbito discursivo, em que a relação locutor/interlocutor, juntamente com a esfera específica de atividade humana, ganha destaque especial. Assim, Bakhtin ultrapassa os limites da oração e adota o enunciado como instrumento de verificação dos fatos lingüísticos associados às produções verbais dos falantes no momento da interação.

Dentre as particularidades do enunciado, que o definem e delimitam, Bakhtin assinala quatro:

- (1) *a alternância dos sujeitos-falantes*
- (2) *o acabamento específico do enunciado*
- (3) *a relação do enunciado com o locutor*
- (4) *a relação do enunciado com os outros participantes da troca verbal*

(I) As fronteiras do enunciado são definidas pela *alternância dos sujeitos falantes*. Todo enunciado (primário ou secundário) comporta um início e um fim. Antes do seu início, há os enunciados dos outros e, após, os enunciados-respostas dos outros. Assim, o enunciado é delimitado pela alternância dos locutores e finda pela passagem da palavra ao outro. Essa alternância assume formas variadas: nos gêneros primários, as réplicas do diálogo correspondem à troca verbal entre falantes distintos; nos gêneros secundários, um único e mesmo locutor realiza enunciados que parecem pertencer a um outro, como no diálogo.

Como se vê, a natureza das relações entre gêneros primários e gêneros secundários é diferente das relações existentes entre as palavras e as orações. No primeiro caso, a relação diz respeito ao enunciado, em que há alternância de sujeitos; no segundo, a relação é estritamente gramatical. O que determina uma oração não é a alternância de sujeitos-falantes, visto que ela é um fato de língua, mas uma pausa necessária para que o locutor complete, amalgame novos pensamentos.

Portanto, enquanto unidade de língua, a oração não tem relação com a realidade e tampouco com os enunciados alheios. É somente no interior do enunciado que a oração adquire propriedades estilísticas. Não se pode trocar orações ou palavras, mas enunciados constituídos mediante unidades de língua: palavras, combinações de palavras, orações. Não obstante, é possível que um enunciado seja formado por uma única oração ou palavra.

Da mesma forma como a réplica representa uma unidade da troca verbal no diálogo, nas obras de construção complexa (artes e ciências) o que delimita a alternância de sujeitos é, por um lado, a obra enquanto um enunciado acabado e, por outro, a responsividade do leitor/ouvinte. As obras são delimitadas claramente, em seu exterior, pelo todo que representam. Em seu interior, o que as delimita é a manifestação da individualidade de seu autor, que confere elementos estilísticos às suas intenções. A marca de individualidade conferida à obra a distingue de todas as outras, das obras anteriores, de seus predecessores, aos quais o autor se afirma ou se opõe.

Ao dizer que “les frontières de l'énoncé sont toujours de même nature” (BAKHTIN, 1984, p. 281), o autor indica que todo enunciado é delimitado pela alternância de sujeitos falantes, quer se trate de gêneros primários, como a carta, ou secundários, como a obra literária.

(2) O acabamento específico (do enunciado) corresponde, primeiramente, à possibilidade de suscitar uma reação ao enunciado. A possibilidade de resposta está diretamente associada ao enunciado, já que a oração, isolada, não estabelece a relação de sentido necessária à responsividade. Três fatores regem a possibilidade de resposta: a exaustividade do objeto, o querer-dizer do locutor e as formas-tipos de estruturação do gênero.

A exaustividade do objeto é quase total nos gêneros padronizados (vida profissional, militar, ordinária). Nos gêneros criativos (ciências), a exaustividade é relativa, já que o tema é inesgotável. No entanto, o acabamento relativo é determinado pelo locutor, que delimita o assunto mediante alguns critérios (circunstâncias, enfoque, objetivos).

O segundo fator que rege a possibilidade de resposta está intrinsecamente ligado o primeiro. Em todo enunciado é possível perceber a intenção discursiva ou o “querer-dizer” do locutor, que determina a escolha do objeto, sua exaustividade e o gênero em que será estruturado. É possível captar sem dificuldade a intenção do locutor em suas primeiras palavras, tendo em vista que o objeto do sentido é marcado pelas condições de produção do enunciado e é supostamente conhecido dos parceiros da troca.

O querer-dizer do locutor se realiza na escolha de um gênero do discurso. Tal escolha baseia-se na especificidade de uma dada esfera da troca verbal, nas necessidades de uma temática, nos parceiros da troca, etc. Em função de tais fatores o locutor se adapta ao gênero escolhido.

Todos esses fatores conduzem à idéia de que para se comunicar, os falantes empregam gêneros do discurso. Os enunciados produzidos dispõem de uma forma típica e relativamente estável de “estruturação de um todo”. Mesmo em uma conversa desordenada e informal empregam-se gêneros do discurso, dos mais padronizados aos mais criativos. No cotidiano, os gêneros do discurso são adquiridos do mesmo modo como é adquirida a língua materna, a qual o sujeito já domina antes mesmo da escola. A língua materna é aprendida através de enunciados concretos que são reproduzidos ao longo das trocas verbais que os

falantes efetuam em suas relações interpessoais. Como a comunicação se faz por enunciados, e não por orações, “aprender a falar é aprender a estruturar enunciados”. Nesse ponto de sua análise, Bakhtin reflete sobre a circulação e o reconhecimento dos gêneros entre os falantes

*Les genres du discours organisent notre parole de la même façon que l’organisent les formes grammaticales (syntaxiques). Nous apprenons à mouler notre parole dans les formes du genre et, entendant la parole d’autrui, nous savons d’emblée, aux tous premiers mots, en pressentir le genre, en deviner le volume (la longueur approximative d’un tout discursif), la structure compositionnelle donnée, en prévoir la fin, autrement dit, dès le début, nous sommes sensibles au tout discursif qui, ensuite, dans le processus de la parole, dévidera ses différenciations. (BAKHTIN, 1984, p. 285)*

Nessa citação, tornada célebre, Bakhtin aborda a relativa estabilidade presente nos gêneros do discurso. Essa previsibilidade diz respeito às práticas discursivas recorrentes no universo de trocas verbais realizadas pelos falantes desde que inicia o seu contato com a linguagem verbal. Essas experiências são assimiladas e incorporadas aos conhecimentos dos falantes, de forma que se pode reconhecer, logo nas primeiras palavras do locutor, o gênero em que seu discurso se desenvolverá.

É só nesse sentido que se pode atestar uma certa previsibilidade das produções verbais dos falantes, a qual viabiliza, por assim dizer, a comunicação verbal. A oração não pode fazê-lo, visto estar limitada a uma construção lingüística, sem relação com a realidade.

Além disso, a construção lingüística do enunciado se realiza mediante escolhas lingüísticas, e estas são diversas dentro das possibilidades oferecidas pelo sistema. A título de exemplo, pode-se dizer que uma oração como “Eu ordeno que você saia” se construa igualmente como “Saia!”, ou ainda “Você quer fazer o favor de sair?”. O sentido a ser interpretado, nas três orações, é o mesmo: uma ordem expressa para que alguém saia. No entanto, as três construções dão heterogêneas do ponto de vista sintático. A primeira oração é uma afirmação; a segunda uma ordem, e a terceira uma interrogação.

A interpretação correta de qualquer uma dessas orações só ocorre efetivamente quando inserida num gênero de discurso apto a veicular o sentido procurado pelo locutor.

Há ainda outra questão fundamental relativamente à dificuldade de se compreender uma mensagem exclusivamente a partir de sua forma lingüística. O enunciado “Fale baixo!”, por exemplo, poderia soar diferentemente no contexto em que é enunciado. Como, por



exemplo, na voz de um professor que se dirige a um aluno indisciplinado. Nesse caso, trata-se de uma ordem. Ou ainda, na voz de um amigo que, ao compartilhar um segredo, previne o locutor quanto à possibilidade de que a oração seja ouvida por outros. Em outra situação, poderia tratar-se de uma orientação a alguém que se encontre num hospital.

É possível atribuir tal oração a inúmeros outros contextos. O que se pretende mostrar com uma ilustração tão banal é a impossibilidade de se atribuir aos fatos de língua um caráter normativo no âmbito da recepção de uma dada produção verbal.

Uma única e mesma oração, deslocada de seu contexto de enunciação, é investida de sentidos diferentes por seu locutor, porquanto se trata de uma ordem, um conselho ou um aviso. Além disso, a compreensão dessa oração só se concretiza no momento em que ela se torna um enunciado acabado, inserido num todo discursivo, o gênero do discurso, em que pode provocar uma atitude responsiva no interlocutor.

Este, por sua vez, está capacitado para interpretar corretamente a oração unicamente porque esta é um enunciado, ou ainda porque se insere numa situação de enunciação em que tal oração pode ser interpretada devidamente.

Tomando-se o exemplo anterior, a oração “Fale baixo!”, proferida num hospital, não será interpretada como um insulto por um destinatário desprevenido que, naquele ambiente, deveria estar ciente de que o hospital é um local regido por normas de comportamento.

Um fator extralingüístico é igualmente determinante para a interpretação dos enunciados. Trata-se da “tonalidade expressiva” empregada pelo locutor. A entonação da oração “Fale baixo!” será diferente em cada contexto. O amigo a quem é confiada a revelação de um segredo dificilmente solicitará do locutor que fale baixo empregando ele mesmo um tom de voz alto. Do mesmo modo, o professor que ordena ao aluno que fale baixo não o fará com um tom compreensivo, mas preferencialmente incisivo.

A respeito da tonalidade expressiva, Bakhtin evoca os registros lingüísticos em que os enunciados são proferidos, variando do estilo elevado (norma culta) ao estilo familiar (coloquial). A respeito dos gêneros fáticos, ou seja, aqueles em que a tonalidade expressiva é indissociável da estrutura do gênero, ele diz que “la diversité des genres tient au fait qu'ils varient em fonction des circonstances, de la position sociale et de la relation personnelle des partenaires...” (BAKHTIN, 1984, p. 286).

Assim, os gêneros mais normativos como os textos oficiais apresentam poucas nuances de expressividade, ao passo que os gêneros familiares, como a conversa espontânea,

aceitam diferentes graus de expressividade, em se tratando de uma relação mais ou menos íntima.

A possibilidade de resposta que caracteriza o acabamento específico do enunciado não deve ignorar o desconhecimento do gênero do discurso. Imagine-se uma reunião informal entre amigos em que o tema “viagens à Europa” se torne por alguns minutos o centro da conversa. Eles falarão dos lugares que conheceram, dos contratempos habituais de uma viagem, como o transporte, a hospedagem, as antipatias ou hospitalidade do povo local, entre outros. Contarão igualmente histórias engraçadas ou trágicas das viagens que se tornaram lembranças especiais.

Aqueles que nunca empreenderam uma viagem à Europa, e portanto não se sentem implicados pelos assuntos tratados espontaneamente pelos viajantes, irão se sentir desconfortáveis ou desinteressados pela conversa. Suas intervenções serão praticamente nulas ou se limitarão a fazer perguntas, como uma forma de se incluir na interação.

Esse exemplo de amigos que compartilham experiências de vida diferente, é ilustrativo do vazio gerado pelo desconhecimento do gênero do discurso em que a conversa se realiza. As lacunas dos amigos que ignoram o tema da conversa não dizem respeito a restrições de ordem lingüística. Eles dominam o sistema lingüístico de sua língua materna e interagem em suas relações pessoais por meio dessa língua. Mas esses conhecimentos são insuficientes para a compreensão plena dos enunciados. Enunciados tão comuns entre os viajantes como “Os cafés ficam lotados em Paris” ou “Os trens rápidos são uma maravilha” serão compreendidos parcialmente pelos não-viajantes. Ainda assim eles se colocarão questões relativas ao sentido real dos termos “cafés” ou “trens rápidos”, que existem no repertório de sua língua materna mas que, no entanto, não fazem parte do seu repertório de gêneros.

(3) Para o locutor, a escolha do tema, o primeiro passo na construção do enunciado, é o que determina em seguida a composição e o estilo do gênero. A intenção comunicativa do locutor se revela nas escolhas lingüísticas e na estrutura composicional de seu discurso. Assim, o sentido atribuído aos enunciados, bem como sua expressividade, advêm do valor conferido pelo locutor ao objeto de sentido, e não das unidades de língua. Nesse sentido, as palavras são neutras, não trazem consigo um julgamento de valor, a despeito de sua significação normativa.

...seul le contact entre une signification linguistique et une réalité concrète, seul le contact entre la langue et le réel – qui se produit dans l'énoncé, – fait jaillir l'étincelle de l'expression. (BAKHTIN, 1984, p. 294)

O locutor escolhe as palavras em função de sua significação, mas confere-lhes o sentido próprio à sua intenção comunicativa. Aparentemente dúbia, essa afirmação indica a seguinte leitura: a significação situa-se no nível da palavra (língua), o sentido situa-se no nível do enunciado (discurso). Bakhtin cita a oração “Toute joie m'est en ce moment amère” (trad. francesa), em que “joie” adquire sentido oposto à sua significação (valor positivo).

A relação do locutor com seu enunciado tem a ver menos com a escolha de termos neutros da língua, em estado de dicionário, do que com a seleção de enunciados já produzidos. O locutor busca o sentido que deseja atribuir a seu enunciado nos “*outros enunciados*”, ou “*enunciados tipos*”, característicos do gênero empregado. A ressonância do gênero se faz perceber, assim, na escolha da palavra, e é esta “*auréola estilística*” da palavra que confere certa estabilidade aos gêneros, bem como sua identificação.

Para o locutor, a palavra existe sob três aspectos:

*palavra da língua neutra* – não pertence a ninguém

*palavra alheia dos outros* – preenche o eco dos enunciados dos outros

*minha palavra* – penetra na expressão individual/pessoal

Bakhtin destaca a influência da *palavra alheia dos outros* na construção do gênero por um dado locutor. A experiência verbal do homem se obtém pela interação com as palavras dos outros, que são incorporadas, repetidas, reformuladas, alteradas. Os enunciados dos outros são assimilados em épocas e contextos variados, funcionando como “*idéias diretrizes*” proferidas pelo homem nos sistemas ideológicos, como na literatura, na política, nas ciências. Esses enunciados circulam nas esferas sociais, desde as mais amplas até as mais especializadas, penetrando nas práticas discursivas do falante e adquirindo assim um sentido especial, ligado ao(s) contexto(s) de enunciação em que foram produzidos. A citação seguinte sintetiza o modo como o locutor se relaciona com seu enunciado:

L'expressivité ressortit soit à l'expression type d'un genre, soit à l'expression individuelle d'autrui qui fait du mot une sorte de représentant de l'énoncé d'autrui dans son tout – un tout en ce qu'il est instance déterminé d'un jugement de valeur. (BAKHTIN, 1984, p. 296)

Bakhtin avança sua análise sobre a *palavra do outro*, que é assimilado na composição do gênero, descrevendo o modo como se dá essa assimilação. A idéia de partida é que esses enunciados se inserem conscientemente no discurso do locutor para com eles interagir, seja para aceitá-los ou para refutá-los. Essa inserção é marcada quando se trata de citações, por meio das aspas. E mesmo quando não evidenciada, essa alteridade se faz presente nas “harmônicas dialógicas”, ou seja, nas fronteiras sutilmente perceptíveis em que esses enunciados se situam. O gênero se constitui, portanto, dos enunciados do locutor e dos enunciados dos outros.

Essa relação dialógica entre os enunciados que compõem o gênero funciona como um diálogo interno entre o locutor e os outros locutores. Bakhtin reitera essa constatação com uma ilustração já celebrizada na lingüística: “Un locuteur n'est pas l'Adam biblique, face à des objets vierges, non encore désignés, qu'il est le premier à nommer.” (BAKHTIN, 1984, p. 301).

A imagem de Adão é evocada para ilustrar uma concepção utópica de que os falantes produzem discursos inéditos, sem relação com outros enunciados. Ao contrário, o enunciado é complexo e assume formas variadas. Suas fronteiras externas são marcadas pela alternância dos sujeitos falantes e, internamente, o enunciado dialoga com outros enunciados, refletindo a tensão permanente entre o pensamento do locutor e o pensamento dos outros.

(4) A última particularidade do enunciado refere-se à relação do locutor com o interlocutor descrita por Bakhtin em *MFL* em capítulo dedicado à interação verbal. Para este autor, “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (Bakhtin, 2002, p. 112). Nesse sentido, sem interlocutor não há linguagem, visto que falamos para estabelecer uma relação com o real. É pertinente evocar também neste caso a metáfora do Adão mítico, único homem da história a produzir enunciados virgens, dirigidos a um auditório vazio.

A função da palavra, unidade da língua, é redimensionada nessa análise de Bakhtin. Para ele, “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros” (BAKHTIN, 2002, p. 113). Reaparece aqui a idéia já mencionada neste trabalho de que as palavras não pertencem a nenhum locutor, mas são atualizadas a cada nova enunciação, segundo a orientação de sentido estabelecida pelo autor da mensagem. O ato fisiológico de produção da palavra constitui o único momento em que ela pertence exclusivamente ao locutor. Ainda que

elaborada segundo as escolhas estilísticas individuais do locutor, a palavra divide espaço com o interlocutor. Tal situação explica-se pelo ambiente discursivo em que a enunciação se realiza, ou seja, numa dada esfera social de atividade humana, a qual pressupõe um auditório ideal.

Esse auditório, segundo Bakhtin, não vai além de uma classe e de uma época determinadas. E é em função desse mesmo auditório que o locutor elabora sua enunciação numa forma-tipo de estruturação do gênero. Sem desconsiderar a análise um tanto complexa da interação verbal na ótica de Bakhtin, claramente dirigida à visão ideológica das enunciações, é possível depreender as idéias centrais de sua abordagem.

A distinção entre as enunciações individuais, por um lado e as enunciações ideológicas, por outro, orienta as explicações do autor acerca da atividade mental que é manifestada na interação.

As enunciações individuais pertencem à consciência subjetiva do locutor e, como tal, são capazes de dialogar com as outras enunciações. Bakhtin atribui ao subjetivismo abstrato uma tal concepção da atividade verbal, aproximando-a da reação fisiológica do animal. As enunciações monológicas não possuem uma orientação ideológica, visto estarem restritas ao ato individual interior (“parole”). São, segundo ele, os pensamentos confusos, as atividades mentais isoladas.

As enunciações ideológicas, ao contrário, orientam-se pela tomada de consciência, por parte do locutor, da “atividade mental do nós” que se elabora em função da situação social e dos interlocutores pressupostos pela troca, organizando as enunciações mais simples do cotidiano e dando-lhes forma nos “sistemas ideológicos constituídos”, como a ciência, a arte, a religião, a política.

...a enunciação humana mais primitiva, ainda que realizada por um organismo individual, é, do ponto de vista do seu conteúdo, de sua significação, organizada fora do indivíduo pelas condições extra-orgânicas do meio social. A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade lingüística. (BAKHTIN, 2002, p. 121)

Nessa citação, Bakhtin redefine a relação do locutor com seu enunciado, segundo as “condições extra-orgânicas do meio social”, do qual o interlocutor participa direta ou

indiretamente. O autor descarta, assim, a visão subjetivista da linguagem, segundo a qual os enunciados são elaborados pelo único locutor e suas crenças.

Os gêneros do discurso são elaborados pelo locutor numa relação de troca, ou seja, destinam-se a um interlocutor específico, seja ele real ou virtual. Em uma conversa espontânea, o interlocutor está presente e recebe a mensagem imediatamente após sua produção. Nos gêneros mais elaborados, como a reportagem jornalística, o interlocutor não participa do ato de produção, mas nem por isso deixa de existir tanto quanto o interlocutor imediato/real. No caso do gênero “reportagem”, pertencente à esfera jornalística, o locutor (jornalista) dirige-se aos leitores potenciais de seu texto, a saber, os leitores que se sentem implicados pela temática abordada. Se assim não fosse, os veículos de informação de massa estariam desperdiçando o espaço já concorrido que destinam aos gêneros que lá figuram.

Assim sendo, o locutor elabora o gênero do discurso em função da situação de comunicação implicada na troca, ou seja, em função do tema, da esfera social e dos participantes, sejam eles reais ou virtuais. As dimensões textual e lingüística<sup>6</sup> que estruturam o gênero obedecem, assim, às intenções do locutor em sua relação com o interlocutor.

*Avoir un destinataire, s'adresser à quelqu'un, est une particularité constitutive de l'énoncé, sans laquelle il n'y a pas, et il ne saurait y avoir, d'énoncé. Les diverses façons typiques de s'adresser à quelqu'un et les diverses conceptions typiques du destinataire – ce sont là autant de particularités constitutives, déterminantes des divers genres du discours. (BAKHTIN, 1984, p. 307)*

Bakhtin alude, nessa citação, às diversas formas assumidas pelo gênero segundo a representação que o locutor tem de seu interlocutor. Assim, a maior ou menor expressividade dos enunciados estaria associada à relação social compartilhada pelos participantes. Do mesmo modo, a escolha do gênero, de sua composição e de seu estilo é testemunha dessa relação.

---

<sup>6</sup> Dimensões “textual” e “lingüística” referem-se, respectivamente, à “composição” e ao “estilo” do gênero discursivo.

## 1.2. DIVERSIDADE FUNCIONAL X TIPOLOGIZAÇÃO

Os estudos de Bakhtin sobre os gêneros do discurso foram acompanhados por uma série de pesquisas centradas sobre o peso ideológico das produções verbais<sup>7</sup>. Ao avançar a distinção feita por Bakhtin entre gêneros primários e gêneros secundários em direção do caráter essencialmente ideológico da linguagem, essas pesquisas trataram igualmente do modo como a “diversidade funcional” dos discursos, prenunciada pelo autor russo, se relacionava com a “relativa estabilidade” dos gêneros.

Outras pesquisas interessaram-se pela observação dos traços recorrentes nos gêneros, instigados pelo paradoxo instaurado por Bakhtin entre “diversidade funcional dos enunciados” e “tipos relativamente estáveis de enunciados”. Apesar de uma certa reticência na lingüística para com a atividade de classificação dos discursos, considerados únicos e inéditos, assistiu-se nos últimos anos à aparição de um número significativo de tipologias<sup>8</sup> elaboradas com a finalidade de organizar os gêneros mediante diferentes critérios. Um dos principais fatores que motivaram a categorização dos gêneros foi a necessidade de se criarem instrumentos de análise das produções verbais para fins didáticos. Assim, além das características situacionais indissociáveis da noção de gênero, como estatuto do locutor, do destinatário, esfera e lugar social, suporte e propósito comunicativo, algumas tipologias interessaram-se particularmente pelo funcionamento lingüístico-textual dos gêneros.

*Tout genre de discours est associé à une certaine organisation textuelle, qu'il revient à la linguistique textuelle d'étudier. Maîtriser un genre de discours, c'est avoir une conscience plus ou moins nette des modes d'enchaînement de ses constituants sur différents niveaux: de phrase à phrase mais aussi dans ses grandes parties. (MAINGUENEAU, 1998, p. 54)*

<sup>7</sup> A esse propósito, destacamos a Escola francesa da Análise do discurso nos anos 1960, com o conceito de “formação discursiva”, em torno de Pêcheux, entendida como o sistema de regras que rege os enunciados de uma determinada esfera social situada historicamente. Segundo Maingueneau (1996), essa noção é empregada atualmente para designar os posicionamentos ideológicos de grupos da sociedade. Tem-se, assim, a formação discursiva do discurso religioso, político, científico etc. Sendo o gênero do discurso a forma-tipo de estruturação dos enunciados, a formação discursiva investe diferentemente os gêneros de acordo com a esfera social implicada. Dessa forma, cada esfera teria seus modos próprios de constituição genérica segundo as regras estabelecidas. De acordo com Maingueneau (1996, p. 45) “...chaque formation discursive se caractérise par l’investissement de certains genres aux dépens d’autres...”.

<sup>8</sup> O termo “tipologia” é empregado neste trabalho como um sinônimo de “classificação” ou “modelo”.

De acordo com essa citação, a organização textual do gênero é um fator de considerável importância para sua interpretação. Esse dado deixa entrever a relevância da competência textual, entendida genericamente como a capacidade dos falantes para interpretar e produzir textos. Tendo em vista a existência de gêneros mais elaborados, em especial aqueles que se servem do registro escrito, o modo de organização textual dos gêneros adquire relevo em uma perspectiva didática que consiste em levar o aluno a interpretar e a produzir gêneros do discurso não-escolares.

A noção de “tipo” é uma das terminologias mais empregadas na época atual para identificar a organização textual dos discursos. Trata-se dos gêneros oriundos da retórica, como a narração, a descrição, a explicação, a argumentação e o diálogo. Buscamos na lingüística textual, mais especificamente em J.-M. Adam (2001a) o conceito de “tipo textual”<sup>9</sup> ou “seqüência prototípica” para explicar o funcionamento lingüístico dos gêneros.

Adam (2001a) parte da idéia de que os falantes estão familiarizados com as cinco grandes formas herdadas da tradição retórica, as quais os tornam capazes de reconhecer um texto a partir de sua(s) seqüência(s) narrativa, descritiva, explicativa, argumentativa e/ou dialogal. Apontada por Bakhtin como um obstáculo ao estudo da natureza da linguagem, a heterogeneidade composicional parece constituir a problemática central da obra de Adam.

*L'hypothèse de l'existence d'un petit nombre de types séquentiels de base – types monogérés narratif, descriptif, argumentatif et explicatif ainsi que type polygéré dialogal – a pour but de théoriser de façon unifiée l'hétérogénéité compositionnelle des discours. (ADAM, 2001a, p. 6)*

O autor parte, assim, de uma questão até então apenas colocada por Bakhtin. Mas o direcionamento teórico de Adam difere do autor russo porquanto o conceito de gênero é orientado para uma análise estritamente textual das produções verbais. Em nome da análise das seqüências textuais presentes em todo texto, Adam renuncia ao conceito de gênero apenas para se deter sobre sua organização textual.

Optamos, no presente trabalho, por trabalhar em conjunto a noção de gênero do discurso de Bakhtin e tipo textual de Adam. No intuito de orientar o aluno de língua

---

<sup>9</sup> O “tipo textual”, ou simplesmente “tipo”, refere-se às seqüências de base de toda composição textual (narração, descrição, explicação, argumentação e diálogo). Diferentemente do gênero, os tipos textuais são “construtos teóricos definidos por propriedades lingüísticas intrínsecas” (MARCUSCHI, 2002, p. 23).



estrangeira a ler e a escrever o gênero “carta do leitor”, acreditamos ser necessária a vinculação das duas noções por razões metodológicas. Pois, no âmbito didático, a organização dos conteúdos a serem ensinados constituem um dos desafios para o professor e uma segurança para o aluno, visto que ambos lidam com a materialidade lingüística. .

... numa perspectiva discursiva, o gênero deve ser trabalhado enquanto instituição discursiva, isto é, forma codificada sócio-historicamente por uma determinada cultura e enquanto objeto material, isto é, materialidade lingüística que se manifesta em diferentes formas de textualização. Vê-se aqui a interação interdisciplinar entre a análise do discurso e a lingüística textual. Nesse sentido, acredito ser proveitoso para o professor operar com o conceito de gênero tal como concebido por Bakhtin, juntamente com a classificação de tipos textuais de Adam, a qual vai lhe permitir apreender nas formas de textualização do gênero, a sua materialidade lingüística. (BRANDÃO, 2001a, p. 38)

Nessa citação, a autora aborda a relação do gênero ao tipo, sugerindo a abordagem conjunta dos conceitos na prática pedagógica. Concordamos com essa visão para uma transposição didática da carta do leitor em um contexto de ensino/aprendizagem do francês língua estrangeira. A articulação do gênero ao tipo textual será abordada no próximo capítulo.

O emprego do termo “tipologização”, no estado atual dos estudos lingüísticos, refere-se à atestação de uma certa estabilidade dos gêneros discursivos, quanto à sua estruturação. É essa estabilidade que garante, ademais, o reconhecimento dos gêneros produzidos numa dada esfera social. A competência genérica diz respeito justamente à circulação e à assimilação de um certo número de gêneros nos contextos sociais em que são recorrentes.

Em sua definição do gênero de discurso, Bakhtin fala em “tipos relativamente estáveis de enunciados”, de onde se pode antever a relativa estabilidade dos gêneros segundo alguns critérios. A constatação de Bakhtin tem o mérito de instaurar o debate, mas o autor orienta sua análise para o estudo do enunciado, e em especial do impacto dos fatores “externos” à língua sobre a constituição lingüística dos enunciados. Seria esse o motivo pelo qual Bakhtin não abordou diretamente a questão dos tipos, ainda que a distinção entre gêneros primários e gêneros secundários seja considerada uma das primeiras tipologias dos gêneros.

São diversas as tipologias existentes atualmente na lingüística. Essas diversidades dizem respeito menos a uma divergência entre os pontos de vista teóricos do que a uma variedade de critérios operacionais para a descrição do funcionamento dos gêneros.

As primeiras classificações destinadas à análise das produções de linguagem foram pensadas no âmbito da literatura, mais especificamente a retórica e a poética de Platão e Aristóteles. Operou-se, assim, a distinção poesia/prosa, tragédia/comédia, lírico/épico/dramático, dentre outras. Para fins pedagógicos, a literatura é subdividida em gêneros (romance, novela, conto, poema, soneto, ode, etc), o que confirma ainda hoje a permanência do modelo clássico de apreensão dos discursos.

Os modelos clássicos revelam-se ineficazes para a apreensão dos diferentes discursos que circulam na sociedade nas diferentes épocas da história. Restritos à literatura, os gêneros literários foram estudados sob o ângulo artístico-literário de sua realização, ficando a linguagem relegada a segundo plano. Os gêneros retóricos, segundo Bakhtin (1984), interessaram-se pela natureza verbal do enunciado mas ignoraram sua natureza lingüística. Para esse autor, tal atitude deve-se em grande parte à “diversidade funcional” dos enunciados, em outras palavras, à variedade de discursos existentes, heterogêneos entre si, que inibiu grande parte dos estudiosos da linguagem a se lançarem numa tentativa de classificação dos discursos.

A diversidade funcional inibe, por um lado, o estudioso da linguagem que aspira a uma classificação dos discursos. Por outro, a enorme variedade de tipologias elaboradas ou em vias de elaboração, na época atual, atestam a necessidade de classificação. As diferentes classificações formuladas para dar conta das produções de linguagem têm em comum o fato de aspirarem a um modelo de descrição dos discursos manifestados nas diversas esferas sociais.

A noção de gênero tal qual Bakhtin a concebe constitui um dos primeiros “modelos” de descrição das produções verbais humanas. Até então, a lingüística não havia elaborado modelos próprios de apreensão da realidade lingüística dos falantes, seja porque se preocupava com as unidades mínimas da língua, seja porque se servia do modelo clássico dos gêneros elaborados pela Retórica.

Assim, uma preocupação com a classificação dos discursos é relativamente recente e encontra particular atenção nos estudos atuais voltados para a didática das línguas. A esse respeito, Brandão diz que:

No campo da didática das línguas, aqueles que trabalham necessariamente com textos e têm por objeto natural de reflexão os discursos dos alunos, das mídias, da literatura, têm sido obrigados a se colocarem questões relativas às

classificações desses textos e discursos. Isso porque a categorização dos textos, segundo Adam (1990), faz parte das atividades cognitivas espontâneas do sujeito...” (BRANDÃO, 2001a, p. 22)

Brandão evoca, nessa citação, a necessidade de se criarem classificações que expliquem o modo como os discursos se constroem, para fins pedagógicos. A despeito das restrições reveladas por parte dos lingüistas quanto à noção mesmo de tipologia, o assunto é recorrente nas pesquisas atuais, o que revela senão a validade do procedimento pelo menos a necessidade de se colocarem questões relativas à tipologização.

Mais adiante em seu artigo, Brandão responde à questão “Por que uma tipologização?”.

Em primeiro lugar, parece que qualquer classificação tem por objetivo pôr uma ordem no caos. Isto é, em meio à heterogeneidade dos textos com que defrontamos no campo da linguagem, é necessário identificá-los, organizá-los, ordená-los na tentativa de melhor compreendê-los. Em segundo lugar, porque toda área do saber aspira à cientificidade. (BRANDÃO, 2001, p. 19)

Para Adam (2001a), a classificação situa-se entre as atividades cognitivas espontâneas do sujeito. Assim, além de uma orientação social bem definida, os gêneros discursivos apresentariam um modo de construção lingüística mais ou menos familiar aos falantes.

Sans l'existence de telles catégories, notre appréhension des énoncés produits serait probablement impossible: nous serions submergés par la diversité absolue, par une impression chaotique que les régularités syntaxiques ne compenseraient certainement pas. (ADAM, 2001a, p. 6)

Parafraseando Bakhtin nessa citação, Adam faz uma leitura dos gêneros discursivos orientada para a existência de um certo número de categorias de base, os tipos, presentes em todo texto.

A necessidade de classificação expressa pelos falantes em suas práticas discursivas explica-se assim pela capacidade de reconhecer o tipo empregado. Essa etapa, por assim dizer, contribuiria para a compreensão dos textos e orientaria a atividade de produção.

Les difficultés de compréhension de textes oraux comme écrits que connaissent les sujets novices ou non experts semblent s'expliquer, en partie du moins, par la non-maîtrise de schémas textuels prototypiques. (ADAM, 2001a, p. 7)

Nota-se nesta citação o papel determinante dos conhecimentos, ainda que parciais, dos esquemas textuais prototípicos nas atividades de compreensão, com as possíveis repercussões sobre as atividades de produção.

Paralelamente à questão da tipologização dos discursos, é preciso refletir sobre os fatores que dificultam tal procedimento. No artigo “Malaise dans la classification”, Chiss (1987) lembra que a necessidade de classificação sempre acompanhou a dificuldade de fazê-lo.

Dentre os problemas existentes em toda tentativa de tipologização, ele enumera: o caráter “ideal” ou “real” da classificação; a anterioridade ou origem do material a ser classificado; a negação de um modelo em nome do “direito à diferença”. De todo modo, segundo o autor, o “caráter incontornável da classificação, quaisquer que sejam seus princípios” é atestado pelas pesquisas realizadas em semiologia e na história da gramática.

Chiss relata a experiência estruturalista, reveladora de uma certa preferência pela tipologização, e cita Barthes, para quem “não há cultura sem classificação”. Ao servir-se do modelo de classificação baseada nos gêneros literários, o estruturalismo apresentou uma tipologia insuficiente para a compreensão dos outros discursos que circulam na sociedade.

O autor do artigo lembra que na classificação elaborada pelos formalistas russos, não há negação da tradição mas uma mudança na abordagem, que deve ser pragmática e seguir o curso da história. Os gêneros, nesse sentido, não seriam estáticos mas dinâmicos e atuais a cada momento da história e da produção. Contudo, segundo Chiss, mesmo para essa corrente permanecem as noções tradicionais de gênero, cujo modelo é datado, ou seja, restrito a uma época. O mesmo se passa, segundo ele, com os estudos de Bakhtin acerca do gênero do discurso, oscilando entre a tradição e a originalidade, o social e o individual, a essência e a manifestação.

É necessário lembrar que Bakhtin entende os gêneros do discurso como tipos relativamente estáveis de manifestações concretas da linguagem. As enunciações são únicas, no âmbito da interação verbal entre dois falantes, mas inserem-se em um gênero de discurso específico, caracterizado pela esfera de atividade humana. Portanto, o que Bakhtin considera estável/observável é a circulação dos discursos – que se encaixam numa esfera de atividade humana – e não no seu modo de realização lingüística. Essa elucidação é fundamental para se

entender o caráter dinâmico das manifestações de linguagem na ótica desse autor, a qual se opõe a uma visão puramente normativa da produção de linguagem.

A respeito do erro de abordar as unidades mínimas da língua e da dificuldade de tratar a heterogeneidade dos discursos, Bakhtin diz:

*Sur ces unités, il n'y a pas de communauté de vues chez les chercheurs qui les utilisent, car dans la vie de la langue, il n'y a aucun fait réel, déterminé et circonscrit, qui leur corresponde. Toutes ces unités artificielles et conventionnelles ne prennent pas en compte l'alternance des sujets parlants qui a lieu au cours de tout échange verbal réel et vivant. (BAKHTIN, 1984, p. 289)*

Nessa passagem, Bakhtin atribui a dificuldade de classificação dos discursos, em parte, à visão normativa dos pesquisadores quanto à natureza da linguagem. A crítica consiste no fato de que os estudiosos não enxergam a dimensão da linguagem, nem sua unidade nem suas fronteiras que, para Bakhtin, situam-se no nível do enunciado.

Assim, uma relativa regularidade pode ser verificada nas produções discursivas dos falantes, ainda que as características particulares de cada enunciação se preservem.

*Les genres du discours, comparés aux formes de langue, sont beaucoup plus changeants, souples, mais, pour l'individu parlant, il n'en ont pas moins une valeur normative: ils lui sont donnés, ce n'est pas lui qui les crée. C'est pourquoi l'énoncé, dans sa singularité, en dépit de son individualité et de sa créativité, ne saurait être une combinaison absolument libre des formes de langue, à la façon dont Saussure, par exemple, le conçoit.... (BAKHTIN, 1984, p. 287)*

Por essa citação, confirma-se a existência de um certo número de critérios, como tema, estilo e composição, que permitem analisar os enunciados e torná-los reconhecíveis para o interlocutor. Os estudos de Bakhtin sobre o gênero abrem caminho para uma série de reflexões acerca do modo de apreensão dos discursos.

Em estudos mais recentes, permanece a ambigüidade entre a necessidade e a dificuldade de classificação.

*Bien sûr, toute entreprise de classification pose des problèmes. À plus forte raison quand on prétend passer les produits symboliques des pratiques discursives humaines au filtre d' un petit nombre de catégories élémentaires. (ADAM, 2001a, p. 8)*

No entanto, essa dificuldade não é encarada como um obstáculo à tipologização. Adam justifica sua proposta com o argumento de que os falantes detêm conhecimentos internalizados sobre os tipos sequenciais de base. E, ainda, o lingüista atribui à heterogeneidade tipológica dos discursos a necessidade de se criar uma tipologização que explique o modo de construção lingüística dos textos.

É válido lembrar que Adam se serve dos estudos de Bakhtin sobre os gêneros do discurso para defender sua proposta. Ou seja, não há, de sua parte uma contraposição ao “modelo” de orientar o “caráter essencialmente programático” dos escritos do autor russo em direção das categorias de base presentes em toda composição textual.

Sem avançar por ora uma análise mais detida da tipologia de Adam, consideramos a questão da tipologização intrinsecamente ligada à difícil tarefa que consiste em sua realização.

#### 1.2.1. Por uma Tipologização dos Gêneros do Discurso

Em “La typologie des discours”, artigo que introduz o número da revista *Langue Française* dedicada às tipologias discursivas, J. L. Chiss e J. Filliolet (1987) lembram que o tema interessa diferentes áreas de pesquisa: a retórica, a poética e a semiótica literárias, a sociologia e a antropologia, a psicologia da linguagem e a didática da língua materna e estrangeira. À questão “*por que tipologias*”, os autores não fornecem respostas explícitas, mas pretendem instaurar o debate.

Segundo os autores, trata-se de rever a concepção de uma tipologização dos discursos e textos que serviria de modelo às produções verbais de natureza diferente. Nesse novo período, faz-se importante relativizar os parâmetros classificatórios, a fim de se evitar que a classificação se transforme em uma “gramática lógica e universal” sujeita à estabilidade da língua, funcionando como um modelo ideal e não propriamente real. Nesse movimento de relativização de conceitos, há que se levar em conta, por exemplo, a existência de “competências culturais” próprias a cada língua e sociedade. Essa concepção pragmática da língua considera os diferentes discursos como “atos culturais”, revitalizando a relação da língua com a cultura.

Na didática de línguas estrangeiras, por exemplo, surge a questão da tradição retórica própria a cada cultura e, por conseguinte, o desconhecimento dessa tradição na cultura estrangeira. O caráter abstrato, idealizante e universalista da classificação deve ser contestado,

nesse sentido, pois não existe um único tipo ideal de classificação, mas diversos, de acordo com os objetivos visados. A título de exemplo, os autores evocam os textos escolares franceses, tais como o resumo, a síntese, o “compte-rendu” e outras modalidades do exercício parafrástico desconhecidas de alguns alunos estrangeiros. Da mesma forma, a interpretação do texto da língua estrangeira pode sofrer interferência dos conteúdos culturais estabilizados e internalizados pelo falante em sua língua materna.

Outro ponto importante levantado pelos pesquisadores, com relação ao empreendimento de tipologização, é a oposição entre as concepções populares e as concepções científicas. Sendo os primeiros modos culturais de comunicação, concretos, divergem das categorias enquanto modelos abstratos, fabricados. Uma relativização quanto a essas dimensões (abstrato/concreto, possível/realizável) deve ser operada nas classificações dos discursos.

Diante da difícil tarefa de tipologização, ocasionada pela diversidade de culturas, pela oposição entre os saberes construídos e os saberes adquiridos e ainda pelas diferenças entre as condições de produção e de recepção, os autores lembram que toda tentativa de descrição de um *corpus* se situa em três níveis:

1. um modelo que vai do particular ao geral;
2. um modelo pertinente, que se situa entre o extremo generalizante e o extremo particularizante;
3. um modelo que privilegia as produções individualizadas, originais.

Em uma estratégia pedagógica, conservar a originalidade das condições de produção de um texto torna-se uma tarefa de difícil realização diante da pré-existência do modelo. Do mesmo modo, a seleção de bases lingüísticas é um ideal proposto pelas classificações existentes, pois tais critérios seriam muito particulares para que se pudesse prever sua realização, ou, tais critérios seriam muito gerais para constituir uma lista das constantes de cada gênero de discurso.

Para os autores do artigo, a dificuldade de classificação dos discursos, em função das particularidades da linguagem que impediriam que esta se tornasse uma ciência, não deve constituir, todavia, um obstáculo à classificação. Eles acreditam que a originalidade dos

trabalhos atuais<sup>10</sup> reside justamente na tentativa de articulação do modelo generalizante levando-se em conta as particularidades do ato de linguagem.

O artigo de Chiss e Filliolet, na realidade o prefácio do número da revista dedicado à tipologia dos discursos, é elucidativo da difícil tarefa de tipologização dos gêneros discursivos. Além da questão cultural presente nos gêneros, os autores advertem ainda quanto ao estatuto social dos gêneros, quer eles sejam científicos ou “populares”. Essas questões devem, assim, ser levadas em conta por toda tentativa de classificação dos discursos.

No âmbito do ensino/aprendizagem de línguas, alguns fatores devem ser considerados no momento da escolha de uma tipologização que pretenda explicar a organização dos gêneros do discurso. Encontramos em Roulet (1999) as elucidações relativas às especificidades do ensino/aprendizagem de competência discursiva.

O primeiro fator é a exposição do aprendiz a discursos autênticos que circulam na sociedade. Essa “imposição”, amplamente aceita na época atual, justifica-se, num primeiro momento, pelo caráter real, autêntico, da atividade. Conseqüentemente, os aprendizes encontram boas condições de observação da realidade dos fatos da língua nos gêneros discursivos a que são levados a interpretar ou produzir posteriormente.

Na didática de línguas estrangeiras, a análise de documentos autênticos, orais ou escritos, coloca o problema dos critérios tipológicos empregados nas atividades. Excluídos do espaço cultural da língua estudada, o aprendiz se depara constantemente com questões de ordem cultural, em nível discursivo (conhecimento da situação de comunicação) e lingüístico (conhecimento da língua).

O segundo fator que deve ser contemplado pela tipologia em uso diz respeito aos referentes culturais da língua estrangeira. A questão da representação<sup>11</sup> repercute no gênero discursivo como um todo, concorrendo para sua interpretação em um grau similar ao das discussões lingüísticas, textuais e situacionais que interagem no gênero.

Dentre os instrumentos de análise da organização do discurso para o ensino/aprendizagem da competência discursiva, Roulet inclui ainda a integração das línguas maternas e estrangeira. A contribuição dos conhecimentos sobre o discurso em língua materna

---

<sup>10</sup> Escrito em 1987, convém lembrar que a problemática levantada pelo artigo continua válida nos dias atuais.

<sup>11</sup> Buscamos em Bronckart (1987, p. 42) a definição do termo “representação”: “Dans son acception la plus large, la *représentation* désigne le processus par lequel un organisme élabore la connaissance de son environnement (du monde) sous forme des substituts.”



não deve ser desprezada. Afinal, é na língua materna que o aprendiz interage nas mais variadas situações comunicativas. Ele conhece e domina, por assim dizer, os elementos que entram em jogo nas interações verbais recorrentes em seu meio social. Ou seja, ele já dispõe de uma competência discursiva em língua materna que o capacita a interpretar e a produzir discursos.

Finalmente, Roulet menciona a heterogeneidade dos discursos como um dos fatores que devem ser contemplados por um modelo de análise qualquer. Segundo o autor, o professor deve dispor de um instrumento de análise geral que se aplique aos gêneros do discurso e que ao mesmo tempo dê conta das especificidades de cada um.

### ***As tipologias da lingüística***

A fim de tornar claro o quadro teórico em que os gêneros se inserem atualmente nos estudos lingüísticos, descreveremos a seguir as tipologias mais empregadas para dar conta da relativa estabilidade dos gêneros.

As tipologias elaboradas na lingüística para tratar da diversidade funcional dos discursos diferem-se essencialmente pelos critérios adotados. Como será possível constatar, essas tipologias não se contrapõem mas antes se complementam porquanto pretendem explicar o modo de funcionamento do discurso.

Selecionamos as seguintes tipologias<sup>12</sup>:

1. **Tipologia sócio-interacionista da linguagem**
2. **Tipologia funcional ou comunicacional**
3. **Tipologia enunciativa**
4. **Tipologia seqüencial ou cognitiva**

1. **A tipologia sócio-interacionista da linguagem** foi elaborada por Bakhtin (1984) em seus estudos sobre os gêneros do discurso, já tratado neste trabalho. A distinção entre gêneros primários e gêneros secundários pretende explicar as formas de comunicação humana como relativamente estáveis e fundadas na assimilação dos discursos espontâneos (primários) nos

---

<sup>12</sup> A divisão estabelecida recebe as contribuições de Brandão (2001a) e Maingueneau (1996).

discursos elaborados (secundários). A orientação ideológica e social dos enunciados na interação verbal é determinante nessa abordagem.

2. **A tipologia funcional** elaborada por Jakobson concentra os critérios que definem os gêneros segundo funções da linguagem. Essa abordagem, essencialmente comunicativa, leva em conta as três pessoas do discurso, o código, o canal e a mensagem. Tem-se, assim, que a produção verbal opera segundo as intenções comunicativas do locutor, sendo elas: expressiva (1ª pessoa), apelativa (2ª pessoa), informativa (3ª pessoa), metalingüística (o código), fática (o canal) ou poética (a mensagem).

O modelo de Jakobson foi rapidamente assimilado às práticas escolares, em função de seu pragmatismo, o que Chiss (1987) definiu como “pédagogisation rapide”. Apesar da forte repercussão atingida pela tipologia funcional, sua validação é contestada por não levar em conta a dinâmica da interação, visto que se atém unicamente ao ato de comunicação verbal. Além disso, existe a dificuldade em inscrever um discurso em uma única função, visto que ele pode realizar várias. Deve-se pensar, ainda, nos discursos que não apresentam uma função clara ou adequada ao discurso veiculado, como nos casos em que há subversão da função, com o objetivo de atingir efeitos de sentido variados.

3. **As tipologias enunciativas** originaram-se dos estudos do lingüista Emile Benveniste (1966) a respeito das marcas lingüísticas que caracterizam a presença do enunciador em sua enunciação. Dentre seus escritos, a análise das relações pessoais, temporais e espaciais adquiriram grande repercussão na lingüística contemporânea. Especialmente no artigo intitulado “As relações de tempo no verbo francês”, Benveniste se lança na análise das distinções operadas relativamente ao uso dos tempos verbais, contrariando a abordagem morfológica tradicional.

No ponto de vista deste autor, as distinções entre os tempos verbais não são exclusivamente temporais, mas obedecem a uma outra lógica. Para fazer tal afirmação, ele se vale das duas formas de passado perfeito no francês<sup>13</sup> para operar uma distinção entre discurso e história.

---

<sup>13</sup> Em francês, existem dois tempos verbais distintos para expressar a noção de passado perfeito. Diferentes na forma e no uso – um é escrito, o outro é falado –, o *passé simple* e o *passé composé* operam em planos enunciativos não-coincidentes.

Assim, a uma enunciação histórica corresponderiam os tempos do passado (*passé simple*, imperfeito, mais-que-perfeito, *conditionnel*) marcados pela ausência de marca autobiográfica (eu, tu, aqui, agora), como se os fatos falassem por si. A 3ª pessoa é a mais adequada ao uso desses tempos verbais, visto que é considerada pelo autor a “não-pessoa”. O discurso, por outro lado, se caracterizaria por uma enunciação diretamente associada ao presente do enunciador em sua interação com o enunciatário. Assim, o discurso engloba todas as formas pessoais do verbo (inclusive a 3ª pessoa) e todos os tempos verbais, à exceção do *passé simple*.

Maingueneau (1998) ilustra tal relação com um exemplo caricatural da oposição discurso/ história. A enunciação do provérbio seria uma enunciação histórica na medida em que há ruptura entre o enunciado e a situação de enunciação, caracterizada pela ausência das pessoas do discurso (eu/tu) e do momento da enunciação. O provérbio contrasta com a conversa (diálogo), uma enunciação fortemente associada às instâncias discursivas e ao momento da interação verbal.

A caracterização do gênero a partir da distinção discurso/história de Benveniste serviu de base para as tipologias discursivas, onde se incluem os estudos da Análise do discurso.

Les concepts fournis par la linguistique de l'énonciation ont, de fait, médiatement ou directement, été transférés à l'étude des textes et des discours ou, au moins, appréhendés comme une perspective de théorisation. (CHISS, 1987, p. 25)

Inspirada na lingüística da enunciação, a tipologia psicossocial elaborada por Bronckart (1987) analisa o discurso, definido como “un espace intermédiaire entre l'infinie diversité des objets et des faits (...) et l'infinie diversité des pratiques et des situations (...)” (BRONCKART, 1987, p. 37).

Para tratar do objeto de estudo, o discurso, Bronckart propõe conciliar a análise das competências sócio-discursivas dos sujeitos com a diversidade das produções verbais. São elaborados, assim, quatro conceitos que orientam sua análise: as ações de linguagem, a representação, a decisão discursiva e os tipos de discurso.

As ações de linguagem referem-se aos modos de cooperação social (lugar social, destinatário) e às finalidades do locutor na troca. Diferentemente dos atos de linguagem, termo da Pragmática, as ações de linguagem são socialmente definidas. Nota-se, nessa

concepção, a influência dos conceitos desenvolvidos por Bakhtin para os gêneros discursivos, a saber, a “orientação social” que condiciona a escolha do gênero e a forma lingüística dos enunciados.

No conceito de “representação”, Bronckart enxerga a relação entre a língua e o mundo, a qual cria, por meio de substitutos, “as representações dos elementos do mundo”. Esses substitutos são internos (“imagens mentais”) ou externos (“objetos, gestos, sons”).

É por meio da representação que a linguagem investe a extralinguagem, transformando as representações do mundo em representações verbais.

A “decisão discursiva” tem relação com a escolha de um gênero discursivo que faz com que a ação da linguagem se materialize lingüisticamente no texto. Segundo Bronckart, a decisão discursiva se faz em função das intenções comunicativas implicadas na linguagem.

A última categoria de análise, os tipos de discurso, está associada à “variedade interna” dos gêneros do discurso, tanto intragenérica quanto intergenérica<sup>14</sup>. Bronckart distingue dois níveis no processo de concretização do discurso: os *arquétipos discursivos* e os *tipos de discurso efetivos*.

Os *arquétipos discursivos* são os modos de ancoragem no contexto de produção de discursos relativamente ao referente (conteúdo), por um lado, e à interação social, por outro. Bronckart define quatro arquétipos: discurso em situação, relato-conversacional, discurso teórico e narração. Na relação à interação social, o discurso em situação e o relato conversacional implicam o produtor e os parâmetros da situação (enunciador, destinatário, lugar social, intenção comunicativa) no espaço-tempo da produção, enquanto o discurso teórico e a narração prescindem dessa relação.

Na relação com o referente, este está presente no espaço-tempo da produção no *discurso em situação* e no *discurso teórico*, contrariamente ao *relato conversacional* e à *narração*, em que o referente se encontra disjunto do contexto de produção.

Atestando a possível variabilidade no interior mesmo dos arquétipos, Bronckart atribui tal fenômeno às especificidades da situação de produção.

---

<sup>14</sup> A variedade intragenérica refere-se às diferentes combinações de tipos textuais presentes em grande parte das enunciações (narração, descrição, explicação, diálogo, argumentação). A variedade intergenérica remete ao diálogo entre diferentes gêneros, em que um gênero ocupa a função de outro. Marcuschi (2002) exemplifica a relação intergêneros com um artigo de opinião elaborado sob a forma de um poema. Nesse exemplo, o poema pertence a um autor conhecido da literatura brasileira, ocorrendo, então, a intertextualidade.

Para realizar uma ação de linguagem qualquer, o locutor o faz com base em sua representação do lugar social, do destinatário e de suas intenções comunicativas. Assim, todo discurso é ao mesmo tempo “típico” e único.

*Typique parce qu'il s'inscrit dans un architype, défini par son mode d'ancrage énonciatif, son mode de repérage temporel et son mode de planification, c'est-à-dire par sa structuration discursive. Singulier parce que la valeur spécifique que prend chacun des paramètres de l'interaction sociale conditionne l'emploi de certains ensembles d'unités linguistiques liés à la textualisation. (BRONCKART, 1987, p. 45)*

Operando em bases distintas, as tipologias anteriormente descritas não podem ser consideradas ultrapassadas. As funções da linguagem em Jakobson e a distinção entre discurso e história em Benveniste constituem uma referência para aqueles que têm por objeto de estudo a língua. Mais recentemente, a tipologia psicossocial de Bronckart vem sendo amplamente empregada em pesquisas sobre a transposição didática dos gêneros, dentre as quais destacamos a de Dolz e Schneuwly (1996), no artigo “Gêneros e progressão em expressão oral e escrita. Elementos para reflexões sobre uma experiência francófona”.

Sem negar a valiosa contribuição desses estudos, elegemos a tipologia seqüencial de Adam (2001a) para explicar o funcionamento lingüístico-textual dos discursos. Em primeiro lugar, a hipótese da existência de um número limitado de categorias de base em todo texto pareceu-nos eficaz para incorporar reflexões metalingüísticas em aula de língua. Pois, em se tratando de língua estrangeira, é preciso pensar a questão da barreira gramatical, inexistente em língua materna. Noções tão familiares quanto narração, descrição, explicação, argumentação e diálogo atenuam a dificuldade inerente ao texto da língua estrangeira.

Em segundo lugar, os tipos textuais constituem ainda hoje uma referência para a abordagem do texto no ensino do Brasil, seja na interpretação e produção de textos em língua portuguesa, seja na análise de textos literários na disciplina de literatura.

Propor a alunos brasileiros que reconheçam o tipo empregado no gênero em estudo parece-nos, assim, um procedimento coerente com a realidade de suas práticas de leitura e escrita formadoras.

**4. A tipologia seqüencial de Adam situa-se na estrutura composicional dos textos. As bases tipológicas adotadas em sua abordagem são as seqüências e planos de textos. Sem ignorar de todo o papel das condições sócio-históricas do enunciado, visto que o gênero opera**

segundo codificações sociais, Adam rejeita tal hipótese em favor de uma teoria sobre as categorias de base da composição textual, responsáveis pela concretização do discurso.

Ao excluir a dimensão discursiva dos textos, Adam não pretende minimamente negar a teoria dos gêneros de Bakhtin, mas restringir o campo de estudo mediante a adoção de um ponto de vista estritamente lingüístico. Esse procedimento justifica-se, em sua abordagem, pela dificuldade de se estudar um objeto tão complexo como uma escolha de critérios de análise em meio a tantos outros disponíveis na lingüística.

*On peut laisser de côté, un instant, la dimension proprement discursive des faits de langue sans postuler pour autant une autonomie fictive des productions langagières: il s'agit seulement d'exposer un point de vue provisoirement limité sur un certain nombre de phénomènes, en adoptant un tel point de vue aussi longtemps qu'il nous aidera à mettre en évidence des aspects fondamentaux de la mise en discours... (ADAM, 2001a, p. 16)*

Essa citação fornece os argumentos necessários à concepção dos textos enquanto seqüências prototípicas inter-relacionadas. Dentro de tal perspectiva, as condições sócio-históricas determinantes para a elaboração de todo gênero do discurso são relegadas a segundo plano no intuito de explicar o modo de funcionamento lingüístico e textual dos gêneros.

O presente trabalho concorda com tal abordagem na medida em que o ambiente didático exige uma sistematização dos conteúdos ensinados. Nesse sentido, ainda que decisiva para a compreensão, a análise do contexto de produção dos enunciados não pode ser desvinculada do estudo da composição do texto numa perspectiva de ensino de línguas. Especialmente porque no ensino/aprendizagem da língua estrangeira, as unidades mínimas da língua incidem diretamente sobre a construção do sentido dado a ler no texto (etapa praticamente inexistente na língua materna). Por outro lado, a relativa previsibilidade observável no modo de construção lingüístico das partes, ou seqüências, do texto, está na origem de uma competência textual<sup>15</sup> dos falantes em sua língua materna.

Caracterizada por Adam como “uma tipologia de inspiração bakhtiniana”, a tipologia seqüencial funda-se na necessidade de se tratar a heterogeneidade textual dos discursos. Ao considerar ambiciosa toda tentativa de tipologização dos textos, dada sua heterogeneidade e

<sup>15</sup> Segundo Fávero (1991, p. 99), a competência textual é a “capacidade do ser humano de distinguir entre um texto e um não-texto, de parafrasear um texto, de resumir-lo, de atribuir-lhe um título, de produzir um texto a partir de um título dado, de compreender o jogo de ações e intenções do texto, de distinguir os diferentes tipos de texto etc.”

conseqüente difícil delimitação, Adam prefere falar em “planos de organização textual”. Assim, para o autor, o texto é uma estrutura seqüencial heterogênea.

A concepção da tipologia seqüencial de Adam baseia-se nos questionamentos levantados por Bakhtin sobre os “tipos relativamente estáveis de enunciados”. Adam enxerga nessa definição do autor russo para os gêneros do discurso uma das primeiras tentativas de tipologizar os discursos heterogêneos da sociedade.

Assim, os gêneros primários que são absorvidos e integrados nos gêneros secundários, mais elaborados, constituem, para Adam, as formas elementares ou prototípicas que compõem os textos.

O lingüista ilustra tal correspondência com a estrutura seqüencial narrativa, que estaria na base da composição dos gêneros mais elaborados como a fábula, a epopéia, a reportagem jornalística e ainda a anedota familiar, essa última um gênero intermediário entre os gêneros primários e os secundários.

*C'est à une hypothèse sur ces unités minimales de composition textuelle, formes fondamentales du langage ordinaire, que, déplaçant l'analyse de Bakhtin du champ socio-linguistique des genres discursifs en direction de celui plus étroitement linguistique de la textualité, seront consacrés les chapitres qui suivent. (ADAM, 2001a, p. 13)*

Conforme já foi mencionado neste trabalho, reitera-se na citação acima a desvinculação das condições de produção dos gêneros na tipologia seqüencial proposta por Adam. Os conceitos de “texto” e “discurso”, para este autor, são reveladores de sua opção teórica.

Para Adam, o “discurso” é o objeto empírico observável nos suportes oral ou escrito. Oportunamente, “texto” é um objeto abstrato, heterogêneo e complexo. É justamente sobre o “texto” que Adam se dedica em seu quadro teórico da estrutura composicional.

O texto, para Adam, comporta uma dimensão pragmática e uma dimensão lingüística.

A dimensão pragmática organiza-se em três planos que interagem entre si: a intenção ilocutória, as marcas enunciativas e a coesão semântica.

O primeiro plano da organização pragmática do texto relaciona-se à intenção global expressa pelo locutor em seu texto por meio de uma seqüência de atos de discurso hierarquizados. Esses atos expressam, implícita ou explicitamente, o “querer-dizer” do locutor

e o papel do interlocutor é determinante. Por um lado, o interlocutor deve reconhecer esses atos ilocutórios como pertencentes a um macro-ato de linguagem; por outro, deve ser capaz de inter-relacioná-los de modo a conhecer o sentido do texto. É nesta etapa, portanto, que se encontra a coerência do texto, visto que a interpretação não se obtém unicamente por intermédio dos conhecimentos lingüísticos.

La visée illocutoire globale définit tout texte comme ayant un but (explicite ou non): agir sur les représentations, les croyances et/ou les comportements d'un destinataire (individuel ou collectif). (ADAM, 2001a, p. 22)

São exemplares da relação implícita entre os micro-atos de linguagem os textos publicitários amplamente difundidos na sociedade. Para expressar a intenção global do texto, em geral a divulgação de um produto com vistas ao consumo, o locutor da mensagem publicitária emprega um ou vários atos ilocutórios sem relação aparente com a real intenção. No entanto, para o interlocutor permanece clara a intenção contida implicitamente no texto: a valorização do produto que justifica por assim dizer sua aquisição.

De modo similar operam os diversos gêneros discursivos em uma dada sociedade. Na imprensa, na literatura, no discurso político, no diálogo cotidiano, entre outros, a intenção global é freqüentemente “desviada” e até mesmo distorcida no intuito de criar um efeito de sentido adequado à manifestação da intenção global, que não passa, todavia, despercebida do interlocutor.

O segundo plano da organização pragmática do texto são as marcas enunciativas, que Adam distingue em:

- *enunciação oral*, em que o contexto de produção está presente;
- *enunciação escrita*, em que o contexto deve ser especificado;
- *enunciação histórica*, em que o locutor se distancia do contexto;
- *enunciação proverbial*, em que há ausência de um locutor real e de um contexto de produção
- *enunciação do discurso científico*, em que o contexto limita-se ao tempo/espaço do texto<sup>16</sup>.

<sup>16</sup> É importante, aqui, a distinção entre “contexto” e “cotexto”. O contexto diz respeito à situação de comunicação implicada na enunciação: o cotexto refere-se ao contexto verbal dos enunciados no espaço do texto.



*enunciação do discurso poético*, definida por um “jogo verbal” que tem por finalidade provocar a reação dos interlocutores no espaço e no tempo.

Finalmente, a “coesão semântica” é representada pelo tema global do enunciado. Intervêm nessa dimensão fatores como a isotopia e a coesão do mundo representado. A isotopia relaciona-se às redundâncias semânticas necessárias à progressão do texto. A coesão do mundo representada confere logicidade aos enunciados, dentro do contexto.

Passamos, assim, à dimensão lingüística do texto, entendido aqui como uma seqüência de orações não-aleatória.

O primeiro plano dessa dimensão é a conectividade textual, que garante a progressão do texto mediante a repetição<sup>17</sup>.

A conectividade textual situa-se no nível morfo-sintático que estrutura a oração. Sua orientação é gramatical, o que não implica, necessariamente, a aceitabilidade da oração num nível semântico (a coesão). A conectividade textual engloba ainda os conectores argumentativos ou não, que orientam o sentido da oração, no primeiro caso, ou simplesmente organizam a evolução do texto, no segundo caso. Adam atribui ainda à conectividade textual os procedimentos de mudança de capítulo, os títulos e subtítulos, a pontuação, os caracteres tipográficos, etc.

O segundo e último plano da dimensão lingüística do texto é a “estrutura composicional”. Adam interessa-se particularmente por esse plano lançando a hipótese de que tanto na compreensão quanto na produção dos textos, os sujeitos elaboram intuitivamente “esquemas seqüenciais prototípicos”. É válido lembrar que a tipologia seqüencial elaborada por este autor pretende teorizar os gêneros primários do discurso numa referência explícita a Bakhtin.

Les recherches sur les catégorisations humaines jettent un pont entre connaissances du monde et connaissances linguistiques. Or, dans la connaissance du monde des textes, les sujets utilisent des catégories dont il faut bien essayer de tenir compte. Le présent essai se présente ainsi comme une réflexion sur certaines catégories à la base de toute composition textuelle. (ADAM, 2001a, p. 15)

---

<sup>17</sup> A repetição ou retomada, no texto, efetivam-se mediante os mecanismos de pronominalização (anáforas, catáforas), referencialização dêitica, nominalização, substituição lexical, reformulação. Conferir, a esse respeito, Reichler-Béguelin, Jespersen, Denervaud (1990) e Fávero (1991).

O autor evidencia, na citação, o conhecimento do “mundo dos textos”, uma realidade à qual não se pode escapar tendo-se em vista que os falantes, escolarizados ou não, lidam com formas típicas de comunicação em suas práticas discursivas. Seja em seu hábito cotidiano de ler jornais, por exemplo, seja em conversas familiares espontâneas.

Para dar conta da heterogeneidade textual dos discursos, Adam propõe que se definam os planos de organização da textualidade, ou seja, a estrutura que compõe os textos: as seqüências narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal.

A seqüência é a unidade do texto formada por macro-proposições que, por sua vez, englobam micro-proposições. O esquema abaixo representa a relação hierárquica e os componentes da seqüência.

[T [Seqüência (S) [macro-proposição(ões) [ micro-proposição(ões) ] ] ] ]

Os textos que comportam uma única seqüência constituem, de acordo com Adam, um caso excepcional. Nos gêneros discursivos mais elaborados, tem-se propriamente estruturas seqüenciais heterogêneas. É nesse ponto que Adam pretende explicar a “heterogeneidade composicional dos enunciados”, pronunciada por Bakhtin (1984) em seu estudo dos gêneros discursivos.

Assim, um gênero realizaria várias seqüências, de forma explícita, como é o caso da seqüência descritiva que se insere na seqüência narrativa em um romance. Ou ainda a presença da seqüência narrativa na seqüência argumentativa em um editorial.

*L'hétérogénéité est un phénomène tellement évident pour les scripteurs que lorsque l'insertion d'une séquence hétérogène a lieu, elle suit généralement des procédures de démarcation très strictes. Le marquage des zones frontières, des lieux initial et final d'insertion, est codifié aussi bien dans le récit oral (...) que dans la dramaturgie de l'époque classique. (ADAM, 1991, p. 13)*

Adam prescreve outro tipo de estrutura seqüencial heterogênea. Trata-se da “dominante seqüencial”, em que há mistura não-marcada de seqüências diferentes, com predominância de uma delas.

A estrutura global dos textos não se explica unicamente pelas diferentes seqüências que os compõem. Os gêneros discursivos operam em um nível superior à estruturação

seqüencial dos textos. Por esse motivo, a estruturação composicional comporta, ainda, os planos de textos, fixos ou ocasionais, regidos pelos gêneros discursivos.

É assim que os gêneros como a carta familiar, o soneto, a receita de cozinha, o manual de instruções, alguns programas televisivos, dentre outros, obedecem a um plano de texto fixo. O mesmo não ocorre com os planos de texto ocasionais únicos em sua realização, como o conto literário, a reportagem jornalística, a crônica, o discurso político, a história em quadrinhos, dentre outros.

Conforme já foi mencionado, Adam dedicou-se ao estudo das seqüências prototípicas narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e conversacional-dialogal.

Exporemos a seguir as propriedades constitutivas dessas seqüências que permitem distingui-las entre si e torná-las reconhecíveis como mais ou menos prototípicas.

Optamos por concentrar as características de cada seqüência no presente trabalho, a despeito do tratamento minucioso que o autor confere a cada uma em particular na obra de Adam (2001a). Assim procedemos para complementar tal abordagem com a teoria dos gêneros de Bakhtin na análise posterior do *corpus*, constituído de cartas do leitor autênticas e de produções de alunos para o gênero referido.

#### **I- Seqüência prototípica narrativa**

A seqüência narrativa é composta por seis propriedades indispensáveis para que haja narração. Levando-se em conta que alguns textos possuem algumas dessas propriedades sem constituir propriamente uma narração, os seis componentes abaixo descritos são inalienáveis na narração.

##### **1) sucessão mínima de acontecimentos**

Na narração, o critério de temporalidade, que assegura a sucessão dos acontecimentos, é indissociável da uma tensão que conduza os fatos a um fim. A sucessão mínima de acontecimentos organiza-se segundo um tempo inicial e um tempo final.

##### **2) unidade temática**

Pelo menos um ator antropomorfo constante, individual ou coletivo deve comparecer no texto narrativo. No entanto, a presença de um sujeito de estado, que sofre as ações, ou

operador, que realiza as transformações, só é pertinente quando outras propriedades estão presentes.

### 3) transformação dos predicados

São as transformações de estado do nível do ser, ter e fazer pelas quais passa o sujeito de estado, em um tempo inicial e final. Na semiótica narrativa, trata-se de o sujeito estar em conjunção ou em disjunção para com o objeto de valor.

## II- Sequência prototípica descritiva

Em especial na Literatura, uma certa desconfiança é atribuída à autonomia da descrição, visto que essa sequência é com frequência subordinada à narração, o objeto maior do gênero literário. Assim, a descrição não passaria de “superposições de imagens de catálogo” ou ainda “monstruosidade textual”, na visão dos autores literários citados por Adam. Para ele, no entanto, a descrição deve ser vista como um recurso de organização da narrativa, que repercute sobre os personagens e a história conferindo-lhes lógica.

Das observações puramente estilísticas dos autores literários à função ocupada pela descrição não só nos gêneros literários mas igualmente nos gêneros discursivos não-ficcionais, como a publicidade, a receita de cozinha, entre outros, vai uma grande distância, pois nesta sequência estabelece-se, por exemplo, a orientação argumentativa de uma parte do texto, mediante o emprego de metáforas e reformulações que visam, em última análise, a reforçar o ato ilocutório subjacente.

Definida por Adam como um processo de enumeração lexical hierarquizada, a sequência descritiva organiza-se verticalmente, diferentemente da narração, em que a ordem é linear e horizontal. Além disso, não-raro a descrição vem acompanhada de uma avaliação explícita ou implícita, por parte do locutor, o que torna esta sequência menos autônoma do que se pode crer. A sequência descritiva comporta quatro procedimentos.

- **Ancoragem referencial**

Trata-se da identificação do objeto a ser descrito, que pode figurar no início da sequência (ancoragem), no final (afetação) e ainda retomado no texto (reformulação). Para Adam, a identificação do “tema-título” é um primeiro fator de ordem, visto que neste

momento é criada a coesão semântica referencial da seqüência. É interessante notar que o tema é instaurado pelo contexto com base nos conhecimentos do interlocutor ou é atualizado pelo locutor como uma nova classe.

- Aspectualização

Se a ancoragem referencial é responsável pelo estabelecimento do tema-título, ou seja, do todo a ser tratado pela seqüência, o procedimento de aspectualização constitui as partes do todo. Trata-se das propriedades ou características do objeto descrito, como a forma, o tamanho, a cor, as qualidades, etc.

A escolha das propriedades que definem as partes do objeto acarretam não-raro um julgamento de valor desejado pelo locutor. É o caso dos adjetivos avaliativos, como “grande”, “pequeno”, “feio”, “magro”, dentre outros, que conferem a subjetividade ao texto.

“(…) comme le choix des parties sélectionnées par le descripteur est contraint par l'effet recherché, le choix des propriétés (PROPR) permet, lui, de poser la question de l'orientation évaluative (argumentative) de toute description.” (ADAM, 2001a, p. 91)

- Assimilação (*mise en relation*)

Estabelecidas as partes do todo no procedimento de aspectualização, inicia-se uma operação de contato entre as partes descritas e a situação, por um processo comparativo ou metonímico.

- Inserção por sub-tematizações

A descrição de um tema-título é identificada pela ancoragem referencial, em seguida decomposta em partes justamente com suas propriedades e finalmente relacionada em um processo de assimilação comparativa ou metonímica. Essa estrutura hierárquica admite, ainda, sub-tematizações que se inserem abaixo dos procedimentos de aspectualização e assimilação.

Assim, de um ponto de vista argumentativo, a infinidade de descrições proposta pelo(s) tema(s)-título não significa exatamente “anarquia” na seqüência descritiva. Para Adam, essa estrutura prototípica é hierárquica e, portanto, ordenada.

### III- Seqüência prototípica argumentativa

A argumentação é globalmente definida por uma intenção comunicativa do locutor que consiste em obter a adesão do interlocutor ao seu discurso. As formas assumidas por esse discurso são tão heterogêneas quanto o são as seqüências textuais. Essa visão pragmática da argumentação não corresponde exatamente ao esquema de base da argumentação proposto por Adam.

Para ele, a seqüência argumentativa é identificável na relação [Dado → Conclusão]. Aos dados corresponderiam as premissas que se apóiam em uma “regra de inferência” que legitima, por sua vez, a conclusão.

A “regra de inferência” representa um fator de economia para a interpretação, uma espécie de ponte entre o dado e a conclusão. Tal regra apóia-se nos conhecimentos de mundo compartilhados ou representados nos interlocutores. A enunciação da inferência, no texto, resulta em sua redundância, visto que ela é relativamente lógica.

A base da seqüência argumentativa é representada pelo “silogismo” e pelo “entimema”.

O silogismo caracteriza-se pela asserção de premissas lógicas<sup>18</sup> que conduzem, por meio da regra de inferência, à aceitação de uma tese nova, ou conclusão. A particularidade deste raciocínio é que ele se faz sem recurso externo ao próprio silogismo, exceto pela regra de inferência.

O entimema difere do silogismo quanto à omissão de certas premissas consideradas evidentes e de fácil inferência por parte do interlocutor. Segundo Adam, o entimema é mais freqüente no “discurso natural” do que o silogismo, cuja estrutura é excessivamente formal.

Na base da seqüência argumentativa, o silogismo e o entimema funcionam como dispositivos lógicos que visam a modificar o comportamento do interlocutor agindo sobre suas representações, por meio dos argumentos que levam à tese nova. A relação das premissas com a conclusão é indissociável, ou seja, uma leva à outra e vice-versa. Tem-se, assim, a ordem progressiva *Dados – [inferência] – conclusão* e a ordem regressiva *conclusão [inferência]*.

---

<sup>18</sup> Por “premissas lógicas” entendem-se idéias que são comumente aceitas, como os argumentos de autoridade ou as evidências do saber comum. Adam adverte que desse mesmo raciocínio surgem os silogismos “absurdos” ou aqueles com efeito cômico.

#### IV- Seqüência prototípica explicativa

A especificidade dessa seqüência, que a distingue das freqüentes confusões entre texto explicativo e texto expositivo ou informativo, corresponde à um questionamento (*Por que?*) a que segue uma resposta (*Porque...*) e uma conclusão-avaliação.

No texto explicativo, o locutor responde a um questionamento ou o justifica com a intenção de explicar os fatos. No texto expositivo, que pode eventualmente constituir uma variante do texto explicativo, trata-se de descrever fatos ou dados sem a finalidade de modificar as convicções do interlocutor. Poderíamos resumir dizendo que o texto explicativo é da ordem do *por que?*, e o texto expositivo é da ordem do *como?*.

Dentre as características dessa seqüência, destacam-se:

- uma estratégia explicativa do locutor que se expressa por uma aparente objetividade da mensagem. O locutor “se dá ao luxo da máscara” ao fundamentar sua explicação tornando-a crível aos olhos do interlocutor.

- um caráter elíptico, devido à similaridade (“mixidade”) com o texto descritivo-expositivo. Adam diz que a descrição é “dinamizada por micro-encadeamentos de natureza mais explicativa do que descritiva”. O autor sinaliza que o fato complica-se diante da heterogeneidade prototípica dos textos, que faz com que, por exemplo, em uma seqüência narrativa, esteja inserida uma seqüência explicativa, vice-versa. Para o interlocutor, no entanto, tais estratégias (a heterogeneidade) não são capazes de desviar sua atenção da intenção pragmática que subjaz à textualidade.

#### V- Seqüência prototípica dialogal

As diferenças conceituais entre termos aparentados tais como diálogo/dialogismo e diálogo/conversação exigem que façamos as devidas distinções a fim de entender a seqüência proposta.

Diálogo remete à interação verbal entretida por no mínimo dois participantes no espaço-tempo da enunciação. O diálogo é a forma de comunicação mais explícita em que o discurso do locutor se constrói com a ajuda do interlocutor mediante as intervenções sucessivas de um e de outro. A essa forma de comunicação, chamada “poligerada”, opõe-se a

enunciação monológica, em que apenas um locutor toma a palavra. Os gêneros discursivos característicos do diálogo são a conversa, a entrevista, o debate, a carta, o diálogo teatral, a conversa telefônica, dentre outros.

De modo distinto opera o dialogismo, definido por Bakhtin como o caráter interativo, ou dialógico, das produções verbais como um todo, orais ou escritas. O dialogismo, já abordado neste trabalho, é constitutivo da linguagem, seja quando explicitado no texto mediante as citações do outro<sup>19</sup>, seja quando pressuposto na relação que um enunciado entretém com os outros produzidos anteriormente. Para esse autor, as enunciações são sempre dialógicas.

A segunda distinção referida acima entre diálogo e conversação visa a discernir um tipo textual poligerado, o diálogo, de uma forma de comunicação espontânea e ritualizada, a conversação.

Para Adam, diálogo e conversação são dois pontos de vista sobre a palavra alternada. O diálogo constitui uma unidade de composição textual, oral ou escrita, presente tanto em um romance ficcional quanto em um debate. A conversação, por sua vez, corresponde a um gênero discursivo primário, exemplar da forma mais simples de comunicação humana e desprovida de uma finalidade pré-definida. Assim, em um debate televisivo não há propriamente conversação.

A seqüência prototípica dialogal dedica-se a analisar o diálogo como uma estrutura hierarquizada de seqüências. Em geral, as seqüências que compõem o diálogo são de dois tipos:

- “seqüências fáticas”, de abertura e fechamento
- “seqüências transacionais”, o corpo do diálogo.

A unidade da seqüência dialogal é a troca, definida por cada intervenção do locutor na interação. Assim, a troca constitui a menor unidade dialogal da seqüência, sendo essa última composta por intervenções sucessivas dos locutores. Numa conversação espontânea, por exemplo, a abertura do diálogo é realizada por uma saudação do primeiro locutor a que o segundo locutor reage, respondendo. É comum, no entanto, que uma terceira troca venha juntar-se às duas primeiras. Trata-se, neste caso, de uma avaliação do diálogo, como um agradecimento ou felicitação.

---

<sup>19</sup> As formas de inclusão do discurso citado no discurso citante foram estudadas por J. Authier-Revuz (1998). Trata-se das formas variadas de discurso relatado.



As irregularidades previstas nesse modo de composição textual fazem com que se considere o texto dialogal muito heterogêneo e desordenado. É o caso da ausência da seqüência abertura/fechamento do diálogo, nas narrativas ficcionais, das falas constituídas por elementos não-verbais, como o gesto, ou não-linguísticas, como as pausas e entonações ou ainda das incompletudes dos diálogos romanescos<sup>20</sup>. Para Adam, no entanto, essas irregularidades não devem ser encaradas como um impedimento à tipologização da seqüência dialogal. Paralelamente a um critério temático, as interações do tipo dialogal obedecem a um critério pragmático, ambos estabelecendo a unicidade e o sentido do diálogo na interação.

No caso específico do diálogo escrito na literatura, o apagamento de trocas ou a ausência das seqüências fáticas correspondem a um fator de economia do gênero, porquanto a presença dessas seqüências se revelaria secundária.

De um modo geral, é a interação das competências genérica e textual que orienta o leitor no processo de construção de sentido do texto dialogal. Ciente das finalidades comunicativas dos locutores e da situação de produção pressupostas pelo gênero, o leitor organiza tais informações de modo a construir o sentido do texto. Obviamente, esse ideal nem sempre é atingido. Esse assunto será tratado na análise da experiência didática com alunos de francês língua estrangeira no capítulo final deste trabalho.

---

<sup>20</sup> Pode-se pensar, para esse caso, nos procedimentos de narrativização ou ainda o discurso indireto livre, em que as respostas (trocas) dos personagens são incorporadas ao discurso do narrador.

## CAPÍTULO II: GÊNEROS DO DISCURSO NO ENSINO

Este capítulo se apresenta como uma proposta de articulação dos gêneros do discurso e dos tipos textuais no ensino, partindo de três questões fundamentais: “por que gêneros no ensino?”, “quais gêneros no ensino?” e “como trabalhar com gêneros no ensino?”. As respostas decorrentes de tais questões pretendem validar a proposta de articulação dos conceitos de gênero e tipo na transposição didática da “carta do leitor” para o ensino do francês língua estrangeira.

Nosso objeto de estudo é a “carta do leitor”, um gênero da imprensa escrito pelos leitores e caracterizado por uma assimilação do gênero primário carta (familiar ou formal) no contexto de enunciação do jornal ou da revista. A análise desse gênero será feita a partir de um *corpus* constituído de “cartas do leitor” autênticas, publicadas em jornais e revistas franceses e brasileiros de maior repercussão social, sem ordem cronológica determinada. Suas características e as observações decorrentes de sua análise nos conduzem a uma proposta de transposição didática da “carta do leitor” no ensino das competências de leitura e escrita em francês língua estrangeira (FLE). Os critérios de seleção do *corpus* serão expostos posteriormente.

Nossa perspectiva é dupla: lingüístico-discursiva quando analisamos o gênero, e didática quando propomos que esse gênero seja trabalhado em sala de aula. A dimensão lingüística refere-se à descrição da organização textual das cartas segundo as seqüências textuais prototípicas realizadas. A dimensão discursiva envolve as condições de produção do gênero.

### 2.1 POR QUE GÊNEROS NO ENSINO?

Partindo da idéia comumente aceita de que a competência lingüística é apenas um dentre os vários conhecimentos compartilhados pelo leitor/produtor de textos, faz-se necessária uma abordagem sócio-discursiva da linguagem no ensino, concebendo-se essa última como o espaço privilegiado de interação das competências na construção do sentido.

O trabalho didático de interpretação e produção de textos a partir do conceito de gênero justifica-se primeiramente pelos conhecimentos já adquiridos dos aprendizes. Entende-

se, assim, que estes mobilizam saberes variados na construção do sentido, aqui reunidos em quatro competências: lingüística, enciclopédica, comunicativa e textual<sup>21</sup>.

A competência lingüística diz respeito aos conhecimentos relativos ao sistema de uma língua: a fonética, a morfologia, a sintaxe e o léxico. Ao passo que na língua materna essa competência é adquirida antes mesmo da fase de letramento, na língua estrangeira o seu aprendizado é tardio e descontextualizado com relação à cultura em que a língua é falada. No processo de aprendizagem da língua estrangeira, é freqüente a interferência dos conhecimentos lingüísticos adquiridos em língua materna, razão pela qual essa competência é considerada insuficiente para a compreensão efetiva dos discursos, em que interagem outros saberes.

A competência enciclopédica refere-se aos conhecimentos de mundo que fazem com que os fatores extralingüísticos presentes em um texto sejam devidamente interpretados. A relevância desse tipo de saber reside no fato de que, para o falante, a compreensão não é assegurada exclusivamente pela competência lingüística. Diferentemente do conhecimento sobre a língua, o saber enciclopédico não é ensinado sistematicamente, mas assimilado pelos falantes em suas práticas discursivas. Um exemplo de competência enciclopédica é a referência a um personagem célebre da história ocidental, como o imperador francês Napoleão, num texto em que a referência a tal personagem é apenas aludida. Essa ilustração confirma que o saber enciclopédico se situa entre as informações implícitas requisitadas pelo produtor do texto, o qual deposita sua confiança na competência do enunciatário para compreender a informação, o que nem sempre se confirma.

Essa competência engloba, igualmente, os conhecimentos culturais do aprendiz, que interpreta e produz textos com base em sua representação de mundo. Esse saber é de suma importância para a compreensão e produção de textos em língua estrangeira. Ultrapassada a barreira lingüística, aparentemente a etapa mais complexa da compreensão, o aprendiz deve lidar ainda com os referentes culturais presentes no texto, que se manifestam por um referente externo – como o exemplo do imperador francês – ou pela carga semântica de uma palavra. Pode-se pensar, para o último caso, nos problemas de interpretação oriundos das diversas acepções de uma palavra – a polissemia – e do sentido implícito – a conotação. A título de ilustração, na frase “C’est un collègue de la boîte”, “boîte” deve ser corretamente interpretada

---

<sup>21</sup> As competências evocadas são um consenso na didática atualmente. Por razões metodológicas, resumimos as principais competências com as contribuições de Maingueneau (1998) e Moirand (1981).

como o termo informal do francês para “local de trabalho” e não por seu sentido próprio, “caixa”.

A competência comunicativa relaciona-se à capacidade dos falantes de se inscreverem no mundo por meio da língua, ou seja, à capacidade de interpretar e produzir discursos conforme as especificidades dos gêneros em que tais discursos se inserem. Assim, a competência genérica – conhecimento dos gêneros do discurso – está intimamente ligada à competência comunicativa, pois toda manifestação de linguagem, todo discurso, se insere num gênero pré-determinado pelo contexto de enunciação. Para Bakhtin (1984), é essa “previsibilidade” dos gêneros que faz com que a comunicação verbal entre os falantes seja possível; contrariamente, seria necessário criá-los a cada nova enunciação.

Si les genres du discours n'existaient pas et si nous n'en avions pas la maîtrise, et qu'il nous faille les créer pour la première fois dans le processus de la parole, qu'il nous faille construire chacun de nos énoncés, l'échange verbal serait quasiment impossible. (BAKHTIN, 1984, p. 285)

A recepção e a produção de textos implica, assim, o conhecimento do gênero do discurso pressuposto pela troca verbal. De posse de tais conhecimentos, os falantes realizam uma significativa “economia cognitiva” (MAINGUENEAU, 1998) que lhes permite se concentrar sobre um número reduzido de elementos. São igualmente os conhecimentos relativos à competência genérica os responsáveis pela previsibilidade das reações despertadas pelo gênero sobre o interlocutor.

Um enunciado como “A l'écriture de ces lignes, mes yeux sont embués de larmes”, que consta em uma carta dirigida ao semanário francês *Le Nouvel Observateur*, não choca o leitor, visto se tratar de um espaço do veículo aberto às críticas e a um estilo de linguagem subjetivo. Deslocado desse contexto de enunciação, como por exemplo no texto de reportagem, logo, na voz de um jornalista, o mesmo enunciado causaria estranhamento, pois o gênero “reportagem” obedece ao critério jornalístico de objetividade, um dos princípios norteadores do jornalismo.

O mesmo ocorre quando há transgressão de gêneros, ou seja, quando há ruptura das regras de composição, em geral no intuito de criar efeitos de sentido inusitados ou de romper com a ordem estabelecida.

Para ilustrar o primeiro caso, um artigo de opinião escrito em forma de entrevista tem por objetivo instaurar a crítica com o auxílio de réplicas do diálogo e não, como se poderia prever, por meio de parágrafos e articuladores lógicos. Para obter o efeito de sentido desejado,

o jornalista se serve de um modo de composição atípico, como é a sequência prototípica dialogal, característica do gênero entrevista, em um texto essencialmente argumentativo, como o editorial.

Para o segundo caso, o movimento literário francês "Nouveau roman", nos anos 50, correspondia de certa forma a um desejo de romper com a ordem estabelecida, a saber o cânon do romance clássico.

É preciso ter em vista, ainda, que os gêneros do discurso funcionam de modo distinto nos contextos sociais e históricos de cada cultura. O gênero "*synthèse*", por exemplo, pertencente ao sistema escolar francês, não é empregado nas práticas escolares do Brasil. Igualmente, pedir a um aluno que componha uma fábula ou um soneto em um curso de redação revela-se hoje um exercício anacrônico. De tal forma que o conhecimento dos gêneros do discurso é indissociável de sua circulação nas diferentes sociedades e momentos da história.

Mesmo quando os gêneros não são compartilhados pelos falantes em sua cultura ou em sua época, no exemplo da *synthèse* e da fábula, e ainda quando os gêneros são descaracterizados, no exemplo do artigo de opinião, ainda assim é possível se servir de algumas estratégias de controle para tais imprevistos.

Même si nous ne maîtrisons pas certains genres, nous sommes le plus souvent capables de les identifier et de nous comporter de façon convenable à leur égard. Chaque énoncé possède un certain statut générique, et c'est sur la base de ce statut que nous le traitons: c'est à partir du moment où nous identifions un énoncé comme une affiche publicitaire, un sermon, un cours de langue vivante, etc., que nous pouvons adopter à son égard l'attitude qui convient. (MAINGUENEAU, 1998, p. 29)

O reconhecimento do gênero é uma etapa importante da compreensão, na medida em que dá conta das instabilidades relativas ao desconhecimento do gênero e/ou à sua subversão. A inscrição dos gêneros do discurso num "horizonte social" específico da enunciação resulta em sua localização e conseqüente identificação, como por exemplo a partir do suporte que o veicula.

Assim, uma publicidade de cigarros em que figure não um slogan ou uma imagem, mas a definição etimológica da palavra "liberdade", com citação da fonte do dicionário, não deixa de ser uma publicidade de cigarros, ainda que não atenda às expectativas do leitor/consumidor de aí encontrar um recurso verbal – o slogan – ou não-verbal. O recurso persuasivo empregado – a definição de um termo do dicionário – não prejudica a

interpretação da mensagem e tampouco descaracteriza o gênero. De modo geral, tais efeitos são criados, na publicidade, para chamar a atenção do consumidor, provocando reações tão diversas quanto o riso ou o espanto.

O reconhecimento dos gêneros implica, sobretudo, a mobilização dos saberes enciclopédicos. No caso da publicidade referida anteriormente, é necessário que o leitor estabeleça a relação cigarro/liberdade com base em sua representação sobre tal produto de consumo. Em todo caso, trata-se de um anúncio publicitário para um produto mencionado no texto e, além disso, situado num veículo de comunicação onde se espera encontrá-lo: em revistas, *outdoors*, pôsteres, televisão.

Assim, a identificação dos gêneros do discurso é possível em função dos elementos contextuais da produção verbal, dentre os quais o suporte de veiculação. As propriedades formais do texto, todavia, são menos confiáveis, ou seja, não garantem por si só a compreensão da mensagem.

O leitor conta ainda com os elementos gráficos do suporte. É exemplar a configuração espacial das rubricas jornalísticas na imprensa escrita. Mais especificamente, trata-se dos elementos paratextuais, como título, divisão em colunas, tamanho dos caracteres, recursos tipográficos (itálico, negrito), paragrafação, etc. O exemplo dado anteriormente de um artigo de opinião construído com réplicas do diálogo ilustra a relevância dos elementos paratextuais no reconhecimento do gênero: localização do artigo na seção do jornal, título, assinatura.

A despeito de não atenderem às expectativas do leitor ao se realizarem diferentemente quanto ao tema, estilo e composição, os gêneros do discurso servem-se das instabilidades para se afirmarem enquanto enunciações dinâmicas e sempre portadoras de sentido.

Enfim, a competência textual engloba os conhecimentos das regras da textualidade, sintetizados nas operações de coesão e coerência. A mobilização desses saberes permite distinguir, por exemplo, um texto de um não-texto.

Estudiosa da lingüística textual, Fávero (1991) assim define a coesão:

(...), manifestada no nível microtextual, refere-se aos modos como os componentes do universo textual, isto é, das palavras que ouvimos ou vemos, estão ligados entre si dentro de uma seqüência. (FÁVERO, 1991, p. 10)

A progressão do texto é assegurada, em parte, pelos mecanismos de coesão: referência, substituição, elipse, conjunção e léxico. Todavia, a coesão textual não garante a inteligibilidade do texto, que depende ainda da coerência.

A coerência, por sua vez, manifestada em grande parte macrotextualmente, refere-se aos modos como os componentes do universo textual, isto é, os conceitos e as relações subjacentes ao texto de superfície, se unem numa configuração, de maneira reciprocamente acessível e relevante. (FÁVERO, 1991, p. 10)

Nessa citação, a autora se refere a uma configuração “acessível” e “relevante”, ou seja, a uma gama de conhecimentos solicitada pelo texto para que este seja coerente. Esses conhecimentos transcendem a superfície textual, pois dizem respeito sobretudo aos saberes enciclopédicos e cognitivos que devem ser ativados durante a leitura para que haja compreensão. Assim, um texto desprovido de coesão pode constituir um texto se o requisito “coerência” for atendido. Fávero exemplifica essa relação com o “Manifesto Futurista”, de Marinetti, em que se presencia uma seqüência de orações sem aparente ligação entre si – sem coesão – mas absolutamente coerentes quando relacionadas ao título, ao autor e ao momento histórico de produção.

A competência textual diz respeito ainda à capacidade dos falantes de distinguir os tipos textuais, ou seja, as seqüências prototípicas de narração, descrição, explicação, argumentação e diálogo. Essa questão já foi tratada neste trabalho, razão pela qual não nos deteremos.

Com essa exposição das competências solicitadas para a compreensão e a produção de textos lançamos a hipótese sobre o modo como os gêneros do discurso podem ser trabalhados em sala de aula. A interação das competências lingüística, enciclopédica, comunicativa e textual pode constituir uma estratégia de controle da compreensão e da produção textuais mediante o cruzamento de informações que se complementam.

Numa perspectiva didática, a adoção de gêneros do discurso como a via de manifestação dos discursos em seus mais diferentes usos e formas atesta a necessidade de implicar os aprendizes na complexa atividade humana denominada "linguagem".

Experiências didáticas recentes têm por objeto de ensino a interpretação e produção de gêneros do discurso, como os Parâmetros curriculares nacionais (PCNs) de língua portuguesa (BRASIL. SEF., 1998) no ensino oficial do Brasil, tendo em vista que todo texto produzido na sociedade se insere num gênero específico.

Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam. Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura. (PCNs, 1998, p. 21)

A transposição didática do conceito bakhtiniano de gêneros do discurso no ensino de línguas (materna ou estrangeira) apóia-se especialmente na necessidade intrínseca ao campo da lingüística denominado "didática" de estabelecer, por um lado, um elo entre a teoria e a prática e, de outro, entre os conteúdos ensinados e a prática viva da língua. Em outros termos, trata-se, para os professores, de capacitar os alunos a produzir discursos mediante a prática escolar.

A abordagem do estudo da língua com base na escolha de um gênero do discurso que se realiza em um determinado texto que circula na sociedade justifica-se igualmente pela incompletude do estudo tradicional centrado na gramática. De fato, as unidades mínimas da língua, que constituem o objeto de estudo da gramática tradicional, não suprem totalmente as necessidades comunicativas dos aprendizes em suas práticas discursivas, pois, ao interagirem em situações cotidianas concretas, os falantes se servem do sistema lingüístico com a finalidade específica de elaborar um discurso apropriado à situação de comunicação em que se encontram.

Nesse sentido, o estudo normativo da língua não lhe oferece senão a reflexão a respeito da forma lingüística: a ortografia, a morfologia, a sintaxe, a fonética. É preciso lembrar que, para Bakhtin (1984, p. 290), a produção verbal monológica não tem sentido para o interlocutor e que "une proposition assertive par sa forme ne devient assertion du réel que dans le contexte d'un énoncé déterminé".

O problema da compreensão e, mais especificamente, do sentido, para Bakhtin, advém da relação desigual entre a oração (unidade de língua) e o enunciado (unidade da troca). Na citação anterior, o autor avança uma visão da língua enquanto afirmação da



realidade, indissociável do contexto de produção dos enunciados. Fora desse ambiente, a língua não tem vida, pois não é capaz de veicular, por meio da oração, o sentido que visa estabelecer na troca verbal. Além disso, em estado neutro a oração não tem autoria, uma vez que não existe um interlocutor pressuposto pela esfera social definida em que as comunicações humanas se inserem concretamente. A citação abaixo evoca essa questão.

Les mots ne sont à personne et ils ne comportent pas un jugement de valeur. Ils sont au service de tout interlocuteur et de tout jugement de valeur – des jugements qui peuvent être aussi différents que possible, voire opposés. (BAKHTIN, 1984, p. 292)

No contexto de ensino e aprendizagem de línguas, o estudo sistemático da língua não oferece possibilidades reais aos aprendizes em suas intenções comunicativas. Até mesmo o ensino da língua materna para crianças em fase de letramento tem sido repensada num esforço de articular o ensino da gramática às práticas discursivas da sociedade<sup>22</sup>.

Na prática pedagógica, o trabalho com gêneros do discurso corresponde a um desejo comum, manifestado por professores e alunos, de relacionar as atividades escolares às práticas discursivas recorrentes no ambiente externo à escola. Tais práticas dizem respeito não somente ao registro oral como também ao escrito.

O que deve ser ensinado não responde às imposições de organização clássica de conteúdos na gramática escolar, mas aos aspectos que precisam ser tematizados em função das necessidades apresentadas pelos alunos nas atividades de produção, leitura e escuta de textos. (PCNs, 1998, p. 29)

A atividade complexa e ampla que constitui a produção e a recepção dos mais diversos gêneros do discurso que ganham forma em textos orais e escritos, segundo o horizonte social estabelecido, confirma a necessidade de se lançar um olhar diferente para o ensino da língua. Um olhar voltado, inicialmente, para os gêneros do discurso que nos rodeiam e, num segundo momento, para o modo como esses discursos se constroem.

Une conception claire de la nature de l'énoncé en général et des types variés d'énoncés en particulier (premiers et seconds), c'est-à-dire des divers genres du discours, est indispensable à toute étude quelle qu'en puisse être l'orientation spécifique. (BAKHTIN, 1984, p. 268)

---

<sup>22</sup> É interessante, a esse respeito, o artigo de Lusinete Vasconcelos de Souza (*Gêneros jornalísticos no letramento escolar inicial*, In: Dionísio, Machado, Bezerra, p. 58-72, 2002).

Para Bakhtin, negligenciar uma visão da língua segundo gêneros do discurso que circulam na sociedade tem como consequência levar o estudo lingüístico ao “formalismo” e à “abstração”, culminando no enfraquecimento do elo existente entre a língua e a vida.

## 2.2 QUAIS GÊNEROS NO ENSINO?

Antes de abordar a questão dos critérios de seleção dos gêneros em língua estrangeira, consideramos necessário situar a problemática do ensino das competências de comunicação em manuais didáticos franceses recentes com base nos gêneros discursivos trabalhados.

### 2.2.1 O Caso de Alguns Manuais Didáticos Franceses

O ensino do francês língua estrangeira vem sendo permanentemente reformulado quanto a seus objetivos e métodos. A metodologia de ensino denominada “enfoque comunicativo”, nos anos 70, foi uma primeira tentativa de superar o ensino gramatical descontextualizado propondo como unidade de ensino as mais diversas situações comunicativas.

Interessantes do ponto de vista da apresentação de situações orais cotidianas, alguns manuais, no entanto, causam um certo desconforto para aprendizes brasileiros, que não absorvem o sentido completo de atos de fala fortemente associados à cultura estrangeira<sup>23</sup>.

A crítica ao enfoque comunicativo é formalizada por Moirand na citação abaixo:

Peut-on en effet parler d'approche communicative si les apprenants interprètent le(s) sens d'un document authentique à partir des composantes culturelles, discursives et sociolinguistiques de leur compétence de communication en langue maternelle et sans pouvoir faire d'hypothèses sur les habitudes interprétatives admises par les compétences de communication des natifs de la langue étrangère où le document a été produit? (MOIRAND, 1981, p. 21)

<sup>23</sup> Em *Tempo 1* (BÉRARD, CANIER e LAVENNE, 1996), por exemplo, nota-se uma insistência em expressões informais, como “Il y avait un monde fou!” (p. 104) ou “Vendredi, le repas chez Pierre, c'était très sympa” (p. 104). O mesmo ocorre em manuais didáticos complementares, como *Communiquer en français* (CICUREL, PEDOYA e PORQUIER, 1991) com as expressões “Ça marche très fort” (p. 68) ou “C'est un monde” (p. 62) bem como no *Guide pratique de la communication verbale* (CHAMBERLAIN e STEELE, 1991) com expressões do tipo “Bof, on fait aller, quoi” (p. 125).

Se, por um lado, o enfoque comunicativo representa um avanço na concepção do ensino da língua estrangeira mediante atos de fala (apresentar-se, dar ordens, sugerir, reclamar, pedir informações, etc.), por outro, tal abordagem mostra-se incompleta ao privilegiar o registro oral e propor “fórmulas” para se comunicar, nem sempre contextualizadas para o aluno.

Considerando que os aprendizes de uma língua estrangeira visam à obtenção de uma competência de comunicação que não se restrinja ao diálogo cotidiano, é forçoso reconhecer que o enfoque comunicativo revela-se limitado para a “compreensão ativa” de discursos mais elaborados, como os gêneros jornalísticos, publicitários, literários, científicos, etc.

Como se sabe, a distinção clássica entre gêneros primários e gêneros secundários é uma primeira classificação dos discursos. Os gêneros primários, que dizem respeito às enunciações concretas dos falantes numa troca verbal espontânea, correspondem às produções verbais mais simples e oralizadas que se realizam no cotidiano. São, segundo Bakhtin (1984, p. 267), as réplicas do diálogo, a carta, o sermão, dentre outros. Os gêneros secundários são caracterizados pela assimilação dos gêneros primários numa forma mais evoluída de comunicação que em geral toma forma no registro escrito. Trata-se dos discursos produzidos pela literatura, pelas ciências, pela imprensa.

No ensino de línguas, e em particular do francês língua estrangeira, a distinção entre gêneros primários e secundários revela-se coerente com o estabelecimento de critérios de seleção dos gêneros a serem trabalhados, o que se explica pela necessidade de fazer o aprendiz entrar em contato com formas de comunicação simples ou complexas, de acordo com os objetivos visados na aprendizagem.

Em uma consulta não exaustiva aos gêneros trabalhados nos níveis iniciante e intermediário em alguns manuais didáticos franceses recentes, constatamos uma certa preferência por gêneros primários, como o diálogo-conversacional no início das unidades, o que parece se justificar pelo fato de esse gênero reproduzir o modo como os falantes nativos se comunicam numa situação dita autêntica da língua<sup>24</sup>.

---

<sup>24</sup> Como em “Objets” (*Tempo 1*, BÉRARD, CANIER e LAVENNE, p. 141, 1996.), “Relation familiale” (*Café Crème 2*, TREVISI et al, p. 54, 1997), “Le nouveau locataire” (*Reflets 1*, CAPELLE, GIDON, p. 14, 1999), “Elle va revoir sa Normandie” (*Panorama 1*, GIRARDET, CRIDLIG, p. 42, 2000), e “Rendez-vous” (*Campus 2*, GIRARDET, PÉCHEUR, p. 90, 2002).

Os diálogos são o ponto de partida para as atividades de compreensão (escuta) e expressão (fala) oral e ainda para a exploração dos mecanismos gramaticais, lexicais, fonéticos e culturais. Seguindo a concepção original do enfoque comunicativo, os manuais didáticos franceses abordam as unidades por um conteúdo pragmático, explicitado no diálogo inicial e denominado diferentemente como “*savoir faire*” em *Tempo 1* (BÉRARD, CANIER e LAVENNE, 1996) e *Café Crème 2* (TREVISI et al, 1997), “*situations de communication*” em *Reflets 1* (CAPELLE, GIDON, 1999), “*comprendre et s’exprimer*” em *Panorama 1* (GIRARDET, CRIDLIG, 2000) e “*objectifs*” em *Campus 2* (GIRARDET, PÉCHEUR, 2002).

Nas atividades de interpretação e produção escrita, também há uma certa preferência por gêneros primários, como “*La lettre privée et la lettre administrative*” em *Tempo 1* (idem, p. 123), “*Déclaration de vol dans une voiture garée devant un hôtel*” em *Café Crème 2* (idem, p. 117), “*Créez ou imaginez votre carte de visite professionnelle*” em *Reflets 1* (idem, p. 20) e “*Echanges de mails*” em *Campus 2* (idem, p. 69). Além desses, os gêneros “*formulário*”, “*manual de instruções*”, “*receita culinária*”, “*cartão postal*”, destacam-se entre os mais empregados.

O trabalho com gêneros secundários também constitui um recurso didático dos manuais, sobretudo para os níveis intermediários. Por se tratarem de discursos que se realizam preferencialmente no registro escrito, mais elaborados, esses gêneros aparecem no fim das unidades, quando são propostas as atividades de leitura e produção escrita de textos de imprensa (reportagem esportiva, entrevista, horóscopo, sinopses de filmes), de literatura (peças de teatro, poemas, trechos de romances), anúncios publicitários, estatísticas, *folders* turísticos, documento histórico, história em quadrinhos, etc.

A preferência manifestada nos manuais citados por centralizar a aprendizagem nos gêneros primários, em particular aqueles que reproduzem a interação verbal autêntica, ou seja, o diálogo-conversacional, nos conduz a duas observações.

Primeiramente, verificamos um desequilíbrio entre as competências de comunicação trabalhadas nos manuais de língua francesa. De um lado, o diálogo (compreensão oral) dá origem à explicação gramatical, aos exercícios de sistematização e às encenações (expressão oral). De outro, ao fim das unidades, propõem-se atividades de compreensão e expressão escritas. As coerções do ensino de uma língua estrangeira resultam muitas vezes na falta de tempo necessário para trabalhar a compreensão e a produção escritas do modo como o professor desejaria, visto se tratar de um registro mais elaborado.

Essa observação não diz respeito ao modo como é trabalhada a língua, já que, conforme dito anteriormente, cada unidade é elaborada segundo uma determinada situação

comunicativa. Portanto, entre o diálogo inicial e as atividades que lhe sucedem não há descontextualização. O desequilíbrio reside no maior tempo dedicado à aprendizagem da língua a partir do diálogo, portanto do registro oral, em detrimento das atividades relacionadas ao registro escrito.

Uma segunda observação diz respeito aos critérios de seleção dos gêneros, em que se constata uma presença mais significativa de gêneros primários, levando a crer que, ao fazer uso do idioma, o aprendiz lidará com situações orais e escritas predominantemente cotidianas, como travar um diálogo, escrever cartas familiares ou formais, preencher uma ficha, elaborar um currículo ou convite.

Ora, o estatuto da língua francesa, atualmente, ainda que fortemente associado à idéia de empreender viagens turísticas, não se limita de todo a tal objetivo. O imaginário de uma língua com função formadora, do qual são testemunhas os grandes pensadores clássicos, autores consagrados da literatura e inúmeros pesquisadores nas mais diferentes áreas, atesta os variados objetivos buscados pelos aprendizes dessa língua. Com a globalização, é notável nos dias atuais a importância do francês para os ingressantes no mercado de trabalho no intuito de atenderem ao requisito de uma outra língua estrangeira além do inglês.

A necessidade de confrontar o aprendiz com formas de comunicação mais elaboradas, os gêneros secundários, é reforçada pelo fato de o público potencial do grupo de francês selecionado para esta pesquisa ser constituído por pesquisadores, universitários, professores da rede pública e profissionais. A notar, igualmente, que muitos deles possuem objetivos específicos, como leitura de bibliografia, capacitação para realizar exames de proficiência ou diplomas franceses oficiais (Delf, Dalf)<sup>25</sup>.

As necessidades comunicativas dos aprendizes são variadas e, por esse motivo, a comunicação em língua estrangeira exige a compreensão e a produção de gêneros tanto simples quanto complexos, tanto orais quanto escritos. Já em seu tempo, Bakhtin aborda essa questão:

*Prendre pour points de repère les seuls genres premiers conduit, inéluctablement à les trivialisier (...) L'étude de la nature de l'énoncé et de la diversité des genres d'énoncés dans les diverses sphères de l'activité humaine est d'une importance capitale pour tous les domaines de la linguistique et de la philologie. (BAKHTIN, 1984, p. 268)*

<sup>25</sup> É importante destacar que o grupo de francês língua estrangeira selecionado para a experiência didática nesta pesquisa revelou espontaneamente (11 em 18 alunos) preferência por atividades de compreensão escrita dentre todas as outras atividades realizadas em aula. Conferir, à pág. 135 deste trabalho, os outros objetivos evocados pelos alunos nessa avaliação.

Os aprendizes de uma língua estrangeira sabem, com base em suas experiências discursivas em língua materna, que a comunicação humana vai além das situações cotidianas. É natural que nos estágios iniciais do ensino da língua se privilegie o estudo da língua por meio de discursos simples (primários), visto que, diferentemente da língua materna, os aprendizes ainda não estabeleceram nenhum tipo de contato com a língua estrangeira. Nessa etapa, os aprendizes não absorvem o “sentido” das palavras, visto ainda estarem presos a sua “significação”<sup>26</sup>. A relação entre o reconhecimento do signo (sentido) e a descodificação do sinal (significação) no ensino da língua estrangeira é abordada por Bakhtin na citação abaixo:

A palavra isolada de seu contexto, inscrita num caderno e apreendida por associação com seu equivalente russo, torna-se, por assim dizer, sinal, torna-se uma coisa única e, no processo de compreensão, o fator de reconhecimento adquire um peso muito forte. Em suma, um método eficaz e correto de ensino prático exige que a forma seja assimilada não no sistema abstrato da língua, isto é, como uma forma sempre idêntica a si mesma, mas na estrutura concreta da enunciação, como um signo flexível e variável. (BAKHTIN, 2002, p. 95)

Nos estágios mais avançados da aprendizagem, a permanência do modelo “diálogo/explicação gramatical” torna-se desnecessária e muitas vezes redutora, haja vista a grande variedade de gêneros que circulam nas esferas sociais da cultura estrangeira. É verdade que os aprendizes, ainda nessa etapa, encontram dificuldades de ordem gramatical e lexical, mas já possuem estratégias de controle da compreensão, dentre os quais destacamos a competência genérica.

Levando-se em conta que os grupos de francês língua estrangeira são compostos por jovens e adultos, como é o caso nesta pesquisa, esse fator ganha uma nova dimensão, pois, diferentemente das crianças em fase de escolarização, os alunos de FLE aqui referidos já possuem práticas comunicativas em sua língua materna, que se realiza na leitura de jornais, obras literárias, textos científicos, entre outros. Em outras palavras, esses aprendizes já estão familiarizados com os gêneros discursivos recorrentes na sociedade, que vão de uma bula de remédios a um romance. Assim, uma significativa “economia cognitiva” relativa à competência genérica dos aprendizes está prevista nas atividades de leitura e escrita de gêneros discursivos.

---

<sup>26</sup> Bakhtin (2002, p. 129) distingue sentido (tema) de significação. O sentido é único e definido dentro do contexto da enunciação. A significação corresponde aos elementos da enunciação “reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos”.

Por outro lado, observamos que os gêneros secundários trabalhados nos manuais são em grande parte adaptados ao material didático, perdendo muitas vezes a relação que esses discursos entretêm com a realidade social e ideológica da cultura de estudo. A não-autenticidade dos gêneros secundários nos manuais resulta, ainda, na perda dos elementos situacionais, temáticos, estilísticos e composicionais que tornam essas formas de comunicação únicas em sua manifestação.

No manual didático *Café Crème 2*<sup>27</sup>, por exemplo, verifica-se um esforço em apresentar formas de comunicação elaboradas que, no entanto, não pertencem a nenhum gênero discursivo em específico, a não ser um suposto gênero secundário didático.

A unidade 8, intitulada “Travail”, propõe três textos relativos ao tema do trabalho, dentre os quais o primeiro, “Dis-moi ce que tu fais, je saurai qui tu es” (p. 72), chamou-nos a atenção por não reproduzir fielmente as características do texto jornalístico, tal como o manual aparentemente se propõe a fazer. Em dois parágrafos, o locutor aborda diferentes aspectos do trabalho, como o status social, o desemprego, o dinheiro e o ritmo de vida. Os elementos que caracterizam o gênero discursivo e o tornam reconhecíveis numa dada época e cultura são dificilmente identificáveis nesse texto, que, desde a concepção do locutor (não é assinado) e do destinatário (supostamente, o aluno), do suporte de veiculação (o livro didático) até a apresentação gráfica (foto de uma manifestação em Paris, com ausência de dados contextuais), não fornece pistas de que se trata de um gênero propriamente dito.

A fim de proporcionar uma boa visualização da página do manual em que consta o referido texto, optamos por situá-la a seguir, em versão fotocopiada e reduzida.

---

<sup>27</sup> Trata-se, inclusive, do manual didático adotado para o nível 5 do grupo de francês selecionado para esta pesquisa.



### Thème

- la place du travail dans notre vie

### Savoir-faire

- exprimer son opinion et la justifier
- convaincre
- comprendre un texte argumentatif

### Vocabulaire

- des mots pour parler du travail et de ce qu'on aime faire
- des expressions pour dire qu'on n'est pas d'accord

### Grammaire

- le plus-que-parfait
- le conditionnel passé
- la subordonnée conditionnelle :  
si + plus-que-parfait
- les pronoms personnels
- des mots de coordination
- révision :  
la subordonnée conditionnelle



## *Dis-moi ce que tu fais, je saurai qui tu es*

Deux personnes se rencontrent. Après les présentations, la première question est souvent : « Et vous faites quoi dans la vie ? » Ce qui veut dire, en réalité : « Quand je saurai ce que vous faites, je saurai qui vous êtes. »

Plus le travail se fait rare, plus il prend de l'importance dans notre vie. D'un côté, il y a les chômeurs qui en cherchent, de l'autre, les salariés qui font tout pour garder leur emploi. D'un côté rien, mais de l'autre, souvent trop. Pour garder leur travail, pour gagner plus, beaucoup sacrifient leurs soirées et leurs week-ends, oublient les loisirs, les rencontres avec les amis et regardent leur montre quand ils sont avec leurs enfants. Mais aujourd'hui aussi, des gens rêvent de changement. Ils préfèrent un rythme plus lent et une meilleure qualité de vie aux avantages de la réussite. 53 % de ceux qui travaillent souhaitent avoir plus de temps libre que d'argent. Alors, prêts pour un monde où le travail ne serait plus la seule valeur de notre vie ? Pas facile, mais certains essaient. Une chose est sûre : personne ne rêve d'être chômeur.

### ① Lisez le texte. Vrai ou faux ?

1. Le travail est très important dans la vie.
2. Quand on rencontre quelqu'un, on lui demande ce qu'il fait comme travail.
3. Beaucoup de salariés sont stressés.
4. 53 % des salariés aimeraient travailler plus.
5. Personne ne veut changer de mode de vie.

D'un côté... de l'autre...



Além deste, outros exemplos estão disponíveis para consulta nesse manual. Para o trabalho da expressão escrita, por exemplo, a unidade 9 propõe a leitura de um texto intitulado “Prochaine sortie théâtre” (p. 91) escrito por um representante do “Club des anciens de Miribel-sur-Lac” sobre a peça “Le malade imaginaire” de Molière. A exploração da compreensão escrita inicia-se pela questão “Qui a écrit ce texte? Pour qui? Pourquoi?”. O desconhecimento do gênero proposto, uma circular de clube de anciãos, torna praticamente impossível para os alunos responder a tais questões. A dificuldade de reconhecer o gênero discursivo proposto, nesse e em outros exemplos, dificulta ainda mais a questão dos referentes culturais.

A fim de proporcionar uma boa visualização da página do manual em que consta o referido texto, optamos por situá-la a seguir, em versão fotocopiada e reduzida.

# E P R E M I E R



## ♦ ÉCRIT ♦

Club des anciens de Miribel-sur-Lac

### PROCHAINE SORTIE THÉÂTRE

#### LE MALADE IMAGINAIRE DE MOLIÈRE

Nous avons assisté pour vous à une représentation de la pièce. C'est une merveilleuse comédie où l'on se moque de la médecine et des médecins. Elle est en fait très actuelle quand on pense aux problèmes de la Sécurité sociale, aux manifestations de médecins, aux réformes proposées par l'État. On y retrouve le type du « malade » qui a seulement besoin qu'on s'occupe de lui et que son médecin le prenne – lui et ses maladies – au sérieux. Quelques bonnes paroles, quelques médicaments, et tout le monde est content.

Nous avons particulièrement apprécié le comédien qui jouait Argon, le malade imaginaire. Les docteurs nous ont fait pleurer de rire. Mais la meilleure interprétation est celle de Toinette, la servante : elle dit toujours ce qu'elle pense, ne fait que ce qui lui plaît, elle se déguise en médecin pour mieux se moquer de son patron ! Les spectateurs autour de nous étaient contents de leur soirée. Les pièces classiques sont souvent plus amusantes que le théâtre moderne.

Dans notre club, tout le monde a plus de 60 ans, et on parle sans doute trop souvent de problèmes de santé. Pour une fois, nous pourrions en rire. Si vous êtes de cet avis, inscrivez-vous pour notre prochaine sortie théâtrale !

#### • Inscriptions avant le 4 février.

Soirée le jeudi 18 février

Prix des places : 180 F (première catégorie)

ou 150 F (deuxième catégorie).

#### POUR VOUS AIDER À ÉCRIRE...

On emploie les pronoms pour faire avancer le texte sans perdre le fil.

*Le Malade imaginaire... C'est une merveilleuse comédie... Elle est en fait... On y retrouve...*

#### ❶ Qui a écrit ce texte ? Pour qui ? Pourquoi ?

#### ❷ Repérez dans le texte les phrases où les auteurs :

1. disent qu'ils sont allés au théâtre ;
2. disent qu'ils ont aimé la pièce ;
3. parlent de la pièce en générale ;
4. parlent de certains aspects de la pièce ;
5. s'adressent aux lecteurs.

#### ❸ Complétez le plan ci-dessous.

Reportez-vous aux éléments soulignés dans le texte.

1. En-tête : le nom du club. ...

2. Objet de la lettre.

*Prochaine sortie théâtre ...*

3. Première partie.

a. Les démarrages

*Nous avons assisté...*

b. Les informations générales sur le spectacle.

*C'est une merveilleuse comédie...*

4. Deuxième partie : les informations détaillées.

*Nous avons particulièrement apprécié...*

5. Troisième partie : l'invitation.

*Dans notre club...*

#### ❹ Vous êtes le responsable d'une association culturelle. Vous avez assisté à un spectacle (film, pièce de théâtre, concert) que vous avez particulièrement aimé. Vous voulez organiser une sortie pour les membres de votre club.

À deux, vous écrivez un texte pour faire le compte rendu de votre soirée et pour les inciter à vous accompagner. Suivez le plan du texte ci-dessus.

## ♦ ORAL ♦

#### ❺ Un spectacle va avoir lieu dans votre ville (concert, pièce de théâtre, son et lumière). Vous téléphonez à un(e) de vos ami(e)s et vous lui demandez de vous accompagner.

N'oubliez pas de préciser :

– le lieu et la date du concert ;

– de quoi parle le spectacle ;

– pourquoi vous voulez y aller ;

– le prix des places.

Votre ami(e) n'est pas d'accord. Essayez de la/la convaincre de venir avec vous.

### 2.2.2 Critérios de Seleção

Ter por objeto de ensino os gêneros discursivos de uma dada cultura remete forçosamente à questão dos critérios adotados para a seleção dos gêneros a serem trabalhados. É notável, na época atual, a variedade de gêneros orais e escritos disponíveis nas sociedades desenvolvidas, o que se deve em grande parte a uma tendência de disseminação da informação. O exemplo mais evidente é a quantidade de gêneros veiculados pelos meios de comunicação de massa: a imprensa (artigo, reportagem, entrevista, editorial, etc.), a televisão (jornal televisivo, novela, entrevista, debate, etc.), a internet (carta eletrônica, hipertexto, *chat*, etc.).

Ao optar por trabalhar com gêneros do discurso, o professor deve levar em conta essa diversidade e ainda as condições de aprendizagem, como os objetivos visados na atividade com o gênero para a abordagem dos conteúdos e para a assimilação de práticas discursivas coerentes com a realidade e os conhecimentos dos alunos. A título de ilustração, o trabalho com o gênero “carta eletrônica” pressupõe que todos os alunos estabelecem ou já estabeleceram algum contato com a internet, o que, infelizmente, ainda não constitui uma realidade.

Diante das lacunas apresentadas pela seleção dos gêneros e seu modo de exploração nos manuais didáticos franceses, buscamos as contribuições de algumas pesquisas de orientação didática para tratar a questão do gênero no ensino de línguas.

As diretrizes pedagógicas reformuladas recentemente para o ensino da língua portuguesa no Brasil, os PCNs (1998), propõem um currículo orientado para a interpretação e produção de linguagem segundo o critério de circulação social.

... a seleção de textos deve privilegiar textos de gêneros que aparecem com mais frequência na realidade social e no universo escolar, tais como notícias, editoriais, cartas-argumentativas, artigos de divulgação científica, verbetes enciclopédicos, contos, romances, entre outros. (...) A diversidade não deve contemplar apenas a seleção dos textos; deve contemplar, também, a diversidade que acompanha a recepção a que os diversos textos são submetidos nas práticas sociais de leitura. (PCNs, 1998, p. 26)

Observa-se, nessa citação, a opção dos PCNs por trabalhar os textos de forma articulada com os “usos públicos da linguagem” (p. 24), a partir da constatação de que “não se justifica tratar o ensino gramatical desarticulado das práticas de linguagem” (p. 28).

Ainda que destinadas ao ensino da língua materna, o português do Brasil, as idéias centrais contidas nos PCNs também são úteis em língua estrangeira. Nossa afirmação fundamenta-se no foco direcionado por essas diretrizes para a linguagem e não para um sistema lingüístico em particular.

O domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade lingüística, são condições de possibilidade de plena participação social. Pela linguagem, os homens e as mulheres se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, partilham ou constroem visões de mundo, produzem cultura. (PCNs, 1998, p. 19)

Transcrevemos a seguir os gêneros selecionados pelos PCNs (1998) para o trabalho da recepção e produção escritas na disciplina de língua portuguesa do terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Optamos por transcrever unicamente os gêneros previstos para o trabalho das competências de escrita, o que está em conformidade com esta pesquisa.

Os gêneros “privilegiados” pelos PCNs (1998, p. 54) para a prática de leitura de textos são divididos em:

- **Literários:** conto, novela, romance, crônica, poema, texto dramático.
- **De Imprensa:** notícia, editorial, artigo, reportagem, carta do leitor, entrevista, charge e tira.
- **De Divulgação científica:** verbete enciclopédico (nota/artigo), relatório de experiências, didático (textos, enunciados de questões), artigo.
- **Publicidade:** propaganda.

Os gêneros “sugeridos” pelos PCNs (1998, p. 57) para a prática de produção de textos escritos dividem-se em:

- **Literários:** crônica, conto, poema.
- **De Imprensa:** notícia, artigo, carta do leitor, entrevista.
- **De Divulgação científica:** relatório de experiências, esquema e resumo de artigos ou verbetes de enciclopédia.

Como se pode ver, o critério de seleção adotado pelos PCNs, a saber, o de “circulação social”, deve ser o mesmo em língua estrangeira, pelo fato de que leva em conta os usos mais complexos da linguagem pertinentes aos saberes e às práticas dos aprendizes.

No artigo “Gêneros e progressão em expressão oral e escrita. Elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona)”, Dolz e Schneuwly (1996, p. 1; trad. de: Roxane H. R. Rojo) propõem, para a série final do ensino fundamental, um currículo orientado “em função das capacidades e das experiências necessárias ao aprendiz”, levando em conta as condições e os objetivos da aprendizagem.

As seqüências didáticas concebidas por esses autores para o ensino da produção oral e escrita “buscam confrontar os alunos com práticas de linguagem historicamente construídas, os gêneros textuais, para dar-lhes possibilidades de reconstruí-las e delas se apropriarem”. Essa apropriação, segundo eles, realiza-se mediante a interação de três fatores: “as especificidades das práticas de linguagem que são objeto de aprendizagem; as capacidades de linguagem dos aprendizes e as estratégias de ensino propostas pela seqüência didática.” (DOLZ e SCHNEUWLY, 1996, p. 7; trad. de: Roxane H. R. Rojo).

Tendo em vista a grande variedade de gêneros realizados na sociedade, os autores elaboraram um currículo com “agrupamento de gêneros”, cujos critérios de seleção são assim expostos:

É preciso que os agrupamentos: 1) correspondam às grandes finalidades sociais legadas ao ensino, respondendo às necessidades de linguagem em expressão escrita e oral, em domínios essenciais da comunicação em nossa sociedade (inclusive a escola); 2) retomem, de modo flexível, certas distinções tipológicas que já figuram em numerosos manuais e guias curriculares; 3) sejam relativamente homogêneos quanto às capacidades de linguagem dominantes implicadas na mestria dos gêneros agrupados.” (DOLZ & SCHNEUWLY, 1996, p. 12; trad. de: Roxane H. R. Rojo).

A título de ilustração, transcrevemos abaixo um dos quatro agrupamentos de gêneros propostos para o ensino da expressão oral e escrita. Como o gênero discursivo selecionado na presente pesquisa é a carta do leitor, selecionamos o agrupamento em que ele é inserido.

QUADRO 1 – PROPOSTA DE SELEÇÃO DE GÊNEROS (DOLZ &amp; SCHNEUWLY, 1996)

<i>Domínios sociais de comunicação</i>  <b>ASPECTOS TIPOLÓGICOS</b>  Capacidades de linguagem dominantes	Exemplos de gêneros orais e escritos
<i>Discussão de problemas sociais controversos</i>  <b>ARGUMENTAR</b>  Sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição	Textos de opinião Diálogo argumentativo Carta de leitor Carta de reclamação Carta de solicitação Deliberação informal Debate regrado Editorial Discurso de defesa (advocacia) Requerimento Ensaio Resenhas críticas ...

Como se pode notar, a elaboração das seqüências didáticas por agrupamentos de gêneros é orientada por três fatores, “domínios sociais de comunicação”, “aspectos tipológicos” e “capacidades de linguagem dominantes”, que pretendem conciliar aspectos ao mesmo tempo discursivos e lingüísticos dos gêneros.

Na didática, os critérios de seleção adotados pelos pesquisadores suíços revelam-se pertinentes, uma vez que buscam sistematizar lingüisticamente a heterogeneidade funcional dos gêneros. Nessa perspectiva, tal modelo fornece instrumentos que possibilitam ao professor trabalhar com textos de forma mais realista, ainda que não dê conta das imprevisibilidades.

## 2.3 COMO TRABALHAR COM GÊNEROS NO ENSINO?

No intuito de evitar uma abordagem descontextualizada do texto na aula de língua, propomos que se trabalhe a noção de tipo juntamente com a noção de gênero, ou seja, que se proponha ao aprendiz situações reais de aprendizagem, aptas a formá-los para o uso efetivo da linguagem.

Dentro dessa perspectiva, é indispensável diferenciar os conceitos de gênero e tipo, pois, a despeito de suas especificidades, os termos são tratados muitas vezes como equivalentes no ensino, o que pode constituir, a nosso ver, uma herança da tradição tipológica de abordagem do texto, que consiste em classificá-lo em narrativo, descritivo, argumentativo e dialogal sem levar em conta os fatos discursivos.

Pesquisador da lingüística textual, Marcuschi (2002, p. 25) diz que “em geral, a expressão *‘tipo de texto’*, muito usada nos livros didáticos e no nosso dia-a-dia, é equivocadamente empregada e não designa um tipo, mas sim um *gênero de texto*”. É preciso admitir que os próprios alunos distinguem mal a diferença entre os dois conceitos, caracterizando, por exemplo, o gênero carta como uma narração.

### 2.3.1 Gênero e Tipo

As conceitualizações que ora seguem situam-se num quadro geral de acepção dos gêneros discursivos e dos tipos textuais como instâncias, respectivamente, discursiva e lingüística dos textos. Inspiramo-nos especialmente de algumas obras de orientação didática<sup>28</sup>, além das orientações de pesquisa dos PCNs (1998) previstas para o ensino do português no Brasil.

Gênero discursivo ou textual e tipo são duas noções distintas elaboradas em quadros teóricos complementares para dar conta da regularidade das manifestações concretas de linguagem.

A distinção no uso dos termos “gênero discursivo” e “gênero textual” diz respeito menos a uma questão conceitual do que à focalização sobre o aspecto empírico (discursivo) ou material (textual) das produções. As pesquisas em lingüística falam em “gêneros do discurso”, já as pesquisas realizadas em didática empregam a variante “gênero textual”. Nesse

---

<sup>28</sup> Conferir, nesta bibliografia, Dionísio, Machado, Bezerra (org.) (2002); Rojo (org.) (2000) e Brandão (coord) (2001).

sentido, são equivalentes, pois partem da assunção dos discursos como “gêneros”. Neste trabalho, empregamos “gênero discursivo”.

A despeito dos diferentes sentidos<sup>29</sup> atribuídos a essas noções pelos lingüistas, tende-se a considerar o gênero discursivo segundo a concepção bakhtiniana mencionada neste trabalho, e o tipo pela abordagem da lingüística textual, cujo representante aqui referido é J.-M. Adam (2001a).

Em artigo dedicado à transposição didática da “carta do leitor” no ensino do Brasil, Bezerra (2002, p. 209) define os gêneros textuais como “textos empiricamente realizados, encontrados na sociedade de forma materializada (tais como artigo, entrevista, notícia, receita culinária, romance, crônica e tantos outros), situados no tempo e no espaço”. Essa definição, ainda que sintética, contém a essência do gênero discursivo na concepção bakhtiniana. A autora evidencia o caráter empírico do gênero, concebendo-o como uma manifestação concreta da linguagem fortemente associada à história. Depreende-se dessa definição que os gêneros discursivos só existem atrelados a um momento histórico e a uma dada cultura. Tal afirmação conduz à constatação de que os critérios que definem o gênero correspondem à sua existência, efêmera e relativa, enquanto fenômenos históricos.

As características sócio-comunicativas dos gêneros discursivos, referidas na citação anterior, correspondem ainda a um critério de circulação social. A aparente heterogeneidade dos gêneros mencionados explica-se pelo fato de que a comunicação só se faz por meio de gêneros e estes são identificáveis numa sociedade e numa época específicas.

Marcuschi assim resume as características dos gêneros:

(...) os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades lingüísticas e estruturais. São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sócio-pragmáticos caracterizados como práticas sócio-discursivas. Quase inúmeros em diversidade de formas, obtêm denominações nem sempre unívocas e, assim como surgem, podem desaparecer. (MARCUSCHI, 2002, p. 20).

São exemplos de gêneros discursivos, segundo Marcuschi (2002), o telefonema, o sermão, a carta comercial, a carta pessoal, o romance, o bilhete, a aula expositiva, a reunião de condomínio, o horóscopo, a receita culinária, a bula de remédio, a lista de compra, o cardápio, as instruções de uso, o *outdoor*, o inquérito policial, a resenha, o edital de concurso,

<sup>29</sup> Na literatura, os gêneros são modelos clássicos de composição, definidos, dentre outros, por regras formais e temáticas, que diferenciam um romance de uma novela ou conto, por exemplo.



a piada, a conversação espontânea, a conferência, a carta eletrônica, o bate-papo virtual, as aulas virtuais, etc.

É com base em tais critérios, sócio-discursivos, que Marcuschi lista uma série de gêneros discursivos realizados na época atual, em que predomina a influência dos recursos midiáticos, notadamente da comunicação eletrônica.

Em seu artigo fundador, Bakhtin (1984) cita para gêneros discursivos marcados pela heterogeneidade funcional as breves réplicas do diálogo do cotidiano, a carta, o comando militar lacônico padronizado, os documentos oficiais, o universo das manifestações publicísticas (como o discurso político), a exposição científica e os gêneros literários.

Como se pode notar, a catalogação de gêneros efetuada por Bakhtin e a de Marcuschi apresentam um distanciamento social e temporal. Tal constatação corrobora o caráter histórico que acompanha a noção de gênero.

Os tipos textuais diferem dos gêneros por sua forte associação às estruturas lingüísticas da produção verbal, as quais permitem que o discurso se realize em um texto. Enquanto os gêneros se definem pela natureza social do enunciado, os tipos contemplam a dimensão lingüística das manifestações de linguagem. Marcuschi assim define o tipo:

Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza lingüística de sua composição [aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas]. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. (MARCUSCHI, 2002, p. 22)

Assim, a noção de gênero está mais diretamente associada ao discurso, na medida em que constitui uma manifestação concreta da linguagem no ambiente da troca verbal. O tipo, por sua vez, situa-se no nível da organização textual, desvinculado de fatores sócio-discursivos.

De modo geral, os textos atestam uma heterogeneidade tipológica em grande parte das ocorrências, sendo possível detectar a presença de vários tipos textuais em um mesmo e único texto.

Tome-se por exemplo uma carta enviada a um amigo em que o locutor narra uma festa a que esteve presente (seqüência narrativa), descreve os convidados (seqüência descritiva), explica como procedeu para atender às normas de boa conduta (seqüência explicativa), expressa sua opinião a respeito daquele tipo de festa (seqüência argumentativa) e ainda transcreve o diálogo travado com um convidado (seqüência dialogal). Como se vê, os

mecanismos lingüísticos-textuais empregados pelo locutor da carta são de natureza textual distinta, e servem a seus variados propósitos comunicativos.

Marcuschi (2002) aponta o controle das seqüências tipológicas no texto como um dos problemas (ou soluções) para um bom domínio da coesão textual.

*A rigor, pode-se dizer que o segredo da coesão textual está precisamente na habilidade demonstrada em fazer essa “costura” ou tessitura das seqüências tipológicas como uma armação de base, ou seja, uma malha infra-estrutural do texto. (MARCUSCHI, 2002, p. 27)*

Para Adam (2001a, p. 7), as dificuldades de compreensão de textos orais e escritos manifestadas por leitores não-proficientes se explicam em parte pela falta de controle dos esquemas textuais prototípicos. Conseqüentemente, a compreensão global da estrutura composicional do texto, para esses leitores, fica sujeita à resolução de micro-problemas lingüísticos que dizem respeito ao conhecimento das seqüências textuais.

Sendo os gêneros a via de manifestação do discurso nas diversas esferas sociais de atividade humana, os tipos são o modo lingüístico dessa realização. Em função de suas características temáticas, estilísticas, composicionais e situacionais o gênero se torna reconhecível na esfera de atividade humana em que se manifesta, ainda que possa existir a subversão do gênero.

Em uma publicidade televisiva recente da operadora Embratel, presencia-se uma conversa telefônica entre amigas sem nenhuma referência explícita ao produto que se deseja anunciar, ou seja, o serviço de telefonia local e à distância oferecido por essa empresa. O que assegura o reconhecimento do gênero, nesse caso em específico, são os elementos da interação, como o tema (ligação telefônica entre duas amigas, uma das quais a garota-propaganda do anunciante), o lugar social (televisão), a relação entre os participantes (anunciante e espectador/consumidor), o contrato (no intervalo da programação televisiva, espera-se encontrar publicidades).

O mesmo não ocorre com o tipo, visto estar limitado à composição textual e desvinculado do contexto de enunciação.

Segundo Brandão (no prelo), os gêneros são marcados por uma “dimensão dialogal inter-genérica” e por uma “dimensão dialogal intra-genérica”. A dimensão dialogal intergenérica diz respeito à heterogeneidade tipológica, exemplificado anteriormente com a carta familiar. Já a dimensão dialogal intragenérica concerne o “diálogo interdiscursivo que se estabelece entre diferentes manifestações textuais pertencentes a um mesmo gênero”. A

autora ilustra a intertextualidade com os poemas derivados da “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, em que as novas produções fazem uma alusão explícita ao referido poema, servindo-se propositadamente de sua estrutura composicional para criar novas significações, com tema e estilo distintos. Os efeitos de sentido dependem das intenções desejadas, como por exemplo o reconhecimento do poema original e, por extensão, a crítica ao patriotismo do poeta romântico.

Como se vê, gênero e tipo são noções distintas que se complementam, sendo ambas úteis e necessárias no ambiente pedagógico. Os gêneros constituem formas empiricamente realizadas e os tipos são categorias prototípicas que dotam os falantes de mecanismos textuais e lingüísticos próprios para a expressão. A esse respeito, Marcuschi (2002, p. 29) diz que “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma de realizar lingüisticamente objetivos específicos em situação sociais particulares”. A relação do gênero ao tipo é a relação “diferença e repetição” (CHISS, 1987), o mesmo e o outro, aparentemente contraditória mas, como se pôde observar, pertinente.

Em virtude das relações existentes entre o gênero e o tipo, na medida em que este estrutura o gênero, essas denominações podem se confundir e adquirir interpretações inadequadas, especialmente no uso que delas fazem os professores em sua prática pedagógica. No artigo “PCNs, gêneros e ensino de língua: faces discursivas da textualidade”, Brait (2000) chama a atenção para o uso indiferenciado das terminologias e dos conceitos de gênero e tipo no ensino. Evocando as propostas apresentadas pelos PCNs, Brait aponta um problema no tratamento dos conceitos, na medida em que são diversos os campos teóricos e as possibilidades de trabalho pedagógico.

A autora pretende demonstrar que a dinamicidade do gênero não serve a qualquer tentativa de aplicação, mas tem a vantagem de valorizar o *corpus* (a materialidade), surpreendendo pelas diferentes organizações textuais assumidas. Ela destaca igualmente a importância de se conceber os gêneros discursivos de Bakhtin como manifestações da linguagem verbal pré-determinadas pela esfera de atividade humana de dois falantes, levando-se em conta as condições de produção, circulação e recepção.

O gênero discursivo engloba sistema e uso e o modo como o faz – sua estrutura – é tão variado quanto as esferas de atividade humana. Por esse motivo, segundo a autora, as tipologias textuais ignoram o papel das esferas de atividade em que os gêneros se desenvolvem, bem como seus modos de circulação. Na visão de Brait, a tipologia textual descaracteriza a perspectiva de Bakhtin, segundo a qual deve-se estabelecer um “contato dialógico” com os enunciados, que é sempre inconcluso.

Assim, em seu artigo, Brait mostra que gênero discursivo e tipo textual são conceitos complementares, visto que todo gênero discursivo realiza uma ou várias seqüências textuais, mas distintos quanto ao funcionamento. O gênero é um fato discursivo que envolve falantes em uma dada esfera de atividade humana e constitui uma resposta aos enunciados precedentes, instaurando uma réplica na interação que segue. A tipologia textual é um fato lingüístico que pode, ou não, levar em conta as condições de produção, recepção e circulação do gênero.

Do ponto de vista teórico, as reflexões de Brait a respeito do gênero e do tipo parecem-nos enriquecedoras, tendo em vista que, apesar de serem tratadas muitas vezes como equivalentes, essas noções são nitidamente distintas.

### 2.3.2 Ensino do FLE

Efetuadas as devidas distinções entre gênero e tipo, acreditamos ser rentável o trabalho conjunto dessas noções num ambiente didático.

Dentre as tipologias elaboradas para a classificação dos gêneros, selecionamos a tipologia seqüencial de Adam (2001a). Sem descartar a validade de outras propostas de cunho didático, nossa escolha justifica-se do ponto de vista metodológico pelo fato de que a tipologia textual lida com conceitos familiares aos aprendizes brasileiros.

Même si elles sont toutes, à leur manière, "originales", chacune des séquences reconnues comme descriptives, par exemple, partagent entre elles un certain nombre de caractéristiques d'ensemble, un air de famille qui incite le lecteur interprétant à les reconnaître comme des séquences descriptives plus ou moins typiques, plus ou moins canoniques. Il en va exactement de même pour une séquence narrative, explicative ou argumentative. (ADAM, 1991, p. 11)

É notável, a esse respeito, a tradição de ensino da compreensão e da expressão escritas nos manuais didáticos brasileiros a partir da tipologia textual<sup>30</sup>. Há uma divisão nítida entre texto narrativo, descritivo, dialogal e dissertativo (argumentativo), sendo o texto explicativo menos comum em nossas práticas. Os exercícios propostos, inclusive, partem da noção de tipo e não da noção de gênero. Um exemplo claro dessa situação é a exigência, nos

---

<sup>30</sup> Cf. Savioli, F. P. & Fiorin, J. L. (2002); Granatic, B. (1995); Carneiro, A. D. (1993); Serafini, M. T. (1987) e Faraco & Moura (1987)

exames de ingresso em universidades brasileiras, da redação dissertativa (argumentativa) a partir de um tema proposto, cuja nota concorre fortemente para a aprovação do candidato<sup>31</sup>.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) são justamente uma proposta de elaboração de currículos para a disciplina de língua portuguesa no Brasil a partir da noção de gênero. Relativamente recentes, os PCNs ainda se encontram em vias de implantação.

Em língua estrangeira, acreditamos ser essa questão de suma importância, visto que, paralelamente ao ensino da compreensão e expressão oral e escrita dos gêneros, coloca-se o fato de que se trata de um código lingüístico diferente.

Por outro lado, acreditamos que a heterogeneidade tipológica dos gêneros, longe de constituir um obstáculo, deve antes ser direcionada em contexto pedagógico para as especificidades das práticas discursivas, evitando-se assim uma abordagem tradicional e irrealista dos textos.

Procurando desenvolver no aluno a capacidade de compreender textos orais e escritos e de assumir a palavra, produzindo textos em situações de participação social, o que se propõe ao ensinar os diferentes usos da linguagem é o desenvolvimento da capacidade construtiva e transformadora. (PCNs, 1998, p. 41)

Jean-Michel Adam (2001a, p. 7) avança alguns passos na teoria dos gêneros formulada por Bakhtin, em direção da articulação do “texto-discurso”. Sua hipótese é a de que, a despeito da resistência apresentada pelos lingüistas com relação a uma tipologização dos discursos, heterogêneos em sua essência, existe um número significativo de estruturas textuais de base, prototípicas, que auxiliam o sujeito, intuitivamente, na atividade de textualização<sup>32</sup>. É o que sugere a citação a seguir:

L'hypothèse de l'existence d'un petit nombre de types séquentiels de base – types monogérés narratif, descriptif, argumentatif et explicatif ainsi que type polygéré dialogal – a pour but de théoriser de façon unifiée l'hétérogénéité compositionnelle des discours. (...) Cette hypothèse a aussi pour finalité (...) de tenir compte d'une catégorisation relativement intuitive et proche des jugements spontanés des sujets (...). Sans l'existence de telles catégories, notre appréhension des énoncés produits serait probablement impossible: nous serions submergés par la diversité absolue, par une impression chaotique que

<sup>31</sup> Em uma análise dos gêneros textuais das redações exigidas para o vestibular, Serafini (1987, adapt. de A. L. M. Garcia, p. 103) diz que “a redação do vestibular testa sobretudo a capacidade de escrever textos de tipo argumentativo, própria das dissertações; quase não se dá espaço às brincadeiras e à diversão que a escrita pode proporcionar”.

<sup>32</sup> Traduzimos aqui “mise en texte” por “textualização”, que deve ser entendida como a passagem do discurso ao texto, através dos mecanismos de estruturação do texto.

les régularités syntaxiques ne compenseraient certainement pas. (ADAM, 2001a, p. 6)

Na introdução de sua obra, Adam (2001a) afirma que Bakhtin foi o lingüista que mais se interessou pelas classificações dos discursos, buscando um progresso no modo de se conceber a língua para além da oração. Tal concepção culminou com a teoria dos gêneros do discurso. Servindo-se de reflexões do autor russo para desenvolver a hipótese das seqüências de base, Adam lembra que Bakhtin prenunciou duas hipóteses lingüísticas.

A primeira hipótese diz respeito aos gêneros do discurso primários (do cotidiano, espontâneos) que compõem os gêneros secundários (elaborados, presentes na literatura, por exemplo). Segundo Adam, os gêneros primários funcionariam como formas elementares, prototípicas, que compõem os gêneros secundários, mais evoluídos.

Assim, tipos relativamente estáveis de enunciados de base estão disponíveis para infinitas combinações e transformações nos gêneros secundários. A seqüência narrativa, por exemplo, estaria na base da epopéia, da fábula, etc. A obra de Adam (2001a) desloca, portanto, o ponto de vista sócio-interacionista dos estudos de Bakhtin (1984) para uma abordagem mais propriamente lingüística da textualidade, tratando das unidades mínimas da composição textual.

A segunda hipótese levantada pelos estudos de Bakhtin (1984), segundo Adam (2001a), diz respeito à relação entre as unidades da língua (palavras, orações) e o todo do enunciado: a articulação língua/discurso, tratada pelo autor russo como uma relação diferente e desigual. No entanto, segundo Adam (2001a), Bakhtin (1984) não explica de que forma as imposições da interação determinam as escolhas lingüísticas necessárias à textualização. Ainda que relativamente autônomas, as categorias da língua são atualizadas pelo cotexto (contexto lingüístico) e pelo contexto (contexto da produção).

Para Adam (2001a), ainda que não dêem conta de todos os aspectos da compreensão e da produção, os esquemas prototípicos dotam interpretantes e produtores de uma gama de estratégias para resolução de problemas específicos. Na leitura, esses esquemas guiam e controlam as estratégias de compreensão.

Adotar como objeto de estudo os gêneros do discurso pertinentes a uma dada cultura significa, desse modo, implicar o aprendiz numa atividade maior: a de ator social, participante ativo na evolução histórica do dizer sobre o mundo. Passa-se assim, de uma visão tradicional do aprendiz enquanto um receptor passivo a um participante ativo tanto na compreensão quanto na produção de discursos.

Para tanto, partiremos do discurso em direção ao texto, ou seja, dos elementos situacionais do gênero que caracterizam sua manifestação textual. Essa abordagem prioriza os conhecimentos já adquiridos pelos aprendizes e atenua, por assim dizer, a barreira lingüística representada pela língua estrangeira. Esse procedimento leva em conta sobretudo o fato de que as dificuldades apresentadas pelos aprendizes na compreensão e produção de textos não se relacionam exclusivamente à gramática da língua, mas a outros fatores de igual relevância, como a questão da representação ou os referentes culturais.

Subentende-se dessa abordagem que o gênero discursivo diz respeito a uma forma de comunicação mais ou menos estabilizada numa determinada cultura, sem constituir, no entanto, um modelo a que as enunciações se adaptam.

Como já dissemos, o gênero obedece a imposições de ordem sócio-histórica e cultural. Cada cultura possui seus gêneros mais ou menos estabilizados. Todavia, o modo de construção lingüístico-textual dos gêneros difere entre um locutor e outro, tendo em vista que as enunciações são únicas em sua manifestação. A título de ilustração, é consensual que um leitor escreve ao jornal ou à revista para expressar um determinado ponto de vista e que, para tanto, emprega um discurso predominantemente argumentativo. Um leitor habitual desse gênero sabe, no entanto, que nem sempre a carta do leitor obedece a esse padrão textual, podendo-se encontrar uma carta predominantemente narrativa, sem que, para o leitor, a intenção comunicativa deixe de ser clara.

### CAPÍTULO III: O GÊNERO CARTA DO LEITOR

A opção pelo gênero carta do leitor no desenvolvimento das competências de compreensão e expressão escritas em língua francesa justifica-se, primeiramente, por uma abordagem sócio-discursiva da linguagem necessária à inclusão do aprendiz no cenário amplo de uso da linguagem.

A partir da familiarização com cartas do leitor autênticas, publicadas na imprensa francesa, os aprendizes podem adquirir uma significativa autonomia na atividade de produção escrita desse gênero, visto que ele promove a tomada de posição. Além disso, essa é uma via de entrada nos conteúdos culturais do país, nesse caso a França.

Em segundo lugar, a carta do leitor é um gênero estabilizado no discurso jornalístico tanto no Brasil quanto na França e, conseqüentemente, seu reconhecimento entre os aprendizes é mais ou menos intuitivo. Isso se deve, por um lado, ao fato de que a carta do leitor é um subgênero da carta (familiar ou formal), esta presente nas práticas discursivas mais corriqueiras. Por outro lado, o reconhecimento e a compreensão da carta do leitor são facilitados pela situação de comunicação implicada na concepção desse gênero: os temas, os propósitos comunicativos, o estatuto do locutor (público-leitor), do destinatário (o jornal, a instituição, o governo, o homem público, os leitores em geral) e o suporte de veiculação (seção fixa do jornal).

Um terceiro fator foi decisivo para a escolha do gênero: a heterogeneidade composicional. Aquilo a que Bakhtin chamou “a diversidade funcional dos enunciados” realiza-se plenamente na carta do leitor, um gênero explicitamente dialógico na medida em que a carta corresponde a uma resposta às opiniões emitidas direta ou indiretamente pelos veículos de informação. Como conseqüência dos modos de expressar lingüisticamente intenções comunicativas variadas e de forte orientação argumentativa, as cartas do leitor apresentam uma heterogeneidade tipológica exemplar.

Subentende-se dessa abordagem que os gêneros são formas de comunicação dinâmicas difundidas na sociedade, e é com essa heterogeneidade funcional que o aprendiz deve lidar em suas práticas discursivas extra-escolares.



Finalmente, um critério didático foi adotado relativamente à necessidade de se revitalizar a atividade de produção escrita na aula de língua como propõem as autoras da citação abaixo:

Favoriser, si l'on peut dire, une sorte de désacralisation de l'acte d'écriture, par le choix de thèmes peu intimidants, privilégiant l'imitation gratuite, ludique, parodique au besoin, de situations de communication authentique (ce qui permet, notons-le, d'entraîner tous les types de textes : fictions, commentaires, argumentations, résumés, consignes, dialogues, etc) ; par le recours à la rédaction à deux ou en groupes, etc. (REICHLER-BÉGUELIN, DENERVAUD, JESPERSEN, 1990, p. 10)

Servindo-nos do princípio de “dessacralização” do ato de escrever, constatamos que a carta do leitor contempla algumas exigências naturais da aula de língua. Trata-se de um texto autêntico que apresenta uma temática atual e em geral polêmica, podendo dar origem a debates na sala de aula. Para o aprendiz, o fator motivação nasce essencialmente da vontade de expressar um ponto de vista que se sustenta em suas crenças e verdades. Estabelece-se, assim, um elo entre os conteúdos ensinados e a prática viva da língua.

Além disso, a configuração espacial da carta do leitor revela-se eficaz no ensino. Restrita a alguns parágrafos, salvo raras exceções, esse gênero reúne os elementos essenciais para o trabalho da leitura e escrita na aula de língua, como exploração dos elementos lexicais e dos referentes culturais, identificação dos propósitos comunicativos e mecanismos de organização textual, dentre outros.

Quanto ao ensino da língua propriamente dita, a carta do leitor oferece ao professor a possibilidade de trabalhar os conteúdos gramaticais que estão em conformidade com os traços lingüísticos mais recorrentes nas cartas, como expressões que revelam o posicionamento enunciativo, dentre os quais pode-se citar o emprego de articuladores lógicos, o discurso relatado, os verbos de opinião, o modo verbal “Subjuntivo”, os termos apreciativos ou depreciativos, etc.

### 3.1 A CARTA DO LEITOR: UM GÊNERO DISCURSIVO DO JORNALISMO

A carta do leitor é um gênero discursivo do jornalismo que difere substancialmente dos outros gêneros jornalísticos, como o artigo, o editorial, a reportagem, a entrevista, a crônica, etc. Em primeiro lugar, há uma diferença quanto à posição enunciativa do locutor. Ao

passo que os gêneros jornalísticos são redigidos por profissionais do jornalismo, a carta do leitor, como o próprio nome indica, é escrita pelos leitores do veículo. Dessa alternância singular de papéis, decorre uma re-orientação do estatuto do redator de textos no jornalismo. A seção do jornal ou da revista onde figuram as cartas enviadas pelos leitores é o espaço do leitor, agora leitor-autor.

Assim, num movimento contrário, a carta do leitor é redigida por aqueles que lêem o jornal e não por aqueles que o concebem. É interessante notar, a esse respeito, que o espaço concedido ao leitor na imprensa é relativamente recente. Em pesquisa sobre a carta do leitor, Pompílio (2002) constata que a primeira carta publicada no jornal *Folha de S.Paulo* data de 1955, sendo que somente nos anos 60 o gênero adquiriu a forma que se conhece atualmente. As primeiras cartas sofriam intervenção direta do jornalista, que fazia uma espécie de relato do conteúdo das cartas enviadas. Presume-se que os ajustes técnicos, como cortes e alterações, eram mais frequentes do que na época atual.

Há ainda uma diferença evidente entre o discurso do jornalista e o discurso do leitor, manifestada por uma ruptura com os padrões jornalísticos que visam a criar efeitos de sentido de clareza e objetividade<sup>33</sup>. Escritas pelos leitores, as cartas apresentam um estilo de linguagem predominantemente subjetivo, o que revela a liberdade de expressão instituída na imprensa<sup>34</sup> atualmente.

Para o leitor-autor, o que motiva e justifica por assim dizer o emprego de um estilo predominantemente subjetivo é o desejo de manifestar uma opinião veemente a favor ou contra o objeto da carta, variando do uso do pronome pessoal de primeira pessoa ao emprego de termos avaliativos de forte conotação semântica. Essa “licença” concedida pelo jornal é mencionada na citação abaixo, que parte da constatação de que as cartas de reclamação e queixa são mais comuns do que as cartas de aprovação.

---

<sup>33</sup> O mito da objetividade no jornalismo é contestado pelos próprios veículos. No *Manual da Folha de São Paulo* (2001), a objetividade é assim definida: “Não existe objetividade em jornalismo. Ao escolher um assunto, redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma decisões em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções. Isso não o exime, porém, da obrigação de ser o mais objetivo possível” (p. 45).

<sup>34</sup> Neste trabalho, empregaremos a seguinte terminologia, segundo o *Manual da Folha de São Paulo* (2001): “Imprensa”: refere-se a todos os meios de comunicação: jornal, revista e congêneres. “Meios de comunicação”: mídia falada (rádio e televisão) e “multimídia” (a informação divulgada na internet, que se serve das várias mídias: impressa (texto), falada (vídeo) e compreende ainda a interatividade (links, hypertexto).

(...) através das cartas à redação, os leitores comuns podem participar do debate público, podem-se fazer ouvir, opinar sobre o que está acontecendo nas diferentes esferas sociais, podem tomar parte nas discussões de caráter político, econômico e social que estão em foco. A carta à redação transforma-se, portanto, num espaço de discussão, de embate de opiniões. Nas cartas, os leitores defendem idéias, doutrinas, crenças, ou seja, posicionam-se publicamente como sujeitos. A carta do leitor constitui-se, assim, num espaço privilegiado do diálogo entre discursos distintos. (MELO, 1999, p. 19)

A carta do leitor nasce do gênero primário carta (familiar ou formal), que se caracteriza por um diálogo entre no mínimo dois participantes distanciados no tempo e no espaço. Inserida no corpo do jornal, a carta enviada pelo leitor passa a ali figurar como um gênero jornalístico e sofre, portanto, as imposições de publicação, como tamanho, conteúdo, pertinência do tema, dentre outros. Assim, há uma seleção prévia das cartas realizada por um profissional do jornalismo – o editor – que se guia por alguns critérios de escolha<sup>35</sup>.

Em todo o processo que vai da elaboração da carta no universo social do leitor até a publicação do texto na seção do jornal, a concepção da carta do leitor difere do gênero primário carta (familiar ou formal).

No quadro<sup>36</sup> abaixo, ilustramos as especificidades fundamentais do gênero primário carta (familiar e formal) e do subgênero carta do leitor. Não incluímos a “mensagem eletrônica” ou e-mail, por considerá-la um outro gênero discursivo.

**QUADRO 2 – ESPECIFICIDADES DO GÊNERO PRIMÁRIO CARTA (FAMILIAR E FORMAL) E DO GÊNERO SECUNDÁRIO CARTA DO LEITOR**

	<b>Carta Familiar</b>	<b>Carta formal</b>	<b>Carta do leitor</b>
<b>Remetente</b>	Pessoas íntimas	Pessoas desconhecidas	Leitor do veículo
<b>Destinatário</b>	(Específico) Aquele a quem a carta é endereçada: amigo, parente.	(Específico) Aquele a quem a carta é endereçada: pessoa física, empresa, instituição.	(Variado) Aquele que divulga a carta: o jornal, a revista; Aquele a quem a carta é endereçada: veículo, governo, pessoa pública; Aqueles que adquirem o jornal ou a revista: os leitores.

<sup>35</sup> A edição das cartas é um assunto a ser tratado posteriormente neste trabalho.

<sup>36</sup> O quadro foi elaborado por nós, com as contribuições de Marcuschi (2002) e Adam (2001a).

QUADRO 2 – ESPECIFICIDADES DO GÊNERO PRIMÁRIO CARTA (FAMILIAR E FORMAL) E DO GÊNERO SECUNDÁRIO CARTA DO LEITOR

<p><b>Propósito Comunicativo</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Trocar informações;</li> <li>- Contar e saber novidades;</li> <li>- Desejar felicidades, etc.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Solicitar informações;</li> <li>- Fazer reclamações sobre um serviço;</li> <li>- Responder a um pedido de informação ou reclamação;</li> <li>- Divulgar um produto, etc.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Parabenizar;</li> <li>- Criticar artigo do jornal;</li> <li>- Expressar descontentamento com situação política, econômica etc.;</li> <li>- Fazer reclamações;</li> <li>- Dar sugestões;</li> <li>- Expressar acordo ou desacordo com artigo publicado, tema, opinião emitida no jornal ou na sociedade, etc.</li> </ul>
<p><b>Plano de texto</b></p>	<p>(Fixo)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Local, data</li> <li>- Fórmula de abertura: <i>querido(a) ... cher(e) ...</i>,</li> <li>- Corpo da carta</li> <li>- Fórmula de fechamento: <i>com carinho... , bien amicalement ...</i></li> <li>- Assinatura</li> </ul>	<p>(Fixo)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Endereço do remetente e do destinatário</li> <li>- Local, data</li> <li>- Fórmula de abertura: <i>Prezado(a) Sr(a). ...</i></li> <li>- Corpo da carta</li> <li>- Fórmula de fechamento: <i>atenciosamente ...</i></li> <li>(em francês, fórmula de polidez: <i>Je vous prie d'accepter ...</i>)</li> <li>- Assinatura</li> </ul>	<p>(Mais ou menos fixo segundo o veículo)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Título</li> <li>- Intertítulo ou nota do editor (opcional)</li> <li>- Corpo da carta</li> <li>- Assinatura</li> <li>- Local ou endereço eletrônico</li> </ul>
<p><b>Composição textual (tipos)</b></p>	<p>(Heterogêneo)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Várias seqüências textuais (narrativa, descritiva, explicativa, argumentativa, dialogal).</li> <li>- Dominante: narrativa.</li> </ul>	<p>(Heterogêneo)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Várias seqüências textuais (narrativa, descritiva, explicativa, argumentativa, dialogal).</li> <li>- Dominante: injuntiva.</li> </ul>	<p>(Heterogêneo)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Várias seqüências textuais (narrativa, descritiva, explicativa, argumentativa, dialogal).</li> <li>- Dominante: argumentativa.</li> </ul>
<p><b>Recepção</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Texto integral</li> <li>- Esfera particular</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Texto integral</li> <li>- Esfera particular</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Com eventuais cortes e alterações do editor.</li> <li>- Esfera pública (publicação diária ou mensal)</li> </ul>
<p><b>Envio</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Via correio</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Via correio</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Via correio, fax ou internet</li> </ul>

QUADRO 2 – ESPECIFICIDADES DO GÊNERO PRIMÁRIO CARTA (FAMILIAR E FORMAL) E DO GÊNERO SECUNDÁRIO CARTA DO LEITOR

	(Monogerada)	(Monogerada)	(Poligerada)
<b>Tipo de Enunciação</b>	- um escritor: amigo, parente.	- um escritor: pessoa física ou jurídica.	- intervenção do editor mediante ajustes técnicos e eventuais cortes e reformulações.
<b>Suporte</b>	- Papel manuscrito ou impresso	- Papel manuscrito ou impresso	- Impresso (página do jornal ou revista)
<b>Estilo</b>	- Informal: primeira pessoa (eu), tratamento informal (você), termos avaliativos e afetivos, emprego de gíria ou termos coloquiais. - Registro: coloquial	- Formal: primeira pessoa (nós), tratamento formal ( <i>Prezado Sr. (a) ...</i> ) - Registro: norma culta	- Formal ou informal de acordo com as normas do veículo. - Registros: norma culta, coloquial.

Como se pode notar pelo quadro, a carta do leitor conserva alguns aspectos da carta (familiar e formal) mas o contexto de enunciação distingue-se fundamentalmente do gênero original, em razão de seu caráter público. Assim, o gênero elaborado assume uma nova dimensão, em que a enunciação deixa de ser espontânea para se relacionar com o contexto maior de produção: a relação dialógica das cartas ou discursos anteriores que é tornada pública através da imprensa.

Expomos a seguir as características da seção dedicada à carta do leitor em revistas e jornais brasileiros e franceses.

### 3.1.1 A Seção de Cartas

A imprensa divulga a carta do leitor em seções especialmente concebidas para esse gênero. As características da seção, como nome da rubrica, localização, número de cartas, diagramação, dentre outros, variam de um veículo a outro.

A fim de ilustrar a seção de cartas, descrevemos abaixo um exemplar de cada veículo. A notar que foram consultados mais de três exemplares para cada jornal ou revista e que eles apresentavam a mesma configuração espacial (localização, diagramação, recursos gráficos,

nome da rubrica, etc.), à exceção de um exemplar do semanário *L'Express*, o que se explica por uma alteração editorial na apresentação da seção, a partir de uma época específica. Para facilitar a visualização, separamos os veículos por periodicidade.

### Jornais

#### *Le Figaro* (França)

Nome da seção: *Courrier des lecteurs*

Localização: após as rubricas “International”, “France/Société”, na rubrica “Débats et opinions”, ao lado de “dessin”, “chronique” e “articles”, uma página após o editorial.

Exemplar consultado: 26/09/2002 (p. 16)

#### *Le Monde* (França)

Nome da seção: *Au courrier des lecteurs*

Localização: após as rubricas “International”, “Union Européenne”, “France”, “Société”, “Régions”, na rubrica “Horizons (kiosque)”, antes do editorial.

Exemplar consultado: 18/09/2002 (p. 17)

\*Observação: seção não é fixa (diária).

#### *Folha de S.Paulo* (Brasil)

Nome da seção: *Painel do leitor*

Localização: após o editorial e ao lado de artigos assinados, na rubrica “Opinião”.

Exemplar consultado: 01/05/2003 (p. A3)

#### *O Estado de São Paulo* (Brasil)

Nome da seção: *Fórum dos leitores*

Localização: ao lado dos editoriais, na rubrica “Notas e Informações”.

Exemplar consultado: 09/05/2003 (p. A3)

### Revista semanal de atualidade

#### *L'Express* (França)

Nome da seção: *La semaine des lecteurs*

Localização: após as rubricas “Europe”, “Monde”, “Société”, “Livres”, “Culture”.

Exemplar consultado: 02 a 08/05/2002 (p. 48)

*Le Nouvel Observateur* (França)

Nome da seção: *La Parole aux lecteurs*

Localização: após a reportagem de capa, antes do editorial.

Exemplar consultado: 08 a 14/11/2001 (p. 50)

*Le Point* (França)

Nome da seção: *Opinions: les lecteurs écrivent*

Localização: na última rubrica, “Loisirs”, ao lado de “Vins”, “Voyages”, “Jeux”, etc.

Exemplar consultado: 07/04/2000 (p. 130)

*Elle* (França)

Nome da seção: *Elle aime vos lettres*

Localização: após índice e editorial.

Exemplar consultado: 20/11/2000 (p. 12)

*Madame Figaro* (França)

Nome da seção: *Courrier*

Localização: após índice e editorial.

Exemplar consultado: 21/09/2002 (p. 10)

### **Revista mensal especializada**

*Elle* (Brasil): revista feminina

Nome da seção: *Suas cartas*

Localização: após índice e editorial.

Exemplar consultado: 01/2003 (p. 11)

Com base nas informações expostas acima sobre os títulos e as localizações da seção destinada às cartas do leitor, é possível tecer alguns comentários.

Nos jornais consultados, a seção se localiza na rubrica a que chamaremos “Opinião”. Esse dado nos permite inferir que os jornais incluem a opinião do leitor em espaço privilegiado do jornal, próximo dos editoriais e artigos assinados. Confirma-se, assim, a relevância da carta do leitor nos principais jornais de opinião da França e do Brasil. A distinção efetuada por MELO (apud RODRIGUES, 2000), entre jornalismo informativo e jornalismo opinativo parece-nos adequada, assim, à assunção da carta do leitor como um gênero opinativo.

Nas revistas semanais de atualidade, verifica-se que a seção não acompanha necessariamente os artigos de maior impacto sobre a opinião do leitor. O semanário *Le Nouvel Observateur* confere importância à seção na medida em que ela se localiza logo após o editorial e a reportagem de capa. O mesmo não ocorre com *L'Express*, que insere a seção após as principais rubricas. Em *Le Point*, a seção é deslocada para o final da revista, na rubrica “Loisirs”.

As revistas femininas *Elle* (França/Brasil) e *Madame Figaro*, por sua vez, situam a seção logo após o editorial, no início da revista.

De modo geral, é possível inferir que o estatuto da seção de cartas nos jornais e revistas consultados corresponde ao grau de relevância do gênero nesses veículos. O destaque da seção estaria associado à maior ou menor demanda pelo assunto com base no perfil dos leitores de cada veículo.

### 3.1.2 Configuração Gráfica

O envio de cartas à redação não resulta necessariamente em sua publicação. Em razão da grande quantidade de cartas enviadas diariamente às redações dos jornais e revistas, uma seleção e uma adaptação das cartas ao espaço que lhes é destinado no veículo devem ser efetuadas pelo responsável da seção: o editor. Logo, as cartas publicadas distinguem-se formalmente das cartas originalmente enviadas.

Trataremos agora da configuração gráfica da carta do leitor nas seções dos diversos jornais e revistas, mencionando sua diagramação na seção, o número aproximado de cartas em cada veículo e os elementos peritextuais das cartas. Ainda que a apresentação gráfica não seja



um elemento constitutivo dos gêneros, segundo Adam (1997), constitui certamente uma estratégia útil para os leitores no reconhecimento e interpretação das cartas.

Segundo Lage (2001, p. 7), a informação é um “bem simbólico” que se concretiza, no jornal, em três níveis: o projeto gráfico, os sistemas analógicos e o sistema lingüístico. O “projeto gráfico” inclui as manchas, traços, ilustrações e letras. Segundo o autor, a configuração desses elementos mantém relação com a realidade social. Assim, a divisão de colunas em um artigo ou a caixa alta em uma manchete são recursos que conferem identidade ao veículo.

Os “sistemas analógicos” são as fotografias, ilustrações, charges e *cartoons*, recursos gráficos de autonomia semântica mas relativamente pobres quanto à sintaxe. Por esse motivo, os sistemas analógicos necessitam de um suporte lingüístico, como a legenda ou o título.

O sistema lingüístico da informação é o “componente digital da comunicação jornalística”. São as manchetes, títulos, textos e legendas.

Ainda que se restrinjam à linguagem jornalística, esses conceitos nos são úteis para entrar em contato com o universo da imprensa, ou seja, daqueles que fazem o jornalismo.

Reforça essa afirmação o fato de que os veículos impressos dispõem de normas de redação, que devem ser seguidas pelos repórteres. Tais normas envolvem os três níveis expostos acima: projeto gráfico, sistema analógico e sistema digital. Dentre essas normas, Lage (2001) enumera: apresentação de originais, uso de aspas e destaque gráfico, siglas, maiúsculas, números, unidades, pontuação, grafia de nomes estrangeiros.

No *Manual da Redação da Folha de S. Paulo* (2001), as normas são expostas em detalhes no “Projeto Folha”, “Procedimentos”, “Padronização e estilo”, “Anexo gramatical” e outros anexos específicos (Legislativo, Militar, Médico, Econômico, Estrangeirismos, etc.).

No *Manual de Redação e Estilo do Estado de São Paulo* (2000), os capítulos dividem-se em: “Normas internas e de estilo”, “O uso da crase”, “Os cem erros mais comuns”, “Guia de pronúncia”, “Escreva certo” e “Pesos e medidas”.

O grande número de informações contidas nos manuais revela, por parte dos jornais citados, o controle da qualidade dos textos publicados, seja pelo primor do texto claro, correto e conciso, seja pela ética da notícia.

A fim de oferecer ao leitor não só uma visão atual, crítica e útil, mas também clara, complexa e original dos fatos, a **Folha** valoriza o planejamento do

trabalho jornalístico e a discussão em equipe dos acontecimentos. (Manual da Redação da Folha de S.Paulo, 2001, p. 19)

Nos manuais consultados, não há referência direta à carta do leitor, tampouco normas explícitas quanto à sua publicação, o que leva a crer que as cartas são publicadas na versão original. Sabemos, no entanto, que elas são “controladas” pelo editor da seção.

Quanto à diagramação das cartas, cada veículo estabelece uma configuração própria. Segundo Lage (2001, p. 70), diagramar é “distribuir graficamente material (composição, ilustrações, títulos, etc.) nas páginas de uma publicação, conforme padrões estéticos determinados e orientação editorial”.

A linguagem gráfica moderna é o produto da evolução dos procedimentos gráficos nos jornais. Associado a esse aspecto, a diagramação atual obedece a padrões estéticos clássicos, que conferem status ao veículo. Mas o que parece influenciar sobremaneira a diagramação no jornalismo é o perfil do leitor.

Os exemplares de jornais e revistas fotocopiados a seguir mostram as diferentes concepções de apresentação gráfica da seção de cartas, que nos permitem fazer alguns apontamentos.

## FÓRUM DOS LEITORES

## Devedores do INSS

Na lista dos maiores devedores do INSS, as empresas estatais do governo federal (Petrobras, Caixa Econômica Federal, Codesp) são as campeãs da apropriação indevida das contribuições descontadas de seus funcionários, mas não repassadas. Quem é que vai colocar o guizo no pescoco do gato? Silvio de Barros Flaheiro (sbarros@yahoo.com), Santos

## Aumento da CSSL

Ao governo federal: com o aumento de 167% na CSSL, a minúscula empresa de seu sócio vai ter um acréscimo de R\$ 1 mil mensais nessa "contribuição", exatamente o custo de salário mais encargos de uma de nossas funcionárias, que temos de dispensar. Favor acrescentar aos 10 milhões de empregos a serem criados mais um. Rogéria W. Messenberg, Piracicaba

## Lula e o povo roubado

Afirma o presidente Lula que o povo não pode continuar sendo roubado. E que o Judiciário deveria ser mais rápido no julgamento dos casos envolvendo políticos que desviam verbas. Pode ter certeza o presidente que todos os brasileiros fazem das dele suas palavras e que estamos cansados de roubos, corrupção e impunidade. Mas será que essa afirmação vale também para o processo que envolve a família Sarney, sobre aquela montanha de dinheiro vivo encontrado no escritó-

rio da filha do ilustre presidente do Senado, quando os envolvidos deram oito explicações e que valeu o apoio da poderosa família à campanha do atual presidente? Ou, nesse caso, é melhor esquecer, considerando o cargo que o patriarca ocupa e os votos que pode dar ou negar para as reformas? Carlos Coelho (coelho1@uol.com.br), São Paulo

Dravo, Lula! Sim, "o povo não pode continuar sendo roubado"! Quando o cidadão que ganha R\$ 100 tem um aumento de 25%, ele passa a receber R\$ 125. Mas, no Estado de São Paulo, uma conta de luz de R\$ 100, após ser acrescida de 25% de ICMS, passa a R\$ 133! Dá para dar uma espiada nisso, sr. presidente? Carlos H. W. Flechtmann, Piracicaba

## Reeleição, já?

Membros ativos do PT protagonizam diariamente absurdos atrás de absurdos. Nem bem o governo Lula começou e o ministro Tarso Genro já lançou a candidatura do presidente à reeleição, em 2006. É preciso que o sr. Genro e outros militantes deixem de menosprezar a nossa inteligência, deixem o palanque e deem uma basta nessa falácia e nos discursos demagógicos que não levam a canto algum. Está mais do que na hora de essa gente arrastar as mangas e dizer ao Bra-

sil, por meio de resultados, a que veio. Deixem o presidente Lula trabalhar sossegado. S. Exa., certamente, não necessita de aduladores da platão. Que fique claro que somente diante de um trabalho realmente de vitórias e conquistas, no que tange às reformas, à economia, à saúde, à educação e ao social, entre outros, aí, sim, de fato e de direito, o "sr. Genro & Cia." poderão, ética e moralmente, discutir reeleição. Até então, tudo não passará de conversa fiada... David Neto (dizneto@uol.com.br), São Paulo

## Reformas

Brilhante e oportuno o artigo *A pátria e a coerência da bravata* (12/5, A2), do professor e jornalista Gaudêncio Torquato, eis que ressalta a urgente necessidade das reformas previdenciária e tributária, advertindo os radicais e sistemáticos opositores quanto ao caos que se poderá instalar no País, dentro de poucos anos, caso a situação se mantenha inalterada. Walter Aroca Silvestre (wasilvestre@uol.com.br), São Paulo

## Embraer

A notícia de que a Embraer fechou mais um grande contrato de venda de seus jatos amplia nossa economia, por ver uma empresa nacional fazer sucesso no exterior e, principalmente, em meio tão competi-

vo, gerando divisas e empregos. Deixando o orgulho de lado, uma curiosidade: dos US\$ 2 bilhões do contrato - que podem chegar a US\$ 6 bilhões, segundo o Estado -, porcentualmente quanto desse valor é genuinamente brasileiro, ou melhor, o quanto nossos aviões são nacionalizados? A pergunta tem razão de ser, pois de nada adiantará um contrato tão alto se a maior parte desses dólares for usada para importar equipamentos e peças mais nobres, sofisticadas e caras desmontados. A resposta é que definirá realmente nossos avanços tecnológicos nessa área. Leércio Zanini (arsene@uol.com.br), Garça

## Surf na capa

Fiquei feliz ao ver na capa do Estadão de 13/5 outro esporte além do fracassado (por incompetência administrativa) futebol. O surf é hoje o segundo esporte mais praticado no País, segundo especialistas. Somos o terceiro no mundo em representatividade no WCT, perdendo somente para a Austrália e os EUA. Parabéns, Estadão! Gilberto Gardesani Filho, São Caetano do Sul

As cartas devem ser encaminhadas - com assinatura, identificação, endereço e telefone do remetente - ao Fórum dos Leitores, Avenida Eng. Caetano Álvares, 55, 6.º andar, CEP 02598-900, pelo fax (011) 3856-2920 ou pelo e-mail forum@estadão.com.br. As cartas poderão ser resumidas e o Estado se reserva o direito de selecionar as para publicação. Correspondências sem identificação completa serão desconsideradas.

O Estado de São Paulo  
15/5/2003AU COURRIER  
DES LECTEURS

## Les assistantes sociales à l'école

Les lycéens avaient réclamé des assistantes sociales en 1990. Et les avaient obtenues. Elles étaient arrivées discrètement, on leur avait dou-

né le petit bureau orienté au nord dont personne ne voulait. Elles, « les filles », s'étaient créées une petite niche dans la peau épaisse du Massachusetts. Et elles avaient agi. Ce sont des actions non mesurables dans l'immédiat, peu spectaculaires, peu médiatiques (...). Comment faire comprendre en effet ce travail

pourant si indispensable à tous? (...) Cette énergie mise en œuvre pour Malika, Caroline, pour Kevin, dont l'absentéisme va finalement être contenu, pour Tiffany, dont « Fonce! » le sursaut depuis qu'elle a 12 ans... Et tout ce travail en utilisant leur savoir professionnel, en évitant de recourir systématiquement au juge, en évaluant la situation, en protégeant les victimes mineures contre un monde adulte tout-puissant ou perçu comme tel, en redonnant de la valeur au désir de futur de ces jeunes (...). Et comment faire comprendre que le travail d'une professionnelle du service social scolaire est totalement complémentaire de l'action des autres organismes d'aide aux jeunes, et que, si elles sont payées pour le faire, c'est justement parce que c'est un vrai travail, utile et notable. Qui calcule l'économie fabuleuse réalisée grâce à la réinsertion d'un jeune qui retrouve le chemin de l'école?

(...) Le travail des « filles » est unique, elles combattent les brèches, elles font du raccommodage. Toute société en a besoin, mais leur travail ne se limite pas à ça, et qui s'en aperçoit dans l'année de leur départ? Car les assistantes sociales vont dis-

paraître des lycées et des collèges. Quelques professeurs au fil de leur action vont peut-être les regretter, quelques professeurs submergés d'avoir aussi à gérer le social vont jeter l'éponge. Mais, au bout du compte, ce seront ces milliers de jeunes qui n'auraient pas croisé un adulte, un représentant de l'insertion, à qui parler et qui, seuls, transformeraient leur souffrance en violence, la cachement et la transmission aux générations futures (...) pendant que les assistantes sociales, maintenant employées par le conseil général, seront utilisées à des tâches d'urgence, débarqueront dans les établissements pour traiter les « cas sociaux » au coup par coup.

(...) Que d'agitation! Que d'inquiétudes! Ou allez-vous imaginer là? Il s'agit simplement de faire prendre en charge les salaires par les collectivités locales et de rapprocher ces professionnelles du terrain, de la région, devant les autorités de tutelle... Tout prouve le contraire: le métier d'assistante sociale, avec un code de déontologie, le secret professionnel et des missions spécifiques, est en train d'être taillé en pièces (...). Elles se voient compétentes. Elles seront importantes, mais elles seront aussi économes, diagnos-

tiques, compréhensives. Elles savent compter, pleurer, mais elles savent aussi écouter, refuser, expliquer. Et elles veulent continuer.

Sébastien Marq  
Sables-Martin (Vendée-France)

## La retraite

des mères de famille  
Travailler tout en ayant la charge d'une famille de plusieurs enfants: cela représente un « deuxième métier » pour les femmes, et pas le moindre. Avant de partir au travail, parfois pour huit heures, il faut préparer les enfants pour l'école et la nourrice; le soir, il faut s'occuper des leçons et devoirs, préparer le repas de cinq personnes (c'était mon cas), s'occuper des lessives, de la vaisselle (car il n'y a pas toujours eu de lave-vaisselle!); le week-end, ce sont les courses et aussi le repassage le dimanche après-midi; sans compter les soucis divers que nos chers petits nous causent: maladies, hospitalisations, problèmes scolaires et d'adolescence, etc. Et que l'on ne parle pas à ce sujet d'égalité entre l'homme et la femme, même si le conjoint aide son épouse, c'est sur elle que repose la plus grande charge du travail de mère de famille.

J'ai personnellement eu trois enfants, à une époque où la natalité baissait en France et où le gouvernement nous incitait à avoir plusieurs enfants. J'ai actuellement 55 ans et je suis principal de collège. J'ai travaillé depuis l'âge de 23 ans dans l'enseignement avec comme perspective un départ en retraite facilité par le fait d'avoir eu trois enfants, donc trois ans de bonification; j'estime avoir gagné ces trois ans par la fatigue et le stress que j'ai pu ressentir pendant près de vingt-neuf ans de métier de mère de famille, et trois ans c'est même très peu en comparaison. Je comptais partir en retraite à 58 ans, dans trois ans; la réforme des retraites va me contraindre certainement à retarder mon départ, il serait donc scandaleux qu'en plus je doive perdre un avantage qui, je l'estime, ne m'est pas dû en tant que fonctionnaire, mais en tant que mère de famille! (...)

Si le gouvernement pouvait les « corriger » de ces messieurs de la Cour des comptes, la natalité baisserait de nouveau, avec toutes les conséquences que cela aurait: y ont-ils pensé?

Annie Fauquet  
Surgères (Vendée-France)

**ESG** DIPLOME BAC+5  
visé par l'Etat

Paris Graduate School of Management

---

**CONCOURS SUR TITRES**

<p><b>ADMISSION SUR TITRE</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• En 1<sup>er</sup> année: avril 2003</li> <li>• En 2<sup>e</sup> année: avril 2004</li> </ul>	<p><b>PROCHAINES SESSIONS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 1<sup>re</sup> session: juillet 2003</li> <li>• 2<sup>e</sup> session: septembre 2003</li> </ul>
---	---

TOUTE INFO EN 02 99 44 19 19  
www.esg.fr

## PAINEL DO LEITOR

O Painel do Leitor recebe comentários sobre o conteúdo da Revista de Direito da USP, São Paulo-SP, CEP 05424-900, por via eletrônica (e-mail: [leitor@revista.direito.usp.br](mailto:leitor@revista.direito.usp.br)) ou por correio (endereço, telefone e endereço em mensagens por e-mail, numeração, e folha de envio em anexo de selos e cartões postais).  
A Folha de envio contém de selos e cartões postais.  
E-mail: [painel@revista.direito.usp.br](mailto:painel@revista.direito.usp.br)

90

### Generalização

"A Folha (Cotidiano, 17/5) acertou ao atribuir a mim a afirmação de que a polícia tem sido, no Brasil, instrumento de barbárie. O erro foi meu ao generalizar a crítica ao comportamento policial.

O correto teria sido dizer que há segmentos policiais comprometidos com a barbárie. Toda generalização é uma leviandade."

Luz Eduardo Soares, *secretário nacional de Segurança Pública (Brasília, DF)*

### Devedores

"A propósito da coluna de Luís Nassif de 13/5, 'O Index da Previdência' (Dinheiro, pág. B2), gostaria de registrar que o Ministério da Previdência Social não pretende fazer 'pressão psicológica' ao divulgar a lista de devedores do INSS, apenas cumprir determinação da lei 8.212, de 1991, que ordena essa divulgação. Havia quase 12 anos esse dispositivo não vinha sendo cumprido.

Além disso, o ministério responde a uma expectativa da sociedade brasileira e da imprensa, que tem papel relevante na fiscalização dos assuntos de Estado."

Wladimir Guimarães, *assessor de imprensa do Ministério da Previdência Social (Brasília, DF)*

### Protesto

Chegamos ao que há de menor (ou de pior) na política brasileira. As alianças não são mais feitas com quem sempre lutou ao nosso lado.

Os 'nossos' aliados são aqueles com quem lutamos nesses 22 anos: os agiotas oficializados, os ladrões da Sudene e da Sudam, os que sonham a Previdência, os antibióticos e prepotentes violadores da paz e da privacidade alheia.

Andamos de mãos dadas com quem sempre nos roubou e, em prejuízo do desenvolvimento e de uma melhor distribuição de renda, transformou o país numa grande financeira para satisfazer os seus interesses mais imediatos e mesquinhas.

Constituído, organizado inicialmente com o editorial publicado na Primeira Página da Folha de ontem, o qual conclui, como nós, militantes do PT, que isso é estrofanismo eleitoral. Formos vítimas de propaganda enganosa. Protesto!"

Otávio Martins Amaral (São Paulo, SP)

"Sabotagem na edição de domingo da Folha. Como foi que o jornal permitiu que um editorial inspecível, idealizado pelos radicais do PT, se infiltrasse entre as reportagens do dia e fosse parar na Primeira Página do jornal?"

Wilson Gonzalez (Garuça, SP)

### Será?

"Será que, se José Serra tivesse ganhado as eleições e o PSDB estivesse no governo, o PT votaria a favor da nova medida provisória que quase triplica a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido para os pequenos prestadores de serviços?"

Luigi Ferri (São Paulo, SP)

### Carteladas

"O governo Lula, que como você já me nos de cinco meses, escapou de condições deploráveis. Nossa economia está repleta de um capital especulativo de curtíssimo prazo, que se retira ao menor sinal de instabilidade — como se a estabilidade total fosse possível.

As pesquisas que se dizem decepcionadas, peço que reflitam um pouco e olhem para a história do nosso país. Será que 500 anos de corrupção, de injustiça social e de abandono com o patrimônio público serão resolvidos com duas ou três cartelas do presidente?"

Seria ingenuidade acreditar que, no primeiro ano do governo Lula, tudo aconteceria. Mas o estilo imposto pelo atual presidente já demonstra uma mudança muito para além da retórica fácil."

Filippo Olivieri (Rio de Janeiro, RJ)

### Condomínio

"Se você mora num prédio, tem de seguir as regras do condomínio", foi a frase do presidente da República publicada na Folha em 17/5.

Muito correta a afirmação do senhor presidente, mas não conheço nenhuma convenção de condomínio cuja convenção permita a participação de inadimplentes no conselho consultivo, coisa que acontece com boa parcela dos membros do CDES.

Da lista de participantes do CDES — no site [www.radiobras.com.br](http://www.radiobras.com.br) — boa parte dos empresários nela indicados pertence a empresas que figuram na relação de devedores da Previdência."

Sandoval N. Oliveira (São Paulo, SP)

### Ciência

"O sr. Riffkin ('Riffkin prevê uma 'internet da energia', Ciência, 16/5) dá uma impressão errada. Hidrogênio é tanto o combustível para o futuro como o fio de cobre ou alumínio é a fonte de energia.

Para usar hidrogênio, ele tem de ser produzido à custa de energia elétrica. A fonte final de energia é o Sol e sua captação pode produzir hidrogênio ou álcool.

O álcool fornece o hidrogênio para produzir energia em 'fuel cells', evitando sua combustão, com perda de energia (da mesma forma que as velhas lâmpadas incandescentes gastam energia produzindo calor)."

Isaías Raw, *presidente da Fundação Butantan (São Paulo, SP)*



### Judiciário

"Simplesmente irrefutáveis os argumentos trazidos por José Carlos Dias ('Reforma do Judiciário virou 'jogo de lobbies', diz ministro', Brasil, pág. A4, 18/5).

Todos nós, operadores do direito, queremos e pretendemos ver com transparência a atividade de cada um dos poderes, em especial o Judiciário, que, conforme se tem noticiado, é hoje alvo de várias denúncias sobre corrupção.

A transparência desejada pelo presidente da República e pelo povo brasileiro não deve ser motivo de melindre para os juizes. E tenho certeza de que, para a maioria, não o é, já que a garantia de um Judiciário eficiente e transparente é imprescindível para um efetivo acesso e distribuição da justiça — independentemente da classe social à que pertença o cidadão."

Françoise de Fatima Marques, *advogada a magistrada em direito constitucional (São Paulo, SP)*

### Criminalidade reproduzida

"Gostaria de apoiar, humildemente, minha assinatura ao lado das dos ilustres juristas comprometidos com o Estado democrático de Direito e apoiar sem reservas o 'Manifesto Antiterror', lançado por aqueles que não admitem a transição do direito penal em panacéia nacional nem que políticos criminais sejam alimentados unicamente pelo desejo de audiência e de votos de uma sociedade assustada com a criminalidade.

O discurso fácil do aumento de penas para a defesa da sociedade é cego às consequências que produz e presta um desserviço à democracia, pois está mais do que comprovado que a intervenção penal, longe de reduzir a criminalidade, a reproduz."

Mário Henrique Diniz, *advogado de direito da USP (São Paulo, SP)*

## COURRIER DES LECTEURS

### Déception

Beaucoup d'entre nous pensions que ce qui était arrivé le soir du 21 avril — à savoir l'éviction pure et simple de la « gauche » pour le second tour de l'élection présidentielle d'une part et d'autre part la qualification historique de Jean-Marie Le Pen au second tour — avait donné une bonne leçon quant aux véritables urgences et maux dans notre pays.

Force est de constater que tout cela n'a strictement servi à rien, que la majorité actuelle au pouvoir fait preuve d'une filiosité à toute épreuve face au « lobby » syndical (...) Quel avenir peut-on espérer pour la France dans un tel contexte d'immobilisme et d'absence totale d'autorité de l'Etat ?

Thierry FAZ,  
ThierryF63@aol.com

### Sans surprise !

La consommation abusive d'alcool et de cannabis est, avec l'excès de vitesse, la cause principale des accidents mortels de la circulation. Après le séminaire gouvernemental sur la sécurité routière, on s'attendait à des mesures drastiques. Or le budget 2003 ne prévoit aucune surtaxe de l'alcool ni le dépistage des consommateurs de drogue au volant. Le gouvernement préfère pénaliser lourdement les usagers du tabac et des médicaments dite de confort pour ranflouer les caisses de la Sécurité sociale alors que le déficit de cette dernière est largement creusé, entre autres, par le traitement des

blessés de la route et des maladies consécutives à l'usage de la drogue.

Monique BERGERIE,  
17110 Saint-Georges-de-Dadonne.

### Rectificatif

Une erreur s'est glissée dans l'article de Paul-Marie Couteaux « Lettre ouverte à M. de Villepin » (nos éditions des 28 et 29 septembre). M<sup>me</sup> Blandine Pellissandrini n'est pas la porte-parole de la représentation permanente de la France auprès de l'UE à Bruxelles. Fonctionnaire européen, elle travaille au Bureau de la Sécurité sociale européenne à Paris. Elle n'est donc pas placée « sous l'autorité » du chef de la diplomatie française.

37, rue du Louvre 75002 Paris. Fax: 01 42 21 28 66. Minitel: 3615 FIGARO rubrique COU. E-mail: [mcbos@lefigaro.fr](mailto:mcbos@lefigaro.fr)

Le Figaro  
30/9/2002

A diferença evidente entre o número de cartas publicadas nos jornais franceses *Le Figaro* (3) e *Le Monde* (2) e nos jornais brasileiros *Folha de S.Paulo* (10) e *Estado de São Paulo* (8) revelaria uma maior procura pela seção no perfil do leitor brasileiro.

Verifica-se igualmente que as cartas do *Le Monde* são mais extensas que todas as outras publicadas nos outros jornais. Evidentemente, é preciso levar em conta, nessa comparação, o papel do editor que realiza cortes nas cartas, e ainda as prioridades de cada veículo, ou seja, a relação qualidade/quantidade. Não deixa de ser sintomático, no entanto, o fato de que no *Le Monde* a seção “*Courrier des lecteurs*” não seja fixa<sup>37</sup>, ao passo que nos jornais brasileiros a seção é publicada diariamente com a mesma apresentação gráfica.

Outros elementos que nos chamaram a atenção nessa comparação dizem respeito aos destaques gráficos empregados por cada veículo. Pode-se dizer, num primeiro momento, que o veículo orienta a leitura de algumas cartas. Assim, um leitor menos atento ou apressado fixaria seu olhar sobre esses “detalhes”.

Como por exemplo as cartas da *Folha de S.Paulo* assinadas por “autoridades” como o “secretário nacional de Segurança Pública”, “assessor de imprensa do Ministério da Previdência Social”, “presidente da Fundação Butantan”, “advogada e mestranda em direito constitucional” e ainda “estudante de direito da USP”. A identificação, nesse caso, remete ao “argumento de autoridade”, de que se valem os leitores-autores para legitimar a publicação de seus textos. Essas cartas geralmente correspondem a um “direito de resposta” assegurado por lei ao leitor que se sinta diretamente atingido por algum artigo publicado. Em razão de seu caráter controverso, o objeto de tais cartas aguça a curiosidade do leitor.

No exemplar do *Le Figaro*, por exemplo, a primeira carta foi grifada integralmente em negrito. A posição da carta e o grifo chamam claramente a atenção para o assunto da carta: a decepção do leitor para com o comportamento do recém-(re)eleito Presidente da República Jacques Chirac.

Em outro veículo, a revista feminina francesa *Elle*, uma das cartas foi grifada inteiramente em negrito e acompanhada de uma ilustração<sup>38</sup>. A carta destacada recebe o título “OGM en Inde”. Trata-se de uma leitora “revoltada” com a matéria publicada pela revista sob o título “Inde, OGM go home”. A carta ganha destaque maior com a ilustração da página da matéria publicada e que constitui o objeto de crítica da leitora. Próximas da carta, figuram

---

<sup>37</sup> Em alguns exemplares consultados do referido jornal, a seção não foi encontrada.

<sup>38</sup> Verificar, nos anexos, a fotocópia original colorida do exemplar.

ainda fotos chamativas relativas a outros temas: um corpo tatuado e uma celebridade com cabelos coloridos. Nesse exemplo, a revista orienta a leitura para uma carta de protesto, enxergando nos outros leitores uma reação similar à da leitora-autora. Além disso, trata-se de um assunto polêmico da atualidade, portanto, em debate permanente.

Na aula de língua, esses elementos, que aparentemente só se interessariam ao estudioso da linguagem ou do jornalismo, podem constituir um interessante material didático para a análise da concepção do gênero discursivo carta do leitor nos veículos impressos. São informações que concorrem para a compreensão dos textos, visto que mobilizam sobretudo os conhecimentos enciclopédicos.

### 3.1.2.1 Elementos peritextuais

Os elementos periféricos do texto fazem parte do paratexto, ou seja, dos fragmentos verbais que acompanham o texto (MAINGUENEAU, 1998). Usaremos a noção de “peritexto”, mais apropriada à análise dos elementos que circundam diretamente o texto jornalístico (ADAM, 1997). Esses elementos permitem verificar em que medida a carta do leitor constitui uma unidade da página do jornal ou da revista. Empregaremos o quadro elaborado por Adam (1997, p. 5) para o “peritexto jornalístico”.

QUADRO 3 – PERITEXTO DO TEXTO JORNALÍSTICO (ADAM, 1997)

Peritexto do jornal	Peritexto do artigo	
	Verbal	Iconográfico
1. Nome do jornal	3. Sobretítulo	8. Ilustração
2. Indicação da rubrica	4. Título	9. Legenda
	5. Sub-título	
	6. Chapéu ou olho	
	7. Intertítulo(s)	

Nota-se, pelo quadro, que o autor destaca genericamente os elementos peritextuais do artigo jornalístico. Segundo Adam, nem todos os elementos citados estão presentes nos gêneros jornalísticos, devendo-se estudar juntamente o modo como os elementos do peritexto se combinam em cada gênero.

Com base nos veículos consultados, diremos que a carta do leitor comporta os seguintes elementos peritextuais:

QUADRO 4 – PERITEXTO DA CARTA DO LEITOR

Peritexto do jornal/ revista	Peritexto da carta do leitor
1. Nome do jornal/ revista	5. Título
2. Indicação da rubrica	6. Intertítulo (opcional)
3. Apresentação do editor (opcional)	7. Assinatura
4. Normas de publicação (opcional)	8. Local/endereço eletrônico
	9. Ilustração (opcional)

É essa configuração peritextual da carta do leitor que, segundo Adam (1997), preorganiza a informação, sua distribuição e seu reconhecimento. Assim, a estabilidade do gênero é assegurada, em parte, pelo arranjo dos elementos peritextuais das cartas no conjunto do veículo.

A título de exemplo, reportaremos-nos ao exemplar do semanário francês *Le Nouvel Observateur* para analisar a configuração peritextual da seção de cartas nesse veículo<sup>39</sup>.

Teríamos, então:

Peritexto da revista:

- 1. Nome da revista:** *Le Nouvel Observateur* (localizado no canto inferior esquerdo da página)
- 2. Indicação da rubrica:** “*La Parole aux lecteurs*” (letras cursivas, cor vermelha), seguida de sub-título: “*Une rubrique dirigée par Claire Fleury*”
- 3. Apresentação do editor:** “*A propos des attentats du 11 septembre 2001, le point de vue de nos correspondants est quasiment unanime: une condamnation sans réserve de ces actes (et la compassion envers les victimes et leur famille) mais un rejet total de l’attitude du gouvernement américain.*” C.F.
- 4. Normas de publicação:** não há

<sup>39</sup> Verificar, nos anexos, a fotocópia original colorida do exemplar.

Peritexto da carta do leitor:

5. **Título (carta 3):** *Profs, respectez les parents!* (letras cursivas, cor azul)
6. **Intertítulo:** *En réaction à l'entretien avec Maurice T. Maschino, "Parents, respectez les profs!" (n° 1973)*
7. **Assinatura:** Daniel Fauconnier
8. **Local:** Magny-sur-Tille (Côte-d'Or)
9. **Ilustração:** não há

Como se pode constatar, no semanário *Le Nouvel Observateur* o reconhecimento da seção é garantido pela indicação da rubrica, em letras cursivas e em vermelho, pelos títulos em azul e também pela identificação da editora logo após o nome da rubrica. Além disso, a jornalista participa da seção, redigindo o texto inicial em que comenta a repercussão dos assuntos tratados na revista. Em seu "projeto de leitura" (MOIRAND, 1979), o leitor do *Nouvel Observateur* espera encontrar a seção de cartas na configuração peritextual descrita.

Com relação ao reconhecimento do gênero propriamente dito, o leitor se guia pelos elementos peritextuais próprios da carta do leitor, ou seja, pelo título, assinatura e local. Nesse sentido, a omissão de qualquer um desses elementos, no *Nouvel Observateur*, causaria estranhamento ao leitor habituado a tal configuração.

As informações contidas nos elementos peritextuais da carta do leitor e na diagramação da seção nos veículos em geral nos levam à constatação de que esse gênero jornalístico se define tanto pelo tema, estilo, composição e situação de produção quanto pela espacialidade do texto. A relevância desse último fator justifica-se plenamente no jornalismo pela necessidade de conferir uma unicidade aos textos que serão "consumidos" por milhares de leitores.

Verifica-se, assim, que os elementos peritextuais da carta e a diagramação da seção nos veículos caracterizam o gênero e asseguram a comunicação.

Comme elle est partagée par les membres d' une collectivité, la compétence générique permet aussi d' éviter la violence, le malentendu, l' angoisse de part et d' autre de l'échange..., bref de sécuriser la communication verbale. (MAINGUENEAU, 1998, p. 50)



Outros elementos peritextuais da carta que não estavam presentes na revista anteriormente analisada devem ser assinalados. Em todos os outros veículos consultados<sup>40</sup>, indica-se o endereço para correspondência<sup>41</sup>. Essa informação é importante porque verbaliza, por assim dizer, a intenção comunicativa que caracteriza o gênero: promover o debate entre a sociedade civil e/ou pública e o veículo de comunicação.

Desse modo, a identificação do endereço para correspondência exclui a possibilidade de uma interpretação incorreta desses textos como sendo de autoria do veículo. Para os leitores<sup>42</sup>, a presença dessa informação explica, juntamente com o nome da rubrica, que se trata de um espaço do leitor.

La détermination correcte de cette finalité est indispensable pour que le destinataire puisse avoir un comportement adapté à l'égard du genre du discours. (MAINGUENEAU, 1998, p. 52)

A “espacialidade do texto” (MAINGUENEAU, 1998) – entendida aqui como a adaptação dos elementos verbais e peritextuais do texto ao suporte escrito – constitui um fator de “economia cognitiva”. Em outras palavras, o peritexto da carta do leitor, como o nome da rubrica, o título, a assinatura e o endereço para correspondência são suficientes para que o leitor reconheça o gênero. É assim que, ao ler a carta que segue, o leitor não julgará sua linguagem inapropriada.

---

<sup>40</sup> *Le Figaro, Le Monde* (eventualmente), *L'Express, Madame Figaro, Le Point, Elle* (França/Brasil), *Folha de S. Paulo e O Estado de São Paulo*

<sup>41</sup> Verificar, a título de ilustração, indicação para correspondência no exemplar do *L'Express* de 2/5/2002, nos anexos deste trabalho.

<sup>42</sup> Essas observações dizem respeito ao leitores de modo geral, tanto nativos quanto estrangeiros. Ainda que nossa perspectiva seja didática, portanto, orientada para aprendizes do francês língua estrangeira, consideramos aqui o leitor como receptor de discursos da imprensa, sem colocar o problema da língua estrangeira.

[EXPRESS3]<sup>43</sup>

(...) C'est l'expression d'un ras-le-bol à l'encontre des professionnels de la politique qui prétendent gouverner la France et s'avèrent incapables de diriger leur propre entreprise, à savoir l'administration publique (...). (grifo nosso)

ou ainda

[OESP6]

(...) Está mais do que na hora de essa gente arregaçar as mangas e dizer ao Brasil, por meio de resultados, a que veio. Deixem o Presidente Lula trabalhar sossegado (...) Até então, tudo não passará de conversa fiada.

Como é possível verificar, a linguagem subjetiva se manifesta, nas cartas transcritas anteriormente, no uso de termos avaliativos (“incapables”, “propre”) e de um registro de linguagem mais restrito no jornalismo (“ras-le-bol”, “arregaçar as mangas”, “conversa fiada”). Além, é claro, do tom de protesto e crítica bastante direto (“está mais do que na hora”, “prétendent”, “s’avèrent incapables”). Essa licença, nos veículos, é concedida ao leitor-autor e o leitor das cartas está supostamente ciente desse “contrato”<sup>44</sup> quando as lê.

### 3.1.3 A Edição das Cartas

A análise da configuração gráfica das cartas permitiu-nos observar em que medida a carta do leitor difere do gênero carta familiar e/ou formal. Endereçada a um destinatário na maioria das vezes anônimo – a ampla categoria composta pelos leitores do veículo – e ainda submetida às imposições de publicação de cada veículo, a carta enviada pelo leitor transforma-se em um gênero jornalístico: a carta do leitor.

<sup>43</sup>A partir de agora, utilizaremos essa referência para fazer menção ao *corpus* autêntico digitado nos anexos. A título de ilustração, “EXPRESS” é o veículo e “3” é a numeração.

<sup>44</sup> “Contrato”, segundo Maingueneau (1998), diz respeito às normas implícitas estabelecidas pelos falantes para efetivar um tipo de comunicação, visando à sua compreensão, o que implica sua validação.

O papel do editor das cartas é fundamental para se entender melhor o estatuto do locutor nesse gênero discursivo. O editor é o jornalista responsável pela seção e sua participação é decisiva para o resultado final da página.

A fim de entender melhor os critérios de seleção das cartas empregados pelos editores, consultamos os responsáveis pela seção nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* e na revista feminina *Elle* Brasil. Apesar de nossa insistência, não obtivemos resposta dos editores dos jornais e revistas franceses procurados.

Transcrevemos abaixo o texto enviado pelo editor da *Folha de S. Paulo* (FSP):

**Edito o Painel do Leitor desde janeiro de 2001.**

As cartas são selecionadas por sua **atualidade** e pela **forma como são escritas**. Damos preferência a **cartas curtas**.

Temos **40 tipos de resposta** para justificar ao leitor a **não-publicação** de sua carta (carta com teor semelhante foi publicada recentemente, uso de **termos agressivos**, cartas endereçadas a terceiros – a políticos, esportistas, artistas, etc. –, carta contém acusação criminal que precisa ser comprovada....)

No cabeçalho da seção informa-se que as cartas podem ser editadas para respeitarem um tamanho aceitável.

Os **títulos** são feitos por mim, de acordo com o **conteúdo** das cartas. Quando o leitor manda um título interessante, que cabe em uma só linha, eu mantenho.

Qualquer outra informação pode me procurar.

Atenciosamente. (grifo nosso)

Luiz Antonio Del Tedesco, editor do “Painel do leitor”,  
do jornal *Folha de S. Paulo*  
3/6/2003

Como é possível observar, o editor desse jornal decide o que pode ou não ser publicado segundo critérios abrangentes que envolvem tanto a forma quanto o conteúdo das cartas enviadas. À forma corresponde o tamanho, havendo preferência por cartas curtas. Ao conteúdo correspondem a relevância do tema abordado, o uso de registro lingüístico coloquial ou formal, a situação de produção – mais especificamente o destinatário das cartas. Há igualmente influência do editor sobre um elemento peritextual, o título, que só é mantido quando considerado “interessante” e econômico.

Nº *O Estado de São Paulo* (OESP), os critérios são semelhantes mas diferem quanto à concepção da “coluna de leitores”.

O Estado tem **várias seções de leitores**, cada uma com seu perfil e nos vários cadernos do jornal. No caso das cartas de opinião (política, *latu sensu*), os critérios editoriais são **meramente jornalísticos (atualidade, interesse público, oportunidade, abrangência social, defesa da cidadania, etc.)**. E o tratamento que se dá não é o de “seção de cartas”, mas de **coluna de leitores**. Como **qualquer outra coluna jornalística**, com a diferença de que o material é enviado pelos leitores, e não por repórteres. **Aliás, essa é a tendência hoje dominante na mídia**. Quanto aos títulos, em cabendo na coluna gráfica, usamos os enviados pelos leitores. Quando as **cartas vêm sem título**, procuramos **synetizar o conteúdo** ou usamos alguma expressão utilizada pelo leitor, sempre **sem conotações opinativas** da nossa parte. Quanto às críticas, não entendi bem o que a senhora quis dizer. No corpo do jornal, suponho que se refira ao noticiário, as críticas saem devidamente atribuídas a seus autores, que são responsáveis por elas. **Igualmente nas cartas. Como não há censura neste jornal**, não atinei bem com o teor da observação. Quanto às pessoas responsáveis pelas seções de cartas de opinião, edita o Fórum de Debates, temático, a jornalista Marina Makiyama. No caso do Fórum dos Leitores, mais voltado para os assuntos do dia, a editora é a jornalista Anabela Rebelato. (...) Esperamos ter ajudado. (grifo nosso)

Anabela Rebelato, editora do “Fórum dos Leitores”,  
do jornal *O Estado de S. Paulo*  
3/6/2003

Segundo a editora do *OESP*, a seleção das cartas obedece a “critérios editoriais meramente jornalísticos”. Essa informação confirma a existência de normas internas da redação que, apesar de não constarem no *Manual* do veículo, influem sobre a publicação das cartas. Constata-se ainda que, no *OESP*, a seção de cartas é mais do que uma “seção”. A editora prefere falar em “coluna de leitores”, equiparável às outras colunas do veículo. Há, assim, uma considerável importância atribuída à voz dos leitores na mídia atualmente, segundo a editora responsável.

Diferentemente do editor da *FSP*, a editora do *OESP* insiste ainda no fato de que não há censura por parte do jornal na seleção das cartas nem juízo de valor na concepção dos títulos, segundo ela, “sempre sem conotações opinativas de nossa parte”. Os critérios de aceitabilidade das cartas parecem restringir-se à atualidade jornalística dos temas e à abrangência social, sem menção direta aos critérios empregados para a não-publicação. Nota-se ainda em seu comentário a defesa da liberdade de expressão, quando diz que “não há censura neste jornal”.

Consultada por nós via telefone, a editora de *Elle* (Brasil), Milene Chaves, nos forneceu dados complementares aos anteriores. A publicação das cartas nessa revista obedece aos critérios abaixo reunidos.

1. critério temático: assuntos que se referem à edição precedente da revista ou assuntos recorrentes entre as cartas enviadas.
2. critério estilístico: cartas sem erros de português.
3. critério textual: cartas que se destacam por uma boa organização textual, como a presença de conectores e de progressão temática.

De acordo com Milene Chaves, as normas de publicação das cartas são estabelecidas pela Redação da revista, como é de praxe no jornalismo. A editora nos forneceu um dado que não constava nos critérios de seleção dos jornais supra-citados. Trata-se do nível de conhecimento lingüístico e textual dos leitores. Como as cartas enviadas a *Elle* contêm erros freqüentes de português bem como uma organização textual ausente quanto à coesão do texto, a editora deve intervir sobre sua redação a fim de situar o leitor das cartas.

Transcrevemos abaixo a carta original de uma leitora de *Elle*, fornecida pela editora.

Assunto: aleluia...até que enfim!!!!

Poxa, até que enfim, acho que valeu esperar...atenderam os meus pedidos e publicaram uma bela matéria com o ator keanu reeves, ele merecia né? Bom, já vou comprar mais duas edições!!!! Valeu, muito obrigada, os fãs agradecem....

A carta finalmente publicada foi:

VALEU ESPERAR. Até que enfim vocês atenderam os meus pedidos e publicaram uma bela matéria com o ator Keanu Reeves, Rebelde high-tech (junho, pág. 112). Ele merecia, né? Bom, já vou comprar mais duas revistas para guardar! Eu e as fãs agradecemos. Maria Martins, via e-mail

A editora fez os seguintes comentários a respeito da carta original:

Atente para os pontos:

Ela não assina o email, não usa maiúsculas nas iniciais do nome do ator de que ela tanto gosta e não se faz entender direito depois das primeiras reticências. Esse é um típico exemplo de carta de leitora de revista feminina: pouco cuidado com a escrita e com o conteúdo. Na edição, além de corrigir erros, temos que nos fazer entender e situar quem lê, por isso o nome da matéria (em itálico), o mês e a página em que ela saiu. Tudo são padrões estabelecidos por nós. Até o VALEU ESPERAR, em caixa alta. Toda carta começa com uma frase da leitora destacada, para que funcione como uma espécie de título. (grifo nosso)

Milene Chaves, editora da seção "Suas Cartas",  
da revista *Elle Brasil*.  
24/7/2003

É preciso levar em conta que a leitora enviou a carta pela internet, o que explica em parte o "pouco cuidado com a escrita", ou seja, a pontuação irregular e a ausência de maiúsculas para nomes próprios. As correções da editora, nessa carta, dizem respeito à organização da escrita rápida e improvisada característica da comunicação eletrônica, em que está previsto um esforço reduzido no teclado. No entanto, a editora manteve termos típicos da oralidade, como "valeu", "né", "bom", o que está em perfeita sintonia com o perfil das leitoras da revista – mulheres jovens e modernas.

### 3.1.3.1 A presença do editor na carta do leitor

A seguir, analisaremos algumas cartas em que a presença direta ou indireta do editor pode ser identificada.

A intervenção mais direta e imparcial do editor se faz perceber pelas inserções de destaques gráficos e de informações adicionais no corpo do texto. É o caso, na *FSP*, das referências ao jornal ou a nomes de rubricas do jornal, grifados em negrito.

#### [FSP3]

Com a reportagem 'EUA criticam eficiência de bancos no Brasil' (*Dinheiro*, pág. C1, 21/6), passei a refletir sobre o papel da iniciativa privada no desenvolvimento nacional. (...).

Ou ainda a referência a artigos, não mencionada pelos leitores mas indicada pelo editor do *Nouvel Observateur* em itálico, entre o título e o texto.

**[NOBS2]**

Les mariages arrangés ou le scandale occulté

En réaction au dossier "la Rencontre de votre vie" (n° 1970)

Vous auriez dû parler de la persistance de certaines traditions. En effet, malheureusement, le temps des mariages arrangés n'est pas révolu. (...)

(grifo nosso)

Na carta que segue, a intervenção do editor é marcada pela inserção de um comentário, indicado entre colchetes.

**[EXPRESS4]**

Sans doute le résultat sidérant de dimanche soir va-t-il vous valoir un record de courrier, papier ou électronique [NDLR : c'est vrai !]. (...)

(grifo nosso)

Nessa carta do *L'Express*<sup>45</sup>, o procedimento adotado funciona como uma espécie de diálogo entre a revista, representada pelo editor, e o leitor. Na réplica "c'est vrai!", o editor confirma a informação apenas sugerida pelo leitor, segundo a qual a revista teria recebido inúmeras reações à eleição do candidato de extrema-direita nas eleições presidenciais daquele ano na França.

Essas informações adicionais servem de referência para o leitor, como uma forma de situar o tema ou a problemática. Ainda que essa intervenção não incida sobre o sentido do texto, já se pode notar a descaracterização da carta original.

A pontuação é outro recurso utilizado pelo editor. O emprego das aspas é recorrente nas cartas:

---

<sup>45</sup> Verificar, nos anexos, a fotocópia original da carta

- seja para delimitar o corpo do texto, como em<sup>46</sup>:

[FSP4]

“Será que, se José Serra tivesse ganhado as eleições e o PSDB estivesse no governo, o PT votaria a favor da nova medida provisória que quase triplica a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido para os pequenos prestadores de serviço?”

- seja para distinguir uma referência metalingüística, como em:

[NOBS8]

Quand mon fils de 5 ans répond poliment, c’est-à-dire normalement, à un adulte, celui-ci s’extasie. A croire que les enfants ne savent pas dire “bonjour”, “s’il vous plaît” ni “merci”. A qui la faute? Aux parents, bien sûr. (...) (grifo nosso)

- seja para se referir a uma fala alheia, como em:

[NOBS5]

(...) A ce jour, il se crée dans l’opinion française une hystérie collective concernant la guerre d’Algérie: “Vous étiez des tortionnaires.” Non, trois fois non, les jeunes soldats de 20 ans que nous étions avons effectué dans l’honneur et dans la dignité notre devoir de citoyen français. (...) (grifo nosso)

- ou ainda para destacar o uso de linguagem informal, que o editor não deseja assumir, como nas cartas abaixo:

[NOBS6]

Pendant quatorze mois sur mes vingt-huit d’armée, j’ai “crapahuté” dans le djebel dans un commando de chasse du 153<sup>e</sup> RIM entre Souk Ahras et Lamy dans l’Etat constantinois. J’ai entendu parler d’interrogatoires menés à la “gégène” et de “corvée”

---

<sup>46</sup> Na FSP, todas as cartas são introduzidas e fechadas por aspas, o que revela um procedimento exclusivo do editor.



de bois”... (...) Vous ne croyez pas que nous avons été suffisamment “emmerdés” lorsque nous avions 20 ans! (grifo nosso)

**[NOBS3]**

(...) Quant à l’intégration politique des “beurs”, en France, elle est nulle: zéro élu au Parlement et au gouvernement pour les Français d’origine maghrébine. (...) (grifo nosso)

A recorrência do emprego das aspas no *Nouvel Observateur* revela um dos procedimentos editoriais da revista. Trata-se da conservação do aspecto original da carta, especialmente do estilo informal empregado pelos leitores-autores. A liberdade de expressão é seguida nesse veículo, o que não ocorre, por exemplo, no jornal *FSP*, em que o “uso de termos agressivos”, segundo o editor, torna a carta impublicável.

A omissão é outro fator a ser considerado na análise das cartas. O fato de a carta do leitor ser escrita a duas mãos inviabiliza a detecção de todos os cortes efetuados pelo editor. Alguns veículos, no entanto, explicitam as supressões mediante o sinal [ (...) ], como nas cartas:

**[EXPRESS1]**

Le Pen ne sera jamais élu président de la République Française. (...) La panique qui s’est emparée de tout ce que le Raymond Barre appelait le “microcosme” est à l’image de son aveuglement. Le Pen n’est qu’un histrion qui ne trompe que ceux qui ont envie de l’être. (...) Alors, pas de panique, préparons un programme de travail qui définira la France que nous voulons: sans “communautés”, sans caste privilégiée mais avec l’ambition d’être en Europe un moteur pour que cette dernière soit forte, prospère et respectée. (...)

**[NOBS1]**

Si nous regardions mieux nos compatriotes musulmans, nous pourrions saisir à quel point leur culture leur donne [...] le sens de la fraternité humaine devant l’Éternel (que Dieu soit pour nous proche ou lointain, très lointain). Nous n’avons jamais eu ce sens

du respect de l'autre, de l'hospitalité à un tel degré dans nos sociétés atomisées où l'individu est souvent une valeur objective voire une marchandise.

Cette conviction acquise jadis en Algérie, je pense l'avoir éprouvée de la même façon ailleurs, avec mes amis musulmans. [...] Si nous arrivons à dominer les peurs légitimes qu'engendrent l'insécurité et les a priori qui rejaillissent sur l'ensemble "des Arabes", nous nous enrichirons d'une façon de vivre plus fraternelle dont la majorité silencieuse de nos compatriotes musulmans nous donne le témoignage.

A omissão de trechos da carta original justifica-se, segundo os editores, por restrições de espaço da seção. Apesar de justificável, uma tal manipulação das cartas revela a subjetividade daquele que opta por manter ou excluir informações contidas nas cartas.

A redação de textos de imprensa é uma comunicação complexa tanto em sua preparação quanto em sua função. Da coleta de dados à organização do artigo, o repórter intervém em função de seus conhecimentos anteriores, da classe econômica a que pertence e das suas posições políticas, de seu status social, em função também do papel que ele se atribui na transmissão das informações, da seção na qual ele escreve e da idéia que ele tem de seus leitores. (MOIRAND, 1979, p. 99; trad. de: Milton Arruda)

Ainda que a autora se refira ao repórter, na citação, não é menos verdade que o editor, provavelmente um ex-repórter, também seleciona as cartas com base em sua visão de mundo. A conservação de termos informais nas cartas do *Nouvel Observateur* analisadas anteriormente, bem como a substituição ou apagamento daqueles no jornal *Folha de S.Paulo*, corrobora tal afirmação.

Assim, os cumprimentos dos critérios estabelecidos pelos veículos não exige o editor, todavia, de um certo comprometimento com o texto, visto que é ele quem dá a última palavra para a publicação das cartas.

A escolha dos temas é um modo indireto de intervenção dos editores na seleção das cartas. De modo geral, aos critérios estabelecidos por cada veículo, especialmente o de atualidade jornalística, associa-se o perfil do público-leitor. Para sustentar tal afirmação, relacionamos abaixo os assuntos abordados pelas cartas enviadas ao jornal *Le Monde* em três datas diferentes.

## AU COURRIER DES LECTEURS

### Les assistantes sociales à l'école

Les lycéens avaient réclamé des assistantes sociales en 1990. Et les avaient obtenues. Elles étaient arrivées discrètement, on leur avait don-

né le petit bureau orienté au nord dont personne ne voulait. Elles, « les filles », s'étaient creusé une petite niche dans la peau épaisse du Mammouth. Et elles avaient agi. Ce sont des actions non mesurables dans l'immédiat, peu spectaculaires, peu médiatiques (...) Comment faire comprendre en effet ce travail

pourant si indispensable à tous ? (...) Cette énergie mise en œuvre pour Malika, enceinte, pour Kevin, dont l'absentéisme va finalement être contenu, pour Tiffany, dont « l'oncle » la salue depuis qu'elle a 12 ans... Et tout ce travail en utilisant leur savoir professionnel, en évitant de recourir systématiquement au Juge, en évaluant la situation, en protégeant les victimes mineures contre un monde adulte tout-puissant ou perçu comme tel, en redonnant de la valeur au désir de futur de ces jeunes (...). Et comment faire comprendre que le travail d'une professionnelle du service social scolaire est totalement complémentaire de l'action des autres organismes d'aide aux jeunes, et que, si elles sont payées pour le faire, c'est justement parce que c'est un vrai travail, utile et rentable. Qui calculera l'économie fabuleuse réalisée grâce à la réinsertion d'un jeune qui retrouve le chemin de l'école ?

(...) Le travail des « filles » est unique, elles combinent les brèches, elles font du raccommodage. Toute société en a besoin, mais leur travail ne se limite pas à ça, et qui s'en apercevra dans l'année de leur départ ? Car les assistantes sociales vont dis-

paraitre des lycées et des collèges. Quelque professeur au fait de leur action vont peut-être le regretter, quelques professeurs submergés d'avoir aussi à gérer le social vont jeter l'éponge. Mais, au bout du compte, ce seront ces milliers de jeunes qui n'auront pas croisé un adulte, un représentant de l'institution, à qui parler et qui, seuls, transformeront leur souffrance en violence, la cachent et la transmettent aux générations futures (...) pendant que les assistantes sociales, maintenant employées par le conseil général, seront utilisées à des tâches d'urgence, débarqueront dans les établissements pour traiter les « cas sociaux » au coup par coup.

(...) Que d'agitation ! Que d'inquiétudes ! Qu'allez-vous imaginer là ? Il s'agit simplement de faire prendre en charge les salaires par les collectivités locales et de rapprocher ces professionnelles du terrain, de la région, disent les autorités de tutelle... Tout prouve le contraire : le métier d'assistante sociale, avec un code de déontologie, le secret professionnel et des missions spécifiques, est en train d'être taillé en pièces. (...) Elles se savent compétentes. Elles savent imputer, mais elles savent aussi écouter, diagnos-

tiquer, comprendre. Elles savent compatir, pleurer, mais elles savent aussi enquêter, refuser, expliquer. Et elles veulent continuer.

Sébastien Marq  
Saint-Léon-la-Forêt (Val d'Oise)

### La retraite des mères de famille

Travailler tout en ayant la charge d'une famille de plusieurs enfants : cela représente un « deuxième métier » pour les femmes, et pas le moindre. Avant de partir au travail, parfois pour huit heures, il faut préparer les enfants pour l'école et la nourrice ; le soir, il faut s'occuper des leçons et devoirs, préparer le repas de cinq personnes (c'était mon cas), s'occuper des lessives, de la vaisselle (car il n'y a pas toujours eu de lave-vaisselle) ; le week-end, ce sont les courses et aussi le repassage le dimanche après-midi ; sans compter les soucis divers que nos chers petits nous causent : maladies, hospitalisations, problèmes scolaires et d'adolescence, etc. Et que l'on ne parle pas à ce sujet d'égalité entre l'homme et la femme, même si le conjoint aide son épouse, c'est sur elle que repose la plus grande charge du travail de mère de famille.

J'ai personnellement eu trois enfants, à une époque où la natalité baissait en France et où le gouvernement nous incitait à avoir plusieurs enfants. J'ai actuellement 55 ans et je suis principal de collège. J'ai travaillé depuis l'âge de 23 ans dans l'enseignement avec comme perspective un départ en retraite facilité par le fait d'avoir eu trois enfants, donc trois ans de bonification ; j'estime avoir gagné ces trois ans par la fatigue et le stress que j'ai pu ressentir pendant près de vingt-neuf ans de métier de mère de famille, et trois ans c'est même très peu en comparaison. Je comptais partir en retraite à 58 ans, dans trois ans ; la réforme des retraites va me contraindre certainement à retarder mon départ, il serait donc scandaleux qu'en plus je doive perdre un avantage qui, j'estime, ne m'est pas dû en tant que fonctionnaire, mais en tant que mère de famille ! (...)

Si le gouvernement suivait les « conseils » de ces messieurs de la Cour des comptes, la natalité baisserait de nouveau, avec toutes les conséquences que cela aurait : y ont-ils pensé ?

Annie Fauquet  
Sauges (Pas-de-Calais)

# ESG

DIPLOME BAC+5  
visé par l'Etat

Paris Graduate School of Management

## CONCOURS SUR TITRES

<b>ADMISSION SUR TITRE</b> • En 1 <sup>ère</sup> année : après Bac+2 • En 2 <sup>ème</sup> année : après Bac+3/4	<b>PROCHAINES SESSIONS</b> • 9/10/11 Juillet 2003 • 8/9 Septembre 2003	<b>4 ÉPREUVES</b> • TAGE-MAGE au TAGE 2 organisé par la FNEGE • QCM d'Anglais - Entretien individuel • Épreuves en anglais
--	--	---

Indice de notoriété des Grandes Ecoles Parisiennes  
visées par l'Etat auprès des entreprises : ESG 4<sup>ème</sup> (Entreprendre 2003)

25 rue Saint-Ambrise - 75011 Paris  
Tél : 01 53 26 44 19 • Fax : 01 43 55 80 13  
www.esg.fr • e-mail : concours@esg.fr

## AU COURRIER DES LECTEURS

### Vive la rentrée

Rectorat de Créteil, le 4 septembre 2002, 9 heures du matin. Service des affectations des élèves dans les lycées publics du département. Beaucoup de monde. Des parents et leurs enfants (...). Je fais la queue pour la deuxième fois afin d'essayer de savoir où ma fille a été affectée, parmi les trois lycées que nous avons demandés sur son dossier remis fin juillet à l'académie de Créteil.

Devant moi, en face d'une jeune « fonctionnaire » - peut-être recrutée en CDD ou en emploi-jeune pour la circonstance - une dame maghrébine - la quarantaine, en joli tailleur bleu ciel - et sa fille de seize ans : je comprends que cette dame et sa fille habitent Fontainebleau, que la fille de cette dame a été affectée à un lycée de Melun, en Seine-et-Marne. Cela implique trois heures de transport le matin et trois heures le soir pour l'élève. Départ à 5 heures du matin, retour à 21 heures le soir. La dame explique que la marraine de sa fille l'accueille dans le Val-de-

Marne et demande pour cela une affectation dans un lycée de ce département, où l'élève n'aurait plus qu'une heure de transport.

Réponse de la « préposée » : « Les hébergements chez des tiers, même de la famille, ne sont pas pris en compte. Les mineurs doivent habiter et être éduqués chez leurs parents. La jeune fille doit donc aller au lycée en Seine-et-Marne, là où on l'a affectée. Si cela ne vous convient pas, vous n'avez qu'à déménager dans le Val-de-Marne. Et d'ailleurs, vous n'avez rien à faire à l'académie de Créteil, c'est l'académie de Melun qui doit s'occuper de ce cas.

- J'en viens, dit la dame. Ils m'ont dit d'aller à Créteil.  
- Bien sûr, ils s'en débarrassent et nous les envoient...  
- Vous dites que les mineurs doivent être éduqués, mais vous me proposez comme alternative : six heures dans les transports par jour ou pas de lycée.

- Ça n'est pas notre problème. Au revoir, madame...  
Voilà.

La jeune fille n'a pas bougé. La tête entre les mains, elle a écouté sa mère se battre et se débattre

dans son français approximatif. (...) Elles sortent, les larmes aux yeux.

Un fonctionnaire, un vrai celui-là, qui a assisté à la scène, m'adresse un sourire, soupire de soulagement et me prend à témoin : « Ouf, elles sont parties... »

Au suivant !  
Sylvie Haas Blaise  
L'Hay-les-Roses (Val-de-Marne)

### Rentrée scolaire et bricolage

Rentrée ubuesque pour l'école des Quatre-Fils dans le 3<sup>e</sup> arrondissement de Paris. Vendredi 6 septembre, trois jours après la rentrée, on demande aux élèves de CE2 de vider casiers et tiroirs et de ramener le tout chez eux en attendant mieux. Mieux ? Un coup de fil du rectorat a tout simplement prononcé jeudi soir la fermeture brutale d'une classe. Motif tardif d'une décision qui l'est encore plus ? Les 10 classes de cette bonne petite école de quartier comptent entre 21 et 25 élèves chacune. Nombre idéal pour un bon apprentissage de la lecture et de l'écriture si chères à Luc Ferry. Mais c'est trop peu pour le rectorat, et pour lui la solu-

tion est simple : prendre une classe au hasard (la classe de CE2 compte le même nombre d'élèves que les autres) et demander à l'équipe pédagogique, qui n'en revient pas, de répartir les élèves dans les autres classes, CE1, CM1, CM2, en bricolant dans l'urgence des doubles niveaux hasardeux.

Dès vendredi, les parents s'émeuvent et se rendent au rectorat, où ils ne peuvent rencontrer l'inspecteur d'académie, « indisponible ». (...) Ils sont néanmoins reçus par le responsable du 19<sup>e</sup> arrondissement (?) et s'entendent dire, éberlués, que le double niveau est une merveille pédagogique et qu'il est fréquent en campagne. Le brave homme n'a pas dû comprendre grand-chose au beau film *Être et avoir*. Il a notamment dû oublier que la classe de Monsieur Lopez ne comptait pas 30 élèves ; que ce formidable instituteur pratiquait cette structure depuis de longues années et n'était pas mis devant le fait accompli plusieurs jours après la rentrée. (...)

Nul ne met en cause l'excellence de certaines classes à double niveau, comme veut le laisser croire le rectorat. C'est un regard qu'il

s'agit de combattre. Regard méprisant envers des enfants qui découvrent qu'ils ne sont que des pions nombrables. Regard méprisant envers des enseignants « repositionnables » à volonté. Ils n'ont qu'à s'adapter (...)! Regard méprisant enfin envers les parents qui n'ont qu'à se soumettre... ou aller dans le privé. (...)

L'enfant, au centre du système scolaire ? Ici, il est en marge.  
Christina Poletto-Forget  
Paris

### La face cachée de notre patrimoine

C'est vrai, le Larousse est un « véritable élément du patrimoine national » (Le Monde du 3 septembre) et l'une de vos illustrations : trois Noirs souriants faisant rouler un ponchon est amusante. Je me permets cependant de compléter votre article avec, mot pour mot, la définition suivante, qui figure dans la 25<sup>e</sup> édition Larousse du Nouveau dictionnaire illustré de 1913 : « Nègre, négresse n. (lat. niger, noir). Homme, femme à peau noire. - C'est le nom donné spécialement aux habitants de certaines contrées de l'Afrique, de la Guinée, de la Sénégambie,

de la Caférie, etc., qui forment une race d'hommes noirs, inférieure à la race blanche dite race caucasienne. La coloration de la peau paraît être due, chez les nègres, à l'influence du climat. C'est une modification acquise qui devient transmissible et héréditaire, mais il est généralement reconnu aujourd'hui qu'une famille nègre, transplantée dans nos climats, arriverait à la couleur blanche après quelques générations, et sans mélange de races. (V. *Traite des noirs*). » L'article « Traite des noirs » parle quand même d'un trafic d'esclaves odieux...

Francis Wolinski  
Coulter

Pour nous écrire :  
Le courrier des lecteurs du Monde, 21 bis, rue Claude-Bernard, 75242 Paris Cedex 05.  
Pour nous envoyer une télécopie : 01-42-17-21-74.  
Pour nous envoyer un courrier électronique : courrier-des-lecteurs@lemonde.fr  
Pour saisir le médiateur : mediateur@lemonde.fr ou par courrier.  
Merci d'indiquer votre adresse complète.

Le Monde  
11/9/2002

## AU COURRIER DES LECTEURS

### L'Italie et son histoire

Si l'on peut porter un jugement historique sur les années de plomb en Italie et si l'on peut expliquer comment la spirale de la violence s'est enclenchée, justifier cette même spirale est inadmissible. L'Italie de ces années-là ne peut être comparée à un régime totalitaire ou dictatorial en dépit de certains dérapages. On ne saurait parler de « climat de guerre civile », comme l'affirme M. Battisti (*Le Monde* du 12 septembre), même si le terrorisme et la stratégie de la tension susciteront peur et révolte au sein de la société. Doit-on rappeler que les cibles de cette violence ont été non seulement des hommes politiques, mais également des fonctionnaires, des syndicalistes, des journalistes et de simples citoyens ?

En ce qui concerne les décisions de la justice italienne, il convient ici de rappeler que toute demande d'extradition doit être examinée par les magistrats français (la chambre d'accusation) et que bon nombre d'entre elles ont été refusées par le passé, parfois pour de simples vices de forme (...). Il faut aussi rappeler

que ces « exilés » ont pour la plupart fui leurs responsabilités et la justice : M. Battisti s'est évadé d'une prison. M. Persichetti s'est enfui après avoir été condamné deux fois (et en sa présence) par la justice. M. Battisti « refuse les regrets », c'est son droit, c'est également le droit des centaines de victimes de demander que justice soit faite.

L'Italie doit faire face à son histoire, et aujourd'hui un débat a lieu sur une éventuelle amnistie (*indulto*) générale. Mais l'on ne voit pas pourquoi les « exilés politiques » parisiens bénéficieraient d'un traitement de faveur sur la base d'une option politique française. (...)

Nicola Bonucci  
Paris

### Le sida, la misère, l'indifférence

Ibrahim Zock est mort à Yaoundé, au Cameroun. Vous ne connaissez pas Ibrahim Zock, il n'était pas célèbre, c'était un brave garçon africain. Un des millions de morts africains du sida. (...)

Lois des déclarations officielles sentencieuses, des calculs savants sur l'avancée de la maladie, cette mort, terriblement individuelle et proche, d'un homme que je connais-

sais, est non seulement douloureuse, mais terrifiante. Pendant combien de temps encore les « Grands » Africains et Blancs vont-ils laisser mourir des hommes et des femmes d'Afrique, alors que nous possédons les moyens de les sauver ? Pendant combien de temps vont-ils se cacher honteusement derrière leurs intérêts politiques pour ne pas faire leur devoir ?

Voilà de bien grands mots à proposer d'une mort modeste, une mort explicable, mais qui ne compte pas pour l'industrie pharmaceutique. Un Africain de moins, est-ce que cela compte par rapport à la valeur des actions en Bourse ?

Bien sûr, il ne nous a pas dit suffisamment à temps qu'il était atteint, pour que nous puissions intervenir. Mais cette maladie en Afrique s'accompagne souvent, trop souvent, du silence et de la honte. Quand nous, ses amis, l'avons su, il était trop tard. Ibrahim Zock est mort, du sida, de la misère, de l'indifférence. Que son nom au moins reste quelque part, comme un souvenir chaud et amical et, surtout, comme un reproche pour les dirigeants de ce monde.

Christian Genevier  
Paris

### Réduction des effectifs ou licenciements

Vous faites un amalgame entre la réduction en cours des effectifs du CERN (organisation européenne pour la recherche nucléaire) et les licenciements que le laboratoire doit réaliser dans les cinq ans à venir pour financer le projet de grand collisionneur de hadrons (LHC) (*Le Monde* du 4 septembre). En fait, la réduction des effectifs à laquelle vous faites référence - 600 postes d'ici à 2007 - fait suite à un plan approuvé en 1996 par le Conseil, l'organe de tutelle du CERN, qui se fonde exclusivement sur une réduction des effectifs par voie de départs à la retraite.

Depuis la création du CERN, en 1954, jusqu'au milieu des années 1970, les effectifs du laboratoire ont augmenté. Le niveau des recrutements a notamment atteint un pic dans les années 1970, lorsque le CERN construisait son accélérateur de particules appelé Super synchrotron à protons. Les collaborateurs recrutés à cette époque sont à présent en fin de carrière, et ce sont leurs départs en retraite qui entraîneront une réduction des effectifs de 2 600 membres du personnel actuellement à environ 2 000 en

2007. Personne ne sera licencié, et il n'existe aucune corrélation entre cette réduction des effectifs et les économies que le CERN doit à présent réaliser.

Le laboratoire réagit aux surcoûts du LHC par un plan d'économies énergétiques encore à l'étude par ses Etats membres. Ce plan leur a été présenté en juin et nous espérons qu'il sera approuvé en décembre. J'estime que les mesures prises par le CERN sont non seulement nécessaires, mais également saines, et qu'elles reflètent clairement la vitalité de l'organisation et sa volonté de rester un élément moteur de la recherche internationale, mais aussi de la région de Genève et du pays de Gex.

Luciano Maiani,  
directeur général du CERN  
Genève (Suisse)

### Le financement d'un hôpital de proximité

Guy Vallancien, dans son point de vue sur « Le tabou de l'hôpital public » (*Le Monde* du 14 septembre), revient sur la prolifération excessive de structures de soins coûteuses et souvent sous-employées implantées dans des agglomérations peu distantes entre elles et

bien reliées par des moyens de communication efficaces.

Cette situation résulte du fait que dans de nombreuses agglomérations l'hôpital public (et/ou les établissements de soins privés) représente le principal employeur de la cité et sa disparition ferait flamber le chômage local, et ce d'autant plus que beaucoup de personnes ainsi licenciées seraient difficiles ou impossibles à redéployer dans d'autres activités. D'où l'acharnement des élus et collectivités à conserver et à promouvoir des structures économiques plus que discutables.

Il en est de même pour de nombreuses stations thermales dont le « service médical rendu » (le fameux SMR) est proche de zéro, mais dont l'activité est maintenue pour éviter la création de poches de chômage qui seraient politiquement aussi bien que socialement redoutables.

Il faut ainsi reconnaître que les organismes de la Sécurité sociale participent de façon souvent importante à un financement « préventif » du chômage. Cela fait-il partie de leurs attributions ? La question mérite d'être posée.

Professeur Claude Jacob  
Hôpital de la Pitié-Salpêtrière, Paris.

Le Monde  
18/9/2002

Le Monde de 6/5/2003: 2 cartas

1) “Les assistantes sociales à l’école”

Objeto da carta: defesa da permanência das assistentes sociais na escola na França.

2) “La retraite des mères de famille”

Objeto da carta: crítica ao sistema previdenciário francês.

Le Monde de 11/09/2002: 3 cartas

3) “Vive la rentrée”

Objeto da carta: crítica ao descaso no atendimento a uma mãe magrebina em posto de matrícula escolar na França.

4) “Rentrée scolaire et bricolage”

Objeto da carta: crítica ao sistema escolar francês.

5) “La face cachée de notre patrimoine”

Objeto da carta: crítica ao racismo implícito contra negros em ilustração do dicionário *Larousse* de 1913 publicada em artigo do jornal.

Le Monde de 18/9/2002: 4 cartas

6) “L’Italie et son histoire”

Objeto da carta: crítica a artigo publicado por um exilado político italiano residente na França.

7) “Le sida, la misère, l’indifférence”

Objeto da carta: crítica às autoridades africanas a respeito da morte de um garoto africano em decorrência da Aids.

## 8) "Réduction des effectifs ou licenciements"

Objeto da carta: direito de resposta a artigo do jornal que relaciona a demissão de funcionários de empresa suíça para fins econômicos.

## 9) "Le financement d'un hôpital de proximité"

Objeto da carta: esclarecimento a artigo do jornal sobre a proliferação excessiva de hospitais públicos na França.

De um total de 9 cartas publicadas no jornal nas referidas datas, 6 abordam temas relativos à França, das quais 3 referem-se à Educação (cartas 1, 3, 4), 1 ao sistema previdenciário (carta 2), 1 a um aspecto cultural (carta 5) e 1 à Saúde (carta 9). Das 3 cartas restantes, a primeira trata da justiça italiana (carta 6), a segunda aborda uma questão humanitária (carta 7) e a terceira é um direito de resposta a artigo publicado no jornal sobre as demissões ocorridas na empresa suíça CERN (carta 8).

Por outro lado, o racismo contra árabes residentes na França e negros ocupa o centro das atenções em 3 das 9 cartas (cartas 3, 5, 7).

A seleção dos temas abordados nas cartas do jornal francês parece responder às necessidades mais urgentes do leitor do *Le Monde* e, por extensão, da sociedade francesa. Infere-se daí que um dos critérios diretrizes para a publicação de cartas neste veículo é a circulação de assuntos caros aos franceses, dentre eles a Educação e os direitos humanos.

Trabalhando com a hipótese de que existe uma orientação de leitura das cartas por parte do veículo, a carta "Déception", do *Le Figaro*<sup>47</sup>, apresenta uma diagramação diferente das demais pela posição que ocupa na página: além de ser a primeira carta da seção, cada linha equivale a duas colunas das cartas restantes. Além disso, ela foi inteiramente grifada em negrito e a fonte do título é maior do que nas outras. O título situa-se muito próximo do nome da seção, confundindo-se mesmo com este. A diferença entre essa carta e as demais "saltam aos olhos" e convidam à leitura.

Ainda com relação à orientação de leitura das cartas, chamou-nos a atenção a edição do semanário francês *L'Express* de 2/5/2002<sup>48</sup>. Diante da repercussão mundial da eleição de Jean-Marie Le Pen para o segundo turno das eleições presidenciais na França, e da derrota do

<sup>47</sup> Verificar, nos anexos, a fotocópia original da carta.

<sup>48</sup> Verificar, nos anexos, a fotocópia original da seção.

candidato de esquerda, Lionel Jospin, a seção de cartas da revista dedicou todo o espaço à repercussão do fato entre os leitores. Num total de 13 cartas, os leitores reagiram diferentemente à notícia, seja condenando a eleição de um candidato da extrema-direita, um “fascista local” nos dizeres de um leitor, seja lamentando a derrota do partido socialista e ainda criticando a mídia e os institutos de pesquisa.

É interessante notar que das 13 cartas publicadas, 12 expressam a desaprovação de Le Pen, sendo que o leitor da carta restante não deixa clara sua posição política. A presença indireta do editor na orientação de leitura das cartas verifica-se na escolha de um título comum para todas as cartas – *21 avril: tous responsables* –, na opção por publicar somente as cartas que abordavam esse assunto e finalmente na presença significativa de cartas que desaprovavam o candidato Le Pen.

Trataremos, finalmente, da concepção do título nas cartas do leitor. A presença ou ausência desse elemento peritextual obedece aos critérios próprios de cada veículo. Nos jornais e revistas consultados, apenas as cartas de *Elle* (Brasil) não apresentavam títulos, mas um destaque gráfico das primeiras palavras da carta em caixa alta.

SOU VICIADA EM ELLE! Moda, beleza, atitude... Vocês são ponto de referência para mulheres antenadas como eu.

Jeanny Cavalcanti (Itu, SP) Março/2003

A respeito dos critérios adotados em cada veículo para a concepção do título, a editora do *Estado de S. Paulo* diz que “... em cabendo na coluna gráfica, usamos os enviados pelos leitores. Quando as cartas vêm sem título, procuramos sintetizar o conteúdo ou usamos alguma expressão utilizada pelo leitor, sempre sem conotações opinativas de nossa parte.” (Anabela Rebelato, editora do “Fórum dos Leitores”).

O editor da *Folha de S. Paulo* revela: “Os títulos são feitos por mim, de acordo com o conteúdo das cartas. Quando o leitor manda um título interessante, que cabe em uma só linha, eu mantenho.” (Luiz Antonio del Tedesco, editor do Painel do Leitor).

Por esses depoimentos, nota-se que a concepção do título é quase da inteira responsabilidade do editor, que conserva os títulos considerados adequados (tamanho, interesse) ou (re)formula o conteúdo da carta, dando origem a novos títulos, especialmente quando as cartas enviadas não contêm esse elemento peritextual.

Apresentamos abaixo os principais procedimentos adotados na elaboração do título. A impossibilidade de conhecer o verdadeiro autor desses elementos não nos impede, todavia, de atribuir alguns desses procedimentos ao editor do veículo, por razões que se mostraram evidentes.

1. Tema genérico: situa o leitor no tema mais amplo da carta.

[FIGARO2]: “Islam”

[FSP8]: “Aviação”

2. Citação de frase: recupera uma frase da carta.

[NOBS5]: “Je ne veux pas qu'on me traite de tortionnaire”

[NOBS6]: “Fichez-nous la paix!”

3. Citação de termos da carta: como no caso anterior, o título não remete ao tema abordado, sendo necessário ler a carta para conhecê-lo.

[NOBS7]: “Le trou noir de ma mémoire”

[FSP5]: “Canetadas”

4. Reformulação simples: colagem de trechos da carta, dando origem a um enunciado inédito.

[NOBS3]: “Français arabo-musulmans: on est suspectés partout!”

[ELLE2]: “Isabelle Adjani, un rayon de soleil”

5. Reformulação com alteração gramatical: nesse procedimento, há alterações em nível gramatical, tais como a nominalização e a flexão. Ocorre também o acréscimo de unidades gramaticais, como preposições e prefixos. Nesse caso, nota-se a intervenção do editor, na medida em que o título não reproduz fielmente os termos empregados na carta do leitor.

[OESP6]: “Reeleição, já?”

[OESP9]: “Além do suportável”

[FSP3]: “Ineficiência bancária”

[FSP6]: “Culpas”

6. Formulação: nota-se a presença do editor na formulação do título a partir da interpretação dos propósitos da carta, criando efeitos de sentido lúdicos ou irônicos. Observamos três procedimentos.

a) o editor recupera termos da carta ou o tema para dar origem a um novo enunciado.

[MONDE2]: “Réduction des effectifs ou licenciements”

[NOBS2]: “Les mariages arrangés ou le scandale occulté”

[NOBS9]: “L’esclavage au coin de la rue”

[EXPRESS1]: “21 avril: tous responsables”

b) o editor utiliza o recurso da intertextualidade para criar efeitos de sentido.

[NOBS8]: “Profession parents”: referência a título de filme.

[OESP5]: “E agora, Parrado”: referência ao célebre poema “E agora, José?”, de Carlos Drummond de Andrade

[FSP2]: “Quem te viu, quem te vê”: referência a dito popular.

c) há ainda as formulações inteiramente livres, que funcionam como uma espécie de interpretação da intenção comunicativa da carta.

[FIGARO3]: “Déception”

[OESP3]: “Hóspede indesejado”

d) finalmente, os títulos injuntivos, ou seja, aqueles que convocam a participação do leitor.

[NOBS1]: “Écoutons nos compatriotes musulmans”

[MMEFIGARO1]: “Petits Princes a besoin de vous”

[FSP1]: “Deixem Lula governar”

A concepção do título na carta do leitor nos dá pistas sobre a orientação de sentido buscada pelo editor. Comentaremos a seguir alguns títulos em que há uma intenção qualquer do editor em direcionar o sentido.



Na carta “Culpas” [FSP6], constata-se inicialmente uma escolha mais ou menos subjetiva do editor em chamar a atenção do leitor para o primeiro assunto abordado pela leitora: a culpa que os governos brasileiros atribuem a seus antecessores para justificar as “mazelas da nossa nação”. No resto da carta, a leitora faz uma crítica ao comportamento submisso do governo brasileiro aos EUA, mais especificamente ao FMI.

O título “Culpas”, no plural, orienta o leitor da carta para essa temática, quando na realidade a leitora-autora aborda outros temas igualmente relevantes. A nós, leitores da carta, fica a primeira impressão, expressa por um título no mínimo tendencioso, haja vista a escolha de um termo de carga semântica negativa: “culpa”. Esse título representaria, por assim dizer, o comportamento de total descaso do governo para com a população brasileira, situação à qual esta já está bastante acostumada.

Por outro lado, tal como foi publicada no jornal, a referida carta dá a entender que a intenção da leitora era denunciar a negligência do governo brasileiro num ciclo vicioso. Na impossibilidade de conhecermos o texto integral da carta, perguntamo-nos se a leitora-autora estaria de acordo com o título (re)formulado. Em outras palavras, é de se perguntar se o título corresponde finalmente à intenção de comunicação desejada pela autora da carta.

Assim, a seleção de trechos da carta e a edição final implica a supressão de idéias que o editor julga dispensáveis. É nesse sentido que se pode falar em uma orientação de sentido a partir desse elemento peritextual.

(...) ao eliminar a maior parte das informações contidas na carta original, selecionando apenas uma ou duas frases, o editor dá um novo direcionamento argumentativo ao texto. (...) O processo de edição que as cartas sofrem deixa claro que nem sempre o discurso do leitor é preservado. Muitas vezes, o editor intervém de tal forma a ponto de mudar a orientação argumentativa da carta (...). (MELO, 1999, p. 29)

Dois títulos em particular chamaram-nos a atenção. Trata-se de “Réductions de effectifs ou licenciements” [MONDE2] e “Les mariages arrangés ou le scandale occulté” [NOBS2]. Nos dois exemplos, o editor reavalia os termos empregados pelo leitor. A conjunção “ou” é empregada para marcar a passagem do discurso do leitor-autor (termo inicial) ao discurso do editor (termo final). Verifica-se, assim, uma orientação de sentido por parte do editor, que corrige a formulação original para ressignificá-la em seguida.

No primeiro exemplo, trata-se de uma carta-resposta a uma acusação do jornal que o leitor-autor considera indevida, a saber, o fato de que as demissões na empresa suíça CERN

ocorreram por razões financeiras, já que a empresa vinha fazendo economias para realizar um projeto científico. No título, o editor enxerga uma oportunidade de contestar mais uma vez o argumento da empresa. Assim, para “réduction des effectifs”, termo empregado pelo diretor geral da empresa, leia-se, segundo o editor, “licenciements”. Para o jornal *Le Monde*, a justificativa do leitor-autor é um eufemismo para “demissão”, um termo proibido em tempos de desemprego.

No segundo exemplo, a reformulação não visa a contestar o sentido de “mariages arrangés”, que é o tema da carta, mas a revelar o lado obscuro dessa prática vigente ainda nos dias atuais. Em sua carta, a leitora-autora propõe essa mesma leitura, o que se pode notar pelo emprego dos termos “malheureusement”, “déchirement”, “écartelés”, “la sourde oreille”, “pourtant fréquentes”, “dire non”, “vivre normalement”, “taire ces pratiques”. Mas é o editor, e não a leitora-autora, quem nomeia essa prática um “escândalo ocultado”.

Finalmente, o título “Vive la rentrée” [MONDE1] cria uma expectativa no leitor que não se confirma na leitura da carta. O termo “Vive”, felicitação comum para expressar alegria, felicidade, é aqui empregada para indicar uma infeliz volta às aulas. Na carta, a leitora relata o episódio em que presenciou o racismo contra uma mãe de família de origem árabe que tentava matricular a filha em uma escola próxima do local em que esta passaria a morar. O termo “Vive” contradiz, assim, o estado de desolação da mãe magrebina. Mas é justamente esse efeito de ironia que o editor procura manifestar no título, reforçando, assim, a crítica.

Com essas informações sobre a seção de cartas e sobre a função do editor, acreditamos ter esclarecido o modo como esse gênero é concebido no jornalismo. Esses elementos – configuração gráfica da seção e das cartas, edição – estabelecem a relação do gênero com o contexto maior em que é enunciado: o jornal.

### 3.2 FUNCIONAMENTO LINGÜÍSTICO-DISCURSIVO

Tendo analisado o contexto de enunciação das cartas na esfera jornalística, resta-nos agora abordar a organização discursiva e textual desse gênero.

Uma definição da carta do leitor enquanto um gênero discursivo obriga-nos a considerar os componentes do gênero prescritos por Bakhtin, a saber, o tema, o estilo e a composição. A carta do leitor constitui um gênero discursivo na medida em que esses elementos estão presentes de forma mais ou menos estável numa dada esfera social. É dessa

estabilidade e ainda da circulação do gênero na sociedade que advêm o seu reconhecimento e seu conseqüente estatuto genérico.

No tocante ao tipo, uma definição da carta do leitor com base na(s) seqüência(s) prototípica(s) desenvolvidas põe em jogo a heterogeneidade tipológica característica dos discursos e desse gênero em particular. Concordamos, assim, com os propósitos de Adam (2001a) de que um texto realiza uma ou mais seqüências – narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa, dialogal – a fim de atender às necessidades comunicativas do locutor.

No caso específico da carta do leitor, diríamos que a heterogeneidade tipológica é uma constante, o que se explica pela situação de enunciação desse gênero: trata-se de leitores-autores a quem o veículo concede a liberdade de expressão. Essa liberdade contrapõe-se formalmente aos gêneros jornalísticos padronizados, que possuem um plano de texto estabelecido pelas normas de redação do veículo. Como a carta do leitor testemunha uma linguagem mais livre dentro do jornal ou da revista, parece-nos difícil conceber esse gênero segundo suas propriedades formais.

A fim de descrever o modo de funcionamento discursivo e textual da carta do leitor, analisamos separadamente os componentes desse gênero: o tema, o estilo e a composição. É preciso lembrar que o reconhecimento dos gêneros discursivos é assegurado pela relativa estabilidade desses elementos. Mas, mesmo para Bakhtin (1984), a maior ou menor expressividade do gênero está relacionada às suas especificidades, definidas pelo horizonte social e pelo contexto de enunciação.

### **Tema**

Com relação ao tema, a estabilidade pode ser observada na relação do objeto de sentido da carta com os temas abordados direta ou indiretamente pelo veículo. Só se pode falar em uma regularidade temática na carta do leitor quando o tema abordado pelo leitor-autor estabelece uma relação com os enunciados anteriores, como a publicação de algum artigo ou a discussão de um assunto relevante ou atual.

Nos jornais, as cartas abordam temas recentes, uma vez que se trata de uma publicação diária. Nas revistas semanais, o tema muitas vezes se limita às publicações da edição anterior. Nas revistas especializadas, femininas ou outras, verifica-se o mesmo

procedimento da revista semanal. Nota-se, assim, que os temas tratados nas cartas obedecem à ordem cronológica dos fatos ou das publicações a que reagem. É preciso ter em vista ainda que é o editor quem seleciona as cartas, avaliando a pertinência do tema segundo os critérios do veículo, conforme pudemos observar anteriormente neste trabalho. Prevê-se, assim, a não-publicação de cartas cuja temática não atenda aos critérios estabelecidos por cada veículo.

O reconhecimento do gênero carta do leitor segundo o critério temático é possível porque os leitores-autores têm uma representação do seu destinatário, ou seja, do público-leitor. Assim, espera-se encontrar em um jornal de opinião temas relacionados à política, à economia, à sociedade, enfim, temas de relevância social, uma vez que esses veículos publicam diariamente tais assuntos, como se pode observar no jornal *OESP* de 18/05/2003<sup>49</sup>:

“Tomada do poder”: crítica ao comportamento do governo recém-eleito antes da chegada ao poder.

“Imposto disfarçado”: crítica a desconto no preço da gasolina.

“Lista de devedores”: direito de resposta a acusação contra clube tradicional de São Paulo, “grande devedor do INSS”, segundo o jornal.

“Execuções penais”: crítica à concessão de liberdade condicional a presos com boa conduta.

“Muitas alegrias”: cartas de elogio e crítica a time de futebol paulista que obteve maus resultados em campeonato.

Em uma revista feminina, por outro lado, os temas fazem parte do universo feminino, seu público-alvo. A título de ilustração, na revista *Elle* (França), de 13/03/2000<sup>50</sup>, constam os seguintes temas:

“Mon petit Rémy dérange”: testemunho de uma mãe de filho deficiente.

“8 mars, journée des femmes?”: crítica ao “dia das mulheres”

“Pauvre Gwyneth Paltrow”: crítica à atriz americana entrevistada na revista.

“Mauvaise alliance”: crítica às mulheres que se relacionam com homens casados.

“Vues à la télé”: apelo à participação de celebridades da televisão na revista.

<sup>49</sup> Verificar, nos anexos, a fotocópia original do exemplar.

<sup>50</sup> Verificar, nos anexos, a fotocópia original do exemplar.

A relevância e a pertinência dos temas abordados nas cartas correspondem, assim, ao perfil do público-leitor do veículo. A carta “Imposto disfarçado”, do *OESP*, dificilmente figuraria em uma revista feminina. Do mesmo modo, é difícil imaginar que a carta “Mauvaise Alliance”, de *Elle*, pudesse constar em um jornal de opinião, já que o tema é típico do universo feminino.

### Estilo

O gênero carta do leitor comporta uma maior expressividade, visto não se tratar de um gênero padronizado, como o texto científico ou oficial, por exemplo. Essa expressividade corresponde ao desejo do leitor-autor de manifestar, por meio de uma linguagem subjetiva, seus propósitos a respeito de um determinado assunto. No jornalismo, esse gênero pressupõe o emprego de uma tal linguagem, visto que tanto o veículo quanto os leitores estão cientes das finalidades comunicativas ali expressas. É uma espécie de “contrato” entre locutor e destinatário, com o consentimento do veículo.

Não causa estranhamento, portanto, o uso freqüente de primeira pessoa, de termos avaliativos, de registro lingüístico informal – com presença de gírias e termos pejorativos – e uso de linguagem figurada – metáforas. Como nessa carta do *OESP* de 18/5/2003<sup>51</sup>:

#### [OESP1]

Além da vergonha pela porcaria de futebol apresentado pelo Timão, ainda somos obrigados a agüentar a gozação de um argentino (acho que é brazuca (*sic*) morando lá). Ao leitor em questão, um recado: o Corinthians, ao contrário do seu River, é o único campeão mundial de Clubes da Fifa, título oficial, e seu time, como todos os que estão pegando na veia dos corintianos, apenas campeão de uma copinha de nome Toyota, propaganda daquela empresa. Só. Infelizmente, quanto ao time alvinegro atual, ele está certo. Do plantel, apenas quatro ou cinco são realmente de primeira linha, o restante, de segunda. Assim como o técnico. Podemos começar a treinar para o Paulista vindouro. (grifo nosso)

<sup>51</sup> Verificar, nos anexos, a fotocópia original da carta.

Encontramos nessa carta termos informais do português do Brasil: pejorativos (“porcaria”, “brasuca”, “copinha”), coloquiais (“Timão”, “gozação”), gíria (“pegando na veia”), além de termos depreciativos (“vergonha”, “de segunda”).

[NOBS5]

**Je ne veux pas qu'on me traite de tortionnaire**

Lecteur du “Nouvel Observateur”, je suis abasourdi par le déferlement de propos concernant les tortures en Algérie. A l’écriture de ces lignes, mes yeux sont embués de larmes. Après quarante ans le feu couve toujours sous les cendres. L’Algérie est une histoire passionnelle pour les Français.

A ce jour, il se crée dans l’opinion française une hystérie collective concernant la guerre d’Algérie: “Vous étiez des tortionnaires.”

Non, trois fois non, les jeunes soldats de 20 ans que nous étions avons effectué dans l’honneur et dans la dignité notre devoir de citoyen français. Je ne veux pas que mes enfants et mes petits-enfants me traitent de tortionnaire. Dans ma famille trois générations ont été confrontées à une guerre. Mon grand-père: 14-18. Mon père: 39-45. Moi-même: l’Algérie. Je ne demande pas réparation à la nation, la France, mais je souhaite simplement que les médias cessent toutes attaques à notre encontre, car aujourd’hui je suis un homme blessé. (grifo nosso)

Nessa carta<sup>52</sup> do *Nouvel Observateur* de 28/12 a 3/1/2001, nota-se a presença da primeira pessoa (“nous”, “je”), de termos avaliativos (“déferlement”, “hystérie collective”, “tortionnaire”, “attaques”) e de linguagem figurada (“le feu couve toujours sous les cendres”). A linguagem subjetiva é expressa ainda pelo uso de termos que descrevem o estado de espírito do leitor: “abasourdi”, “mes yeux sont embués de larmes”, “histoire passionnelle”, “non, trois fois non”, “je suis un homme blessé”.

Enquanto no jornalismo a linguagem adotada deve primar pela objetividade e imparcialidade da notícia, conceitos aliás discutíveis, nas cartas o leitor não hesita em revelar

<sup>52</sup> Verificar, nos anexos, a fotocópia original da carta.

sua opinião pessoal. Além dos procedimentos citados anteriormente, constatamos ainda a presença de um recurso de linguagem que serve bem à crítica: a ironia<sup>53</sup>.

**[OESP2]**

**Marta em Aracaju**

A prefeita de São Paulo poderia explicar ao povo de nossa cidade o que estava fazendo no palanque do presidente, lá no Norte do país? Por acaso estava ensinando a prefeitura de lá a criar taxa de lixo? Será que há pouco trabalho a ser feito em nossa cidade? (grifo nosso)

A interpretação do enunciado irônico exige a mobilização de conhecimentos extralingüísticos e, ainda, que o referente seja compartilhado por uma comunidade, pois, como se pode notar nessa carta<sup>54</sup> do *OESP* de 8/5/2003, a ironia não é marcada. É preciso saber que a prefeita de São Paulo criou novas taxas para a população, e por isso é criticada de forma irônica. No primeiro enunciado grifado, a ironia é reforçada pela expressão “por acaso”, inferindo-se daí que a prefeita é especialista em criar taxas. Já no segundo enunciado, o sentido dado a interpretar é reforçado pela interrogação (“será”) e pela modalização (“pouco”), podendo-se fazer a leitura inversa: “Há muito trabalho a ser feito em São Paulo, enquanto a prefeita está viajando.”

Em outro exemplo, do *Le Figaro*<sup>55</sup> de 28/9/2002, a ironia é explicitada por meio das aspas.

**[FIGARO1]**

Un vent nouveau souffle sur la France. Pour la première fois depuis cinq ans, on a entendu un premier ministre prononcer – et qui plus est répéter – des mots devenus grossiers dans notre vocabulaire politique, tels que “travail”, “entreprise”, “responsabilité”, que son prédécesseur avait pris bien soin de bannir de son vocabulaire. Encore un petit effort et peut-être la prochaine fois osera-t-il braver l’interdit et parler de “devoirs”. Si les Français habitués

<sup>53</sup> Na Literatura, figura de pensamento que consiste em afirmar algo que se deseja negar (SAVIOLI & FIORIN, 2002). Para Jacqueline Authier (1982), a ironia é um recurso de alteridade implícita apenas sugerida pelo locutor, devendo ser reconhecida pelo alocutário para produzir sentido.

<sup>54</sup> Verificar, nos anexos, a fotocópia original da carta

<sup>55</sup> Verificar, nos anexos, a fotocópia original da carta

à tant d'indolence et bercés d'assistanat veulent bien lui en laisser le temps avant de déclencher le "troisième tour social" des élections. (grifo nosso)

O recurso da ironia dá o tom, nessa carta, nas referências que o leitor faz a palavras há muito "banidas" do vocabulário do antigo Primeiro-Ministro francês e pronunciadas novamente por seu sucessor, como "travail", "entreprise", "responsabilité", "devoirs". A crítica ao governo é instaurada pelo leitor por meio das aspas, que funcionam como indicadores da alteridade presente em termos ditos proibidos, politicamente incorretos, quando na realidade esses termos em nada se assemelham às palavras de um registro lingüístico impróprio. Para o leitor da carta, a interpretação do enunciado irônico não é difícil, uma vez que, nesse caso, o conhecimento lingüístico é suficiente para concluir que "travail" não é um termo grosseiro. A reação do leitor diante desse recurso só pode ser o riso, funcionando como uma espécie de acordo.

Por outro lado, a interpretação do enunciado irônico "troisième tour social", no final da carta, requer do leitor um conhecimento de mundo relativo à organização política do país, a saber o fato de que na França a eleição passa por duas etapas: o primeiro e o segundo turnos presidenciais. Um terceiro turno, tal como propõe o autor da carta, corresponde a uma hipótese inexistente e, portanto, absurda, o que é assinalado pelo autor mediante as aspas. A crítica é originada dessa impossibilidade, que provoca o riso e atinge seu propósito.

**[ELLE1]**

**Pauvre Gwyneth Paltrow**

Gwyneth Paltrow est fatiguée? Ça tombe bien, moi aussi! La nouvelle star nous expose son mal-être, son ras-le-bol. De quoi? De sa célébrité trop difficile à gérer? De son argent trop dur à dépenser? De son oscar trop lourd à porter? Forcément, les premiers troubles psychologiques arrivent: choisir entre une jupe Prada et un pantalon Gucci; savoir quel étalon en devenir sera dans son lit à la prochaine cérémonie (cochez la case correspondante: Brad Pitt, Ben Affleck, Joseph Fiennes ou Jude Law) ou bien encore (ultime prise de tête) réfléchir à la décoration de sa maison à 12 millions de dollars...

Bref, autant de questions existentielles qui remettent en cause la condition féminine. Après les Algériennes bombardées, les Tchétchènes violées, les Africaines excisées, voilà la Paltrow déprimée! Allez, Gwyneth, tiens bon!



A ironia se constrói, nessa carta<sup>56</sup> de *Elle* de 13/3/2000, pelas referências à representação, no imaginário coletivo, do mundo fútil das celebridades: suas roupas, seus relacionamentos amorosos, seus bens milionários, etc. No último parágrafo, a referência à condição feminina real, representada por mulheres tolhidas de direitos humanos, funciona como um contraponto à “depressão” da celebridade hollywoodiana. E aqui ocorre a ruptura no plano da enunciação, em que o locutor se dirige diretamente à atriz, empregando o discurso direto livre (sem aspas): *Allez, Gwyneth, tiens bon!* A expressão “tiens bon!”, normalmente utilizada para encorajar, mostra quão fúteis são as razões do “mal-être” da atriz (“La Paltrow”), ocorrendo uma subversão do sentido.

Além desses procedimentos – o léxico empregado e a ruptura do plano enunciativo – a ironia é construída nessa carta com o auxílio de réplicas (questão/resposta), evidenciando a intenção da leitora-autora: protestar contra o comportamento fútil da atriz hollywoodiana entrevistada pela revista. Para que a ironia seja reconhecida e o sentido seja produzido, faz-se necessário reconhecer a outra voz que enuncia o enunciado irônico. Tem-se, aqui, um exemplo de polifonia enunciativa.

Com essa exposição do estilo empregado nas cartas do leitor, pretendemos mostrar que esse gênero é testemunha de uma linguagem marcada por uma expressividade maior do que a dos outros gêneros jornalísticos. É a voz do leitor, única e pessoal, que expressa na carta os mais variados propósitos mediante um estilo muitas vezes impulsivo, emotivo e certamente crítico.

### Composição

A carta do leitor é de natureza composicional heterogênea, o que se observa, aliás, nos gêneros como um todo. Segundo Marcuschi (2002, p. 25), “...um texto é em geral tipologicamente variado (heterogêneo)”. Para ilustrar a heterogeneidade tipológica na carta do leitor, transcrevemos integralmente a carta publicada no *Le Monde* em 6/5/2003<sup>57</sup>.

<sup>56</sup> Verificar, nos anexos, a fotocópia original da carta.

<sup>57</sup> Verificar, nos anexos, a fotocópia original da carta

**[MONDE3]****La retraite des mères de famille**

Travailler tout en ayant la charge d'une famille de plusieurs enfants: cela représente un "deuxième métier" pour les femmes, et pas le moindre. Avant de partir au travail, parfois pour huit heures, il faut préparer les enfants pour l'école et la nourrice; le soir, il faut s'occuper des leçons et devoirs, préparer le repas de cinq personnes (c'était mon cas), s'occuper des lessives, de la vaisselle (car il n'y a pas toujours eu de lave-vaisselle!); le week-end, ce sont les courses et aussi le repassage le dimanche après-midi; sans compter les soucis divers que nos chers petits nous causent: maladies, hospitalisations, problèmes scolaires et d'adolescence, etc. Et que l'on ne parle pas à ce sujet d'égalité entre l'homme et la femme, même si le conjoint aide son épouse, c'est sur elle que repose la plus grande charge du travail de mère de famille.

J'ai personnellement eu trois enfants, à une époque où la natalité baissait en France et où le gouvernement nous incitait à avoir plusieurs enfants. J'ai actuellement 55 ans et je suis principal de collège. J'ai travaillé depuis l'âge de 23 ans dans l'enseignement avec comme perspective un départ en retraite facilité par le fait d'avoir eu trois enfants, donc trois ans de bonification; j'estime avoir gagné ces trois ans par la fatigue et le stress que j'ai pu ressentir pendant près de vingt-neuf ans de métier de mère de famille, et trois ans c'est même très peu en comparaison. Je comptais partir en retraite à 58 ans, dans trois ans; la réforme des retraites va me contraindre certainement à retarder mon départ, il serait donc scandaleux qu'en plus je doive perdre un avantage qui, je l'estime, ne m'est pas dû en tant que fonctionnaire, mais en tant que mère de famille! (...)

Si le gouvernement suivait les "conseils" de ces messieurs de la Cour des comptes, la natalité baisserait de nouveau, avec toutes les conséquences que cela aurait: y ont-ils pensé?

Motivada pelas mudanças no sistema de aposentadoria francês, a leitora escreve ao jornal enquanto mãe de família, função não reconhecida pelo Estado mas, segundo ela, uma condição que deveria ser levada em conta pela reforma. Antes de mais nada, a leitora escreve para argumentar contra as desvantagens de uma reforma na aposentadoria que ignora o trabalho duplo que representa trabalhar "tout en ayant la charge d'une famille de plusieurs enfants". (A intenção comunicativa dessa leitora-autora é a defesa de um ponto de vista associada ao protesto contra a reforma do sistema de aposentadoria. A carta da leitora-autora

corresponde, nos primeiros parágrafos, a uma sucessão de argumentos que visam a legitimar a crítica exposta no final da carta.

A heterogeneidade tipológica apresenta-se, nessa carta, pela diferente combinação das seqüências textuais que investem os argumentos.

No primeiro parágrafo, tem-se uma **seqüência prototípica explicativa**, em que a leitora-autora explica didaticamente por que trabalhar e ser mãe de família constitui um duplo trabalho, representada abaixo:

1. *Avant de partir au travail (...), il faut préparer les enfants pour l'école (...).*
2. *Le soir, il faut s'occuper des leçons et devoirs, (...);*
3. *Le week-end, ce sont les courses (...);*
4. *Sans compter les soucis divers (...).*
5. *Et que l'on ne parle pas à ce sujet d'égalité entre l'homme et la femme (...).*

No segundo parágrafo, a leitora-autora faz um breve histórico de sua carreira profissional e de mãe de família, essa última, segundo ela, incitada pelo governo francês sob justificativa de elevar a taxa de natalidade no país. Nesse trecho, a presença de transformações de estado e de uma relação lógica entre os acontecimentos caracterizam uma **seqüência prototípica narrativa**, exposta abaixo:

1. *J'ai personnellement eu trois enfants (...).*
2. *J'ai actuellement 55 ans (...).*
3. *J'ai travaillé depuis l'âge (...).*
4. *Je comptais partir en retraite à 58 ans (...).*

Nessa carta, as seqüências prototípicas narrativa e explicativa funcionam como um argumento, uma vez que a leitora-autora relata e explica fatos pertinentes ao tema abordado e ao propósito da carta. Ao contar que teve três filhos aos vinte e seis anos de idade e que trabalha no ensino desde os vinte e três anos, a leitora-autora defende o direito de obter sua aposentadoria nos próximos três anos, conforme a legislação anterior. Do mesmo modo, ao explicar de que modo seu trabalho é duplo, ela confirma a necessidade de ter seu direito cumprido.

No final do segundo parágrafo, aparece uma **seqüência prototípica argumentativa**, em que a leitora-autora se dirige implicitamente a seu interlocutor potencial: o governo. Na realidade, ela não se dirige diretamente ao governo. Há uma embreagem do plano enunciativo de segunda pessoa (a quem se fala) para a terceira pessoa (de quem se fala). No entanto, a carta se dirige muito mais ao governo do que aos leitores em geral. Há ainda apreciações sobre a reforma, em: “Il serait donc scandaleux qu’en plus je doive perdre un avantage qui, je l’estime, ne m’est pas dû en tant que fonctionnaire, mais en tant que mère de famille”. O emprego dos três conectores lógicos, nesse enunciado, fortalece o ponto de vista da leitora-autora:

“**donc**”: por esse conector de consequência, a leitora-autora indica o efeito lógico da perda da vantagem de três anos sobre o tempo de aposentadoria, que ela julga “escandalosa”.

“**en plus**”: esse conector de valor aditivo reforça o absurdo da situação, pois, além de trabalhar duplamente, ela ainda perderá os três anos de bonificação assegurado pelo antigo sistema.

“**pas en tant que... mais**”: ao introduzir o argumento por uma negação seguida de um conector de oposição, a leitora-autora enfatiza que a bonificação lhe é de direito, já que, antes de ser funcionária, ela é mãe de família. Por esse argumento final ela legitima o direito de manter o “privilégio” por ser, antes de mais nada, mãe de família.

No restante do texto predomina a **seqüência prototípica argumentativa**. A leitora-autora dirige-se explicitamente a seu interlocutor, o governo, buscando a adesão a seu discurso, que consiste em uma crítica ao projeto de reforma. Essa estratégia argumentativa é percebida, primeiramente, na referência dêitica aos conceptores da reforma, denominados “ces messieurs de la Cour des comptes” (grifo nosso). Num segundo momento, a leitora-autora questiona o que aqueles senhores chamam de “conselhos”, grifados com aspas, que não correspondem exatamente ao que ela entende pelo termo, pois são essas possíveis mudanças as responsáveis pelo retardamento de sua aposentadoria.

A leitora-autora apresenta o argumento de forma lógica, na ordem progressiva: *Dados* – [*inferência*] – *conclusão*, explicitados abaixo:

**Dados:** *Si le gouvernement suivait les "conseils" de ces messieurs de la Cour des comptes...*

**[Regra de inferência]:** Com o novo projeto, que exclui a bonificação para mães, as mulheres evitarão de ter filhos

**Conclusão:** *... la natalité baisserait de nouveau, avec toutes les conséquences que cela aurait.*

O apelo ao governo realiza-se, assim, por meio de um discurso persuasivo, que visa a modificar um ponto de vista, a saber a alteração dos direitos das mães de família.

Tomando a carta "La retraite des mères de famille" para ilustrar a heterogeneidade tipológica característica desse gênero jornalístico, verificamos que a carta do leitor não possui um plano de texto fixo, tal como ocorre na carta (familiar ou formal), por exemplo, com as seqüências fáticas (abertura e fechamento) e transacional (corpo da carta). Cada carta apresenta uma configuração prototípica própria, o que também pode estar relacionado aos cortes e alterações efetuados pelo editor do veículo.

Sendo a carta do leitor um subgênero da carta (familiar ou formal), ela corresponde tal qual à resposta de um destinatário a um remetente. Os leitores-autores já foram um dia os destinatários daqueles locutores que, direta ou indiretamente, instauraram o debate, dando início ao diálogo. Guardadas as diferenças da relação locutor/destinatário na carta (familiar ou formal) e na carta do leitor, questão já tratada neste trabalho, o fato é que a enunciação da carta do leitor constitui uma resposta em larga escala a um participante real ou virtual da troca. Os leitores-autores dialogam com artigos, reportagens, fatos, temas, jornalistas, entidades governamentais, autoridades, e até mesmo com leitores-autores, como se pode constatar nas cartas que seguem:

**- diálogo com a população brasileira:**

[FSP1]

(...) Vamos dar nossos votos de confiança ao novo presidente para solucionar pelo menos alguns desses problemas, porque os governos anteriores não fizeram nada neste sentido.

**- diálogo com o autor de artigo, reportagem ou outro publicado no veículo:**

[MONDE2]

Vous faites un amalgame entre la réduction en cours des effectifs du CERN (organisation européenne pour la recherche nucléaire) et les économies que le laboratoire doit réaliser dans les cinq ans à venir pour financer le projet de grand collisionneur de hadrons (LHC) (*Le Monde* du 4 septembre). ...

**- diálogo com o veículo:**

[ELLE3]

Juste pour vous dire que j'avais des idées fausses sur Elle. Depuis six ans je vis dans la région parisienne et votre journal m'étonne chaque lundi, c'est ma surprise de la semaine. ...

**-diálogo com leitor-autor:**

[FSP9]

'É um verdadeiro desperdício que uma pessoa como a senhora Maria Odila da S. Paes ('Painel do Leitor', pág. A3, 7/6) receba, de graça, um exemplar da notável obra de Vladimir Nabokov. ...

Assim sendo, a composição textual da carta do leitor não passa despercebida do plano enunciativo em que tais textos se inserem. A combinação das seqüências prototípicas na carta do leitor está diretamente associada à relação dialogal entre a carta enviada e as cartas que a precedem.

...la structure des échanges épistolaires repose sur la définition du texte conversationnel (...). Dialogue différé en raison de l'absence physique de l'interlocuteur, la lettre porte des traces de cette parenté. En effet, les formules d'adresse et les salutations finales (...) correspondent très exactement aux séquences phatiques et le corps de la correspondance aux séquences transactionnelles. La seule différence tient, bien sûr, au caractère non pas monologique, mais monogéré de cette interaction sans intervention directe d'autrui. Ceci n'empêche pas le scripteur d'introduire un dialogisme profond en anticipant les questions de l'autre, par exemple, en mimant ses interruptions potentielles, en introduisant un simulacre de relation intersubjective. (ADAM, 2001a, p. 155)

Nessa citação, Adam aponta as similaridades do gênero carta (familiar ou formal) e do gênero conversação, em que a carta constituiria uma das réplicas do diálogo atemporal entre dois participantes. Um subgênero da carta (familiar ou formal), a carta do leitor também é uma réplica do diálogo virtual entre o leitor-autor e o destinatário potencial da carta, projetado no veículo. Concretamente, é para o jornal ou para a revista que o leitor envia a carta. No entanto, a transposição da carta enviada pelo leitor no contexto de enunciação do veículo, sob a responsabilidade do editor, resulta na perda da relação direta com o real entretida com a enunciação original. Conseqüentemente, esse gênero se revela uma forma de comunicação mais elaborada, ou seja, um gênero secundário.

É preciso ter em vista ainda o(s) propósito(s) comunicativo(s) do gênero, fator determinante para seu reconhecimento e estabilidade em um horizonte social definido. Se na carta (familiar ou formal) o locutor escreve espontaneamente para estabelecer um contato com o interlocutor que se resume a narrar fatos (familiar) ou trocar informações (formal), na carta do leitor o que motiva o locutor é a expressão de um determinado ponto de vista, o que justifica, inclusive, a publicação de sua carta. Os leitores escrevem para o jornal ou para a revista no intuito de expressar opiniões e, nesse sentido, a carta do leitor é essencialmente argumentativa, a despeito das seqüências prototípicas que a compõem.

A carta “Vive la rentrée”<sup>58</sup>, transcrita abaixo na íntegra, exemplifica o caráter essencialmente argumentativo da carta do leitor.

**[MONDE1]**

**Vive la rentrée**

Rectorat de Créteil, le 4 septembre 2002, 9 heures du matin. Service des affectations des élèves dans les lycées publics du département. Beaucoup de monde. Des parents et leurs enfants (...). Je fais la queue pour la deuxième fois afin d'essayer de savoir où ma fille a été affectée, parmi les trois lycées que nous avons demandés sur son dossier fin juillet à l'académie de Créteil.

Devant moi, en face d'une jeune “fonctionnaire” – peut-être recrutée en CDD ou en emploi-jeune pour la circonstance – une dame maghrébine – la quarantaine, en joli tailleur bleu ciel – et sa fille de seize ans. Je comprends que cette dame et sa fille habitent Pontault-Combault, que la fille de cette dame a été affectée à un lycée de Melun, en Seine-et-Marne. Cela implique trois heures de transport le matin et trois heures le soir pour l'élève. Départ à 5 heures du matin, retour à 21 heures le soir. La dame explique que la marraine de sa fille

<sup>58</sup> Verificar, nos anexos, a fotocópia original da carta

l'accueille dans le Val-de-Marne et demande pour cela une affectation dans un lycée de ce département, où l'élève n'aurait plus qu'une heure de transport.

Réponse de la "préposée": *"Les hébergements chez des tiers, même de la famille, ne sont pas pris en compte. Les mineurs doivent habiter et être éduqués chez leurs parents. La jeune fille doit donc aller au lycée en Seine-et-Marne, là où on l'a affectée. Si cela ne vous convient pas, vous n'avez qu'à déménager dans le Val-de-Marne. Et d'ailleurs, vous n'avez rien à faire à l'académie de Créteil, c'est l'académie de Melun qui doit s'occuper de ce cas.*

- *J'en viens, dit la dame. Ils m'ont dit d'aller à Créteil.*
- *Bien sûr, ils s'en débarrassent et nous les envoient...*
- *Vous dites que les mineurs doivent être éduqués, mais vous me proposez comme alternative: six heures dans les transports par jour ou pas de lycée.*
- *Ça n'est pas notre problème. Au revoir, madame."*

Voilà.

La jeune fille n'a pas bougé. La tête entre les mains, elle a écouté sa mère se battre et se débattre dans son français approximatif. (...) Elles sortent, les larmes aux yeux.

Un fonctionnaire, un vrai celui-là, qui a assisté à la scène, m'adresse un sourire, soupire de soulagement et me prend à témoin: *"Ouf, elles sont parties."* ...

Au suivant!

Essa carta nos chamou a atenção, primeiramente, por desenvolver uma seqüência prototípica integralmente narrativa, um procedimento composicional pouco comum entre as cartas consultadas. Em segundo lugar, a leitora-autora não explicita, em momento algum da carta, sua intenção comunicativa. Em conseqüência, a interpretação da carta tão-somente a partir de sua forma lingüística não é possível sem se levar em conta os fatores discursivos nela implicados.

Encontramos em Revaz (1997) as possíveis respostas para um tal estado de coisas. Analisando a seqüência narrativa na imprensa, essa autora tem como hipótese que a narração não é um procedimento exclusivo do *fait-divers*, e que, mesmo nesse gênero, nem sempre se pode falar em narração. A autora distingue duas formas de relato da informação jornalística: a "narração" e a "relação".

No primeiro caso, há uma encenação narrativa por meio da complicação e do desenlace. No segundo caso, o fato é relatado linearmente, como uma "descrição de ações". Assim, para que se possa falar em texto narrativo na imprensa, é necessário distinguir uma seqüência narrativa de um comentário explicativo do jornalista.

A autora elabora um quadro da "narração potencial", similar ao de Adam (2001a) composto por: situação inicial, complicação (nó), ação, desenlace, situação final.

Na carta "Vive la rentrée", encontramos esses elementos, reunidos abaixo.



**Situação inicial:** Fila no serviço de designação de alunos de Créteil. Uma senhora magrebina e sua filha esperam para serem atendidas.

*“Rectorat de Créteil, le 4 septembre 2002, 9 heures du matin. Service des affectations des élèves dans les lycées publics du département. Beaucoup de monde. Des parents et leurs enfants (...). Je fais la queue pour la deuxième fois afin d’essayer de savoir où ma fille a été affectée, parmi les trois lycées que nous avons demandés sur son dossier fin juillet à l’académie de Créteil. Devant moi, en face d’une jeune “fonctionnaire” – peut-être recrutée en CDD ou en emploi-jeune pour la circonstance – une dame maghrébine – la quarantaine, en joli tailleur bleu ciel – et sa fille de seize ans.”*

**Complicação:** A senhora magrebina solicita alteração de escola em que sua filha deve estudar, para evitar que ela faça um trajeto diário de seis horas. Com a alteração, a filha levaria uma hora de transporte entre a escola e a casa da madrinha, onde passaria a morar para facilitar o deslocamento para a escola.

*“Je comprends que cette dame et sa fille habitent Pontault-Combault, que la fille de cette dame a été affectée à un lycée de Melun, en Seine-et-Marne. Cela implique trois heures de transport le matin et trois heures le soir pour l’élève. Départ à 5 heures du matin, retour à 21 heures le soir. La dame explique que la marraine de sa fille l’accueille dans le Val-de-Marne et demande pour cela une affectation dans un lycée de ce département, où l’élève n’aurait plus qu’une heure de transport.”*

**Ação:** A funcionária responde que o aluno deve frequentar escola próxima do local em que habita e que nada pode fazer. A senhora magrebina argumenta com a funcionária.

*“Réponse de la “préposée”: “Les hébergements chez des tiers, même de la famille, ne sont pas pris en compte. Les mineurs doivent habiter et être éduqués chez leurs parents. La jeune fille doit donc aller au lycée en Seine-et-Marne, là où on l’a affectée. Si cela ne vous convient pas, vous n’avez qu’à déménager dans le Val-de-Marne. Et d’ailleurs, vous n’avez rien à faire à l’académie de Créteil, c’est l’académie de Melun qui doit s’occuper de ce cas.*

- *J’en viens, dit la dame. Ils m’ont dit d’aller à Créteil.*

- *Bien sûr, ils s’en débarrassent et nous les envoient...*

*Vous dites que les mineurs doivent être éduqués, mais vous me proposez comme alternative: six heures dans les transports par jour ou pas de lycée.”*

*Desenlace:* A funcionária dispensa a mãe da aluna.

“- Ça n'est pas notre problème. Au revoir, madame.”

*Situação final:* A senhora magrebina e a filha deixam, em lágrimas, o local. Um funcionário respira aliviado e chama o próximo.

“Voilà.

*La jeune fille n'a pas bougé. La tête entre les mains, elle a écouté sa mère se battre et se débattre dans son français approximatif. (...) Elles sortent, les larmes aux yeux.*

*Un fonctionnaire, un vrai celui-là, qui a assisté à la scène, m'adresse un sourire, soupire de soulagement et me prend à témoin: “Ouf, elles sont parties.” ... Au suivant!”*

Tem-se, assim, nessa carta, a predominância da seqüência prototípica narrativa. Resta se perguntar em que medida a carta constitui uma crítica. Revaz lembra que a narração possui uma orientação argumentativa que vai além da instrução e do divertimento.

Depuis l'Antiquité, le récit est considéré comme un moyen efficace de persuasion. Selon les règles de la rhétorique, la fonctionnalité de la narration oratoire est de préparer à l'argumentation. (...) La fonction argumentative semble donc être la condition même de la production narrative: il s'agit de faire croire pour faire faire. En ce sens, le récit est d'abord une action verbale. (REVAZ, 1997, p. 27)

Desse modo, a narração funcionaria na imprensa como um “artifício retórico” que consiste em validar uma opinião, provocando um julgamento de valor e até mesmo incitando à ação.

Na carta analisada, o artifício retórico da narração corresponde a um propósito de denunciar um fato mediante o relato ou testemunho de uma cena a que a leitora-autora presenciou. De acordo com esse raciocínio, a carta poderia ter sido escrita de modo diferente, com uma composição prototípica predominantemente argumentativa e, nesse caso, a leitora-autora evidenciaria sua intenção comunicativa ao assumir uma posição crítica.

Ao optar pelo texto narrativo, a leitora-autora rompe com a estrutura dialogal-argumentativa do gênero “carta do leitor”, reforçando o efeito de sentido procurado. Por outro lado, ao se distanciar da cena, ela atribui ao leitor a tarefa de julgar o fato, tentando implicá-lo e descomprometendo-se, assim, de qualquer juízo de valor.

Para o leitor, a identificação da crítica não constitui uma tarefa complicada, supondo-se que ele conheça as especificidades do gênero em questão, tais como tema, estilo, locutor, suporte, finalidades comunicativas. Além desses elementos, o leitor conta ainda com algumas pistas deixadas pela leitora-autora em seu texto, que deixam entrever o direcionamento argumentativo adotado.

De um lado, nota-se a simpatia pela senhora magrebina (“*joli tailleur bleu*”), além do sentimento de solidarização para com a situação (“*l’élève n’aurait qu’une heure de transport*”, “*se battre et se débattre dans son français approximatif*”, “*les larmes aux yeux*”).

De outro, a leitora-autora denuncia a intolerância e incompetência de um sistema escolar burocrático (“*beaucoup de monde*”, “*je fais la queue pour la deuxième fois*”, “*ça n’est pas notre problème*”, “*ils s’en débarrassent et nous les envoient*”), a que se junta a ironia (“*si cela ne vous convient pas, vous n’avez qu’à déménager dans le Val-de-Marne*”) e o desdém (“*sourire*”, “*soupire de soulagement*”, “*ouf, elles sont parties*”).

Ao destacar “*fonctionnaire*” e “*préposée*” com as aspas, a leitora-autora estabelece um dialogismo com termos aparentemente neutros mas que adquirem outro sentido em seu texto, a saber, a atribuição inadequada de cargos públicos para profissionais incompetentes, no caso, uma estagiária recrutada em serviço temporário.

A frase final, “*Au suivant!*”, tão comum nos serviços de atendimento público, fecha a carta e reforça a crítica ao mostrar a indiferença dos funcionários, para quem aquele era mais um fato cotidiano e que, depois, a vida continua.

Essa carta mostra, assim, que a combinação de uma ou várias seqüências prototípicas no gênero “carta do leitor” está a serviço do(s) propósito(s) comunicativo(s) do leitor-autor, os quais possuem invariavelmente uma orientação argumentativa.

Quand on parle, on fait allusion à un “monde” (“réel” ou fictif, présenté comme tel ou non), on construit une représentation: c’est la fonction descriptive de la langue. Mais on parle souvent en cherchant à faire partager à un interlocuteur des opinions ou des représentations relatives à un thème donné, en cherchant à provoquer ou accroître l’adhésion d’un auditeur ou d’un auditoire plus vaste aux thèses qu’on présente à son assentiment. En d’autres termes, on parle très souvent pour argumenter ... (ADAM, 2001a, p. 103)

Nessa citação, Adam aborda o caráter essencialmente argumentativo da comunicação verbal, independentemente da composição textual.

Tendo em vista a dificuldade de se conceber a carta do leitor e os gêneros em geral pela configuração prototípica, acreditamos ser rentável a classificação da carta do leitor segundo o critério de propósito(s) comunicativo(s). Repertoriamos abaixo 9 propósitos encontrados nas cartas consultadas.

### **1. Sugestão**

[FSP10]

“Gostaria de sugerir uma alteração no critério para a seleção de manifestações publicadas no ‘Painel do Leitor’. ...

### **2. Agradecimento**

[NOBS9]

Merci de votre dossier. ...

### **3. Elogio**

[MMEFIGARO2]

... Je vis à la campagne depuis quelques années et j’ai progressivement arrêté d’acheter tous les magazines féminins qui faisaient mon ordinaire pour ne conserver que le vôtre, le moins ciblé, le plus beau, le meilleur! Un grand bravo donc à ce Spécial mode ...

### **4. Correção/ Precisão**

[NOBS10]

Lecteur de vieille date de votre hebdomadaire, (...) je me permets d’apporter quelques précisions à l’article de K. S Karol au sujet des populismes en Europe centrale, (...) que je ne tiens d’ailleurs pas pour une bonne analyse. ...

### **5. Resposta/ Justificativa**

[MONDE2]

Vous faites un amalgame entre la réduction en cours des effectifs du CERN (organisation européenne pour la recherche nucléaire) et les économies que le laboratoire doit réaliser dans les cinq ans à venir pour financer le projet de grand

collisionneur de hadrons (LHC) (*Le Monde* du 4 septembre). En fait, la réduction des effectifs à laquelle vous faites référence – 600 postes d’ici à 2007 – fait suite à un plan...

#### 6. Denúncia

[NOBS2]

Vous auriez dû parler de la persistance de certaines traditions. En effet, malheureusement, le temps des mariages arrangés n’est pas révolu. Ils sont encore bien présents dans certaines communautés, notamment arabes, juives ou arméniennes.. (...) Le malheur est d’autant plus grand quand, comme c’est le cas, toute la société semble faire la sourde oreille à ces pratiques pourtant fréquentes, et qui concernent tous les milieux. ...

#### 7. Queixa

[NOBS3]

Aujourd’hui la voix des Français arabo-musulmans est absente. Notre parole est réprimée: on nous traite d’antisémites si on défend les Palestiniens alors qu’un Arabe est sémite (à 100%), et que personnellement mon père a perdu deux de ses oncles lors de la Seconde Guerre mondiale. (...) On nous traite aussi d’intégristes si on défend les musulmans alors que les pays arabo-musulmans sont victimes du terrorisme (...) On est ostracisés. (...) Partout on doit se justifier et montrer qu’on est de bons citoyens. Oui, on est suspectés partout! ...

#### 8. Reclamação

[NOBS6]

Fichez-nous la paix! Vous ne croyez pas que nous avons été suffisamment “emmerdés” lorsque nous avions 20 ans!

#### 9. Protesto

[ELLE4]

... Malheureusement je viens de lire votre article “Inde, OGM go home!” et je suis révoltée. Vous affirmez que les OGM ont poussé des agriculteurs indiens à vendre un

rein ou un enfant pour rembourser des emprunts contractés auprès des multinationales.  
(...) Cet article m'a coupé l'appétit (...) N'avez-vous jamais remarqué que des siècles  
d'agriculture bio (sans pesticides ni OGM) nous ont apporté des famines successives?  
N'avez-vous jamais pensé que les OGM puissent avoir des avantages? (...)

Como se pode observar, são variados os motivos pelos quais os leitores escrevem para o jornal ou revista. Em estudo sobre a carta do leitor nos jornais brasileiros, Melo (1999, p. 19) constata uma presença maior de cartas de reclamação, nas quais o leitor escreve “para se queixar, especialmente para se queixar do poder público”. No entanto, nem sempre o propósito da carta é explicitado, como pudemos observar em “Vive la rentrée”, do *Le Monde*.

As reflexões desenvolvidas anteriormente abordam a dificuldade de se conceber esse gênero pela tipologia seqüencial. Em “Vive la rentrée”, por exemplo, a leitora-autora não escreve para narrar um fato mas para denunciar o absurdo do comportamento burocrático no serviço de designação de alunos na França. Uma proposta de transposição didática do gênero “carta do leitor” deveria, portanto, dar conta das especificidades dessa forma de comunicação, dentre as quais o reconhecimento do propósito comunicativo. Trataremos a seguir dessa questão.

## **CAPÍTULO IV: TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA DA CARTA DO LEITOR**

O presente capítulo propõe-se a descrever e analisar a experiência didática de leitura e produção escrita do gênero carta do leitor realizada com alunos de francês língua estrangeira (FLE) e se organiza em:

- Descrição da situação de aprendizagem;
- Objetivos visados;
- Relato da experiência;
- Critérios de seleção e análise do *corpus*;
- Análise dos resultados;
- Algumas conclusões da experiência.

### **4.1 DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM**

A situação de aprendizagem envolve as características do curso como um todo, o perfil do grupo em que foi realizada a experiência e as condições de aprendizagem.

#### **4.1.1 Características do Curso**

O curso de francês extracurricular é um curso de extensão universitária oferecido pelo Serviço de Cultura e Extensão (SCE) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo cujo objetivo é “desenvolver habilidades orais e escritas em língua francesa em situações cotidianas”.

O curso é dividido em sete níveis, correspondentes a sete semestres com carga horária equivalente a 45h/nível, num total de 315h/curso. As aulas acontecem de uma a duas vezes por semana, com carga horária semanal equivalente a três horas.

O programa do curso é assim descrito:

*“Desenvolvimento de habilidades comunicativas em língua francesa que possibilitam a aquisição de estruturas e do léxico básico utilizado em situações cotidianas diversas. Serão estudados e praticados nos diferentes níveis os elementos lexicais, fonéticos, fonológicos, morfossintáticos e semânticos necessários à expressão oral e escrita que serão desenvolvidos no curso.”*

A aprovação é feita por meio de avaliações orais e escritas, sendo necessária a média final equivalente à nota 5,0. Ao término de cada nível, os alunos recebem um certificado de conclusão.

O público-alvo é composto por:

- 1) Graduandos e pós-graduandos da USP;
- 2) Professores da rede pública e particular;
- 3) Funcionários da USP, com ensino médio completo;
- 4) Graduandos e pós-graduandos de outras Universidades;
- 5) Interessados em geral, com ensino médio completo, obedecida esta ordem de prioridade.

Os monitores que ministram os cursos devem obrigatoriamente estar inscritos em programa de Pós-Graduação da FFLCH/USP e são selecionados mediante concurso (prova escrita e entrevista). A coordenação geral está sob a responsabilidade de um Professor Doutor da área de Língua e Literatura Francesa da Universidade de São Paulo.

#### 4.1.2 Perfil do Grupo Analisado

A experiência foi realizada com o grupo de francês nível 5, composto por dezoito alunos. Dentre as características mais relevantes, destacamos a heterogeneidade do grupo nos seguintes aspectos:

- idade: de jovens universitários a terceira-idade;
- profissão: docente da USP aposentada (1), profissionais liberais do jornalismo (1) e economia (1), terceira-idade (2), estudantes universitários de Letras (2) e Arquitetura (1), pós-graduandos de História, Língua Portuguesa e Literatura (5) e professoras da rede pública aposentadas (5).
- objetivos/necessidades: transcrevemos a seguir depoimentos anônimos e espontâneos desse grupo em questionário de avaliação do curso, distribuído na metade do semestre. Como resposta ao item "As atividades de que mais gosta (pelo menos duas)", boa parte dos alunos (11 em 18) mencionou a leitura. A notar que os itens não foram induzidos mas livremente invocados por eles.



**NÍVEL: 5**  
**HORÁRIO: SEG/QUA 12H15**  
**PROFESSOR: ALINE CHAVES**  
**ANO: 2003 (1º SEMESTRE)**  
**DATA: 21/05/03**  
**Nº DE ALUNOS: 18**

**ATIVIDADES PREFERIDAS NO CURSO**

*(Cada item leva em conta o número de alunos que mencionaram as atividades.)*

11	<b>LEITURA</b>	(textos em geral)
6	<b>COMPREENSÃO ORAL</b>	(documentos sonoros do manual ou outro)
5	<b>CONVERSAÇÃO</b>	(debates, discussões)
5	<b>MÚSICA</b>	(compreensão oral de canções francesas)
4	<b>GRAMÁTICA</b>	(explicações e exercícios de sistematização)
3	<b>VÍDEO</b>	(documentos audiovisuais didáticos e autênticos)
2	<b>DIÁLOGOS</b>	(encenações, "jeux de rôle")
2	<b>LITERATURA</b>	(leitura de obras clássicas e modernas)
1	<b>REDAÇÃO</b>	(expressão escrita a partir de um tema)

**4.1.3 Condições de Aprendizagem**

As condições de aprendizagem compreendem:

- Carga horária: curso ministrado às segundas e quartas-feiras, com duração de 1h30/aula ou 3h semanais.
- Nível: 5 – intermediário (180h).
- Manual didático: *Café Crème* 2 livro e caderno de exercícios (unidades 5 a 8) e material complementar elaborado pelo professor.
- Competências trabalhadas: compreensão oral (auditiva e audiovisual); compreensão escrita (textos didáticos, de imprensa e obras literárias); expressão oral (conversação, "jeux de rôle", "exposé") e expressão escrita (produção de textos).
- Avaliação: oral ("exposé") e escrita (duas)
- Habilidades comunicativas: Para todas as unidades (5 a 8).
  - 1) expressar uma opinião e justificá-la;
  - 2) convencer (alguém a fazer algo);
  - 3) compreender um texto argumentativo.
- Conteúdos do nível 5:

- 1) Unidade 5: “*Vivre dans une grande ou petite ville*” (tópicos gramaticais: frase subordinada condicional ‘*si + présent*’; coordenação; discurso relatado no presente).
- 2) Unidade 6: “*Les relations parents-enfants*” (tópicos gramaticais: frase subordinada condicional: ‘*si+ imparfait*’; discurso relatado no passado; pronome complemento duplo)
- 3) Unidade 7: “*Le choix et l’organisation des vacances*” (tópicos gramaticais: subjuntivo; interrogação ‘*qui est-ce qui*’ / ‘*qui est-ce que*’)
- 4) Unidade 8: “*La place du travail dans notre vie*” (tópicos gramaticais: *plus-que-parfait*; frase subordinada condicional: ‘*si + plus-que-parfait*’ ; pronome complemento duplo)

#### 4.2 OBJETIVOS VISADOS

A escolha do gênero discursivo carta do leitor para o trabalho de leitura e produção escrita em francês língua estrangeira (FLE) atendia, inicialmente, ao programa de curso previsto para o nível 5. Conforme descrito no item anterior, as situações comunicativas abordadas pelo manual – nas unidades 5 a 8 – propunham o desenvolvimento das capacidades de “expressar uma opinião e justificá-la”, “convencer (alguém a fazer algo)”, “compreender um texto argumentativo”.

Como se vê, o próprio manual estabelece para a “*Partie 2*”, em que as unidades 5 a 8 se inserem, o trabalho de habilidades comunicativas próprias da argumentação. Esse é, aliás, o projeto pedagógico exposto no “*Avant propos*” do manual: “...un découpage en quatre parties, construites sur le même modèle: chaque partie comprend quatre unités s’articulant autour d’un même type de discours (l’informatif, l’argumentatif, l’explicatif et le narratif)... ” (p. 3).

Desse modo, o critério didático que orienta a progressão no manual *Café Crème 2* corresponde à noção de tipo: informativo, argumentativo, explicativo e narrativo.

Não cabe aqui uma crítica ao critério didático adotado pelo manual. Ainda que o tipo corresponda tão-somente a um traço lingüístico das manifestações dinâmicas de linguagem (os gêneros), ele participa dos conhecimentos espontâneos dos sujeitos, conforme já abordamos neste trabalho.

Os gêneros discursivos selecionados para o trabalho de leitura e produção escrita nas referidas unidades do manual guiam-se igualmente pelo critério tipológico. São eles:

**Unidade 5:** gênero: carta formal

Atividade de leitura: carta-resposta (formal) a um anúncio de revista para troca de apartamentos durante as férias.

Atividade de produção escrita: *“Des étudiants étrangers veulent visiter votre pays. Ils vous écrivent ... Vous leur répondez: dites pourquoi ils devraient préférer votre région.”* (p. 51).

#### **Unidade 6:** carta familiar

Atividade de leitura: carta (familiar) à melhor amiga para pedir conselhos sobre problemas familiares.

Atividade de produção escrita: *“Mathilde est triste parce qu'elle n'a pas pu aller à la soirée. Imaginez la lettre qu'elle écrit à sa meilleure amie.”* (p. 59).

#### **Unidade 7:** carta familiar

Atividade de leitura: carta (familiar) a amiga para dar conselhos sobre férias diferentes.

Atividade de produção escrita: *“Un de vos amis aime beaucoup faire du sport et il ne sait pas où aller en vacances. Il vous écrit pour vous demander un conseil. Vous lui répondez.”* (p. 69)

#### **Unidade 8:** carta do leitor

Atividade de leitura: carta (do leitor) para expressar opinião contrária à divulgada pela pesquisa de uma revista (?) segundo a qual muitas pessoas não trabalham menos por medo de perder dinheiro.

Atividade de produção escrita: *“Dans une revue française, vous avez lu une enquête qui explique que, plus on a de diplômes, plus on a de chances de trouver du travail. Vous écrivez à la revue pour exprimer votre opinion. Suivez le plan de la lettre que vous venez de lire.”* (p. 77)

Como se vê, os gêneros discursivos que constam no manual para dar conta da “compreensão de um texto argumentativo” e “expressão e justificativa de uma opinião” são as diferentes modalidades de carta: familiar, formal e do leitor.

Procurando conjugar o modelo proposto pelo manual, que associa o gênero carta ao tipo “argumentativo”, elaboramos uma experiência didática coerente com o programa de curso do nível 5. Os objetivos visados por nossa abordagem, no entanto, são outros.

O primeiro e principal objetivo está relacionado com a necessidade de trazer para a aula de língua reflexões teóricas da atualidade que preconizam o gênero como objeto de ensino. Isso implica, por um lado, que todo texto se manifesta concretamente num gênero discursivo, do qual os fatores sócio-históricos bem como os contextos de produção são indissociáveis.

Por outro lado, entendemos que o tipo está subordinado ao gênero, na medida em que as seqüências textuais dão forma lingüística a uma manifestação autêntica de linguagem. Em outras palavras, nós nos comunicamos por gêneros e não por tipos. A inegável eficácia metodológica do tipo não deve desconsiderar, portanto, a realidade dinâmica dos discursos na sociedade.

É assim que, no capítulo 3 deste trabalho, nos defrontamos com uma carta do leitor narrativa em sua essência (“Vive la rentrée” [MONDE1]) mas argumentativa do momento em que os fatores discursivos são desvelados: uma leitora que escreve ao jornal para denunciar o descaso do funcionalismo público na França para com uma mãe de origem árabe.

No caso específico da carta do leitor, o tratamento dado a esse gênero no referido manual reforça o nosso objetivo. A carta do leitor proposta tanto para a leitura quanto para a produção escrita obedece a um plano fixo que não corresponde à realidade em que tais textos são veiculados na imprensa. Em primeiro lugar, esse e outros gêneros podem ser compostos de uma ou várias seqüências tipológicas. Sendo a carta do leitor essencialmente argumentativa, o manual propõe ao aluno o modelo do texto argumentativo, baseado na representação de que basta um bom uso de marcadores de enunciação. Esse “modelo” é transcrito a seguir:

Pour vous aider à écrire...

Le développement de votre texte doit être organisé :

- *Premièrement...deuxièmement...*
- *D'un côté...de l'autre...*
- *D'une part...d'autre part...*
- *D'abord...ensuite...*
- *Dans un premier temps...dans un deuxième temps... (Café Crème 2, p. 77)*

No entanto, a carta do leitor nem sempre apresenta esse plano de texto, sendo frequentes as inserções de seqüências narrativas, descritivas, explicativas, injuntivas e até dialogais<sup>59</sup>. Longe de descaracterizar a orientação argumentativa das cartas, a heterogeneidade tipológica é uma realidade que não pode passar despercebida no ensino de línguas.

<sup>59</sup> A título de ilustração, conferir, nos anexos, as cartas “Vive la rentrée” [MONDE1], “La retraite des mères de famille” [MONDE3], “Je ne veux pas qu'on me traite de tortionnaire” [NOBS5], “Fichez-nous la paix” [NOBS6].

A segunda observação diz respeito à presença da carta do leitor no contexto de enunciação do manual didático. Deslocada de seu ambiente natural, a imprensa, a carta do leitor figura no manual *Café Crème 2* quase como um gênero didático. Na carta referida (p. 77), não há menção ao contexto de produção (data, locutor, destinatário, tipo de publicação) e faltam elementos paratextuais (título, assinatura, configuração gráfica) e informações relativas ao tema: “votre enquête”, “beaucoup de gens”.

Segue na próxima página a fotocópia original da página do manual.

# E P R E M I E R



## ÉCRIT

### Courrier des lecteurs

J'ai lu avec intérêt votre enquête sur le travail. Vous écrivez que beaucoup de gens souhaitent travailler moins, mais qu'ils ne le font pas parce qu'ils ont peur de manquer d'argent. Je pense qu'ils se trompent.

Premièrement, on ne dit pas assez que travailler beaucoup coûte cher. Quand on a plus de temps, on va au marché, on fait la cuisine et on ne s'arrête plus régulièrement au restaurant du coin, à la sortie du travail, vers 21 heures. Et puis, on apprend à bricoler<sup>1</sup> : si je n'avais pas changé de vie, je n'aurais jamais fait autant de choses tout seul.

Deuxièmement, il faut se demander quels sont nos vrais besoins. Il ne s'agit pas d'arrêter de consommer, mais de dépenser mieux. Nous achetons trop de choses inutiles.

Changer n'est pas facile, quand on a appris depuis l'école que le travail est le centre de notre vie. Mais c'est possible et, surtout, c'est très agréable !

#### POUR VOUS AIDER À ÉCRIRE...

Le développement de votre texte doit être organisé :

- Premièrement... deuxièmement...

- D'un côté... de l'autre...

- D'une part... d'autre part...

- D'abord... ensuite...

- Dans un premier temps... dans un deuxième temps...

<sup>1</sup> Bricoler : faire des petits travaux, fabriquer, réparer.

#### 1. Les éléments ci-dessous introduisent des parties importantes du texte. Repérez-les.

##### 1. Introduction.

*J'ai lu...*

*Je pense que...*

##### 2. Premier développement.

*Premièrement, ...*

*Quand on... Et puis, ...*

##### 3. Deuxième développement.

*Deuxièmement, il faut...*

*Nous...*

##### 4. Conclusion.

*Changer n'est pas facile...*

*Mais c'est...*

#### 2. Les éléments ci-dessous décrivent les parties du texte. Faites-les correspondre au plan ci-dessus.

- le deuxième argument et son illustration
- une affirmation et une opposition
- le rappel du sujet et l'opinion du lecteur
- le premier argument et son illustration

#### 2. Dans une revue française, vous avez lu une enquête qui explique que, plus on a de diplômes, plus on a de chances de trouver du travail. Vous écrivez à la revue pour exprimer votre opinion. Suivez le plan de la lettre que vous venez de lire.

## ORAL

#### 3. Deux amies, Rébecca et Fabienne, discutent. Jouez la scène.

- Rébecca annonce à Fabienne qu'elle veut refuser un poste très bien payé.
- Fabienne qui rêve de faire carrière, s'étonne.
- Rébecca, qui a réfléchi avant de prendre sa décision, expose alors ses arguments.
- Mais Fabienne, qui vient de finir ses études et commence à travailler, n'est pas d'accord.
- Rébecca expose d'autres arguments et Fabienne comprend enfin que la position de Rébecca peut être intéressante.

A ausência dos elementos contextuais, paratextuais, e da relação dialógica das cartas é tanto mais grave porque o aluno pode não saber nem mesmo o significado de “*Courrier des Lecteurs*”, que mais se assemelha, nessa carta, a um título. Conseqüentemente, a atividade que tem por base a carta do leitor nesse manual torna-se artificial para o aluno, na medida em que enfraquece a relação que os gêneros entretêm com a realidade das interações humanas.

A seqüência didática elaborada para esta pesquisa foi pensada para atender a algumas necessidades reveladas pelo trabalho com textos na aula de língua. Não se tratava de contestar o projeto didático do manual, mas de complementar sua abordagem com fatos reais da língua.

Assim sendo, o que propomos na seqüência didática de leitura e produção escrita da carta do leitor em francês é um contato autêntico dos alunos com uma forma de comunicação empírica da cultura francesa. A nossa experiência não pretende ser um modelo de transposição didática, mas, como o nome indica, uma experiência capaz de levantar os eventuais problemas com que professor e aluno se deparam no trabalho da compreensão e produção escritas em FLE.

Dentre os objetivos específicos da atividade de leitura da carta do leitor, pretendíamos que, a partir da sensibilização aos elementos que compõem o gênero – tema, estilo, composição e contexto de produção – o aluno fosse capaz de interpretar adequadamente o propósito comunicativo do autor da carta. A hipótese inicial é a de que a interação dos conhecimentos já adquiridos do aluno (competências) são capazes de suprir dificuldades puramente lingüísticas, especialmente os referentes culturais.

Na atividade de produção escrita da carta do leitor, buscávamos conferir ao aluno uma certa autonomia na produção do gênero, incentivando-o a se apoiar em seus próprios conhecimentos da carta do leitor: temas, intenções comunicativas, estilo e composição textual predominantes.

Apesar de estarmos mais interessados nos elementos discursivos do gênero que, a nosso ver, atenuam as dificuldades próprias da gramática da língua, a competência lingüística dos alunos não foi desconsiderada em nossa experiência.

É válido lembrar que o programa de curso do nível 5 estabelece tópicos gramaticais pertinentes à capacidade de “expressar um opinião e justificá-la”: a oração subordinada condicional, a coordenação, o discurso relatado, o subjuntivo.

A sistematização dos tópicos gramaticais citados por meio da realização de exercícios estruturais no livro de exercícios (*Café Crème 2, Cahier d' exercices*) e na apostila complementar do curso supriu o trabalho dos mecanismos gramaticais da língua.

Passamos, assim, ao relato da experiência.

### 4.3 RELATO DA EXPERIÊNCIA

O projeto inicial da experiência previa a aplicação da seqüência didática ao longo de todo o curso do nível 5, ou seja, 4 meses (março a junho). Em razão da heterogeneidade do grupo, optamos por aplicá-la no final do curso, quando conseguimos chegar a uma melhor homogeneização dos conhecimentos dos alunos.

Fator já mencionado neste trabalho, a heterogeneidade do grupo correspondia às diferentes faixas etárias, formações e objetivos. Além disso, nos cursos extracurriculares de francês adotamos o procedimento de manter o professor junto ao mesmo grupo por no máximo 2 semestres (2 níveis). Esse grupo em particular vinha de outras turmas ministradas por outros professores. Assim, tratava-se, para muitos deles, do primeiro encontro com outros colegas e com a professora. Junto a isso, deve-se levar em conta o fato de que havia um desequilíbrio entre os conhecimentos dos alunos, seja porque vinham de cursos externos à USP, seja porque já possuíam uma longa experiência no idioma, devido a viagens, trabalho, estudos anteriores.

Descrevemos a seguir as etapas da experiência:

**1ª etapa)** Trabalho, em grupo, de manipulação de jornais e revistas franceses.

**2ª etapa)** Trabalho, em grupo, de leitura de 4 cartas do leitor selecionadas pelo professor.

**3ª etapa)** Trabalho individual de leitura da carta "Vive la rentrée" [MONDEI] e de produção escrita a partir de tema similar.

**4ª etapa)** Trabalho individual, em avaliação escrita final, de leitura e produção escrita da carta do leitor.

A descrição detalhada das etapas será relatada a seguir.

#### **1ª etapa**

A introdução do gênero carta do leitor na experiência didática foi realizada da forma mais autêntica possível, dentro das limitações naturais da aula de língua. Foram distribuídos



aos alunos exemplares recentes de jornais e semanários franceses de maior repercussão (*Le Figaro*, *Le Monde*, *Le Point*, *L'Express*, *Le Nouvel Observateur*), uma revista feminina (*Elle*) e um jornal gratuito (*Métro*). Evidentemente, a seção de cartas do leitor constava em todas essas publicações.

Em grupos de dois a três, os alunos manipularam os exemplares seguindo a orientação abaixo, exposta no quadro-negro:

1. localizar a seção
2. identificar o estatuto (grau de importância) da seção no corpo do veículo
3. localizar o nome da seção
4. localizar a data
5. descrever a apresentação gráfica da seção
6. fazer um levantamento dos temas abordados nas cartas

De posse dessas informações, os grupos fizeram uma exposição oral em que descreveram esses elementos. Nessa exposição, eles fizeram algumas observações que denotaram suas experiências de leitura de textos de imprensa.

O grupo que analisou o exemplar da revista francesa *Elle*, por exemplo, inferiu que a configuração gráfica da seção de cartas nessa revista estava associada ao perfil do público-leitor da revista, a saber as mulheres. A presença de destaques gráficos coloridos, de fotos de celebridades e a alternância de caracteres entre uma carta e outra constituiriam, segundo eles, elementos facilmente identificáveis como pertencentes ao universo feminino, caracterizado pela descontração e preocupação com a forma.

O grupo que analisou o exemplar do *Le Monde* constatou a presença de temas sociais (aposentadoria, assistência social) que estariam dentre os assuntos mais recorrentes na sociedade francesa. Eles também observaram que as cartas eram extensas e bem escritas, o que, segundo eles, se devia ao alto grau de instrução dos leitores desse jornal.

O grupo que analisou o exemplar do *Le Point*, por sua vez, observou que o espaço concedido à voz dos leitores é relegada a segundo plano nesse veículo, visto que a seção se localiza nas páginas finais da revista, junto com as palavras-cruzadas e matérias de entretenimento.

A respeito do tema, o grupo que manipulou o *Le Nouvel Observateur* destacou a presença de um número maior de cartas que tratavam da guerra da Argélia, na realidade cartas

de reação à reportagem de capa publicada no número anterior da revista. Eles comentaram que o tema genérico, a guerra, é pouco abordado na imprensa brasileira.

Esse primeiro contato visava a observar a competência genérica dos alunos com relação à seção de cartas do leitor. Como essa primeira atividade foi realizada sem dificuldades e praticamente sem o auxílio do professor, constatamos que os alunos em sua maioria conheciam o gênero. Dentre os depoimentos espontâneos, uma aluna revelou que a seção de cartas é sua primeira leitura no jornal.

O interesse despertado pela atividade manifestou-se na concentração dos alunos, que falaram o tempo todo em francês. Eles discutiram ainda pontos que não constavam na orientação dada, como por exemplo a relação entre os temas abordados e a cultura ou a relação entre a configuração gráfica da seção e o perfil ideológico do veículo.

Essas considerações dos alunos nos levaram a crer que eles possuíam conhecimentos prévios sobre o gênero analisado, na medida em que eles foram capazes de fazer apontamentos relevantes sobre a apresentação da seção como um todo. Além da motivação causada pela atividade, acreditamos que essa primeira etapa também foi bem sucedida porque os levou a refletir sobre aspectos culturais de forma mais ou menos espontânea.

## 2ª etapa

Nessa etapa, os alunos receberam a fotocópia original de quatro cartas do leitor autênticas. Após leitura individual das cartas, passamos à discussão dos elementos expostos no quadro-negro e transcritos abaixo.

1. tema
2. intenção comunicativa
3. estilo

O objetivo visado nessa etapa era levar os alunos a detectar a intenção comunicativa do autor da carta, observando o estilo e a estrutura composicional empregados. Tal procedimento buscava mostrar, de forma não explícita, que o estilo e a composição textual das cartas são variados e servem ao propósito comunicativo do leitor-autor.

Comentaremos a atividade ilustrando a interpretação de duas cartas que trouxeram elementos para reflexão.

**Carta 1: [EXPRESS5]**

**L'euro...**

Pharmacien, donc aussi commerçant, je suis un peu étonné de l'immense satisfaction des médias qui crient à la réussite totale du passage à l'euro, à la faillite de tous ceux qui étaient soit contre, soit sceptiques. C'est aller vite en besogne. Que fallait-il qu'il se passe pour que cela soit un fiasco ? Depuis des mois, on nous parle de la naissance de cette nouvelle monnaie comme d'une chose inexorable.

Peu de gens veulent se mettre hors la loi. Et c'est la preuve de leur civisme. Pourtant, combien de commerçants font des heures supplémentaires pour arriver à équilibrer leur caisse? (...)

C. Guest (courriel)  
28/2/2002

Tema: A identificação do tema se fez sem maiores dificuldades. Os alunos se manifestaram com segurança sobre a repercussão da nova moeda européia na vida dos trabalhadores, fornecendo outros exemplos de que tinham conhecimento, em comentários como "Na Itália, a inflação subiu 50% por causa do euro.", "É uma moeda virtual.", "Os aposentados dizem que o dinheiro não dá para o mês."

Intenção comunicativa: De modo geral, os alunos afirmaram que se tratava de uma crítica à mudança de moeda. Mas, segundo eles, a dificuldade de interpretar uma oração em particular, a ser explicitada no próximo item, tornava a intenção pouco explícita. Como se poderá constatar, essa dificuldade não advinha unicamente da competência lingüística mas da pouca familiarização com os diferentes modos de expressar uma crítica (saber pragmático).

Estilo: As dificuldades lexicais previsíveis foram atenuadas pelo contexto e solucionadas pelos próprios alunos, sem intervenção do professor. Como os termos desconhecidos faziam parte do campo lexical do trabalho ("faillite", "aller vite en besogne", "se mettre hors la loi", "heures supplémentaires", "caisse") e grande parte dos alunos haviam sido ou eram trabalhadores, as inferências foram suficientes para que alguns deles reconhecessem esses termos.

No entanto, os alunos tiveram dificuldade em compreender o sentido exato da oração "Que fallait-il qu'il se passe pour que cela soit un fiasco?", o que os impedia de aí ver uma crítica. Para uns, tratava-se de uma interrogação para a qual o autor da carta não tinha respostas. Para outros, a questão estava deslocada no texto, o que poderia ser atribuído a algum corte do editor. Em suma, a interpretação dessa oração causou polêmica na sala de aula.

Temos algumas hipóteses sobre as dificuldades dos alunos em perceber a crítica contida nessa indagação.

Em primeiro lugar, pode tratar-se de um problema de língua. O verbo "falloir" na conjugação do tempo verbal Imperfeito do Indicativo era desconhecida de alguns deles. E ainda o pronome "il", que aparece duas vezes na oração, indicando a forma impessoal do sujeito em francês. Para alguns alunos, no entanto, "il" era interpretado como um termo anafórico para a moeda, "o euro".

A segunda hipótese diz respeito à função exercida por essa interrogação no texto. Na realidade, o autor da carta não está procurando entender por que motivo(s) o euro seria um fiasco, uma vez que ele mesmo responde a essa pergunta logo em seguida, quando diz: "Depuis des mois, on nous parle de la naissance de cette nouvelle monnaie comme d'une chose inexorable." Em outras palavras, a nova moeda não poderia fracassar porque foi divulgada como uma realidade à qual não se poderia escapar. Infere-se daí que "não há outra saída" e que o euro foi imposto aos europeus. A seqüência da carta confirma essa leitura: "Peu de gens veulent se mettre hors la loi. Et c'est la preuve de leur civisme." Para esse comerciante, bem como para a maioria dos cidadãos europeus, contestar o euro é o mesmo que estar ilegal, o que poucos desejam. Vê-se, assim, que se trata de uma interrogação retórica, na medida em que o autor já conhece a resposta. A função dessa interrogação no texto é justamente contestar, de forma irônica, o sucesso do euro aclamado pela mídia.

De acordo com essa segunda hipótese, os alunos teriam tido dificuldades de interpretar o enunciado irônico contido nessa pergunta. De fato, o reconhecimento da ironia é uma tarefa difícil até mesmo para os falantes nativos. A mensagem não-literaL contida na oração irônica implica o conhecimento de fatores extralingüísticos, nesse caso a intonação irônica própria da cultura francesa: "Que fallait-il... ?".

As dificuldades lexicais evocadas na primeira hipótese foram sanadas com o auxílio do professor. A elucidação, contudo, não foi suficiente para que os alunos compreendessem efetivamente a intenção manifestada pelo autor naquela oração. Foi necessário, então, explicitar que aquela interrogação funcionava como um recurso irônico de que o autor se valia para contestar a imposição da nova moeda.

Com base nessas informações, pode-se avançar, por ora, que a dificuldade de interpretação da oração "Que fallait-il qu'il se passe pour que cela soit un fiasco ?" se deveu menos a uma deficiência dos saberes lingüísticos dos alunos do que a uma interpretação inexata do conteúdo implícito da oração. Ao interpretar a oração por seu sentido literal, ou

seja, uma interrogação que busca uma resposta, os alunos não atinaram com o sentido exato da oração.

É válido lembrar que essa dificuldade não afetou a interpretação da intenção comunicativa global da carta. Os alunos não hesitaram em localizar a crítica, apoiando-se em outras informações fornecidas pela carta, tais como a presença de termos avaliativos ("étonné", "immense satisfaction", "crient", "réussite totale", "c'est aller vite en besogne") e de um conector de oposição ("pourtant").

### Carta 2 : [EXPRESS6]

#### **Grande-Bretagne**

Commentaire à la suite de votre article "Vivre et travailler à Londres" (*voir L' Express du 31 janvier*).

L'Angleterre est une vieille dame excentrique qui s'accroche à ses traditions, à son insularité et à sa souveraineté, mais elle respecte et encourage les individus motivés et énergiques. Ici, c'est la jungle, la loi du plus fort (ou plutôt du plus courageux), ce n'est pas pour les râleurs à la mentalité d'assistés ou les paresseux.

Tout n'est pas rose ou idéal, mais au moins, si vous avez de la ténacité et l'esprit d'aventure, vous aurez toutes les chances de vous faire une place au soleil. Le grand mérite de votre article est qu'il découragera les pantouflards.

Anne Feather  
Grande-Bretagne (courriel)  
28/2/2002

Tema: A identificação do tema dessa carta foi facilitada pelo título: "Grande-Bretagne". Após uma leitura atenta, os alunos concluíram que a autora falava sobre viver e trabalhar na Inglaterra, na realidade uma reformulação do título do artigo publicado na revista e que constituía o objeto da carta ("Vivre et travailler à Londres").

Intenção comunicativa: A identificação do propósito comunicativo da carta não foi unânime entre os alunos. Alguns enxergavam no comentário da autora uma tentativa de se solidarizar com o artigo publicado, outros, ao contrário, acreditavam se tratar de uma crítica ao artigo e, por extensão, aos franceses "preguiçosos" que cultivam a mentalidade de que a Inglaterra é o lugar ideal para eles.

A dificuldade de perceber se a carta era um elogio ou uma crítica ao artigo publicado na revista deveu-se a dois fatores. O primeiro diz respeito a um traço constitutivo desse gênero, a saber o fato de que as cartas do leitor dialogam explicitamente com outros enunciados, nesse caso o artigo da revista. Na impossibilidade de conhecer o artigo, os alunos

tiveram dúvidas quanto à posição crítica da leitora-autora. O segundo fator relaciona-se ao desconhecimento de aspectos culturais apenas sugeridos na carta mas suficientemente compreensíveis para aqueles que compartilham tais conhecimentos, a saber a má reputação dos franceses como sendo “resmungões” (“râleurs”), assistidos pelo estado (“assistés”) e fechados em sua cultura (“pantouflards”). Uma aluna lembrou que na França os cidadãos recebem ajuda do Estado, o que explicaria a depreciação contida no termo “assistés”.

Com relação a esse segundo fator, o desconhecimento dos referentes culturais mencionados não prejudicou totalmente a interpretação do propósito expresso na carta de criticar os franceses. Alguns alunos evocaram a rivalidade França/Inglaterra, apoiando-se em dois elementos peritextuais da carta: a identidade da autora (Anne Feather) e o local (Grande-Bretagne). Para eles, tratava-se de “uma inglesa que já morou na França”. Tal leitura é confirmada pelo fato de que a autora mora na Inglaterra e leu o artigo publicado em uma revista francesa. Além disso, o artigo dirigia-se aos franceses, leitores potenciais da revista que é publicada na França.

De qualquer modo, o propósito da carta foi interpretado adequadamente como sendo uma crítica aos franceses e/ou estrangeiros “râleurs à la mentalité d’assistés” e “pantouflards” que se incluíssem nesse perfil.

Estilo: Os alunos expressaram uma maior dificuldade em compreender o sentido dos termos avaliativos “râleurs” e “pantouflards” mencionados na carta. Eles foram capazes de perceber o conteúdo depreciativo desses adjetivos mas não possuíam a competência lingüística necessária para fazer a equivalência semântica dos termos em língua materna.

A fim de evitar uma tradução direta, foi sugerido aos alunos que localizassem de que forma a autora construía a crítica. Os alunos concluíram que havia uma avaliação positiva com relação a tudo o que se referia à Inglaterra e uma avaliação negativa dos indivíduos que não moram na Inglaterra e sonham em lá viver de forma confortável.

No quadro-negro, separamos os termos apreciativos e os depreciativos. Para os primeiros, eles citaram “individus motivés”, “énergiques”, “la jungle”, “la loi du plus fort”, “plus courageux”, “ténacité”, “esprit d’aventure” e “place au soleil” contra “râleurs”, “mentalité d’assistés”, “paresseux” e “pantouflards”.

Com base nessa oposição, construída com estereótipos de um lado e de outro, eles lançaram a hipótese de que “râleurs” e “pantouflards” pertenciam a um campo lexical oposto aos termos apreciativos. Uma aluna associou “pantouflard” a “pantoufle” e supôs que o termo seria um sinônimo de “paresseux”. Quanto a “râleurs”, apesar do esforço em associar o termo ao verbo “ralar”, em português, na realidade um falso cognato, as tentativas foram frustradas.

Em português, o sentido informal de “ralar” estaria mais associado aos termos depreciativos da carta.

Além do léxico empregado, a leitora-autora se serve ainda da ironia para construir a crítica ao artigo, em “Le grand mérite de votre article est qu’il découragera les pantouflards”. Nessa oração, a leitora-autora verbaliza por assim dizer o propósito da carta de forma irônica, sugerindo que o artigo também carrega estereótipos com relação à Inglaterra, o que se pode perceber na seqüência prototípica argumentativa: “L’ Angleterre est une vieille dame excentrique qui s’accroche à ses traditions, à son insularité et à sa souveraineté, mais...”. Por desconhecer o artigo publicado e os conteúdos culturais implícitos na carta, os alunos não perceberam que se tratava de um enunciado irônico.

Nota-se, assim, que o conhecimento restrito do tema e de alguns termos da língua dificultaram o acesso a informações localizadas da carta. Em contrapartida, o conhecimento do gênero (expressar uma opinião), alguns conhecimentos enciclopédicos (rivalidade França/Inglaterra, “assistés”) e a competência textual (relação coesiva de oposição entre os termos) auxiliaram os alunos na identificação do propósito comunicativo dessa carta.

### 3ª etapa

Nessa etapa, os alunos realizaram individualmente a atividade de leitura e produção escrita do gênero. Primeiramente, eles leram em casa a carta “Vive la rentrée” [MONDE1], a fim de que pudéssemos aproveitar o tempo em sala de aula para reflexão e discussão. Sob orientação, eles fizeram o levantamento dos seguintes pontos:

1. tema
2. autor/destinatário
3. intenção
4. estilo
5. estrutura

A carta “Vive la rentrée”, analisada no capítulo 3 deste trabalho, caracteriza-se por manifestar uma intenção comunicativa mediante uma seqüência prototípica narrativa dominante. Nessa etapa da experiência, pretendia-se verificar se os alunos avaliariam adequadamente a intenção manifestada, a despeito da composição textual empregada pelo autor.

Na aula seguinte, discutimos os pontos levantados.

A começar pelo tema, os alunos mostraram ter compreendido a intenção comunicativa expressa na carta. Em depoimentos espontâneos, eles lembraram que a temática é bastante similar no Brasil. Especialmente os alunos que haviam sido professores da rede pública se sentiram diretamente implicados pela questão, visto que haviam lidado com o problema da burocracia durante toda a carreira.

De posse desse conhecimento, não foi difícil para os alunos traçar o perfil da autora e do destinatário da carta. Para eles, tratava-se de uma mãe, indignada com uma cena presenciada na “seção de designação de alunos” nas escolas públicas, que escrevia ao jornal para denunciar a situação.

Na referida carta, a ausência de uma seqüência prototípica argumentativa, muito comum na carta do leitor, não parece ter prejudicado a identificação do propósito. O simples fato de a autora escrever para o jornal para contar um episódio revoltante foi suficiente para que os alunos se solidarizassem com os sentimentos dessa mãe.

Como os alunos haviam realizado essa atividade em casa, podendo consultar um dicionário, não surgiram dúvidas em sala de aula quanto ao léxico propriamente dito. Por outro lado, eles tiveram dúvidas com relação a termos associados a uma representação social: “maghrébine” e “français approximatif”.

Essa dificuldade está relacionada a um conteúdo cultural, a saber a questão dos imigrantes árabes originários do Maghreb – região do norte da África formada por países que foram colônias francesas – que se instalaram na França nas últimas décadas. Os filhos desses imigrantes, nascidos na França, compõem a nova geração de franceses. Por inferência, os alunos concluíram que “français approximatif” dizia respeito ao sotaque dos imigrantes.

Com relação à estrutura textual, os alunos mostraram ter conhecimentos das seqüências textuais. Eles afirmaram que a estrutura da carta se assemelhava a uma “descrição dos fatos” ou “descrição de uma cena”. Apesar de empregarem uma terminologia não exatamente adequada, nota-se que eles têm essa percepção.

Na seqüência dessa atividade, foi pedido aos alunos que escrevessem uma carta do leitor de acordo com a orientação: “Inspirando-se na denúncia expressa nessa carta, escreva uma carta a um jornal ou revista francesa manifestando uma crítica a uma situação de descaso presenciada para com a população.”

As considerações sobre essa atividade estão contidas no item 4.6 “Algumas conclusões da experiência”.



#### 4ª etapa

Na última etapa da experiência, os alunos realizaram a atividade de compreensão e expressão escrita da carta do leitor na avaliação escrita final do curso.

Apesar de a avaliação ser um procedimento pedagógico imposto aos alunos, julgamos que essa seria uma maneira eficaz de observar os elementos que nos interessavam na análise. Em primeiro lugar porque, na ocasião da avaliação, haveria uma maior probabilidade de que todos os alunos estivessem presentes. Em segundo lugar, acreditávamos que os alunos apresentariam um melhor rendimento na realização das atividades, haja vista o comprometimento maior com que assumiriam a tarefa.

É importante ressaltar que, ao adotar tal procedimento, não encaramos a avaliação como uma forma de imposição, sobretudo porque essa não é a idéia que os alunos fazem de um curso de língua estrangeira. Além disso, as atividades propostas eram compatíveis com as habilidades solicitadas freqüentemente nas avaliações de língua estrangeira, ao lado dos exercícios estruturais (gramática) e compreensão oral (documento sonoro).

Assim sendo, optamos por estabelecer a carta do leitor como o gênero a ser lido e produzido na avaliação final.

Para o exercício de leitura, selecionamos a carta “Face à un gouvernement...” [EXPRESS2] que foi transcrita integralmente na avaliação. Nesse exercício, os alunos deveriam responder a oito perguntas que retomavam os elementos do gênero discutidos nas aulas anteriores: tema, situação de comunicação, estilo e composição. Acrescentamos uma questão relativa aos referentes culturais presentes na carta, necessária para observarmos de que maneira o aluno os interpretava.

Os resultados decorrentes dessa atividade serão expostos posteriormente, no item 4.5 “Análise dos resultados”.

Para avaliar a produção escrita do gênero, propusemos um tema semelhante ao da carta lida, a saber a eleição do presidente Lula no Brasil, que, tal como na França, causou repercussão mundial. Procedemos assim para criar um vínculo entre as duas atividades e auxiliá-los, assim, na composição da carta.

A análise dessas produções, que fazem parte de nosso *corpus*, também será realizada no item referido.

#### 4.4 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO E ANÁLISE DO *CORPUS*

No item anterior, relatamos as etapas realizadas em sala de aula para o trabalho do funcionamento discursivo e lingüístico-textual da carta do leitor. Como foi possível observar, trabalhamos em uma perspectiva dupla: a compreensão e a expressão escritas. Tal método está de acordo com uma abordagem que privilegia a recepção e a produção de discursos, na medida em que a própria noção de gênero implica sua circulação na sociedade.

A análise do *corpus* será feita, assim, com base na interpretação (compreensão) e produção escrita (expressão) do gênero. O *corpus* selecionado para a análise é constituído das dezoito avaliações constantes da quarta etapa, descrita anteriormente, e divide-se em duas atividades.

A primeira atividade, a que chamaremos "Interpretação", será previamente descrita, com a transcrição do questionário formulado, no item 4.5 "Análise dos resultados". Para a análise propriamente dita, selecionaremos os elementos que desejamos analisar e que serão igualmente explicitados.

O objetivo visado nessa primeira atividade era a identificação dos elementos do gênero que auxiliaram na compreensão da carta. Sendo as respostas dos alunos relativamente pontuais, decidimos inserir esses dados em um quadro, evitando assim a transcrição exaustiva de todas as respostas. Ainda que esse procedimento confira em certa medida um caráter subjetivo à análise, entendemos que esse risco perpassa o trajeto de todo pesquisador.

A segunda atividade, intitulada "Produção", será analisada mediante os critérios por nós estabelecidos após a leitura atenta das dezoito produções. Como nossa perspectiva é didática, acreditamos ser mais proveitosa uma análise que leve em conta as habilidades e as deficiências apresentadas pelos alunos na elaboração de seu texto.

Isso será feito, obviamente, sem perder de vista os objetivos visados com a atividade e que se relacionam a esta pesquisa como um todo. Pretendemos, assim, observar de que modo o aluno concebe a carta do leitor, verificando se há adequação do texto produzido ao gênero. Com relação à língua, optamos por destacar somente o problema dos referentes culturais.

Para a análise dessas produções, selecionamos algumas cartas para ilustrar os aspectos que nos interessavam, reservando a análise global dos textos para o item 4.6 "Algumas considerações da experiência". Assim procedemos por constatar que as produções, ainda que únicas, guardam entre si características comuns que constituem, por sua vez, o

objeto de nossa análise. Além disso, a análise integral de todas as produções demandaria o tempo e espaço de que não dispomos.

As cartas selecionadas serão transcritas integralmente, respeitando-se os erros, e colocadas à disposição nos anexos deste trabalho em fotocópia original.

#### 4.5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Conforme especificado anteriormente, dividimos a análise do *corpus* em “Interpretação” e “Produção”.

##### 4.5.1 Interpretação

Nessa atividade, os alunos realizaram a compreensão escrita da carta do leitor transcrita abaixo, seguindo um percurso de leitura que visava à interpretação dos elementos constitutivos do gênero.

Orientação do professor:

Lisez la “lettre de lecteur” ci-dessous et répondez aux questions:

“Face à un gouvernement détestable comme celui de mon pays, l’Italie, j’ai toujours regardé le pays de Pascal comme un modèle à suivre et probablement où me déplacer. Quelle amertume après les résultats des élections du 21 avril! Ce n’est pas tellement la défaite de Jospin qui me surprend mais le succès de votre fasciste local: un véritable bouleversement des valeurs que la France a toujours représentées.”

Quirino Caselli (courriel)  
L’Express, 2 au 8 mai 2002

Em seguida, eles deveriam responder a 8 questões, a saber:

1. Quel est le sujet principal abordé par l’auteur de la lettre?
2. Quelle est l’intention principale exprimée par le lecteur dans sa lettre?
3. Identifiez la phrase (1) qui exprime l’intention la plus évidente de la lettre.
4. Caractérisez brièvement l’auteur.
5. Relevez au moins 4 termes qui expriment la subjectivité dans la lettre.

6. Expliquez la fonction du connecteur "mais" dans la phrase: "*Ce n'est pas tellement la défaite de Jospin qui me surprend mais le succès de votre fasciste local*".
7. Quelles sont les images de la France pour l'auteur de la lettre?
8. Quel est "le pays de Pascal" et qui est "votre fasciste local"?

Como se pode verificar, as questões abordavam os diferentes elementos do gênero, como tema (questão 1), intenção comunicativa (questões 2 e 3), autor (questão 4), estilo (questão 5) e composição textual (questão 6). Para tratar do problema dos referentes culturais em língua estrangeira, acrescentamos duas questões que exigiam a mobilização de um saber enciclopédico (questões 7 e 8). Deve-se observar que os alunos estavam cientes de que se tratava de uma carta do leitor, tal como é indicado no enunciado da atividade.

A fim de homogeneizar os resultados, reunimos as questões em seis elementos de análise, a saber a localização e interpretação do(a)(s):

1. tema
2. intenção
3. autor
4. estilo
5. composição
6. referentes culturais

Para analisar esses elementos, elaboramos três critérios de avaliação para as respostas fornecidas no questionário.

- **resposta adequada:** correspondem às respostas que apresentaram uma interpretação coerente do texto e conforme ao que era solicitado na questão.
- **resposta imprecisa:** compreendem as respostas que não atenderam plenamente ao solicitado, ou porque havia acréscimo ou ausência de informações que prejudicavam em parte a interpretação adequada do texto.
- **resposta inadequada:** englobam as respostas que apresentaram equívocos quanto à interpretação do texto.

O cruzamento dos elementos e dos critérios analisados pode ser mais bem visualizado no quadro abaixo.

QUADRO 5 – RESULTADOS QUANTITATIVOS DA ATIVIDADE “INTERPRETAÇÃO”

<b>Crítérios/ Elementos</b>	<b>Resposta Adequada</b>	<b>Resposta Imprecisa</b>	<b>Resposta Inadequada</b>
Tema	11	4	3
Intenção	11	3	4
Autor	14	2	2
Estilo	16	2	—
Composição	12	—	6
Referentes culturais	8	9	1

Os resultados expostos no quadro correspondem ao total de 18 alunos que realizaram a atividade, levando-se em conta que todas as questões foram respondidas por todos os alunos.

Com base nesses resultados, faremos uma primeira avaliação da atividade a partir de algumas respostas, transcritas a seguir.

### ***Tema***

Com relação ao tema, verifica-se um número expressivo de respostas adequadas, de mais de 50%, o que revela que a maior parte dos alunos conhecia o tema abordado. Quanto às respostas imprecisas e inadequadas, verificamos que são em número significativamente menor do que as adequadas e equivalentes entre si. Eis alguns exemplos.

#### **resposta adequada**

[aluno 2]: “La grande votation obtenue par un politicien fasciste en France.”

[aluno 6]: “Le bouleversement des valeurs de la France après les résultats des élections du 21 avril.”

#### **resposta imprecisa**

[aluno 16]: “Le modèle que la France devrait être pour l’Europe.”

#### **resposta inadequada**

[aluno 9]: “Une critique à la politique de gauche.”

### ***Intenção***

A intenção comunicativa manifestada na carta foi percebida por 11 alunos. Houve 3 respostas imprecisas e 4 inadequadas.

#### resposta adequada

[aluno 5]: “Il veut (*sic*) exprimer s’insatisfaction (*sic*) avec le succès d’un candidat fasciste en France.”

[aluno 17]: “Exprimer la déception d’un étranger qui a une relation quelconque avec le pays à propos de la victoire d’un candidat qui a des idées qui (*sic*) l’histoire a déjà démontré trompés (*sic*).”

#### resposta imprecisa

[aluno 13]: “Il se montre étonné avec le bouleversement des valeurs qu’il note en France, mais content avec les résultats de la (*sic*) élection.”

#### resposta inadequada

[aluno 4]: “Contesté (*sic*) le succès électoral de Jospin, sa candidature.”

[aluno 9]: “Critique au gouvernement de gauche.”

### ***Autor***

Em sua grande maioria, os alunos construíram uma representação adequada do autor. Aqueles que tiveram maior dificuldade em caracterizar o autor oscilaram entre respostas imprecisas e inadequadas.

#### resposta adequada

[aluno 6]: “Il est un Italien et il aime ‘la gauche’. Il est aussi lecteur de l’Express.”

[aluno 15]: “C’est un italien (*sic*) surpris et indignaté (*sic*) avec les résultats des élections.”

#### resposta imprecisa

[aluno 8]: “L’auteur c’est un lecteur qui n’est pas content avec le gouvernement de son pays.”

#### resposta inadequada

[aluno 9]: “L’auteur est un démocrate qui admire la politique de droite.”

### ***Estilo***

A identificação do estilo subjetivo da carta foi o elemento que recebeu o maior número de respostas adequadas, num total de 16. Houve duas respostas imprecisas e nenhuma resposta inadequada.

#### resposta adequada

[aluno 14]: “gouvernement détestable; amertume; qui me surprend; le succès de votre fasciste local.”

#### resposta imprecisa

[aluno 12]: “détestable; surprend; succès; défaite.”

### ***Composição***

A interpretação adequada da sequência textual argumentativa selecionada correspondeu a mais de 50% das respostas. Não houve respostas imprecisas e menos de 50% de respostas inadequadas.

#### resposta adequada

[aluno 7]: “Le succès de le (*sic*) ‘fasciste local’ le surprend plus que la défaite de Jospin.”

[aluno 10]: “Évidencier la vraie cause de son (*sic*) surprise.”

#### resposta inadequada

[aluno 8]: “Le lecteur veut dire que ce qui le surprend c’est le succès de Jospin et non la défaite de lui (*sic*).”

[aluno 11]: “mais’ donne ou introduit une idée contraire à la première sentence (*sic*). Elle signifie ‘pourtant’”

### ***Referentes culturais***

Com relação aos referentes culturais, nota-se um equilíbrio entre as respostas adequadas e as imprecisas e apenas uma resposta inadequada, o que nos conduz à leitura de que os alunos conhecem os referentes culturais evocados no texto mas revelam imprecisões quanto a seu conteúdo. É o que se constata nas respostas.

resposta adequada

[aluno 5]: “Le pays de Pascal est la France. J’ai oublié le nom du candidat, mais le ‘fasciste local’ c’est le candidat de l’extrême (*sic*) droite.”

[aluno 18]: “Le pays est la France et le fasciste local est Le Pen.”

resposta imprecisa

[aluno 1]: “Le pays de Pascal est la France. Le fasciste local c’est le Président de l’Italie.”

[aluno 3]: “Le pays de Pascal c’est la France et le fasciste local c’est l’actuel président.”

[aluno 13]: “Le pays de Pascal c’est la France et le fasciste local c’est Jospin.”

resposta inadequada

[aluno 12]: “Le pays de Pascal est l’Italie. La politique de Jospin est “votre fasciste local.”

O balanço dessa atividade será realizado no item 4.6 “Algumas conclusões da experiência”. Passamos, assim, à segunda atividade.

## 4.5.2 Produção

Na atividade de produção escrita da carta do leitor, propusemos um tema similar ao da carta lida (“Face à un gouvernement...” [EXPRESS2]). Transcrevemos abaixo a orientação dada.

Rédaction: lettre de lecteur

Écrivez une lettre adressée à un journal français où vous exprimez votre mécontentement par rapport au gouvernement brésilien. Les thèmes sont au choix: Les ‘radicaux’ du PT, Les discours du Président, les réformes, l’inflation, etc.

Nessa atividade, avaliamos a adequação do texto produzido ao gênero carta do leitor, tendo como hipótese inicial que os alunos detêm esses conhecimentos (competências). Os elementos observados foram:

1. TEMA: governo brasileiro (sugestão: radicais do PT, discurso do presidente, as reformas, a inflação etc.)
2. INTENÇÃO COMUNICATIVA: expressar o descontentamento
3. ESTILO: expressão da subjetividade



4. **COMPOSIÇÃO TEXTUAL:** emprego de seqüências prototípicas que confirmam uma orientação argumentativa à carta.
5. **APRESENTAÇÃO GRÁFICA:** presença de elementos peritextuais da carta do leitor (nome da seção ou do veículo, título, local, data, assinatura)
6. **REFERENTES CULTURAIS:** tratamento conferido a termos próprios da cultura.

Diferentemente da atividade anterior, realizamos uma análise qualitativa das produções, selecionando, para esse propósito, 5 cartas dentre as 18 produzidas. Essa seleção guiou-se pelo critério de adequação e inadequação dos textos produzidos ao gênero solicitado. Assim procedemos após realizar a leitura atenta das 18 cartas e constatar que os elementos que nos interessavam para a análise estavam reunidos nas cartas selecionadas.

A seguir, analisaremos as cinco cartas selecionadas<sup>60</sup>.

[carta 1]

Au courrier du lecteur

S.P., le 30 juin 2003

Face à l'intention du gouvernement brésilien sur la reforme de la Provoience social, je pense que nous, les fonctionnaires publiques, avons déjà fait la contribution pour la retraite pendant le temp de travail. Si la contribution est pour financier notre future retraite, pourquoi devons-nous continuer a payer 11% plus au moins de notre salaire aux "Instituts" de Provoience, après nos retraites? Il y a une retraite au ciel?

E.M.

Nessa carta, a adequação é verificada no tratamento do tema (reforma da previdência), na expressão da intenção ("...pourquoi devons-nous continuer a payer ...") e no emprego de estilo subjetivo ("je pense", a interrogação "pourquoi...", a ironia em "Il y a une retraite au ciel?").

No tocante à composição, há uma seqüência prototípica argumentativa e uma injuntiva<sup>61</sup>. Na primeira seqüência, a aluna insere os seus próprios argumentos ("...nous, les

<sup>60</sup> Por razões de legibilidade, optamos por digitar as cartas dos alunos, ainda que uma consulta aos originais manuscritos, nos anexos deste trabalho, sejam altamente recomendáveis.

<sup>61</sup> Essa seqüência é também chamada "incitação à ação" e se caracteriza por convocar a participação do interlocutor no discurso. Cf. Adam (2001b) e Marcuschi (2002).

fonctionnaires publiques, avons déjà fait la contribution pour la retraite pendant le temp de travaille.”). Nas seqüências injuntivas, ela contrapõe os contra-argumentos com questões retóricas, no intuito de instaurar a crítica por meio de uma provocação (“...pourquoi devons-nous continuer a payer 11%...?”), que culmina com uma questão irônica: “Il y a une retraite au ciel?”.

Um aspecto interessante nessa carta é a retomada da estrutura inicial da carta “Face à un gouvernement...” [EXPRESS2], lida na atividade de Interpretação. Na carta da aluna, aparece a frase: “Face à l’intention...”.

Outro elemento para reflexão é o termo “Provoience”, que a autora traduziu do português “previdência”. Em ensino e aprendizagem de língua estrangeira, o problema dos referentes culturais deve ser pensado também na atividade de produção escrita, visto que os alunos solucionam essas questões com equivalências semânticas e traduções nem sempre felizes.

[carta 2]

À Folha de S.Paulo

Président du pcuple?

Je suis désolé avec le gouvernement brésilien. Il faut faire quelque chose pour sauver notre pays d'un président qui ne sait rien de l'économie, ou même de les nécessités de son peuple.

Le M. Silva, mais connu comme “Lula”, repète toujours le même discours, que vraiment ne nous a dit pas. C'est peu probable qu'il change cet situation parce qu'il n'est pas préparé: il n'a pas des études! C'est un grande problème. Nous, brésiliens, ne pouvons accepter les réformes, l'inflation, la misère, le faim, la pouvreté! Je pense qu'est faut réfléchir et changer le président, maintenant!

Je ne vais pas croire en une personne qui est sorti du peuple, mais qui s'a oublié où il né.

Brésiliens, voilà les changements!!

A.S., économiste

S.P., 30/06/2003

A adequação ao gênero é aparentemente verificada na intenção expressa no início da carta (“Je suis désolée avec le gouvernement brésilien.”). Uma análise atenta do tema, estilo e composição revelam, no entanto, que a aluna critica o governo com a firme proposta de que ele seja substituído (“Je pense qu’est faut réfléchir et changer le président, maintenant!”). Em outras palavras, a intenção expressa é a de mudar a situação.

No estilo, observa-se o emprego de termos avaliativos (a ironia no título “président du peuple?”, “désolée”, “sauver”, “rien”, “toujours”, “vraiment”, “peu probable”, “pas préparé”, grande problème”, etc.) que revelam o juízo de valor. Em razão de seu conteúdo preconceituoso, alguns desses termos (“rien”, “pas préparé”, “pas d’étudies”) poderiam ser considerados inadequados para publicação em alguns veículos, o que, em contrapartida, configuraria uma censura à liberdade de expressão.

Na composição, aparecem as seqüências argumentativa e injuntiva. A primeira funciona como uma justificativa para a proposta de mudança do presidente: “C’est peu probable qu’il change cet situation parce qu’il n’est pas préparé: il n’a pas des études!” A seqüência injuntiva é dominante em sua carta e serve para convocar a adesão dos leitores a sua proposta, como em “Il faut faire quelque chose...”, “Nous, brésiliens, ne pouvons accepter...”, “Je pense qu’est faut réfléchir et changer le président, maintenant!” e “Brésiliens, voilà les changements!!”.

Com relação à apresentação gráfica, nota-se adequação total ao gênero: seqüência de abertura (“À Folha de S.Paulo”), título, assinatura, profissão, local e data.

[carta 3]

La critique au gouvernement brésilien que quelques politiques ont fait ces derniers jours est vraiment détestable. C’est vrai que le nouveau gouvernement a fait des petites erreurs mais on ne peu pas le condener toute de suite. C’est très facile d’être à côté de Lula avant les elections et le critiquer maintenant.

A adequação aos elementos do gênero aparece no tema, que é explicitado logo no início da carta (“La critique au gouvernement...”). No entanto, há inadequação quanto à expressão da intenção comunicativa, pois a aluna faz uma crítica a alguns políticos que, por sua vez, criticam o governo de Lula. Na realidade, a intenção manifestada nessa carta é a defesa do governo através da crítica àqueles que o condenam.

É adequado o uso de termos que denotam subjetividade (“critique”, “vraiment détestable”, “petites erreurs”, “condener”, “facile”). É interessante notar que essa aluna

também empregou um termo da carta “Face à un gouvernement...” [EXPRESS2], lida na atividade de Interpretação. Em sua carta, ela recuperou o adjetivo “détestable” em “La critique (...) est vraiment détestable”.

Com relação à composição textual, nota-se adequação ao propósito manifestado mediante a inserção da seqüência prototípica argumentativa, que se organiza em “C’est vrai que le nouveau gouvernement a fait des petites erreurs mais on ne peut pas le condamner toute de suite” e em “C’est très facile d’être à côté de Lula avant les élections et le critiquer maintenant.”

Quanto à configuração gráfica, não há elementos peritextuais capazes de tornar o gênero identificável. Por outro lado, a organização do texto em poucas linhas revela o conhecimento da aluna a respeito da configuração desse gênero na imprensa.

[carta 4]

L’inflation est contrôlée!

On sait que l’inflation a tombée tous les espoirs de développement économique au Brésil dans les années 80. Pendant quatorze ans, on a vu que la concentration de renda a augmenté et que le peuple a devenu chaque fois plus peuvre. Quand FHC était ministre, il a fait avec autre économistes le Plano Real, jusqu’à la l’inflation étati en 85% au mois! Dès le Plano Real, les brésiliens ont resté sans inflation, mais le développement économique du Brésil était estoppé. Aprèès FHC a gagné deux élections pour la présidence, nous ont choisi Lula comme président. Il a réussi dans cette élections parce qu’il a dit que les taux d’interêts iraient hasser, mais jusqu’ au ce moment, il ne fait pas ce que lui a dit. Je pense que l’inflation est controlée et que les taux d’interêts peuvent basser. Je suis mécontente avec les hauts taux qui ne laissent pas le pays se developpe.

M.A.

Essa carta apresenta uma originalidade na concepção do gênero.

O trecho que vai do início da carta até “... nous ont choisi Lula comme président.”, corresponde a uma seqüência prototípica descritiva, em que a aluna faz uma exposição da conjuntura político-econômica dos governos anteriores a Lula para explicar os níveis a que chegou a inflação no país. Vê-se, assim, que ela escolhe o tipo descritivo para construir sua estratégia argumentativa, que consiste em expressar o descontentamento para com a inflação no país por meio de uma descrição dos acontecimentos políticos e econômicos de que ela tem

conhecimento. O fato de essa aluna ser historiadora corrobora a tese de que os alunos se servem de suas experiências de mundo para expressar suas idéias.

A originalidade dessa carta aparece, assim, na inserção de uma seqüência descritiva muito adequada ao gênero relato histórico, com informações sobre datas e mudanças marcadas pelo uso de tempos verbais do passado (Passé composé e Imparfait) e expressões temporais (“dès”, “après”). Pode-se dizer, assim, que essa carta comporta uma “dimensão dialogal inter-genérica” (BRANDÃO), na medida em que há emprego de uma seqüência textual característica de outro gênero, o relato histórico.

No restante da carta, ou seja, nas últimas linhas, a aluna explicita seu descontentamento, empregando o estilo e a estrutura composicional características do gênero (“nous ont choisi Lula comme président”, “mais jusqu’au ce moment, il ne fait pas ce que lui a dit”, “je pense”, “je suis mécontente”). Há igualmente boa percepção dos elementos peritextuais da carta do leitor, com título irônico, construído com um sinal de pontuação (“L’inflation est contrôlée!”), e assinatura.

[carta 5]

	Le 30 juin 2003
Mme. Mesquita	
25, rue de la Consolation	
XXième	
Paris	Au: L' Express
France	Paris
	France
<p>J'ai voté en Lula. Cependant je suis indignée avec ses discours après les élections. La réforme de la retraite qu'il a proposé au Congrès est le reverse de laquelle qu'il défendait avant les élections. Je pense que Lula avait changé son discours pour être agréable au FMI.</p> <p>Attentivement,</p> <p style="text-align: center;">H.S.L.M.</p>	

Chama a atenção, nessa carta, o emprego do plano de texto fixo característico da carta formal, com informação da data no canto direito superior da página, endereço do remetente e do destinatário, fórmula de despedida (“Attentivement”) e assinatura. Nota-se, desse modo, que a aluna possui uma representação da carta do leitor mais próxima do gênero

primário carta formal, que é inclusive objeto de ensino do FLE para a expressão escrita nos níveis iniciais da aprendizagem.

Com relação à carta propriamente dita, verifica-se que a aluna conhece o gênero carta do leitor, visto que se posiciona enunciativamente (“J’ai voté”, “je suis indignée”, “Je pense”), emprega um estilo subjetivo (“indignée”, “reverse”, “changé son discours”, “agréable”) e expressa claramente seu propósito (“Cependant je suis indignée avec ses discours après les élections.”). Seu texto apresenta ainda boa organização textual, com predominância de seqüências prototípicas argumentativas (“J’ai voté... Cependant...”).

Os conhecimentos de mundo são invocados na referência que a aluna faz ao FMI, estabelecendo o diálogo com uma discussão permanente no país: a subserviência econômica aos Estados Unidos.

#### 4.6 ALGUMAS CONCLUSÕES DA EXPERIÊNCIA

As atividades realizadas e descritas anteriormente nos conduzem a algumas conclusões preliminares.

Com relação à compreensão escrita da carta do leitor, constatamos que os alunos possuem uma boa percepção dos elementos do gênero, de acordo com os resultados expostos no quadro quantitativo. Em ordem crescente, as respostas adequadas relacionaram-se a: estilo > autor > composição > tema e intenção > referentes culturais.

Como se vê, a interpretação do estilo foi o elemento do gênero que obteve o maior número de respostas adequadas. Constatamos, assim, que as dificuldades de língua, evocadas como uma das principais barreiras na compreensão em língua estrangeira, podem ser atenuadas pelo conhecimento dos elementos contextuais do gênero.

Para reforçar essa constatação, basta verificar que a caracterização do autor foi o segundo elemento do gênero com maior número de respostas adequadas. A conclusão a que chegamos é a de que o conhecimento do gênero enquanto uma forma de comunicação empírica auxilia o aluno na interpretação do texto.

Com relação às respostas inadequadas, ou seja, aquelas que fugiam totalmente ao que era solicitado, temos a seguinte ordem crescente: composição > intenção > tema > autor > referentes culturais > estilo. Novamente, o estilo aparece entre os elementos de menor dificuldade para os alunos na compreensão. Por outro lado, o maior número de respostas inadequadas referia-se à composição. Esses dois elementos, estilo e composição, mostram que os alunos obtêm bons resultados com relação à competência lingüística mas apresentam

deficiências quanto à organização de informações do texto, uma dificuldade freqüentemente evocada na didática<sup>62</sup>.

Uma análise global do quadro revela que as dificuldades dos alunos relacionam-se à interpretação dos referentes culturais, em que constatamos uma maior presença de respostas imprecisas (9) do que adequadas (8). Por outro lado, houve somente uma resposta inadequada. É preciso lembrar que a questão solicitava a explicitação de dois termos: “le pays de Pascal” e “votre fasciste local”. Para o primeiro termo, houve somente uma resposta inadequada, sendo todas as outras adequadas (17). Para o segundo termo, houve 8 respostas adequadas contra 9 imprecisas e 1 inadequada. Nota-se, assim, que os alunos identificaram “pays de Pascal” como sendo a França, mas confundiram “votre fasciste local” com, por exemplo, “le président de l’Italie”, “Jospin”, “l’actuel président”, “le nouveau gouverneur”.

Ao analisar atentamente as respostas, verificamos que a interpretação inadequada do referente “votre fasciste local” estava menos associada ao desconhecimento de um conteúdo cultural do que ao tratamento da organização textual. A título de ilustração, na resposta “Le fasciste local c’est le président de l’Italie”, nota-se que, para a aluna, o termo “fasciste” está associado à Itália e é com base nesse conhecimento enciclopédico que ela faz uma leitura inadequada. No entanto, a referência a “fasciste local” é bastante clara no texto, quando o autor se refere a “votre fasciste local” (grifo nosso), portanto, o “fascista” francês. Nota-se, nesse caso, um equívoco na referência ocasionada pela interferência de um conteúdo cultural.

Além da associação do termo “fasciste” ao regime político italiano, houve cinco respostas para o candidato francês Jospin. Também nesse caso, os alunos leram inadequadamente a oração “Ce n’est pas tellement la défaite de Jospin qui me surprend mais le succès de votre fasciste local: un véritable bouleversement des valeurs que la France a toujours représentées.”, em que o conector lógico “mais” marca a oposição entre “Jospin” e “votre fasciste local”. Por uma questão de coerência textual, “votre fasciste local” não poderia ser “Jospin”.

Um balanço dessa primeira atividade nos permite concluir que as dificuldades de interpretação dos alunos situam-se preferencialmente no nível da organização textual, ou seja, da competência textual. Por outro lado, as dificuldades relativas à gramática da língua são atenuadas pelo conhecimento do gênero.

A segunda atividade realizada, “Produção”, reitera as conclusões a que chegamos na atividade de “Interpretação”, isto é, os alunos detêm conhecimentos relativos ao gênero carta

<sup>62</sup> Cf. REICHLER-BÉGUÉLIN, DENERVAUD, JESPERSEN, 1990).

do leitor (tema, propósitos, estilo e composição) que os auxiliam tanto na atividade de leitura quanto na de produção escrita.

Dentre as 18 cartas analisadas, nenhuma foi considerada totalmente inadequada ao gênero. De modo geral, as dificuldades dos alunos nessa atividade referiram-se à interpretação do propósito comunicativo solicitado, a saber a expressão do descontentamento para com o governo brasileiro. Isso mostra que eles não leram adequadamente a orientação explicitada na atividade, o que não invalidou o propósito de criticar o governo de uma ou de outra forma. Por outro lado, constatamos que alguns alunos se serviram de seus conhecimentos sobre o gênero primário carta, conservando os elementos peritextuais como as seqüências de abertura e fechamento típicas desse gênero.

Com relação à organização textual, uma dificuldade detectada na interpretação, as cartas do leitor produzidas pelos alunos mostram, ao contrário, que eles controlam de maneira eficaz as seqüências prototípicas. Nas cartas “Président du peuple?” (carta 2) e “L’inflation est contrôlée!” (carta 4), as inserções de seqüências textuais, respectivamente, injuntiva e descritiva revelam que os alunos conhecem o gênero, visto que organizam o texto de acordo com os propósitos comunicativos desejados.

A proposta de transposição didática do gênero carta do leitor no trabalho da leitura e produção escritas em FLE apresenta-se, assim, como uma possibilidade de abordar os conteúdos a serem ensinados de forma mais realista e coerente com as necessidades comunicativas dos alunos. Não pretendemos fornecer um modelo didático mas apenas mostrar que é possível trabalhar com gêneros autênticos apesar da dificuldade de descrevê-los formalmente.

Entendendo que a comunicação se faz por gêneros e que estes possuem uma estabilidade relativa, acreditamos ser rentável o ensino da língua estrangeira com base nessas formas de comunicação empíricas. Cabe ao professor adaptar os objetivos da aprendizagem e as necessidades dos alunos ao gênero discursivo que melhor atende a esses quesitos. Além de constituir uma atividade criativa e motivante, o trabalho com gêneros valoriza os conhecimentos dos alunos e os auxilia na construção do sentido.

Para finalizar essas considerações sobre a experiência, transcrevemos abaixo duas produções que se destacaram dentre as demais, sendo consideradas totalmente adequadas à concepção do gênero carta do leitor. A primeira evidencia a capacidade dos alunos de se posicionar enunciativamente enquanto sujeitos produtores de sentido. A segunda é um exemplo de boa organização textual e conhecimento da configuração gráfica do gênero.



[carta 6]

São Paulo, le 30 juin 2003

Je suis déçu avec le gouvernement de Lula. Il a obtenu la plus expressive votation d'un président dans l'histoire de la République pour changer le modèle économique neo-libéral et développer des politiques sociales. Mais jusque maintenant son gouvernement est seulement une séquence des politiques de Fernando Henrique Cardoso, le pire président de notre histoire. Notre économie continue subordonnée à la spéculation financière internationale, la vie est très chère et chômage est arrivé à taxes insupportables. Le président et son équipe doit être fidèle à son parcours politique et gouverner pour les millions de brésiliens misérables qui n'ont pas d'opportunité pour se développer vraiment comme êtres humains avec santé, éducation et un minimum pouvoir d'achat. C'est pour cela qu'il a été élu.

[carta 7]

LETTRE DE LECTEUR

“Vous avez fêté tellement le président du Brésil, Monsieur Lula dans votre journal, mais voyez qu'il ne met pas en action les politiques promises pour développer la petite entreprise, celle qui crée plus d'emploi. Dans les discours M. Lula relève son importance, mais la réalité des mesures sectorielles montre que les 'lobbies' des grandes entreprises réussent comme jamais leurs objectives, imposant de sacrifices et presque la mort à la petite entreprise.”

M.B. (courriel)

Le Nouvel Observateur

1 au 7 juillet 2003

## CONCLUSÃO

Assumindo a perspectiva de que todo texto, entendido como a materialização do discurso, se insere num determinado gênero do discurso, procuramos verificar de que modo o gênero carta do leitor auxilia no trabalho de compreensão e expressão escritas no ensino/aprendizagem do francês língua estrangeira.

Ao definir os gêneros do discurso como “tipos relativamente estáveis de enunciados”, Bakhtin (1984) avançou uma concepção da língua como instrumento de comunicação entre falantes que interagem numa relação dialógica dos enunciados. Os elementos do gênero – tema, estilo e composição – juntamente com a situação de produção – horizonte social e relação entre os parceiros da troca – conferem uma relativa estabilidade às produções de linguagem, evitando mal-entendidos e interpretações equivocadas.

A transposição de gêneros do discurso no ensino apresenta-se como uma tentativa de superar as dificuldades próprias das competências lingüística e textual dos aprendizes, especialmente quando se trata de códigos lingüísticos diferentes, como é o caso da língua estrangeira.

Circunscritos na história e nas culturas, os gêneros se situam entre os conhecimentos já adquiridos dos aprendizes com relação aos gêneros em si (competência comunicativa ou genérica), ao mundo (competência enciclopédica), à língua (competência lingüística) e à organização textual (competência textual). A exemplo dos PCNs (1998) no Brasil e da experiência suíça (francófona) de Dolz e Schneuwly (1996), a adoção de gêneros na elaboração de um projeto pedagógico promove, entre outros, a assimilação de práticas discursivas que capacitam o aprendiz a fazer uso efetivo da linguagem.

Uma tal abordagem, no entanto, não deve perder de vista a necessidade legítima da didática de adotar critérios de observação do funcionamento lingüístico-textual dos gêneros. Dentre as classificações elaboradas para esse fim, a tipologia sequencial de Adam (2001a) parte da hipótese de que os falantes possuem conhecimentos espontâneos sobre as cinco formas herdadas da tradição: a narração, a descrição, a explicação, a argumentação e o diálogo.

Para dar conta da heterogeneidade composicional dos gêneros, uma questão já levantada por Bakhtin (1984), Adam prescreve a existência de cinco seqüências prototípicas: narrativa, descritiva, explicativa, argumentativa e dialogal. Para esse autor, as seqüências, ou

tipos, encontram-se na base da composição textual e assemelham-se aos gêneros primários de Bakhtin (1984). Assim, do mesmo modo como o gênero primário “diálogo cotidiano” é assimilado no gênero secundário “entrevista”, a seqüência narrativa estaria na base do romance. Apesar do caráter essencialmente lingüístico-textual de sua análise, Adam (2001a) considera, por outro lado, que todo texto possui uma configuração pragmática.

Com base nessas reflexões, descrevemos o funcionamento lingüístico-discursivo do gênero carta do leitor, com a finalidade de verificar, por um lado, a relação que o gênero entretém com o tipo e, por outro, as vantagens de se trabalhar com a carta do leitor nas atividades de leitura e produção escritas na didática do FLE.

Constatamos que a carta do leitor apresenta uma finalidade pragmática essencialmente argumentativa. Isso não significa, no entanto, que esse gênero só realiza seqüências prototípicas argumentativas. No intuito de defender um ponto de vista qualquer, o leitor que escreve à redação do jornal ou da revista seleciona as seqüências textuais de acordo com o propósito comunicativo desejado. Na carta “La retraite des mères de famille”, publicada no *Le Monde*, por exemplo, a leitora-autora emprega as seqüências prototípicas explicativa e narrativa para defender a permanência do sistema de aposentadoria que a beneficiaria enquanto trabalhadora e mãe de família. Tal estratégia argumentativa não impede os leitores, no entanto, de interpretar devidamente o propósito comunicativo da carta: uma crítica à proposta de reforma do sistema previdenciário francês.

Com esse e outros exemplos, concluímos que na relação entre o gênero e o tipo na carta do leitor, a composição textual está subordinada ao querer-dizer do locutor. A interpretação correta do propósito manifestado é inferido do conhecimento que os leitores possuem acerca do contexto de enunciação da carta: publicada diariamente na imprensa, escrita pelos leitores para expressar um ponto de vista, lida pelos leitores do veículo e localizada na seção de cartas com uma apresentação gráfica específica.

Na experiência didática realizada com alunos de francês do curso extracurricular da FFLCH-USP, a escolha do gênero carta do leitor pautou-se na necessidade de trazer essas reflexões para a aula de língua. Pois os gêneros propostos no manual didático adotado no nível 5 (intermediário) para o trabalho da compreensão e expressão escritas guiam-se pelo critério tipológico, o que, a nosso ver, constitui um problema.

É verdade que esse critério se baseia nos conhecimentos adquiridos do aprendiz com relação aos tipos de discurso, o que é corroborado ainda hoje pelo ensino da escrita em língua materna no Brasil. Mas, ao propor a leitura e a produção da carta do leitor a partir do tipo

argumentativo, o manual desconsidera o caráter essencialmente dinâmico da linguagem, em que a língua não oferece senão possibilidades variadas de expressão.

A experiência didática com o grupo de nível 5 nos permitiu verificar que, na atividade de compreensão escrita da carta do leitor, as dificuldades relativas à competência lingüística podem ser atenuadas pelo conhecimento dos elementos do gênero. Por outro lado, constatamos que as dificuldades dos alunos estão relacionadas à organização textual e à interpretação de referentes culturais e informações implícitas (a ironia), o que reitera a necessidade de se promover em sala de aula um elo entre a língua e a realidade concreta em que os enunciados são produzidos na sociedade.

Diante disso, concluímos que na atividade de compreensão escrita do gênero, o trabalho com cartas do leitor autênticas revela-se proveitoso para a assimilação de diferentes modos de expressar a opinião. Além disso, por ser uma forma de comunicação compartilhada pelos aprendizes em sua cultura, a familiarização com a carta do leitor da imprensa francesa possibilita a assimilação de aspectos culturais do país de forma espontânea. Na carta “Vive la rentrée”, publicada no *Le Monde*, constatamos que os alunos desconheciam o conteúdo cultural implícito no termo “français approximatif”, que se referia a uma questão social de atualidade na França: a imigração.

A análise das cartas do leitor produzidas pelos alunos, por outro lado, trouxe elementos de reflexão para o ensino da expressão escrita em FLE. Dentre as vantagens, observamos que os alunos são capazes de organizar o texto em função dos conhecimentos já adquiridos sobre o gênero, como tema, estilo, composição, contexto de enunciação e apresentação gráfica. Dentre as limitações, verificamos a interferência do léxico da língua materna no modo de expressar lingüisticamente o(s) propósito(s) comunicativo(s) das cartas, o que coloca em evidência a necessidade de orientar o ensino/aprendizagem do FLE para a produção e recepção de discursos autênticos e variados que proporcionem a assimilação de atos de fala da língua de estudo.

O trabalho com o gênero carta do leitor no desenvolvimento das competências de escrita em FLE reafirma a necessidade de se adotar os gêneros como objeto de ensino, visto que são formas empiricamente realizadas. Além de atenuar as dificuldades da língua estrangeira e promover um contato autêntico com a cultura, tal abordagem valoriza os saberes do aprendiz, tornando-o apto a se posicionar por meio da linguagem.

## REFERÊNCIAS

ADAM, J.-M. *Les textes: types et prototypes*, 4. ed. Paris: Nathan Université, 1992/2001a.

\_\_\_\_\_. Types de textes ou genres de discours? Comment classer les textes qui disent de et comment faire? *Langages*, Larousse, Paris, n. 141, p. 10-27, mars 2001b.

\_\_\_\_\_. Unités rédactionnelles et genres discursifs: cadre général pour une approche de la presse écrite. *Pratiques*, Metz, n. 94, p. 3-18, juin 1997.

\_\_\_\_\_. Cadre théorique d'une typologie séquentielle. *Études de linguistique appliquée*, Didier Érudition, Paris, n. 83, p. 7-18, juil.-sept. 1991.

ANDRADE, M. M. & MEDEIROS, J. B. *Comunicação em língua portuguesa: para os cursos de jornalismo, propaganda e letras*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Coletânea de artigos traduzidos do francês. Vários tradutores, revisão técnica de Eni P. Orlandi. São Paulo: Editora da Unicamp, 1998.

\_\_\_\_\_. Hétérogénéité(s) énonciative(s). *Langages*, Larousse, Paris, n. 73, p. 98-111, 1984.

\_\_\_\_\_. *Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours*. DRLAV, Paris, n. 26, p. 91-151, 1982.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. do russo Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992/2003.

\_\_\_\_\_. (V. N. VOLOCHINOV) *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. de M. Lahud e Y. F. Vieira. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 1929/2002.

BAKHTINE, M. *Esthétique de la création verbale*. Paris: Gallimard, 1979/1984. Versão francesa de A. Aucouturier do original russo.

BEACCO, J.-C. Types ou genres? Catégorisations des textes et didactique de la compréhension et de la production écrites. *Études de linguistique appliquée*, Didier Érudition, Paris, n. 83, p. 19-28, juil.-sept. 1991.

BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale II*. Paris: Gallimard, 1974.

\_\_\_\_\_. *Problèmes de linguistique générale I*. Paris: Gallimard, 1966.

BÉRARD, E. Où en est le communicatif? *Études de linguistique appliquée*, Didier Érudition, Paris, n. 100, p. 9-19, oct.-dec. 1995.

BEZERRA, M. A. Por que cartas do leitor na sala de aula. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 208-216

BRAIT, B. (org.) *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. Campinas: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. PCNs, gêneros e ensino de língua: faces discursivas da textualidade. In: ROJO, R. *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. São Paulo: Educ; Campinas: Mercado de Letras, 2000. p. 13-23

BRANDÃO, H. N. (2003) "Gêneros do discurso e tipos textuais" In: *PEC Língua Portuguesa – Construindo sempre – Aperfeiçoamento de professores – PEBII* Org.: Pró-reitoria da graduação USP. São Paulo: USP/ Fundação Carlos Alberto Vanzolin, p. 13-25.

\_\_\_\_\_. A articulação: gêneros do discurso e ensino. p. 1-12. Material do curso de Pós-Graduação autorizado pela autora. (no prelo).

\_\_\_\_\_. Texto, gêneros do discurso e ensino. In: CHIAPPINI, L. (coord. geral) e BRANDÃO, H. N. (coord.) *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001a. (Coleção aprender e ensinar com textos; v. 5). p. 17-45

BRASIL. SEF. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília, MEC/SEF, 1998.

BRONCKART, J.-P. *Activité langagière, textes et discours*. Paris: Delachaux & Niestlé, 1996.

\_\_\_\_\_. Interactions, discours, significations. *Langue Française*, Larousse, Paris, n. 74, p. 29-50, 1987.

CARNEIRO, A. D. *Redação em construção: a escritura do texto*. São Paulo: Moderna, 1993.

CHARAUDEAU, P. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette Education, 1992.

\_\_\_\_\_. (dir.) *La presse: produit, production, réception*. Paris: Didier Erudition, 1988.

CHIAPPINI, L. (coord. geral) e BRANDÃO, H. N. (coord.) *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001a. (Coleção aprender e ensinar com textos; v. 5).

CHIAPPINI, L. (coord. geral) e CITELLI, A. (coord.). *Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001b. (Coleção aprender e ensinar com textos, v. 6).

CHIAPPINI, L. (coord. geral) e GERALDI, J. W. (coord.). *Aprender e ensinar com textos de alunos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

CHISS, J.-L. Malaise dans la classification. *Langue Française*, Larousse, Paris, n. 74, p. 10-28, mai 1987.

CHISS, J.-L. & FILLIOLET, J. La typologie des discours. *Langue Française*, Larousse, Paris, n. 74, p. 3-9, mai 1987.

CITELLI, A. e CHIAPPINI, L. (coords. gerais); CITELLI, B. (coord.). *Produção e leitura de textos no ensino fundamental*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção aprender e ensinar com textos, v. 7).

COIMBRA, O. *O texto da reportagem impressa*. São Paulo: Ática, 1993.

COSTE, D. Genres de textes et modes discursifs dans l'enseignement/apprentissage des langues. *Etudes de linguistique appliquée*, Didier Érudition, Paris, n. 83, p. 75-88, juil.-sept. 1991.

DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.) *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Lucerna, 2002.

DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita. Elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). *Enjeux*, p. 31-49, 1996. Trad. para o português em mimeo de Roxane H. R. Rojo. São Paulo, mimeo, 1996.

FARACO & MOURA. *Para gostar de escrever*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1987.

FÁRIA, M. A. *O jornal na sala de aula*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 1989/2001.

FÁVERO, L. L. & KOCH, I. V. *Linguística textual: introdução*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1983/2002.

FÁVERO, L. L. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 1991.

FILLIOLET, J. La typologie des discours, mythe ou réalité pédagogique? *Langue Française*, Larousse, Paris, n. 74, p. 97-107, 1987.

FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. 7. ed., São Paulo: Ática, 1988/2001.

\_\_\_\_\_. *Elementos de análise do discurso*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 1989/2000.

GRANATIC, B. *Técnicas básicas de redação*. São Paulo: Scipione, 1995.

KOCH, I. V. & TRAVAGLIA, L. C. *A coerência textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1990/1991a.

- KOCH, I. V. *A coesão textual*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1989/1991b.
- LAGE, N. *Linguagem jornalística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1993/2001.
- LARA, G. M. P. *Autocorreção e auto-avaliação na produção de textos escolares: relato crítico de uma experiência*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1999.
- MACHADO, A. R. Gêneros e tipos de discurso. *XXVII Anais de seminários do GEL*, p. 201-205, São José do Rio Preto, 1998.
- MAINGUENEAU, D. *Analyser les textes de communication*. Paris: Dunod, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Les termes clés de l'analyse du discours*. Paris: Editions du Seuil, 1996.
- MANUAL DA REDAÇÃO: FOLHA DE S. PAULO. 4. ed. rev. e atual. São Paulo: Publifolha, 2001.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36
- MARTINS FILHO, E. L. *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997/2000.
- MELO, C. T. V. "Cartas à redação": uma abordagem discursiva. Campinas, SP: [s.n.], 1999. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 1999.
- MOIRAND, S. Situação da escrita, imprensa escrita e pedagogia. Trad. de M. Arruda. In: GALVES, C., ORLANDI, E. e OTONI, P. (orgs.) *O texto: leitura e escrita*. 3. ed. rev. Campinas: Pontes, 1988/2002. p. 91-115. Original publicado no B.U.L.A.G. n. 6, Université de Besançon, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Discours et enseignement du français*. Paris: Hachette, 1992.
- \_\_\_\_\_. L'enseignement de la langue comme instrument de communication: état de la question. *Bulletin de l'Acla*, vol. 3, n. 2, 1981.
- PETITJEAN, A. Les faits divers: polyphonie énonciative et hétérogénéité textuelle. *Langue Française*, Paris, Larousse, n. 74, p. 73-96, 1987.
- PEYTARD, J. *Mikhaïl Bakhtine: dialogisme et analyse du discours*. Paris: Bertrand-Lacoste, 1995.
- POMPÍLIO, B. W. *Cartas de leitor: tribuna de cidadania em uma abordagem sócio-discursiva*. São Paulo: [s.n.], 2002. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.



PRIVAT, J.-M. & VINSON, M. C. Tableaux de genres: travailler les critères de genre en lecture-écriture. *Pratiques*, Metz, n. 59, p. 3-17, sept. 1988.

REICHLER-BÉGUELIN, M.-J., DENERVAUD, M., JESPERSEN, J. *Écrire en français*. 2. ed. corrig. Neuchâtel/Paris: Delachaux et Niestlé, 1988/1990.

REVAZ, F. Le récit dans la presse écrite. *Pratiques*, Metz, n. 94, 19-33, juin 1997.

RODRIGUES, R. H. O artigo jornalístico e o ensino da produção escrita. In: ROJO, R. *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. São Paulo: Educ; Campinas: Mercado de Letras, 2000. p. 207-220

ROJO, R. (org.) *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. São Paulo: Educ; Campinas: Mercado de Letras, 2000. (Coleção: As faces da Linguística Aplicada).

ROSSI, C. *O que é jornalismo*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980/2000.

ROULET, E. *La description de l'organisation du discours: du dialogue au texte*. Paris: Collection LAL, Didier, 1999.

\_\_\_\_\_. Une approche discursive de l'hétérogénéité discursive. *Etudes de linguistique appliquée*, Didier Érudition, Paris, n. 83, p. 117-130, juil.-sept. 1991.

SANTOS, A. R. dos. *Metodologia científica: a construção do conhecimento*. 5. ed. rev. (conforme NBR 6.023/2000). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SAVIOLI, F. P. & FIORIN, J. L. *Para entender o texto*. 16. ed. São Paulo: Ática, 1988/2002.

SERAFINI, M. T. *Como escrever textos*. Trad. de M.A. de Mattos; adapt. de A. L. M. Garcia. Rio de Janeiro: Globo, 1985/1987.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 22. ed. rev. e ampl. de acordo com a ABNT. São Paulo: Cortez, 2002.

#### MANUAIS DIDÁTICOS DE FRANCÊS

BÉRARD, E., CANIER, Y., LAVENNE, C. *Tempo* 1. Paris: Didier/Hatier, 1996.

CAPELLE, G., GIDON, N. *Reflets* 1. Paris: Hachette, 1999.

GIRARDET, J., PÉCHEUR, J. *Campus* 2. Paris: Clé, 2002.

GIRARDET, J., CRIDLIG, J.-M. *Panorama* 1. Paris: Clé, 2000.

**TREVISI et al.** *Café Crème 2*. Paris: Hachette, 1997.

### GUIAS COMPLEMENTARES DE FRANCÊS

**CHAMBERLAIN, STEELE.** *Guide pratique de la communication verbale*. Paris: Didier, 1991.

**CICUREL, PEDOYA, PORQUIER.** *Communiquer en français*. Paris: Hatier/Didier, 1991.

### JOURNAIS CONSULTADOS

*Le Monde*

*Le Figaro*

*Folha de S. Paulo*

*O Estado de S. Paulo*

### REVISTAS CONSULTADAS

*L' Express*

*Le Nouvel Observateur*

*Le Point*

*Elle*

*Madame Figaro*

## ANEXOS\*

---

\* Os anexos deste trabalho compõem-se de: 1) cartas do leitor autênticas digitadas e indicadas ao longo do trabalho pela referência [veículo, numeração]; 2) fotocópias originais em tamanho normal de seções de carta do leitor, separadas por veículo e indicadas pela data de publicação; 3) produções escritas dos alunos realizadas na experiência didática analisada ao longo do capítulo 4.

**Le Monde**

(1)

**Vive la rentrée**

Rectorat de Créteil, le 4 septembre 2002, 9 heures du matin. Service des affectations des élèves dans les lycées publics du département. Beaucoup de monde. Des parents et leurs enfants (...). Je fais la queue pour la deuxième fois afin d'essayer de savoir où ma fille a été affectée, parmi les trois lycées que nous avons demandés sur son dossier remis fin juillet à l'académie de Créteil.

Devant moi, en face d'une jeune "fonctionnaire" – peut-être recrutée en CDD ou en employé-jeune pour la circonstance – une dame maghrébine – la quarantaine, en joli tailleur bleu ciel – et sa fille de seize ans. Je comprends que cette dame et sa fille habitent Pontault-Combault, que la fille de cette dame a été affectée à un lycée de Melun, en Seine-et-Marne. Cela implique trois heures de transport le matin et trois heures le soir pour l'élève. Départ à 5 heures du matin, retour à 21 heures le soir. La dame explique que la marraine de sa fille l'accueille dans le Val-de-Marne et demande pour cela une affectation dans un lycée de ce département, où l'élève n'aurait plus qu'une heure de transport.

Réponse de la "préposée": *"Les hébergements chez des tiers, même de la famille, ne sont pas pris en compte. Les mineurs doivent habiter et être éduqués chez leurs parents. La jeune fille doit donc aller au lycée en Seine-et-Marne, là où on l'a affectée. Si cela ne vous convient pas, vous n'avez qu'à déménager dans le Val-de-Marne. Et d'ailleurs, vous n'avez rien à faire à l'académie de Créteil, c'est l'académie de Melun qui doit s'occuper de ce cas.*

- *J'en viens, dit la dame. Ils m'ont dit d'aller à Créteil.*
- *Bien sûr, ils s'en débarrassent et nous les envoient...*
- *Vous dites que les mineurs doivent être éduqués, mais vous me proposez comme alternative: six heures dans les transports par jour ou pas de lycée.*
- *Ça n'est pas notre problème. Au revoir, madame."*

Voilà.

La jeune fille n'a pas bougé. La tête entre les mains, elle a écouté sa mère se battre et se débattre dans son français approximatif. (...) Elles sortent, les larmes aux yeux.

Un fonctionnaire, un vrai celui-là, qui a assisté à la scène, m'adresse un sourire, soupire de soulagement et me prend à témoin: *"Ouf, elles sont parties."* ...

Au suivant!

**Sylvie Haas Blaise**  
**L'Hay-les-Roses (Val-de-Marne)**  
**11/9/2002**

(2)

**Réduction des effectifs ou licenciements**

Vous faites un amalgame entre la réduction en cours des effectifs du CERN (organisation européenne pour la recherche nucléaire) et les économies que le laboratoire doit réaliser dans les cinq ans à venir pour financer le projet de grand collisionneur de hadrons (LHC) (*Le Monde* du 4 septembre). En fait, la réduction des effectifs à laquelle vous faites référence – 600 postes d'ici à 2007 – fait suite à un plan approuvé en 1996 par le Conseil, l'organe de tutelle du CERN, qui se fonde exclusivement sur une réduction des effectifs par voie de départs à la retraite.

Depuis la création du CERN, en 1954, jusqu'au milieu des années 1970, les effectifs du laboratoire ont augmenté. Le niveau des recrutements a notamment atteint un pic dans les

années 1970, lorsque le CERN construisait son accélérateur de particules appelé Super synchrotron à protons. Les collaborateurs recrutés à cette époque sont à présent en fin de carrière, et ce sont leurs départs en retraite qui entraîneront une réduction des effectifs de 2600 membres du personnel actuellement à environ 2000 en 2007. Personne ne sera licencié, et il n'existe aucune corrélation entre cette réduction des effectifs et les économies que le CERN doit à présent réaliser.

Le laboratoire réagit aux surcoûts du LHC par un plan d'économies énergétique encore à l'étude par ses Etats membres. Ce plan leur a été présenté en juin et nous espérons qu'il sera approuvé en décembre. J'estime que les mesures prises par le CERN sont non seulement nécessaires, mais également saines, et qu'elle reflètent clairement la vitalité de l'organisation et sa volonté de rester un élément moteur de la recherche internationale, mais aussi de la région de Genève et du pays de Gex.

**Luciano Maiani, directeur général du CERN  
Genève (Suisse)  
18/9/2002**

(3)

#### **La retraite des mères de famille**

Travailler tout en ayant la charge d'une famille de plusieurs enfants: cela représente un "deuxième métier" pour les femmes, et pas le moindre. Avant de partir au travail, parfois pour huit heures, il faut préparer les enfants pour l'école et la nourrice; le soir, il faut s'occuper des leçons et devoirs, préparer le repas de cinq personnes (c'était mon cas), s'occuper des lessives, de la vaisselle (car il n'y a pas toujours eu de lave-vaisselle!); le week-end, ce sont les courses et aussi le repassage le dimanche après-midi; sans compter les soucis divers que nos chers petits nous causent: maladies, hospitalisations, problèmes scolaires et d'adolescence, etc. Et que l'on ne parle pas à ce sujet d'égalité entre l'homme et la femme, même si le conjoint aide son épouse, c'est sur elle que repose la plus grande charge du travail de mère de famille.

J'ai personnellement eu trois enfants, à une époque où la natalité baissait en France et où le gouvernement nous incitait à avoir plusieurs enfants. J'ai actuellement 55 ans et je suis principal de collège. J'ai travaillé depuis l'âge de 23 ans dans l'enseignement avec comme perspective un départ en retraite facilité par le fait d'avoir eu trois enfants, donc trois ans de bonification; j'estime avoir gagné ces trois ans par la fatigue et le stress que j'ai pu ressentir pendant près de vingt-neuf ans de métier de mère de famille, et trois ans c'est même très peu en comparaison. Je comptais partir en retraite à 58 ans, dans trois ans; la réforme des retraites va me contraindre certainement à retarder mon départ, il serait donc scandaleux qu'en plus je doive perdre un avantage qui, je l'estime, ne m'est pas dû en tant que fonctionnaire, mais en tant que mère de famille! (...)

Si le gouvernement suivait les "conseils" de ces messieurs de la Cour des comptes, la natalité baisserait de nouveau, avec toutes les conséquences que cela aurait: y ont-ils pensé?

**Annie Fauquet  
Sangatte (Pas-de-Calais)  
6/5/2033**

***Le Figaro***

(1)

**Premier Ministre**

Un vent nouveau souffle sur la France. Pour la première fois depuis cinq ans, on a entendu un premier ministre prononcer – et qui plus est répéter – des mots devenus grossiers dans notre vocabulaire politique, tels que “travail”, “entreprise”, “responsabilité”, que son prédécesseur avait pris bien soin de bannir de son vocabulaire. Encore un petit effort et peut-être la prochaine fois osera-t-il braver l’interdit et parler de “devoirs”. Si les Français habitués à tant d’indolence et bercés d’assistanat veulent bien lui en laisser le temps avant de déclencher le “troisième tour social” des élections.

**Thierry Lebeaux**  
28-29/9/ 2002

(2)

**Islam**

L’islam: une doctrine qui permet aux hommes de connaître plusieurs femmes et condamne à être lapidées les femmes qui se permettent le même privilège. Condamnation à avoir la main coupée pour les petits voleurs alors que les grands escrocs jouissant du pouvoir et de la puissance vivent dans l’impunité...

**Suzanne Langevin**  
Paris  
26/9/2002

(3)

**Déception**

Beaucoup d’entre nous pensions que ce qui était arrivé le soir du 21 avril – à savoir l’éviction pure et simple de la “gauche” pour le second tour de l’élection présidentielle d’une part et d’autre part la qualification historique de Jean-Marie Le Pen au second tour – avait donné une bonne leçon quant aux véritables urgences et maux dans notre pays.

Force est de constater que tout cela n’a strictement servi à rien, que la majorité actuelle au pouvoir fait preuve d’une frilosité à toute épreuve face au “lobby” syndical (...). Quel avenir peut-on espérer pour la France dans un tel contexte d’immobilisme et d’absence totale d’autorité de l’Etat?

**Thierry Paz**  
thierryP83@aol.com  
30/9/2002

***Le Nouvel Observateur***

(1)

**Écoutons nos compatriotes musulmans**

Si nous regardions mieux nos compatriotes musulmans, nous pourrions saisir à quel point leur culture leur donne [...] le sens de la fraternité humaine devant l’Éternel (que Dieu soit pour nous proche ou lointain, très lointain). Nous n’avons jamais eu ce sens du respect de l’autre, de l’hospitalité à un tel degré dans nos sociétés atomisées où l’individu est souvent une valeur objective voire une marchandise.

Cette conviction acquise jadis en Algérie, je pense l’avoir éprouvée de la même façon ailleurs, avec mes amis musulmans. [...] Si nous arrivons à dominer les peurs légitimes qu’engendrent

l'insécurité et les a priori qui rejaillissent sur l'ensemble "des Arabes", nous nous enrichirons d'une façon de vivre plus fraternelle dont la majorité silencieuse de nos compatriotes musulmans nous donne le témoignage.

**P. Baton**  
Nîmes  
8-14/11/2001

(2)

**Les mariages arrangés ou le scandale occulté**

*En réaction au dossier "la Rencontre de votre vie" (n° 1970)*

Vous auriez dû parler de la persistance de certaines traditions. En effet, malheureusement, le temps des mariages arrangés n'est pas révolu. Ils sont encore bien présents dans certaines communautés, notamment arabes, juives ou arméniennes.

Bien que n'ayant que 16 ans, je suis touchée personnellement par cette coutume puisque les parents de mon ami arménien l'ont fiancé à une jeune fille arménienne.

C'est un déchirement pour les jeunes concernés, écartelés entre leur désir d'indépendance et le respect des traditions familiales. Le malheur est d'autant plus grand quand, comme c'est le cas, toute la société semble faire la sourde oreille à ces pratiques pourtant fréquentes, et qui concernent tous les milieux. Il est très difficile pour un jeune de 17 ans de se confier sur sa situation, surtout quand son entourage est persuadé, comme un grand nombre de gens, que les mariages arrangés ne touchent que les extrémistes.

Seulement, à 17 ans, on est encore très jeune et pas forcément armé pour dire non. Alors pour aider tous les jeunes qui voudraient vivre "normalement" tout en cultivant leurs racines, merci de ne plus taire ces pratiques.

**Margot Ancian**  
Lyon  
12-18/9/2002

(3)

**Français arabo-musulmans: on est suspectés partout**

*En réaction au dossier "Où vont les beurs?" (n° 1930)*

Aujourd'hui la voix des Français arabo-musulmans est absente. Notre parole est réprimée: on nous traite d'antisémites si on défend les Palestiniens alors qu'un Arabe est sémite (à 100%), et que personnellement mon père a perdu deux de ses oncles lors de la Seconde Guerre mondiale. (...)

Certains intellectuels dont j'admire le travail de mémoire nous traitent de proterroristes palestiniens, injurient les Palestiniens et Arafat... On est déçus et on répond: qui a tué M. Rabin, homme de paix et de raison? Qui a élu Sharon? Ce ne sont pas les arabo-musulmans de France ou d'ailleurs.

On nous traite aussi d'intégristes si on défend les musulmans alors que les pays arabo-musulmans sont victimes du terrorisme, et que l'armada de l'alliance pro-américaine est basée dans ces pays qui sont dans le "bon camp".

On est ostracisés. (...) Partout on doit se justifier et montrer qu'on est de bons citoyens. Oui, on est suspectés partout!

Aussi j'ose parler de désintégration et non d'intégration: malgré mon doctorat en sciences à 25 ans, j'ai dû, pour travailler, passer un concours (bac+4) après cinq ans de calvaire dû aux handicaps de faciés maghrébin et de culture arabo-musulmane. Et on s'étonne que médecins, informaticiens et autres scientifiques rejoignent l'«autre camp»! C'est grâce à l'humanisme

de la culture arabo-musulmane que la plupart des intellectuels musulmans rejettent le camp terroriste même s'ils sont victimes d'inégalités et d'injustices dans des systèmes dits laïques. Quant à l'intégration politique des "beurs", en France, elle est nulle: zéro élu au Parlement et au gouvernement pour les Français d'origine maghrébine.

**Abdellah Zadane**  
Nantes  
29/11/2001

(4)

**Beurs, mes frères: cessez de pleurnicher...**

Il serait temps que les jeunes issus de l'immigration nord-africaine cessent de se comporter en pleurnichards. De se plaindre de ne pas être écoutés par les politiques de tous bords quand on affirme qu'aller voter est inutile. Quand on ne démontre pas que l'on peut être une force électorale, chance qui nous est donnée par la démocratie, je pense à la jeunesse kabyle algérienne, qui demandant droits, respect, travail, n'a pour toute réponse que des rafales de kalachnikov. (...)

En tant que Français d'origine kabyle, je ne vais pas m'abaisser à donner une image que certains ont ancrée dans leurs esprits. Ce serait une insulte pour mes parents et mes amis qui sont enfants d'immigrés ou pas.

Je sais d'où je viens, où je suis né, quelles sont mes racines, l'Algérie, la colonisation... Je n'ai pas attendu que les manuels scolaires soient un jour remaniés pour apprendre tout cela.

Où vont les beurs? Pas loin pour l'instant!

**Karim Adour**  
29/11/2001

(5)

**Je ne veux pas qu'on me traite de tortionnaire**

Lecteur du "Nouvel Observateur", je suis abasourdi par le déferlement de propos concernant les tortures en Algérie. A l'écriture de ces lignes, mes yeux sont embués de larmes. Après quarante ans le feu couve toujours sous les cendres. L'Algérie est une histoire passionnelle pour les Français.

A ce jour, il se crée dans l'opinion française une hystérie collective concernant la guerre d'Algérie: "Vous étiez des tortionnaires."

Non, trois fois non, les jeunes soldats de 20 ans que nous étions avons effectué dans l'honneur et dans la dignité notre devoir de citoyen français. Je ne veux pas que mes enfants et mes petits-enfants me traitent de tortionnaire. Dans ma famille trois générations ont été confrontées à une guerre. Mon grand-père: 14-18. Mon père: 39-45. Moi-même: l'Algérie. Je ne demande pas réparation à la nation, la France, mais je souhaite simplement que les médias cessent toutes attaques à notre rencontre, car aujourd'hui je suis un homme blessé.

**Jacques Rousseau**  
Saint-Leu-la-Forêt (Val-d'Oise)  
28/12/2000

(6)

**Fichez-nous la paix!**

Pendant quatorze mois sur mes vingt-huit d'armée, j'ai "crapahuté" dans le djebel dans un commando de chasse du 153<sup>e</sup> RIM entre Souk Ahras et Lamy dans l'Est constantinois. J'ai entendu parler d'interrogatoires menés à la "gégène" et de "corvée de bois"... J'ai participé à de nombreuses opérations, de jour comme de nuit, des embuscades, meurtrières ou non. En



face de nous se trouvait l'Armée de Libération Nationale (ALN), en uniforme, bien entraînée et bien armée. C'était la guerre.

Je n'ai jamais ni torturé ni violé qui que ce soit. Mes camarades non plus. Nous faisons ce que nous croyions normal pour notre pays, à tort ou à raison, mais nous le faisons. J'ai la conscience tranquille comme la plupart des appelés. Je n'ai pas à rougir de ce que j'ai fait et encore moins à me "repentir" de quoi que ce soit. (...) Fichez-nous la paix! Vous ne croyez pas que nous avons été suffisamment "emmerdés" lorsque nous avons 20 ans!

**Gilbert Ropars**  
Fouesnant (Finistère)  
28/12/2000

(7)

#### **Le trou noir de ma mémoire**

Je n'oublierai jamais. Ou plutôt, je croyais avoir oublié ce que j'ai vu en Algérie, des hommes, des femmes, des enfants torturés. Votre dossier a ouvert la boîte de Pandore des souvenirs atroces de ces pauvres victimes mais aussi des visages de leurs tortionnaires. Certains torturaient avec dégoût, d'autres avec indifférence. D'autres enfin y trouvaient manifestement un certain plaisir. Aujourd'hui, ce trou noir de ma mémoire n'existe plus. J'ai parlé à ma femme de ce que j'ai vu là-bas. Rien n'est effacé. Mais je suis apaisé.

**G.F.**  
Nice  
28/12/2000

(8)

#### **Profession parents**

Quand mon fils de 5 ans répond poliment, c'est-à-dire normalement, à un adulte, celui-ci s'extasie. A croire que les enfants ne savent pas dire "bonjour", "s'il vous plaît" ni "merci". A qui la faute? Aux parents, bien sûr. Vautrés devant la télé, mangeant les coudes sur la table, utilisant le frigo comme un self-service et les adultes comme leurs serviteurs, nos chères têtes blondes n'ont guère de chance d'être à l'école des élèves disciplinés, attentifs et respectueux de leurs enseignants. Le ministère de l'Education nationale devrait être dénommé pour s'appeler ministère de l'Instruction nationale. Les parents comprendraient peut-être qu'ils sont responsables de l'éducation de leurs enfants!

**J. Gagnard**  
Paris  
19/9/2002

(9)

#### **L'esclavage au coin de la rue**

*En réaction au dossier sur la prostitution (n° 1972)*

Merci de votre dossier. Le nouvel esclavage sexuel est une honte dont nos politiques ne semblent guère se soucier ou ne pas comprendre l'enjeu. Comment ose-t-on parler de libre choix pour des jeunes filles battues, violées, à qui on a retiré leur passeport et qui se retrouvent sur les trottoirs de Paris ou de Nice. Plus personne ne peut dire "je ne savais pas" et les clients de ces pauvres filles sont complices de ce trafic humain.

**C. Abitbol**  
Marseille  
19/9/2002

(10)

**Hongrie d'hier et d'aujourd'hui***En réaction à l'article "Hongrie-Pologne: le réveil des vieux démons" (n° 1968)*

Lecteur de vieille date de votre hebdomadaire, (...) je me permets d'apporter quelques précisions à l'article de K. S Karol au sujet des populismes en Europe centrale, (...) que je ne tiens d'ailleurs pas pour une bonne analyse.

M. Viktor Orbán, ancien Premier ministre hongrois, (...) n'appartient pas à la confession catholique romaine. Il est protestant, au surplus calviniste. (...) M. Medgyessy n'était pas vice-président du Conseil entre 1997 et 1998, vu que l'administration hongroise ne connaît pas ce poste. Il était ministre des Finances. (...) Le mouvement animé par M. Orbán s'appelle *Hajrá Magyarország!* (Allez la Hongrie!, à l'instar de *Forza Italia*). (...)

En ce qui concerne l'expulsion de 200 000 Hongrois (et non 100 000) de la Tchécoslovaquie entre 1945 et 1947, sur une communauté de 600 000 à 700 000 personnes, tout cela était possible grâce aux décrets (car il y en avait plusieurs) de M. Benes, qui sont toujours en vigueur, et aucun dédommagement – ne serait-ce que symbolique – n'a été donné pour les pertes qu'ils ont causées. (...)

**Balázs Ablonczy, historien, chercheur**  
**Institut Teleki László, Budapest (Hongrie)**  
 19-25/9/2002

***L'Express***

(1)

**(21 avril: tous responsables)**

Le Pen ne sera jamais élu président de la République Française. (...) La panique qui s'est emparée de tout ce que Raymond Barre appelait le "microcosme" est à l'image de son aveuglement. Le Pen n'est qu'un histrion qui ne trompe que ceux qui ont envie de l'être. (...) Alors, pas de panique, préparons un programme de travail qui définira la France que nous voulons: sans "communautés", sans caste privilégiée mais avec l'ambition d'être en Europe un moteur pour que cette dernière soit forte, prospère et respectée. (...)

**J.-M. Gardey (courriel)**  
 2/5/2002

(2)

**(21 avril: tous responsables)**

Face à un gouvernement détestable comme celui de mon pays, l'Italie, j'ai toujours regardé le pays de Pascal comme un modèle à suivre et probablement où me déplacer. Quelle amertume après les résultats des élections du 21 avril! Ce n'est pas tellement la défaite de Jospin qui me surprend mais le succès de votre fasciste local: un véritable bouleversement des valeurs que la France a toujours représentées.

**Quirino Caselli (courriel)**  
 2/5/2002

(3)

**(21 avril: tous responsables)**

(...) C'est l'expression d'un ras-le-bol à l'encontre des professionnels de la politique qui prétendent gouverner la France et s'avèrent incapables de diriger leur propre entreprise, à savoir l'administration publique. Ils imposent aux entreprises privées et à leurs salariés des

règles qu'ils ne réussissent pas à s'appliquer à eux-mêmes. Alors comment faire passer le message que l'on en a assez de toute cette énarchie et des médias parisiens avec lesquels elle vit en cercle fermé coupé de la réalité ? Seul un vote Le Pen permettait un message visible. Espérons que le message aura été compris, et que notre futur gouvernement sera composé de femmes et d'hommes neufs, y compris les ministères clefs. (...)

**X. Barrois (courriel)**  
2/5/2002

(4)

**(21 avril: tous responsables)**

Sans doute le résultat sidérant de dimanche soir va-t-il vous valoir un record de courrier, papier ou électronique [NDLR : c'est vrai !]. Quant à moi, après quelques heures de stupeur et d'incompréhension, j'ai trouvé un extrême réconfort dans la lecture d'un point de vue que je partage entièrement dans la lettre ouverte adressée à Jacques Chirac par Denis Jaembar. Elle est dure, très dure, presque cynique et désespérée, mais... tellement exacte.

**T. Gabriel (courriel)**  
2/5/2002

(5)

**L'euro**

Pharmacien, donc aussi commerçant, je suis un peu étonné de l'immense satisfaction des médias qui crient à la réussite totale du passage à l'euro, à la faillite de tous ceux qui étaient soit contre, soit sceptiques. C'est aller vite en besogne. Que fallait-il qu'il se passe pour que cela soit un fiasco ? Depuis des mois, on nous parle de la naissance de cette nouvelle monnaie comme d'une chose inexorable.

Peu de gens veulent se mettre hors la loi. Et c'est la preuve de leur civisme. Pourtant, combien de commerçants font des heures supplémentaires pour arriver à équilibrer leur caisse? (...)

**C. Guest (courriel)**  
28/2/2002

(6)

**Grande-Bretagne**

Commentaire à la suite de votre article "Vivre et travailler à Londres" (*voir l'Express du 31 janvier*).

L'Angleterre est une vieille dame excentrique qui s'accroche à ses traditions, à son insularité et à sa souveraineté, mais elle respecte et encourage les individus motivés et énergiques. Ici, c'est la jungle, la loi du plus fort (ou plutôt du plus courageux), ce n'est pas pour les râleurs à la mentalité d'assistés ou les paresseux.

Tout n'est pas rose ou idéal, mais au moins, si vous avez de la ténacité et l'esprit d'aventure, vous aurez toutes les chances de vous faire une place au soleil. Le grand mérite de votre article est qu'il découragera les pantouflards.

**Anne Feather**  
**Grande-Bretagne (courriel)**  
28/2/2002

**Madame Figaro**

(1)

**Petits Princes a besoin de vous!**

Créée en 1987, l'Association Petits Princes a pour but de soutenir les enfants malades et de les aider à construire un projet personnel né de leur imagination. Depuis quinze ans, l'association a réalisé près de 1700 actions et suit environ 650 enfants partout en France. Les projets aujourd'hui sont de plus en plus nombreux, c'est pourquoi ils recherchent des bénévoles pour rejoindre leur équipe Rêves. Leur mission: écouter, découvrir et organiser les projets d'enfants malades. Disponibilité: deux jours par semaine, dont le mardi après-midi. Vous êtes intéressé(e)? Vous habitez Paris ou sa région? Adressez-leur très vite votre CV ainsi qu'une lettre de motivation à Association Petits Princes, 15, rue Sarrette, 75014 Paris.

21/9/2002

(2)

**un peu de frivolité bien nécessaire...**

(...) Je vis à la campagne depuis quelques années et j'ai progressivement arrêté d'acheter tous les magazines féminins qui faisaient mon ordinaire pour ne conserver que le vôtre, le moins ciblé, le plus beau, le meilleur! Un grand bravo donc à ce Spécial mode si esthétique mais aussi bourré d'articles intéressants. Jadis bête de mode, je n'ai plus l'âge ni la silhouette, ni surtout les moyens d'acheter de jolis vêtements, mais il n'empêche que la mode me fait toujours rêver et qu'un peu de frivolité est bien nécessaire. Bravo aussi pour le portrait d'Ines de la Fressange, dont la gentillesse et l'humour font pardonner l'éclatante beauté (mais si, on est toutes jalouses, et je suis sûre que de 7 à 77 ans, on voudrait toutes lui ressembler...). Je lui souhaite beaucoup de bonheur, et longue vie à mon magazine préféré.

ch.de.haas@wanadoo.fr

21/9/2002

**Elle (França)**

(1)

**Pauvre Gwyneth Paltrow**

Gwyneth Paltrow est fatiguée? Ça tombe bien, moi aussi! La nouvelle star nous expose son mal-être, son ras-le-bol. De quoi? De sa célébrité trop difficile à gérer? De son argent trop dur à dépenser? De son oscar trop lourd à porter? Forcément, les premiers troubles psychologiques arrivent: choisir entre une jupe Prada et un pantalon Gucci; savoir quel étalon en devenir sera dans son lit à la prochaine cérémonie (cochez la case correspondante: Brad Pitt, Ben Affleck, Joseph Fiennes ou Jude Law) ou bien encore (ultime prise de tête) réfléchir à la décoration de sa maison à 12 millions de dollars...

Bref, autant de questions existentielles qui remettent en cause la condition féminine. Après les Algériennes bombardées, les Tchétchènes violées, les Africaines excisées, voilà la Paltrow déprimée! Allez, Gwyneth, tiens bon!

Aurélie

Paris

13/3/2000

(2)

**Isabelle Adjani, un rayon de soleil**

Retrouver l'irradiante lumière et l'infinie grâce d'Isabelle Adjani à la une de votre magazine, après avoir eu le réel privilège d'assister à une représentation littéralement magique de "La Dame aux camélias", est une joie, un véritable rayon de soleil dont on ne vous remerciera jamais assez... Je n'en dirai pas plus. Sur Isabelle Adjani, on écrit une ligne ou on se tait... Et si le bonheur était parfois simple comme une couverture de Elle?

Joël

Paris

20/11/2000

(3)

**Elle, ma surprise du lundi**

Juste pour vous dire que j'avais des idées fausses sur Elle. Depuis six ans je vis dans la région parisienne et votre journal m'étonne chaque lundi, c'est ma surprise de la semaine. J'y trouve cent fois ce que j'y cherche dans des domaines très variés et quand je dis: "Je l'ai lu dans le Elle de lundi", encore certaines personnes ont la même réaction que moi six ans plus tôt! Félicitations pour le supplément Internet. J'y navigue depuis cinq ans comme vous, mais je trouve que les Françaises de mon âge, et les femmes chez elles, n'ont pas encore bien senti tout ce qui se passait dans cet extraordinaire domaine! Alors, merci encore.

Marie-Christine (Internet)

20/11/2000

(4)

**OGM en Inde**

Je lis Elle depuis toujours. J'ai certainement commencé dans le ventre de ma maman. Mode, beauté, santé, société, fiches-cuisine, je jette un coup d'oeil à tout. Ça me distrait, ça m'amuse, ça me fait parfois réfléchir. Malheureusement je viens de lire votre article "Inde, OGM go home!" et je suis révoltée. Vous affirmez que les OGM ont poussé des agriculteurs indiens à vendre un rein ou un enfant pour rembourser des emprunts contractés auprès des multinationales. En deux petits paragraphes, tout est mélangé: la faim et la misère du tiers-monde, les multinationales et le capitalisme, le désespoir des plus pauvres parmi les plus pauvres et le sensationnalisme racoleur et malsain fondé sur ce désespoir, et enfin les biotechnologies si peu comprises. Aucune analyse, aucune preuve apportée. En revanche, l'agriculture traditionnelle, re-nommée pour l'occasion "bio", est présentée comme la solution à tous ces maux. Cet article m'a coupé l'appétit, moi Occidentale surnourrie qui lit chaque année avec avidité votre "Spécial Maigrir"! (...) N'avez-vous jamais remarqué que des siècles d'agriculture bio (sans pesticides ni OGM) nous ont apporté des famines successives? N'avez-vous jamais pensé que les OGM puissent avoir des avantages? (...)

Diane

Bruxelles

20/11/2000

***O Estado de S. Paulo***

(1)

Além da vergonha pela porcária de futebol apresentado pelo Timão, ainda somos obrigados a agüentar a gozação de um argentino (acho que é brazuca morando lá). Ao leitor em questão, um recado: o Corinthians, ao contrário do seu River, é o único campeão mundial de Clubes da

Fifa, título oficial, e seu time, como todos os que estão pegando na veia dos corintianos, apenas campeão de uma copinha de nome Toyota, propaganda daquela empresa. Só. Infelizmente, quanto ao time alvinegro atual, ele está certo. Do plantel, apenas quatro ou cinco são realmente de primeira linha, o restante, de segunda. Assim como o técnico. Podemos começar a treinar para o Paulista vindouro.

**Laércio Zanini (arsene@uol.com.br)**  
**Garça**  
**18/5/2003**

(2)

#### **Marta em Aracaju**

A prefeita de São Paulo poderia explicar ao povo de nossa cidade o que estava fazendo no palanque do presidente, lá no Norte do País? Por acaso estava ensinando a prefeitura de lá a criar taxa de lixo? Será que há pouco trabalho a ser feito em nossa cidade?

**José Roberto Zopazo**  
**São Paulo**  
**8/5/2003**

(3)

#### **Hóspede indesejado**

Enquanto em Fortaleza pessoas morrem diariamente por falta de assistência adequada, um facínora causador de tantas desgraças goza de privilégios que jamais foram concedidos a um cidadão comum. Foram buscá-lo na Colômbia e o transferiram inúmeras vezes, tudo isso pelo dispendioso transporte em aviões e helicópteros. Quando por terra, precedido e seguido por um cortejo de segurança digno dos mais vaidosos ditadores. E, mesmo assim, não é certo de que ele esteja impedido de comandar seus comparsas, pois recebe visitas com as quais mantém conversas sigilosas. Tudo isso bancado pelos contribuintes, entre eles os infelicitados por sua atividade criminosa. Pode ser que a lei esteja sendo seguida à risca, mas que algo está errado em tudo isso, isso está!

**Paulo Braun**  
**Passa Quatro (MG)**  
**8/5/2003**

(4)

#### **Cartilha**

Não podemos mais transitar sossegadamente na Linha Vermelha, na Linha Amarela, ir para a escola, sair à noite. Até mesmo comprar um pão na padaria da esquina se tornou arriscado. Seria interessante que o casal Garotinho fornecesse aos pacatos cidadãos uma cartilha com dia, horário e locais a que pudéssemos ir sem termos de ficar assombrados com o fantasma da violência que tem assolado o nosso querido Rio de Janeiro. As afrontas da bandidagem ultrapassaram quaisquer limites da tolerância. Chega!

**Fernando Al-Egypto**  
**Petrópolis, RJ**  
**8/5/2003**

(5)

**E agora, Parrado?**

Jorge Parrado, um dos quatro balseiros cubanos que se jogaram ao mar na terça-feira, nadando várias horas para evitar ser capturados pelas autoridades americanas, acabou preso pela Guarda Costeira antes de ter conseguido tocar o solo americano. Ao contrário dos seus três companheiros, que se beneficiaram da “lei do pé seco”, obtendo asilo automático nos EUA, Parrado, se não conseguir ser salvo pelo governo do Panamá, será repatriado para Cuba, onde se “beneficiará” automaticamente da “lei do pé na cova”.

**Sergio S. de Oliveira**  
**Monte Santo de Minas (MG)**  
**9/5/2003**

(6)

**Reeleição, já?**

Membros ativos do PT protagonizam diariamente absurdos atrás de absurdos. Nem bem o governo Lula começou e o ministro Tarso Genro já lançou a candidatura do presidente à reeleição, em 2006. É preciso que o sr. Genro e outros militantes deixem de menosprezar a nossa inteligência, desçam do palanque e dêem um basta nessa falácia e nos discursos demagógicos que não levam a canto algum. Está mais do que na hora de essa gente arregaçar as mangas e dizer ao Brasil, por meio de resultados, a que veio. Deixem o presidente Lula trabalhar sossegado. S. Exa., certamente, não necessita de aduladores de plantão. Que fique claro que somente diante de um trabalho realmente de vitórias e conquistas, no que tange às reformas, à economia, à saúde, à educação e ao social, entre outros, aí, sim, de fato e de direito, o “sr. Genro & Cia.” poderão, ética e moralmente, discutir reeleição. Até então, tudo não passará de conversa fiada...

**David Neto**  
**São Paulo**  
**15/5/2003**

(7)

**Embraer**

A notícia de que a Embraer fechou mais um grande contrato de venda de seus jatos anima nossa economia, por ver uma empresa nacional fazer sucesso no exterior e, principalmente, em meio tão competitivo, gerando divisas e empregos. Deixando o orgulho de lado, uma curiosidade: dos US\$ 2 bilhões do contrato – que podem chegar a US\$ 6 bilhões, segundo o **Estado** –, porcentualmente quanto desse valor é genuinamente brasileiro, ou melhor, o quanto nossos aviões são nacionalizados? A pergunta tem razão de ser, pois de nada adiantará um contrato tão alto se a maior parte desses dólares for usada para importar equipamentos e peças mais nobres, sofisticadas e caras desses jatos. A resposta é que definirá realmente nossos avanços tecnológicos nessa área.

**Laércio Zanini**  
**Garça**  
**15/5/2003**

(8)

**Surf na capa**

Fiquei feliz ao ver na capa do **Estadão** de 13/5 outro esporte além do fracassado (por incompetência administrativa) futebol. O surf é hoje o segundo esporte mais praticado no País, segundo especialistas. Somos o terceiro no mundo em representatividade no WCT, perdendo somente para a Austrália e os EUA. Parabéns, **Estadão!**

**Gilberto Gardesani Filho**  
**São Caetano do Sul**  
**15/5/2003**

(9)

**Além do suportável**

Sangria na renda per capita. Enquanto a equipe econômica se delicia com os recordes de arrecadação e o superávit primário, o bolso do contribuinte é assaltado pela carga tributária sem precedentes, por juros extorsivos e aumentos constantes nos preços administrados. O comércio e a produção em declínio trazem em sua esteira mais desemprego e miséria. O limite do suportável já foi ultrapassado. O povo e o sistema produtivo não têm mais fôlego para suportar tamanho confisco. Será que a miopia da equipe econômica é tanta que não consegue ver isso ou só o caos será suficiente para abrir-lhes os olhos?

**Batista Moretti**  
**São Paulo**  
**16/5/2003**

**Folha de S. Paulo**

(1)

**Deixem Lula governar**

“O Brasil caminha errado há 500 anos, e não podemos exigir que um governo resolva os problemas crônicos de uma nação a – como corrupção, desemprego, educação, fome e segurança – em tão pouco tempo.

Os que pedem soluções imediatas já tiveram muitas vezes oportunidades para resolver alguns desses problemas e, por falta de interesse ou por incompetência, não o fizeram.

Vamos dar nossos votos de confiança ao novo presidente para solucionar pelo menos alguns desses problemas, porque os governos anteriores não fizeram nada neste sentido.”

**Marco Aurélio Fortes**  
**Belo Horizonte, MG**  
**20/6/2003**

(2)

**Quem te viu, quem te vê**

“A aliança entre o Partido dos Trabalhadores e o Partido Liberal, formalizada para disputar a eleição presidencial do ano passado, foi bem-sucedida. Convenceu os eleitores que a presença de Alencar e de outros conservadores no governo seria benéfica para contrabalançar eventuais excessos da esquerda, como a moratória, a irresponsabilidade fiscal ou mudanças bruscas no modelo econômico. Hoje, o PL defende a redução dos juros, e o PT, a manutenção dos juros elevados.”

**Guilherme Montoro**  
**São Paulo, SP**  
**4/6/2003**



(3)

**Ineficiência bancária**

“Com a reportagem ‘EUA criticam eficiência de bancos no Brasil’ (*Dinheiro*, pág. C1, 21/6), passei a refletir sobre o papel da iniciativa privada no desenvolvimento nacional. Antes do desmonte do Estado, de 1990 para cá, os neoliberais diziam que ele não cumpria o seu papel de desenvolver o Brasil e que teria de desempenhar só uma ação reguladora.

E assim o fizeram. No entanto, vemos que a iniciativa privada prefere auferir altos ganhos com títulos do próprio governo a financiar o desenvolvimento nacional. É estarrecedor descobrir que o ‘spread’ bancário nos EUA é de apenas 1% a 2%. O capitalista brasileiro, diferentemente do capitalista dos EUA, tem medo do mercado.”

**André Luis Bottino de Vasconcellos**  
**Jaboticabal, SP**  
**23/6/2003**

(4)

**Será?**

“Será que, se José Serra tivesse ganhado as eleições e o PSDB estivesse no governo, o PT votaria a favor da nova medida provisória que quase triplica a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido para os pequenos prestadores de serviço?”

**Luigi Petti**  
**São Paulo, SP**  
**19/5/2003**

(5)

**Canetadas**

“O governo Lula, que começou há menos de cinco meses, encontrou o país em condições deploráveis. Nossa economia está refém de um capital especulativo de curtíssimo prazo, que se retira ao menor sinal de instabilidade – como se a estabilidade total fosse possível.

Às pessoas que se dizem decepcionadas, peço que reflitam um pouco e olhem para a história do nosso país. Será que 500 anos de corrupção, de injustiça social e de abandono com o patrimônio público serão resolvidos com duas ou três canetadas do presidente?

Seria ingenuidade acreditar que, no primeiro ano do governo Lula, tudo aconteceria. Mas o estilo imposto pelo atual presidente já demonstra uma mudança muito para além da retórica fácil.”

**Filippo Olivieri**  
**Rio de Janeiro, RJ**  
**19/5/2003**

(6)

**Culpas**

“Entra governo, sai governo, e a história se repete. Um governo culpa o outro pelas mazelas da nossa nação sem que haja um esforço conjunto do governo para querer resolvê-los.

Enquanto o desemprego cresce e a economia fica estagnada, o governo se preocupa exclusivamente em manter os índices de inflação e o dólar em baixa para fazer bonito para o FMI.”

**Silvia Zuleika F. de Oliveira**  
**São Paulo, SP**  
**30/5/2003**

(7)

**Visão crítica**

“Há dois meses, o único jornal com visão crítica do governo federal é a **Folha**.

Apesar de morar no Rio, não estou aguentando o jornalismo ‘edulcorado’ – como diz Josias de Souza – da imprensa local. Mesmo o Estadão está na mesma linha de pseudojornalismo.

Continuem corajosos, profundos e esclarecedores. Tenho comprado a **Folha** nas bancas, onde aproveito para debater com os frequentadores o baixo nível da imprensa – graças a Deus, com exceção da **Folha**.”

**Ana Maria Vinhas**  
Rio de Janeiro, RJ  
30/5/2003

(8)

**Aviação**

“A notícia de que a Embraer fechou mais um grande contrato de venda de seus jatos anima nossa economia por ver uma empresa nacional fazer sucesso no exterior e principalmente em meio tão competitivo, gerando divisas e empregos.

Deixando o orgulho de lado, uma curiosidade: dos US\$ 2 bilhões do contrato, qual percentual desse valor é genuinamente brasileiro. Ou melhor, quanto os nossos aviões são nacionalizados? De nada adiantará um contrato tão alto se a maior parte desses dólares for usada para importar equipamentos e peças mais nobres.”

**Laércio Zanini**  
Garça, SP  
16/5/2003

(9)

**“Lolita”**

“É um verdadeiro desperdício que uma pessoa como a senhora Maria Odila da S. Paes (‘Painel do Leitor’, pág. A3, 7/6) receba, de graça, um exemplar da notável obra de Vladimir Nabokov. Muito melhor destino teria esse exemplar se doado a uma biblioteca pública. Sugiro à leitora que o faça. E parabéns à **Folha**. Principalmente pela inclusão das obras de Arthur Schnitzler e de Robert Musil.”

**Celso Grion**  
Mogi das Cruzes, SP  
9/6/2003

(10)

**Painel para o leitor**

“Gostaria de sugerir uma alteração no critério para a seleção de manifestações publicadas no ‘Painel do Leitor’.

Atualmente, nós, leitores comuns, disputamos de maneira muito desigual aquele espaço com empresas, políticos e autoridades. Em algumas das edições, a proporção chega a ser de 75% para aquelas publicações e de apenas 25% para nós. E mais: enquanto o nosso limite é de apenas 15 linhas, aqueles não têm limites.

Além disso, as manifestações são de interesse muito limitado, e as nossas dizem respeito a assuntos em debate na sociedade.”

**Walter Giro Giordano**  
São Paulo, SP  
15/5/2003

## AU COURRIER DES LECTEURS

### Les assistantes sociales à l'école

Les lycéens avaient réclamé des assistantes sociales en 1990. Et les avaient obtenues. Elles étaient arrivées discrètement, on leur avait don-

né le petit bureau orienté au nord dont personne ne voulait. Elles, « les filles », s'étaient creusé une petite niche dans la peau épaisse du Mammouth. Et elles avaient agi. Ce sont des actions non mesurables dans l'immédiat, peu spectaculaires, peu médiatiques (...). Comment faire comprendre en effet ce travail

pourant si indispensable à tous ? (...) Cette énergie mise en œuvre pour Malika, enceinte, pour Kevin, dont l'absentéisme va finalement être contenu, pour Tiffany, dont « l'oncle » la saute depuis qu'elle a 12 ans... Et tout ce travail en utilisant leur savoir professionnel, en évitant de recourir systématiquement au juge, en évaluant la situation, en protégeant les victimes mineures contre un monde adulte tout-puissant ou perçu comme tel, en redonnant de la valeur au désir de futur de ces jeunes (...). Et comment faire comprendre que le travail d'une professionnelle du service social scolaire est totalement complémentaire de l'action des autres organismes d'aide aux jeunes, et que, si elles sont payées pour le faire, c'est justement parce que c'est un vrai travail, utile et rentable. Qui calculera l'économie fabuleuse réalisée grâce à la réinsertion d'un jeune qui retrouve le chemin de l'école ?

(...) Le travail des « filles » est unique, elles colmatent les brèches, elles font du raccommodage. Toute société en a besoin, mais leur travail ne se limite pas à ça, et qui s'en apercevra dans l'année de leur départ ? Car les assistantes sociales vont dis-

paraître des lycées et des collèges. Quelques proviseurs au fait de leur action vont peut-être les regretter, quelques professeurs submergés d'avoir aussi à gérer le social vont jeter l'éponge. Mais, au bout du compte, ce seront ces milliers de jeunes qui n'auront pas croisé un adulte, un représentant de l'institution, à qui parler et qui, seuls, transformeront leur souffrance en violence, la cacheront et la transmettront aux générations futures (...) pendant que les assistantes sociales, maintenant employées par le conseil général, seront utilisées à des tâches d'urgence, débarqueront dans les établissements pour traiter les « cas sociaux » au coup par coup.

(...) Que d'agitation ! Que d'inquiétudes ! Qu'allez-vous imaginer là ? Il s'agit simplement de faire prendre en charge les salaires par les collectivités locales et de rapprocher ces professionnelles du terrain, de la région, disent les autorités de tutelle... Tout prouve le contraire : le métier d'assistante sociale, avec un code de déontologie, le secret professionnel et des missions spécifiques, est en train d'être taillé en pièces. (...) Elles se savent compétentes. Elles savent importer, mais elles savent aussi écouter, diagnos-

tiquer, comprendre. Elles savent compatir, pleurer, mais elles savent aussi enquêter, refuser, expliquer. Et elles veulent continuer.

Sébastien Marq

Saint-Leu-la-Forêt (Val-d'Oise)

### La retraite des mères de famille

Travailler tout en ayant la charge d'une famille de plusieurs enfants : cela représente un « deuxième métier » pour les femmes, et pas le moindre. Avant de partir au travail, parfois pour huit heures, il faut préparer les enfants pour l'école et la nourrice ; le soir, il faut s'occuper des leçons et devoirs, préparer le repas de cinq personnes (c'était mon cas), s'occuper des lessives, de la vaisselle (car il n'y a pas toujours eu de lave-vaisselle !) ; le week-end, ce sont les courses et aussi le repassage le dimanche après-midi ; sans compter les soucis divers que nos chers petits nous causent : maladies, hospitalisations, problèmes scolaires et d'adolescence, etc. Et que l'on ne parle pas à ce sujet d'égalité entre l'homme et la femme, même si le conjoint aide son épouse, c'est sur elle que repose la plus grande charge du travail de mère de famille.

J'ai personnellement eu trois enfants, à une époque où la natalité baissait en France et où le gouvernement nous incitait à avoir plusieurs enfants. J'ai actuellement 55 ans et je suis principal de collège. J'ai travaillé depuis l'âge de 23 ans dans l'enseignement avec comme perspective un départ en retraite facilité par le fait d'avoir eu trois enfants, donc trois ans de bonification ; j'estime avoir gagné ces trois ans par la fatigue et le stress que j'ai pu ressentir pendant près de vingt-neuf ans de métier de mère de famille, et trois ans c'est même très peu en comparaison. Je comptais partir en retraite à 58 ans, dans trois ans ; la réforme des retraites va me contraindre certainement à retarder mon départ, il serait donc scandaleux qu'en plus je doive perdre un avantage qui, je l'estime, ne m'est pas dû en tant que fonctionnaire, mais en tant que mère de famille ! (...)

Si le gouvernement suivait les « conseils » de ces messieurs de la Cour des comptes, la natalité baisserait de nouveau, avec toutes les conséquences que cela aurait : y ont-ils pensé ?

Annie Fauquet

Sangatte (Pas-de-Calais)

# ESG

Paris Graduate School of Management

## DIPLOME BAC+5 visé par l'Etat

---

### CONCOURS SUR TITRES

ADMISSION SUR TITRE	PROCHAINES SESSIONS	4 ÉPREUVES
<ul style="list-style-type: none"> <li>• En 1<sup>re</sup> année : après Bac+2</li> <li>• En 2<sup>me</sup> année : après Bac+3/4</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 9/10/11 juillet 2003</li> <li>• 8/9 septembre 2003</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• TAGE-MAGE ou TAGE 2 organisé par la FNEGE</li> <li>• QCM d'anglais • Entretien individuel</li> <li>• Entretien en anglais</li> </ul>

Indice de notoriété des Grandes Ecoles Parisiennes  
 visées par l'Etat auprès des entreprises : **ESG 4<sup>ème</sup>** (Entreprendre 2003)

25 rue Saint-Ambroise - 75011 Paris  
 Tél : 01 53 36 44 19 - Fax : 01 43 55 80 13  
 www.esg.fr • e-mail : concours@esg.fr

## AU COURRIER DES LECTEURS

### Vive la rentrée

Rectorat de Créteil, le 4 septembre 2002, 9 heures du matin. Service des affectations des élèves dans les lycées publics du département. Beaucoup de monde. Des parents et leurs enfants (...). Je fais la queue pour la deuxième fois afin d'essayer de savoir où ma fille a été affectée, parmi les trois lycées que nous avons demandés sur son dossier remis fin juillet à l'académie de Créteil.

Devant moi, en face d'une jeune « fonctionnaire » - peut-être recrutée en CDD ou en emploi-jeune pour la circonstance - une dame maghrébine - la quarantaine, en joli tailleur bleu ciel - et sa fille de seize ans. Je comprends que cette dame et sa fille habitent Pontault-Combault, que la fille de cette dame a été affectée à un lycée de Melun, en Seine-et-Marne. Cela implique trois heures de transport le matin et trois heures le soir pour l'élève. Départ à 5 heures du matin, retour à 21 heures le soir. La dame explique que la marraine de sa fille l'accueille dans le Val-de-

Marne et demande pour cela une affectation dans un lycée de ce département, où l'élève n'aurait plus qu'une heure de transport.

Réponse de la « préposée » : « Les hébergements chez des tiers, même de la famille, ne sont pas pris en compte. Les mineurs doivent habiter et être éduqués chez leurs parents. La jeune fille doit donc aller au lycée en Seine-et-Marne, là où on l'a affectée. Si cela ne vous convient pas, vous n'avez qu'à déménager dans le Val-de-Marne. Et d'ailleurs, vous n'avez rien à faire à l'académie de Créteil, c'est l'académie de Melun qui doit s'occuper de ce cas.

- J'en viens, dit la dame. Ils m'ont dit d'aller à Créteil.

- Bien sûr, ils s'en débarrassent et nous les envoient...

- Vous dites que les mineurs doivent être éduqués, mais vous me proposez comme alternative : six heures dans les transports par jour ou pas de lycée.

- Ça n'est pas notre problème. Au revoir, madame. »

Voilà.

La jeune fille n'a pas bougé. La tête entre les mains, elle a écouté sa mère se battre et se débattre

dans son français approximatif. (...) Elles sortent, les larmes aux yeux.

Un fonctionnaire, un vrai celui-là, qui a assisté à la scène, m'adresse un sourire, soupire de soulagement et me prend à témoin : « Ouf, elles sont parties. »...

Au suivant !

Sylvie Haas Blaise

L'Hay-les-Roses (Val-de-Marne)

### Rentrée scolaire et bricolage

Rentrée ubuesque pour l'école des Quatre-Fils dans le 3<sup>e</sup> arrondissement de Paris. Vendredi 6 septembre, trois jours après la rentrée, on demande aux élèves de CE2 de vider casiers et tiroirs et de ramener le tout chez eux en attendant mieux. Mieux ? Un coup de fil du rectorat a tout simplement prononcé jeudi soir la fermeture brutale d'une classe. Motif tardif d'une décision qui l'est encore plus ? Les 10 classes de cette bonne petite école de quartier comptent entre 21 et 25 élèves chacune. Nombre idéal pour un bon apprentissage de la lecture et de l'écriture si chères à Luc Ferry. Mais c'est trop peu pour le rectorat, et pour lui la solu-

tion est simple : prendre une classe au hasard (la classe de CE2 compte le même nombre d'élèves que les autres) et demander à l'équipe pédagogique, qui n'en revient pas, de répartir les élèves dans les autres classes, CE1, CM1, CM2, en bricolant dans l'urgence des doubles niveaux hasardeux.

Dès vendredi, les parents s'émeuvent et se rendent au rectorat, où ils ne peuvent rencontrer l'inspecteur d'académie, « indisponible ». (...) Ils sont néanmoins reçus par le responsable du 19<sup>e</sup> arrondissement (?) et s'entendent dire, éberlués, que le double niveau est une merveille pédagogique et qu'il est fréquent en campagne. Le brave homme n'a pas dû comprendre grand-chose au beau film *Etre et avoir*. Il a notamment dû oublier que la classe de Monsieur Lopez ne comptait pas 30 élèves ; que ce formidable instituteur pratiquait cette structure depuis de longues années et n'était pas mis devant le fait accompli plusieurs jours après la rentrée. (...)

Nul ne met en cause l'excellence de certaines classes à double niveau, comme veut le laisser croire le rectorat. C'est un regard qu'il

s'agit de combattre. Regard méprisant envers des enfants qui découvrent qu'ils ne sont que des pions nombrables. Regard méprisant envers des enseignants « repositionnables » à volonté. Ils n'ont qu'à s'adapter (...) ! Regard méprisant enfin envers les parents qui n'ont qu'à se soumettre... ou aller dans le privé. (...)

L'enfant, au centre du système scolaire ? Ici, il est en marge.

Christina Poletto-Forget

Paris

### La face cachée de notre patrimoine

C'est vrai, le Larousse est un « véritable élément du patrimoine national » (*Le Monde* du 3 septembre) et l'une de vos illustrations : trois Noirs souriants faisant rouler un ponchon est amusante. Je me permets cependant de compléter votre article avec, mot pour mot, la définition suivante, qui figure dans la 252<sup>e</sup> édition Larousse du Nouveau dictionnaire illustré de 1913 : « Nègre, négresse n. (lat. niger, noir). Homme, femme à peau noire. - C'est le nom donné spécialement aux habitants de certaines contrées de l'Afrique, de la Guinée, de la Sénégambie,

de la Cafrérie, etc., qui forment une race d'hommes noirs, inférieure à la race blanche dite race caucasienne. La coloration de la peau paraît être due, chez les nègres, à l'influence du climat. C'est une modification acquise qui devient transmissible et héréditaire ; mais il est généralement reconnu aujourd'hui qu'une famille nègre, transplantée dans nos climats, arriverait à la couleur blanche après quelques générations, et sans mélange de races. (V. *Traite des noirs*.) » L'article « Traite des noirs » parle quand même d'un trafic d'esclaves odieux...

Francis Wolinski

Courriel

### Pour nous écrire :

Le courrier des lecteurs du *Monde*, 21 bis, rue Claude-Bernard, 75242 Paris Cedex 05. Pour nous envoyer une télécopie : 01-42-17-21-74. Pour nous envoyer un courrier électronique : courrier-des-lecteurs@lemonde.fr Pour saisir le médiateur : mediateur@lemonde.fr ou par courrier. Merci d'indiquer votre adresse complète.

Le Monde  
11/9/2002

## COURRIER DES LECTEURS

### Déception

Beaucoup d'entre nous pensions que ce qui était arrivé le soir du 21 avril - à savoir l'éviction pure et simple de la « gauche » pour le second tour de l'élection présidentielle d'une part et d'autre part la qualification historique de Jean-Marie Le Pen au second tour - avait donné une bonne leçon quant aux véritables urgences et maux dans notre pays.

Force est de constater que tout cela n'a strictement servi à rien, que la majorité actuelle au pouvoir fait preuve d'une frilosité à toute épreuve face au « lobby » syndical (...). Quel avenir peut-on espérer pour la France dans un tel contexte d'immobilisme et d'absence totale d'autorité de l'Etat ?

Thierry PAZ,  
ThierryP83@aol.com

### Sans surprise !

La consommation abusive d'alcool et de cannabis est, avec l'excès de vitesse, la cause principale des accidents mortels de la circulation. Après le séminaire gouvernemental sur la sécurité routière, on s'attendait à des mesures drastiques. Or le budget 2003 ne prévoit aucune surtaxe de l'alcool ni le dépistage des consommateurs de drogue au volant. Le gouvernement préfère pénaliser lourdement les usagers du tabac et des médicaments dits de confort pour renflouer les caisses de la Sécurité sociale alors que le déficit de cette dernière est largement creusé, entre autres, par le traitement des

blessés de la route et des maladies consécutives à l'usage de la drogue.

Monique BERGERIE,  
17110 Saint-Georges-de-  
Didonne.

### Rectificatif

Une erreur s'est glissée dans l'article de Paul-Marie Couteaux « Lettre ouverte à M. de Villepin » (nos éditions des 28 et 29 septembre). M<sup>me</sup> Blandine Pellistrandi n'est pas le porte-parole de la Représentation permanente de la France auprès de l'UE à Bruxelles. Fonctionnaire européen, elle travaille au Bureau de la Commission européenne à Paris. Elle n'est donc pas placée « sous l'autorité » du chef de la diplomatie française.

37, rue du Louvre 75002 Paris. Fax: 01 42 21 28 66. Minitel :  
3615 FIGARO rubrique COU. E-mail : mclos@lefigaro.fr

Le Figaro  
30/9/2002

## COURRIER DES LECTEURS

### Premier ministre

Un vent nouveau souffle sur la France. Pour la première fois depuis cinq ans, on a entendu un premier ministre prononcer et qui plus est répéter - des mots devenus grossiers dans notre vocabulaire politique, tels que « travail », « entreprise », « responsabilité », que son prédécesseur avait pris bien soin de bannir de son vocabulaire. Encore un petit effort et peut-être la prochaine fois osera-t-il braver l'interdit et parler de « devoirs ». Si les Français habitués à tant d'indolence et bercés d'assistanat veulent bien lui en laisser le temps avant de déclencher le « troisième tour social » des élections.

Thierry LEBEAUX,  
tlebeaux@yahoo.com

### Sécurité routière

Je suis tout à fait d'accord avec la lettre de Vincent Labelle dans *Le Figaro* du 20 septembre, qui demande d'arrêter l'hystérie anti-touroute. Cependant je suis un peu étonné par sa question : « Pourquoi se focalise-t-on toujours sur la partie la plus sûre du réseau et la moins meurtrière ? (...) ».

La réponse est en effet évidente pour presque tout le monde, et me fait penser à celle que donnait l'acteur américain Robert Mitchum quand on lui demandait comment il choisissait ses rôles : « Je prends ce qui est le plus facile et ce qui rapporte le plus. »

Alexis CALLIER,  
callier@skynet.be

---

37, rue du Louvre 75002 Paris.  
Fax: 01 42 21 28 66. Minitel :  
3615 FIGARO rubrique COU.  
E-mail : mcolas@lefigaro.fr

*Le Figaro*  
28 à 29/9/2002

# La parole aux lecteurs

UNE RUBRIQUE DIRIGÉE PAR CLAIRE FLEURY

**A** propos des attentats du 11 septembre 2001, le point de vue de nos correspondants est quasiment unanime : une condamnation sans réserve de ces actes (et la compassion envers les victimes et leur famille) mais un rejet total de l'attitude du gouvernement américain. C. F.

## Un Empire américain ?

L'Amérique vient de se couvrir de drapeaux et vibrer aux appels à l'union sacrée et au son des discours politiques. Au lendemain des attentats du 11 septembre – c'était presque hier –, on pouvait croire que l'Amérique, après avoir été ébranlée, sortirait changée, moins manichéenne dans sa gestion des « affaires du monde » et plus proche du reste de la planète. La politique de la main tendue avant l'intervention en Afghanistan a d'abord fait croire aux alliés (naïfs ?) à la fin de l'unilatéralisme américain. Mais rien de tel en réalité ne s'est produit, bien au contraire.

En effet, un George W. Bush « élu au rattrapage » devient le père de la nation, transcendé par les événements. Après les écarts de langage très Far West et des discours guerriers – « croisade », « vengeance », « mort ou vif », « l'axe du Mal »... –, le président américain, qui dans son discours d'investiture fustigeait « l'interventionnisme » de Bill Clinton, applique aujourd'hui la stratégie du fait accompli, au grand dam de l'Europe impuissante.

« Qui n'est pas avec nous est contre nous » est devenu le leitmotiv de l'administration Bush, les « faucons » en tête, pour répondre aux réticences des autres pays (hormis la Grande-Bretagne et Israël). Rendre le monde plus sûr, c'est l'obsession du président Bush, qui, s'étant focalisé sur Saddam Hussein et l'Irak, renvoie aux calendes grecques le conflit au Proche-Orient.

L'Amérique, pourtant jalouse de ses libertés, prend des libertés avec le droit, pas seulement sur la base militaire de Guantanamo et même en Afghanistan semble-t-il, mais également sur son propre sol. En effet, des centaines de « suspects » ont été arrêtés après le 11 septembre comme l'ont été jadis des Japonais et des Américains d'origine japonaise après Pearl Harbor et les « communistes » pendant la guerre froide.

Personne n'a oublié l'effroyable tragédie des New-Yorkais. Les États-Unis ont le droit de se défendre contre le terrorisme, nul ne le conteste. Mais cette Amérique se considérant comme une nation guidée par Dieu (« Nation under God ») et pour qui le monde est désormais divisé entre le Bien et le Mal ne succombera-t-elle pas à la tentation de s'octroyer le

droit de punir et le devoir d'exercer une tutelle morale, bienveillante et civilisatrice ? Après l'Empire romain, un Empire américain ?

ALI DARHLAL,  
Talence (Gironde).

## Pas de refrains antiaméricains

Bien sûr, comme tout le monde, je doute que les Américains puissent triompher du terrorisme par la guerre contre l'Irak. Mais ce ne sont pas les protestations des pacifistes bêlants et des militants de l'extrême-gauche proarabe qui nous aideront à endiguer la régression terroriste. Vous dites vous-même que les meilleurs esprits parmi les musulmans dénoncent l'internationale islamiste et veulent réformer l'islam. Bravo. Mais pour cela, ne vous contentez pas de rejoindre le chœur qui entonne les refrains antiaméricains.

SYLVAIN MALET,  
Paris.

## Profs, respectez les parents !

En réaction à l'entretien avec Maurice T. Maschino, « Parents, respectez les profs ! » (n° 1973) :

Une situation conflictuelle ne saurait surgir du néant. Autrement dit, il est nécessaire qu'un fond de raison amène certains parents d'élèves au type de comportement dénoncé par T. Maschino. La société civile n'a cessé, malgré tout, d'évoluer culturellement, y compris ce tiers état constitué par lesdits parents d'élèves, qui considèrent désormais hors de propos la morgue, la condescendance, le pédagogisme extra-muros et les fins de non-recevoir de certains membres de la noblesse enseignante.

Un monde nous sépare, celui de la responsabilité et de l'obligation de résultat de travail. (...) Je plaide pour des enseignants respectueux de leur « gagne-pain » et des familles de ces derniers. La réciprocité, obligatoire il va de soi, en sera naturellement facilitée.

DANIEL FAUCONNIER,  
Magny-sur-Tille (Côte-d'Or).

## Profession parents

Quand mon fils de 5 ans répond poliment, c'est-à-dire normalement, à un adulte, celui-ci s'extasie. A croire que les enfants ne savent pas dire « bonjour », « s'il vous plaît » ni « merci ». A qui la faute ? Aux parents, bien sûr. Vautrés devant la télé, mangeant les coudes sur la table, utilisant le frigo comme un self-service et les adultes comme leurs serviteurs, nos chères têtes blondes n'ont guère de chance d'être à

l'école des élèves disciplinés, attentifs et respectueux de leurs enseignants. Le ministère de l'Éducation nationale devrait être dénommé pour s'appeler ministère de l'Instruction nationale. Les parents comprendraient peut-être qu'ils sont responsables de l'éducation de leurs enfants !

J. GAGNARD,  
Paris.

## L'esclavage au coin de la rue

En réaction au dossier sur la prostitution (n° 1972) :

Merci de votre dossier. Le nouvel esclavage sexuel est une honte dont nos politiques ne semblent guère se soucier, ou ne pas comprendre l'enjeu. Comment ose-t-on parler de libre choix pour des jeunes filles battues, violées, à qui on a retiré leur passeport et qui se retrouvent sur les trottoirs de Paris ou de Nice. Plus personne ne peut dire « je ne savais pas » et les clients de ces pauvres filles sont complices de ce trafic humain.

C. ABITBOL,  
Marseille.

## Hongrie d'hier et d'aujourd'hui

En réaction à l'article « Hongrie-Pologne : le réveil des vieux démons » (n° 1968) :

Lecteur de vieille date de votre hebdomadaire, (...) je me permets d'apporter quelques précisions à l'article de K. S Karol au sujet des populismes en Europe centrale, (...) que je ne tiens d'ailleurs pas pour une bonne analyse.

M. Viktor Orbán, ancien Premier ministre hongrois, (...) n'appartient pas à la confession catholique romaine. Il est protestant, au surplus calviniste. (...) M. Medgyessy n'était pas vice-président du Conseil entre 1997 et 1998, vu que l'administration hongroise ne connaît pas ce poste. Il était ministre des Finances. (...) Le mouvement animé par M. Orbán s'appelle Hajrá Magyarország ! (Allez la Hongrie !, à l'instar de Forza Italia). (...)

En ce qui concerne l'expulsion de 200 000 Hongrois (et non 100 000) de la Tchécoslovaquie entre 1945 et 1947, sur une communauté de 600 000 à 700 000 personnes, tout cela était possible grâce aux décrets (car il y en avait plusieurs) de M. Benes, qui sont toujours en vigueur, et aucun dédommagement – ne serait-ce que symbolique – n'a été donné pour les pertes qu'ils ont causées. (...)

BALÁZS ABLONCZY,  
historien, chercheur

Institut Teleki László, Budapest (Hongrie).



Numéro I.S.S.N. : 0029-4713. N° d'impression 15 986  
Dépôt légal : à parution — Abonnements :  
France (un an) : 120 €. Étudiants : 99 €. Étranger : 130 €.   
Composition et photographie : PCH, 10-12, place de la Bourse, 75002 Paris. Imprimerie SEGO-Cergy, maître d'œuvre. Directeur de la publication : Claude Perdiel



# La parole aux lecteurs

UNE RUBRIQUE DIRIGÉE PAR CLAIRE FLEURY



Le dossier « Guerre d'Algérie, les aveux les plus durs » (n°1884) a suscité de nombreuses réactions d'anciens appelés du contingent. Certains nous accusent de ne pas avoir parlé des exactions algériennes. « Pied-noir, ayant accompli, comme plus d'un million de jeunes de ma

génération, mes obligations militaires pendant vingt-sept mois dans l'Atlas de Blida, je suis profondément choqué par la présentation de la torture qui aurait été pratiquée, à l'initiative exclusive, semble-t-il, de l'armée française », écrit un lecteur des Landes avant de citer quelques « cruautés sans nom du FLN ». Il n'est que de rappeler l'éditorial de Jean Daniel dont la phrase en exergue était : « Lignoble torture n'a pas été le fait de tous les militaires français pendant la guerre d'Algérie. Et l'horreur a été présente dans les deux camps » ; l'interview de Benjamin Siora : « Si l'on se penche sur le côté algérien de la guerre, qu'exhumerait-on ? Un conflit fratricide entre les messalistes et le FLN » ; celle de Mohamed Harbi : « Nombre de combattants ont été soumis à la torture des leurs, dans la base de l'Est et au moment des purges en Kabylie » ; le témoignage de Jacques Julliard qui rappelait « les crimes des nationalistes algériens contre les "colons", contre les Algériens eux-mêmes, contre les harkis » ; sans oublier la photographie du massacre de Melouza, pour qu'on ne puisse nous faire ce procès. Mais au-delà de la vérité journalistique, ces critiques non fondées sont bien le signe que pour ces combattants, les plaies de la guerre d'Algérie ne sont pas fermées. C. F.

## Je ne veux pas qu'on me traite de tortionnaire

Lecteur du « Nouvel Observateur », je suis abasourdi par le déferlement de propos concernant les tortures en Algérie. A l'écriture de ces lignes, mes yeux sont embués de larmes. Après quarante ans le feu couve toujours sous les cendres. L'Algérie est une histoire passionnelle pour les Français.

A ce jour, il se crée dans l'opinion française une hystérie collective concernant la guerre d'Algérie : « Vous étiez des tortionnaires. »

Non, trois fois non, les jeunes soldats de 20 ans que nous étions avons effectué dans l'honneur et dans la dignité notre devoir de citoyen français. Je ne veux pas que mes enfants et mes petits-enfants me traitent de tortionnaire. Dans ma famille trois générations ont été confrontées à une guerre. Mon grand-père : 14-18. Mon père : 39-45. Moi-même : l'Algérie. Je ne demande pas réparation à la nation, la France, mais je souhaite simplement que les médias cessent toutes attaques à notre encontre, car aujourd'hui je suis un homme blessé.

JACQUES ROUSSEAU,  
Saint-Leu-la-Fôret (Val-d'Oise).

## C'est ainsi que naît la haine...

Plus que l'indignation normale mais très orchestrée devant la torture imputable à l'armée française, il me paraît indispensable de faire œuvre pédagogique vis-à-vis des jeunes générations afin qu'un refus absolu d'accomplir certains actes soit opposé à une quelconque nécessité et quelle que soit la situation.

Pour la première fois d'autre part, il est fait état des innombrables crimes et tortures faites par les soldats du FLN. Les victimes en furent des civils innocents. (...)

L'objectif raisonnable maintenant reste la réconciliation, sûrement difficile et fragile (...). Le repentir, c'est bien, rester vigilant pour l'avenir, c'est encore mieux.

R. BORMAUD.

## Où étaient les Bollardières des gouvernements ?

En 1945, aspirant de réserve dans un régiment de tirailleurs, j'étais en Algérie au moment du soulèvement de Sétif, sauvagement réprimé.

A cette époque, certains officiers indigènes nous disaient clairement que la colonisation devrait prendre fin un jour. Mais personne ne voulait les entendre. On a vu la suite.

Pour ce qui concerne les exactions commises par l'armée, il faut se souvenir qu'en face ne se trouvaient pas pour elle des hommes, mais des « bicots », des « indigènes », des « bougnoules », des « melons » etc., ce qui bien sûr changeait tout ! (...)

Toutefois, n'oublions pas que l'armée a eu son Bollardière, mais à l'époque, où étaient les Bollardières des gouvernements successifs ?

ALBERT PAVY,  
Annecy.

## Fichez-nous la paix !

Pendant quatorze mois sur mes vingt-huit d'armée, j'ai « crapahuté » dans le djebel dans un commando de chasse du 153<sup>e</sup> RIM entre Souk Ahras et Lamy dans l'Est constantinois. J'ai entendu parler d'interrogatoires menés à la « gégène » et de « corvée de bois ». J'ai participé à de nombreuses opérations, de jour comme de nuit, des embuscades, meurtrières ou non. En face de nous se trouvait l'Armée de Libération nationale (ALN), en uniforme, bien entraînée et bien armée. C'était la guerre.

Je n'ai jamais ni torturé ni violé qui que ce soit. Mes camarades non plus. Nous faisons ce que nous croyions normal pour notre pays, à tort ou à raison, mais nous le faisons. J'ai la conscience tranquille comme la plupart des

appelés. Je n'ai pas à rougir de ce que j'ai fait et encore moins à me « repentir » de quoi que ce soit. (...) Fichez-nous la paix ! Vous ne croyez pas que nous avons été suffisamment « emmerdés » lorsque nous avions 20 ans !

GILBERT ROPARS,  
Fouesnant (Finistère).

## Le trou noir de ma mémoire

Je n'oublierai jamais. Ou plutôt, je croyais avoir oublié ce que j'ai vu en Algérie, des hommes, des femmes, des enfants torturés. Votre dossier a ouvert la boîte de Pandore des souvenirs atroces de ces pauvres victimes mais aussi des visages de leurs tortionnaires. Certains torturaient avec dégoût, d'autres avec indifférence. D'autres enfin y trouvaient manifestement un certain plaisir. Aujourd'hui, ce trou noir de ma mémoire n'existe plus. J'ai parlé à ma femme de ce que j'ai vu là-bas. Rien n'est effacé. Mais je suis apaisé.

G. F.,  
Nice.

## N'oubliez pas Jules Roy

J'ai lu avec beaucoup d'intérêt les éditoriaux de Jean Daniel traitant de la torture en Algérie pendant la guerre de 1954-1962 (n°1883 et n°1884) et je n'y ai trouvé que des arguments, à charge ou à décharge, parfaitement convenables au jugement qu'on peut en porter plus de quarante ans après les faits. A mes yeux, ceux-ci ne sont ni justifiables ni pardonnables et je pense que ce n'est pas à la collectivité actuelle - qui ne le ferait sans doute pas sans arrière-pensée politique intéressée - à exprimer un repentir, mais aux individualités concernées, en conscience, à pardonner pour les uns, à oublier pour les autres.

Vous citez Camus, Alleg, Vidal-Naquet, Marrou, Simon, Bollardière, Malraux, Germaine Tillon, Amrouche, Clavel, Roger Stéphane comme s'étant élevés, en leur temps, contre la torture. Mais je suis étonné - et déçu - du fait de ne pas trouver Jules Roy dans cette liste, lui qui dès 1953 avait démissionné de l'armée (quatre ans avant Bollardière) pour protester - déjà - contre les méthodes employées en Indochine. Lui qui, sur ordre de mission du général de Gaulle, se rend en Algérie, y rencontre le général Buis qui devient son ami et, atterré par ce qu'il a vu, écrit un violent pamphlet qui paraîtra simultanément chez Julliard et dans « l'Express » où avait déjà paru l'article intitulé « Je vous plains mes camarades ». Plus tard il fera paraître « J'accuse le général Massu » et « Etranger pour mes frères ».

JACQUES VALETTE,  
Tannay (Nièvre).



Numéro I.S.S.N. : 0029-4713. N° d'impression 14 396  
Dépôt légal : janvier 1992 — Abonnements :  
France (un an) : 760 F. Etudiants : 650 F. Etranger : 825 F.  
Composition et photographie : PCH, 10-12, place de la Bourse, 75002 Paris. Imprimerie SEGO-Cergy.  
maître d'œuvre. Directeur de la publication : Claude Perdriel





# I N E DES LECTEURS

**F**ace à un gouvernement détestable comme celui de mon pays, l'Italie, j'ai toujours regardé le pays de Pascal comme un modèle à suivre et probablement où me déplacer. Quelle amertume après les résultats des élections du 21 avril ! Ce n'est pas tellement la dé faite de Jospin qui me surprend mais le succès de votre fasciste local : un véritable bouleversement des valeurs que la France a toujours représentées.

**Quirino Caselli (courriel).**

**L**est regrettable que vous ne vous soyez pas plus inspiré de l'excellente chronique de Jacques Attali « Le Pen-La guiller » (voir *L'Express* du 18 avril), plutôt que de suivre les conclusions des instituts de sondage, qui utilisent aveuglément des modèles mathématiques aussi sophistiqués que faux ; le bon sens vous aurait permis d'alerter vos lecteurs sur les risques du premier tour de l'élection présidentielle. (...)

**J.-P. Grumbach (courriel).**

(...) **C'**est l'expression d'un ras-le-bol à l'encontre des professionnels de la politique qui prétendent gouverner la France et s'avèrent incapables de diriger leur propre entreprise, à savoir l'administration publique. Ils imposent aux entreprises privées et à leurs salariés des règles qu'ils ne réussissent pas à s'appli-

quer à eux-mêmes. Alors comment faire passer le message que l'on en a assez de toute cette énararchie et des médias parisiens avec lesquels elle vit en cercle fermé coupé de la réalité ? Seul un vote Le Pen permettait un message visible. Espérons que le message aura été compris, et que notre futur gouvernement sera composé de femmes et d'hommes neufs, y compris dans les ministères clefs. (...)

**X. Barrois (courriel).**

**S**ans doute le résultat sidérant de dimanche soir va-t-il vous valoir un record de courrier, papier ou électronique [NDR : c'est vrai !]. Quant à moi, après quelques heures de stupeur et d'incompréhension, j'ai trouvé un extrême réconfort dans la lecture d'un point de vue que je partage entièrement dans la lettre ouverte adressée à Jacques Chirac par Denis Jeambar. Elle est dure, très dure, presque cynique et désespérée, mais... tellement exacte.

**T. Gabriel (courriel).**

**LEXPRESS.fr**

[www.lexpress.fr](http://www.lexpress.fr)

**La courriel**  
Jacqueline Delassus,  
17, rue de l'Arrivée,  
75733 Paris Cedex 15.  
E-mail : [courriel@lexpress.fr](mailto:courriel@lexpress.fr)

## Droit de réponse

**D**ans un article de votre numéro du 24 janvier 2002, vous prétendez que nous nous sommes « désistés de [notre] plainte sur le fond ». Vous évoquez également, à propos de l'instruction pénale de cette affaire, « la transmission d'un dossier de 99 pages de la DST, établissant les liens de l'ancien ministre avec les services roumains et soviétiques ». Dans la mesure où *L'Express* ne nous a jamais proposé de présenter notre point de vue dans cette affaire, ce courrier s'inscrit dans les limites très étroites du droit de réponse. Nous contestons donc vos allégations établis-

sant une confusion entre les procédures en cours car, d'une part, nous ne nous sommes jamais désistés sur le fond et, d'autre part, il n'existe pas à notre connaissance de « dossier de la DST » établissant quoi que ce soit ».

**M. Jean-Charles Hernu**  
**M. Jean-Michel Hernu**  
**M. Patrice Hernu**

*L'Express a repris les éléments contenus dans l'avis d'ordonnance rendu le 20 décembre 2001 par le juge Valat. « Le magistrat instructeur, écrit-il, s'est transporté le 3 décembre 1998 au siège de la DST où le directeur, le préfet Pascal, lui remettait le dossier afférent à M. Charles*

*Hernu. Il renfermait un dossier relié contenant 99 feuillets en langue roumaine, deux planches de microfilms et un dossier relié constitué de 74 pages en langue française (la traduction du précédent dossier) [...] Le magistrat instructeur s'est attaché à réunir les éléments permettant d'évaluer le degré de fiabilité, la détermination conditionnant la caractérisation des infractions de tentative d'escroquerie au jugement et de faux et usage [...]. Or, à l'issue de l'information, les parties civiles se sont désistées de ces chefs de leur plainte ne permettant pas à l'instruction de prospérer. [...]*

**L'EXPRESS**

17, rue de l'Arrivée, 75733 Paris Cedex 15  
Tél. : 01-53-91-11-11

L'EXPRESS est édité par Groupe Express SA.

Conseil de surveillance : Jacques Duquesne (président),  
Eric Licoys, Agnès Touraine (vice-présidents),  
Alfred Grosser, Bernard Brunhes, Nicolas Duhamel, Vincent Hugué

Directoire : Denis Jeambar (président, directeur de la publication),  
Marc Feuillée (directeur général), Véronique Darsoe

Conseiller de la direction : Roland Millat

### RÉDACTION

Directeur de la rédaction : Denis Jeambar.  
Directeurs adjoints de la rédaction : Christian Makarian, Christophe Barbier  
Assistante : Monique Barlier (1363), Virginie Skrzyziar (1364)  
Directeur de la création : Joseph Magagnoli  
Éditorialistes : Jean-Pierre Duthé, Plantu, Daniel Randaou  
Chercheurs : Claude Allégre, Jacques Attali, Bernard Guetta, Noëlle Lenoir, Jean-Luc Peitremont.  
Rédacteurs en chef : Anne Beaujour (Magazine), François-Xavier Beski (Pécs), Jean-Marc Biais (Découvertes), Philippe Bidson (Edition-Magazine), Sabine Delanglade (Economie), Jean-François Dessaint (Photos), Michel Fellet (Régions), Thierry Gandolfi (Culture), Alain Layot (Mondial), Eric Mettout (Web), Jean-Marie Poulaut (Investigation), Jacqueline Remy (Société), Débats, Dominique Simonnet (Entretiens), Antonya Troulong (Nostalgie Documentaire).  
Rédacteurs en chef adjoints : François Busnel (Culture), Gilles Gauthier (Investigation), Anie Kautcher (Magazine), Dominique Lagarde (Mondial), Corinne Lhaik (Economie), Eric Libot (Culture), Nicole Nogrette (Photos), Marianne Payot (Régions), Renaud Revel (France), Yves Szwed (Dossiers), Jean-Sébastien Sztajki (Société), Anne Vidale (Pécs).  
France : Eric Conan (grand reporter), Elise Karlin, François Koch, Eric Mandonnet, Romain Rosso, Richard de Vendeville. Documentation : Justine Payer, Isabelle Tallo, Assistant de rédaction : Edith Poyac (1350). Investigation : Laurent Charbon, Jérôme Dupuis, Eric Pellerin. Documentation : Thierry Piaty. Assistante de rédaction : Hélène Patard (1343). Société : Anne Marie Castret, Gilbert Charles, Henri Hagot (grands reporters), Gaëlle Charrier, Marion Festral, Marie Hunt. Documentation : Emmanuelle Peser. Assistante de rédaction : Pomme Desmarcellier (1456). Découvertes : Françoise Monier (grand reporter), Vincent Olivier (chef de rubrique), Bruno O. Cot. Estelle Saget. Documentation : Laure Antoine. Assistante de rédaction : Elisabeth Bro-Boisnard (1407). Économie : Bruno Abesca, Georges Dupuy, Vincent Nouzille (grands reporters), Eric Chel, Guillaume Grillet, Julie Joly, Corinne Scemama. Documentation : Jean-Marc Gorse, Catherine Hoogenboom. Assistante de rédaction : Christine Guirin (1315). Réseau : Pierre-Vincent Luthien. Documentation : Jean-Marc Gorse, Catherine Hoogenboom. Assistante de rédaction : Elisabeth Bro-Boisnard (1407). Mondial : Jean-Michel Demetz, Marc Epstein, Michel Faure, Axel Gylden, Vincent Hugué, Sylviane Pasquier (grands reporters), New York : Philippe Coste (grand reporter). Documentation : Catherine Goussot, Juliette Cos. Assistante de rédaction : Anne Falme (1329). Culture, Guide : Sophie Grassin, Gilles Midon, Marine de Rabaudy (grands reporters), Anick Kolonna-Céran, Pascal Dupont, Frank Erikson, Michèle Labou, Olivier Le Naire, Laurence Liban. Documentation : Marine Raud, Pedro Linde Choverma. Assistantes de rédaction : Edith Blot (Eures, 1293), Danièle Dittmann (Spectacles, 1295).  
Magazine : Béatrice Brassier (chef de service), Colombe Pringle (grand reporter), Marine Lachaud et Geneviève Lamouroux (chefs de rubrique), Laurence Debré, Océane Kerchouche, Céline Lis, Arnaud Malherbe, Emmanuelle Toscan du Plantier (C'est dans l'air et Sortir en région). Assistante de rédaction : Jocelyne Roger (1326).  
Courrier-Forum : Jacqueline Delassus. Assistante : Nicole Le Ny (1244). [courriel@lexpress.fr](mailto:courriel@lexpress.fr).  
Documentation : Véronique Mainguy, Catherine Wagnier (Éditions), Françoise Laurs (Index), Assistants techniques : Roselyne Benoit, Catherine Da Vinha, Sacha Mogli.  
Internet : Corinne Denis (directrice multimédia, éditorial et contenu), Jean-François Huttier (directeur multimédia, marketing et développement), Jean-Claude Bizot (producteur en chef technique adjoint), Cécile Pivot (secrétaire générale de la rédaction), Marlette Le Guellaf (responsable éditoriale *lexpress.fr*), Nathalie Riche (éditrice multimédia, pôle Eures) avec : Nathalie Dresse, Laurent Marinier, Philippe Perrier.

LE V.F.L'EXPRESS (Belgique). Directeur délégué de la rédaction : Jacques Gevers (00-322-702-47-01).

Directeur technique et production : Eric Matton.  
Directeur en chef technique : Jean-Michel Laffont. Secrétaire général de la rédaction technique : Bernard Croquet. Secrétaire d'administration de la rédaction : Jean-Marc Pary (premier secrétaire de rédaction). Vain d'Albuquerque, Geneviève Bouvier, Pascale Galati, Bruno Dupont, François Joly, Valérie PC-Guillemot & V.F.L'Express). Révision : Patrick Roman (premier réviseur), Marie-Laure Adam, Marie Robert Alekan, Marie-Françoise Gachet, Denise Grumel, Véronique Hardy-Monier, Fabrice Lajoux-Herkel, François Salviati.  
Directrice artistique adjointe : Genevieve Coublot. Maquette : Marie-Claire Bertsch (chef de service), Didier Brack, Claudine Chakel, Anouck Desdormaines-Hugon, Hilary Driver, Franck Jouveau, Chantal Hesnard, Isabelle Labussière, Francis Prêtre. Photo : Reporter photographe : Jean-Paul Gallotier. Rédacteur photo : Hugues Bordenave, Karen Charles, Gaëlle Gauduchon, Nguyen Thi Bao Deth, Vain Soulier. Archives et ventes photo : Chantal Boudreau. Comptabilité : Elisabeth Galotard.  
Fabrication : Michel Thomas (chef de service), Laurence Bideau, Jean-Pierre Didier, Marie-Anne Phinage, Pierre Vieux.  
Photogravure : Pascal Delépine (chef de service), Didier Hailard, Catherine Pégion-Rottini.  
Relations presse : Stéphanie Vidoux (1068).

### COMMERCIAL - ADMINISTRATION

Directeur général : Marc Feuillée.  
Directeur délégué : Eric Dufour.  
Directrice déléguée (marketing et commercial) : Corinne Pityay. Marketing : Catherine Bertrand (1058), François-Xavier Robert (1057). Directrice de la publicité : Brigitte Cantalupo (1430) et Manuela Ritay (1079) (adjoints) avec : Michèle Benzeno (1059), Pascale Berthelot-Ponson (1061), Catherine Gollieb (1071), Guillaume de Carné (1133).  
Directrice de la publicité itinérante : Patricia de la Fage (1433). Directrice de la publicité (V.F.) : Christine Boullier (1132). Directrice de clientèle Web : Marie-Gabrielle (1078). Chef de publicité Web : Eric Oudot (1078). Directrice de la publicité internationale : Eileen Le Must (1060) avec : Agnès Abazard (1065).  
Édition : Monique Bourguignon (1053) (responsable) avec : Nicole Lambert (1055), Studio de création : Blandine Penlat (1045).

Directeur des annonces classées : Eric Dufour. Directrice adjointe : Corinne Jouis (1094) avec : Sylvie Ludovic (1098) et Jean-Jacques Rosier (1059). Service de groupe : Céline Berger (1418), Nathalie Faure (1091), Nathalie Lussat (1092), Florence Ruffat (1083), Su-Lan Yip (1087). Directrice de clientèle Web : Laure Ruffaut (1200). Sophie Perrier (Marketing Web, 1088). Télévente : Mikéline Delarue (1095), Virginie Rabeaux (1096). Service technique : Isabelle Morcrette (1042) avec : Nadine Tourmente (1026), Béatrice Treilles (1043).

Directrice de la diffusion et du développement : Elisabeth Drouot.  
Directrice des abonnements : Anne Evard avec : Diane de L'Épave, Agnès Molna et Katherine Lega. Marketing direct : Bénédicte Kempf et Christine Voulloux. Relations clientèle : Catherine Chetu. Directrice des ventes au numéro : Sophie Guimaraes avec : Estelle Gallard, Bernard Verrot. Distributeurs : Denis Lavieille. Edition internationale : Sylvia Atlas. Chargé de promotion : Marna Ottawa.

Directrice des ressources humaines : Véronique Garraze, assistée de : Chantal Chantrelle (Personnel), Régina Chocron (Juridique, copyrights), Sylvie de Scoborac (Achats), Richard Thessen (Entretiens). Directrice financière : Sophie de Beauvoisin. Gestion : Eric Barreau, Frédérique Galot, Thierry Pizarro, Rivette Romigoux, Yvonne Perchal. Comptabilité : Jean-Claude Gaudier, assistée de : Elisabeth Favier, Gilles Hervé, Felyine Theison. Administration des ventes : Isabelle Uveret. Directeur informatique : Thierry Bérard. Fudes : Gerard Robert et Bertrand Popy. Miro : Mèrephone. Fabrice Bouchacourt, Serge Guaveine.

### SERVICE ABONNEMENTS

0 825 369 442

De l'étranger : 33 3 44 67 57 14

L'Express en ligne sur Internet : <http://www.lexpress.fr>

POUR JOINDRE VOTRE CORRESPONDANT,  
COMPOSEZ LE 01-53-91 SUIVI DU NUMÉRO ENTRE PARENTHÈSES.

L'Express  
2/5/2002

## 21 avril : tous responsables

**L**e Pen ne sera jamais élu président de la République Française. (...) La panique qui s'est emparée de tout ce que Raymond Barre appelait le « microcosme » est à l'image de son aveuglement. Le Pen n'est qu'un histrion qui ne trompe que ceux qui ont envie de l'être. (...) Alors, pas de panique, préparons un programme de travail qui définira la France que nous voulons : sans « communautés », sans caste privilégiée mais avec l'ambition d'être en Europe un moteur pour que cette dernière soit forte, prospère et respectée. (...)

**J.-M. Gardey (courriel).**

**V**oici ce que m'inspire la défaite de Lionel Jospin (notre défaite ?) à moi, petite fonctionnaire hospitalière dont le salaire est loin de refléter les responsabilités... Sa réaction, hier soir, est, à mon avis, une réaction d'orgueil ; il est peut-être un des moins malhonnêtes de nos hommes politiques, mais lui, comme les autres, manque d'humilité. (...) Ils ont méprisé les infirmières, les enseignants, les ouvriers de chez LU et bien d'autres. Ils ont tenté de nous faire croire que les 55 heures créent des emplois, alors que c'est la croissance qui les crée. Pensez-ils que les personnes à petit revenu ont les moyens d'avoir du temps libre ? Pensez-ils qu'il soit sain de créer une classe d'assistés grâce au RMI, alors que les personnes non qualifiées travaillant à temps partiel ont un niveau de vie inférieur ? (...) Il y a vingt ans, j'ai voté à gauche. et n'ai jamais cessé jusqu'à dimanche dernier ! Bien sûr, je voterai pour Jacques Chirac le 5 mai, car nous ne méritons pas ce qui est proposé par Le Pen. (...)

**Ch. Roussel (courriel).**

(...) **S**ituation « inattendue », ou encore « séisme », alors que moi, simple électrice, je m'indignais depuis près de deux mois, voire plus, de la tournure que prenaient les événements ou plutôt les non-événements. (...) A force de jouer de stratégie, nos deux candidats ont perdu toute identité. A vouloir rassembler, ils se sont présentés comme des « calculateurs » en laissant le champ libre au vrai manipulateur qu'est Le Pen. Pourquoi cette dispersion vers les « petits candidats » ? (...) Les électeurs ont voulu retrouver des discours concrets, plus proches d'eux, écouter des personnes qui se donnaient corps et âme à leur cause et les ont remerciées pour cela. (...) De cet état de fait. Le Pen n'a eu qu'à orchestrer,



comme il sait si bien le faire, la mise en scène de l'homme providentiel apaisant tous les déçus et se présentant comme le candidat du « non ». Sous-entendu, non aux deux autres. Et il fut malheureusement écouté. (...)

**C. Le Coc (courriel).**

**J**e fais partie de la majorité silencieuse, la pire, celle des indifférents. Mais quand on a eu 10 ans en 1960, peut-on avoir une conscience politique, musclée comme nous l'étions dans un milieu dit bourgeois ? Il y a bien eu 1968, mais cela n'a peut-être été qu'un beau rêve, récupéré certainement, étions-nous vraiment conscients ? Mon propos est un appel à nos parents, génération sacrifiée par la guerre mais qui a su rebondir et souvent bien, qui volent Le Pen pour se singulariser, car, dans leurs confortables maisons de retraités aisés, que risquent-ils ? Que connaissent-ils de la violence, de l'insécurité, du chômage, des banlieues ? Et je leur demande : « Quelles leçons avez-vous tirées du passé ? » (...)

**M.-O. Arnoulet (courriel).**

(...) **M**ême si je ne rejette pas totalement la faute sur eux, et que les dirigeants politiques ont aussi une grande part de responsabilité, je suis persuadé que les journalistes ont aussi beaucoup contribué à la lassitude des Français. A faire croire que les résultats sont joués d'avance pour toutes les élections, ils ont convaincu une grosse partie de l'électorat (28,5 % cette fois-ci) que voter ne sert à rien. Savoir

que l'élection finale se jouerait entre Chirac et Jospin n'a, je crois, minimisé l'importance du vote contestataire en faveur de Jean-Marie Le Pen. (...)

**B. Picard (courriel).**

**J**e me demande si les principaux vaincus (et fautifs ?) ne sont pas les trois principaux instituts de sondage qui ont joué pendant des mois et jusqu'à l'avant-veille du scrutin sur la notion de troisième homme sans avoir vu arriver... le deuxième ? La certitude était telle qu'on affinait déjà jour après jour à 0,5 % près les pourcentages du deuxième tour entre ces deux hommes dont l'un ne devait pas être au rendez-vous. (...)

**R.-F. Martin (courriel).**

(...) **P**our la première fois depuis la dernière guerre, la gauche, qui représente plus de 40 % de la population française, toutes tendances confondues, sera absente du second tour ! Pire : c'est un parti fasciste qui l'a remplacée ! (De Gaulle doit se retourner dans sa tombe !) Comment expliquez-vous que votre journal pas plus que les autres n'ait su envisager cette hypothèse à travers toutes les analyses politiques que vous nous avez servies ? Pourquoi n'avez-vous publié aucune mise en garde ? J'attends que vous vous expliquiez.

**M. Derrier (courriel).**

(...) **O**n peut faire confiance à ceux qui, aujourd'hui, demandent un vrai changement, pour descendre demain dans la rue à la première mesure nécessaire mais impopulaire qui sera prise par la représentation nationale et qui ira à l'encontre des intérêts acquis ou des privilèges catégoriels. Quels que soient les reproches que l'on peut faire aux hommes politiques de tous bords, on doit quand même admirer leur courage pour vouloir devenir les bergers d'un tel troupeau.

**M. Duqueroey, Brest.**

(...) **C**'est n'est pas la victoire du fascisme mais la défaite du mépris, de l'exclusion, de l'ostracisme... dans lesquels vivent depuis des années les Français souvent les plus humbles ou les plus touchés, dans leur vie de tous les jours, par l'insécurité et, dans leur travail, par la mondialisation et ses pendents que sont le chômage, la précarité, les CDD... En résumé, tous ces Français dont on ne parle pratiquement jamais. (...)

**Ph. Calfan (courriel).**

**F**ace à un gouvernement détestable comme celui de mon pays, l'Italie, j'ai toujours regardé le pays de Pascal comme un modèle à suivre et probablement où me déplacer. Quelle amertume après les résultats des élections du 21 avril ! Ce n'est pas tellement la défaite de Jospin qui me surprend mais le succès de votre fasciste local : un véritable bouleversement des valeurs que la France a toujours représentées.

**Quirino Caselli (courriel).**

**I**l est regrettable que vous ne vous soyez pas plus inspiré de l'excellente chronique de Jacques Attali « Le Pen-Laguiller » (voir L'Express du 18 avril), plutôt que de suivre les conclusions des instituts de sondage, qui utilisent aveuglément des modèles mathématiques aussi sophistiqués que faux ; le bon sens vous aurait permis d'aider vos lecteurs sur les risques du premier tour de l'élection présidentielle. (...)

**J.-P. Grumbach (courriel).**

(...) **C**'est l'expression d'un ras-le-bol à l'encontre des professionnels de la politique qui prétendent gouverner la France et s'avèrent incapables de diriger leur propre entreprise, à savoir l'administration publique. Ils imposent aux entreprises privées et à leurs salariés des règles qu'ils ne réussissent pas à s'appli-

quer à eux-mêmes. Alors comment faire passer le message que l'on en a assez de toute cette énarchie et des médias parisiens avec lesquels elle vit en cercle fermé coupé de la réalité ? Seul un vote Le Pen permettait un message visible. Espérons que le message aura été compris, et que notre futur gouvernement sera composé de femmes et d'hommes neufs, y compris dans les ministères clefs. (...)

**X. Barrois (courriel).**

**S**ans doute le résultat sidérant de dimanche soir va-t-il vous valoir un record de courrier, papier ou électronique [NDLR : c'est vrai !]. Quant à moi, après quelques heures de stupeur et d'incompréhension, j'ai trouvé un extrême réconfort dans la lecture d'un point de vue que je partage entièrement dans la lettre ouverte adressée à Jacques Chirac par Denis Jeambar. Elle est dure, très dure, presque cynique et désespérée, mais... tellement exacte.

**T. Gabriel (courriel).**

**L'EXPRESS.fr**  
www.lexpress.fr

Magazine Hebdomadaire  
12 rue de Valenciennes  
75233 Paris 11e  
01 43 89 36 00  
fax 01 43 89 36 00

## Droit de réponse

**D**ans un article de votre numéro du 24 janvier 2002, vous prétendez que nous nous sommes « désistés de [notre] plainte sur le fond ». Vous évoquez également, à propos de l'instruction pénale de cette affaire, « la transmission d'un dossier de 99 pages de la DST, établissant les liens de l'ancien ministre avec les services roumains et soviétiques ». Dans la mesure où L'Express ne nous a jamais proposé de présenter notre point de vue dans cette affaire, ce courrier s'inscrit dans les limites très étroites du droit de réponse. Nous contestons donc vos allégations établis-

sant une confusion entre les procédures en cours car, d'une part, nous ne nous sommes jamais désistés sur le fond et, d'autre part, il n'existe pas à notre connaissance de « dossier de la DST » établissant quoi que ce soit ».

**M. Jean-Charles Hernu  
M. Jean-Michel Hernu  
M. Patrice Hernu**

L'Express a repris les éléments contenus dans l'avis d'ordonnance rendu le 20 décembre 2001 par le juge Valat. « Le magistrat instructeur, écrit-il, s'est transmis le 3 décembre 1998 au siège de la DST où le directeur, le préfet Pascal, lui remettait le dossier afférent à M. Charles

Hernu. Il renfermait un dossier relié contenant 99 feuillets en langue roumaine, deux planches de microfilms et un dossier relié constitué de 74 pages en langue française (la traduction du précédent dossier) [...] Le magistrat instructeur s'est attaché à réunir les éléments permettant d'évaluer le degré de fiabilité, la détermination de leur authenticité conditionnant la caractérisation des infractions de tentative d'escroquerie au jugement et de faux et usage [...] Or, à l'issue de l'information, les parties civiles se sont désistées de ces chefs de leur plainte ne permettant pas à l'instruction de prospérer. [...] »

**Vous aimez Isabelle Adjani, notre supplément Internet. Les hommes, eux, supportent mal de voir leurs petites manies épinglées.**



## Isabelle Adjani, un rayon de soleil

Retrouver l'irradiante lumière et l'infinie grâce d'Isabelle Adjani à la une de votre magazine, après avoir eu le réel privilège d'assister à une représentation littéralement magique de « La Dame aux camélias », est une joie, un véritable rayon de soleil dont on ne vous remerciera jamais assez... Je n'en dirai pas plus. Sur Isabelle Adjani, on écrit une ligne ou on se tait... Et si le bonheur était parfois simple comme une couverture de ELLE ?

Joël (Paris).

## Halloween, ça suffit

On nous « enrobe » Halloween dans un discours historique qui voudrait que cette fête remonte à des temps anciens et à une coutume celtique, pour faire passer le « bonbon » et nous rendre tout sucre tout miel devant l'avalanche orange et diabolique. La rentrée s'accompagnant d'un flux de factures à honorer, il fallait bien trouver une fête qui fasse la transition entre les grandes vacances et Noël, car la consommation doit tourner sans répit. Il y avait donc une opportunité à la Toussaint, de provoquer une fête. Mais, comme dans notre hémisphère, cette période a tendance à revêtir un caractère triste et propice à la réflexion philosophique et au recueillement, on a saisi l'occasion par le biais des enfants d'en faire une opération commerciale. Le pire est que nos chérubins aiment avoir peur, et que plus c'est laid, plus ça leur plaît ! Il n'en reste pas moins que ces démonstrations sataniques et blasphématoires des défunts et de leurs représentations sont choquantes et prétextes à fabriquer des objets immondes et ridicules. Quand va-t-on changer cette mode du hideux, du méchant, de l'effrayant pour une vision plus apaisante et esthétique des choses ? Délivrons nos enfants de cette consommation d'« enfer » qui se chiffre par milliards de francs pour leur apprendre le bien et le beau plutôt que le mal.

Danielle (Internet).

## COMMENT LES ENTREPRENEURS, COMMENT Y RÉSISTENT-ILS ?

### LES ÉTRANGES PETITES MANIES DES HOMMES



## J'ai pourtant un mari charmant...

... gentil, jeune, beau, raffiné, élégant, attentionné, bien élevé et qui m'a fait trois jolies petites filles. Et pourtant, si j'avais su ! Il est 22 h 30, je suis étendue sur le lit et je lis « Les étranges petites manies des hommes » (ELLE n° 2862) quand, quelle horreur ! mon mari est assis sur le canapé (notre chambre est aussi notre salon), les jambes écartées et zappe comme un débile d'une chaîne à l'autre en zieutant

un magazine de bagnoles, et en râlant, car il n'y a rien à grignoter à part des BN au chocolat. Je tourne la tête vers la salle de bains : il a encore osé laisser la lunette des WC relevée. Je lui lis, un à un, les articles tout en pouffant de rire et savez-vous ce que ce « goujat » ose alors me répondre : « C'est quoi, toutes ces conneries ? Je vais leur envoyer un article sur le descriptif des bonnes femmes par le Pr Choron ! » (cf. « L'Echo des savanes »). Ne vous inquiétez donc pas si vous recevez une missive peu raffinée ! (...)

Karine (Yutz).

## OGM en Inde

Je lis ELLE depuis toujours. J'ai certainement commencé dans le ventre de ma maman. Mode, beauté, santé, société, fiches-cuisine, je jette un coup d'œil à tout. Ça me distrait, ça m'amuse, ça me fait parfois réfléchir. Malheureusement je viens de lire votre article « Inde, OGM go home ! » et je suis révoltée. Vous affirmez que les OGM ont poussé des agriculteurs indiens à vendre un rein ou un enfant pour rembourser des emprunts contractés auprès des multinationales. En deux petits paragraphes, tout est mélangé : la faim et la misère du tiers-monde, les multinationales et le capitalisme, le désespoir des plus pauvres parmi les plus pauvres et le sensationnalisme racoleur et malsain fondé sur ce désespoir, et enfin les biotechnologies si peu comprises. Aucune analyse, aucune preuve apportée. En revanche, l'agriculture traditionnelle, re-nommée pour l'occasion « bio », est présentée comme la solution à tous ces maux. Cet article m'a coupé l'appétit, moi Occidentale surnourrie qui lit chaque année avec avidité votre « Spécial maigrir » ! (...) N'avez-vous jamais remarqué que des siècles d'agriculture bio (sans pesticides ni OGM) nous ont apporté des famines successives ? N'avez-vous jamais pensé que les OGM puissent avoir des avantages ? (...)

Diane (Bruxelles).



## ELLE, ma surprise du lundi

Juste pour vous dire que j'avais des idées fausses sur ELLE. Depuis six ans je vis dans la région parisienne et votre journal m'étonne chaque lundi, c'est ma surprise de la semaine. J'y trouve cent fois ce que j'y cherche dans des domaines très variés et quand je dis : « Je l'ai lu dans le ELLE de lundi », encore certaines personnes ont la même réaction que moi six ans plus tôt ! Félicitations pour le supplément Internet. J'y navigue depuis cinq ans comme vous, mais je trouve que les Françaises de mon âge, et les femmes chez elles, n'ont pas encore bien senti tout ce qui se passait dans cet extraordinaire domaine ! Alors, merci encore.

Marie-Christine (Internet).



## Internet dans le sac

Bravo pour votre supplément ELLE Internet de cette semaine. Voilà qui va m'éviter de découper et de garder des pages du journal. A quand un supplément avec un format plus pratique à garder dans son sac ou à poser à côté de la souris ? Ou pourquoi

pas des adresses sur des fiches, genre fiches-cuisine ? (A propos, bravo aussi pour leur présentation.) Ce qui permettrait une réactualisation ultérieure plus facile.

Lise (Maisons-Laffitte).

**Vous protestez contre la Journée des femmes, vous réclamez plus de violettes de la tête et moins de Paltrow, vous vous offusquez de l'attitude des femmes qui construisent un foyer avec un homme qui n'est pas libre, et, vous aussi, affrontez la vie avec un enfant handicapé.**

## Mon petit Rémy dérange

J'ai été très émue en lisant dans « C'est mon histoire » (ELLE n° 2826) le récit de la maman d'Emilia. Je suis, moi aussi, mère d'un enfant handicapé et je constate souvent que la présence de mon petit Rémy dérange le confort des autres. La vision de son handicap gêne, comme le fauteuil dans lequel on le promène. Et il n'a pas, hélas, des frères aussi enthousiastes et dévoués que ceux d'Emilia. Moi, j'ai du mal à impliquer mes autres enfants (deux filles, 15 et 12 ans) dans la vie de leur petit frère. Elles le délaiscent et ne pensent qu'à elles. J'ai dû noter quelque chose dans leur éducation et, malgré mes tentatives pour les rapprocher de leur petit frère, je n'arrive à rien. Merci de me donner chaque semaine une bouffée d'air frais dans mon univers si gris. *Alice (Rueil-Malmaison).*

## 8 mars, Journée des femmes ?

Après la fête des grands-mères, avant celle des enfants, l'incorruptible Journée des femmes. Comme un ridicule anniversaire, un gâteau un peu amer. J'espère que vous n'avez pas soufflé trop fort les bougies, mesdames. Tous nos pauvres acquis auraient pu ficher le camp ! Cette journée est juste faite pour oublier les 365 autres (cette année, février avait 29 jours) pendant lesquelles on bosse, pouponne, invente, organise, aime, souffre, soupire... *Martine (Niry-Mory).*

## Pauvre Gwyneth Paltrow

Gwyneth Paltrow est fatiguée ? Ça tombe bien, moi aussi ! La nouvelle star nous expose son mal-être, son ras-le-bol. De quoi ? De sa célébrité trop difficile à gérer ? De son argent trop dur à dépenser ? De son oscar trop lourd à porter ? Forcément, les premiers troubles psychologiques arrivent : choisir entre une jupe Prada et un pantalon Gucci ; savoir quel étalon en devenir sera dans son lit à la prochaine cérémonie (cochez la case correspondante : Brad Pitt, Ben Affleck, Joseph Fiennes ou Jude Law) ou bien encore (ultime prise de tête) réfléchir à la décoration de sa maison à 12 millions de dollars...

Bref, autant de questions existentielles qui remettent en cause la condition féminine. Après les Algériennes bombardées, les Tchétchènes violées, les Africaines excisées, voilà la Paltrow déprimée ! Allez, Gwyneth, tiens bon !

*Aurélië (Paris)*

## Mauvaise alliance

Je réagis à l'histoire de Florence (ELLE n° 2825), avec une furieuse envie de crier. En effet, j'ai vraiment l'impression que, encore aujourd'hui (à cheval entre le XX<sup>e</sup> et le XXI<sup>e</sup>, tout de même), on considère comme des victimes parfaites ces jeunes femmes dont « le père ne veut pas reconnaître l'enfant ». Dois-je rappeler que faire l'amour est un acte qui se fait à deux, et que la protection contre une éventuelle grossesse doit se faire des deux côtés ? Comment ne pas penser que Florence recherchait effectivement un père qui devait prendre toutes les décisions pour elle, ou bien qu'elle souhaitait déjà inconsciemment avoir un enfant ?

Je voudrais lancer un appel à toutes les jeunes femmes qui n'ont pas encore compris le message que nous essayons de faire passer depuis si longtemps : avoir une liaison avec un homme déjà « en main » n'a jamais produit d'histoire romantique et agréable. Sauf exceptions auxquelles je n'ai pas encore été confrontée, ces hommes ne recherchent qu'un lien de plus, une personne de plus qui les aime, et, en aucun cas, ils ne veulent créer de nouvelle famille. Les enfants qui peuvent naître de ces histoires sont très souvent perturbés. Et il ne faut surtout pas oublier la famille déjà existante chez qui cela provoquera également beaucoup de remous. Pourquoi se lancer dans de telles aventures, alors que cela fera au minimum trois malheureux (l'homme, sa femme et sa maîtresse) ? Ces jeunes femmes n'imaginent pas ce qu'elles vont endurer, bien souvent pendant plusieurs années, alors qu'il existe des hommes libres... Je sais qu'on me rétorquera qu'il y a peu d'hommes libres, qu'ils sont tous pris, etc. Je n'en suis pas certaine, je connais trop d'hommes libres autour de moi, et qui, eux aussi, s'inquiètent. Mais rencontrer l'âme-sœur n'est pas une question de rapidité. Il faut parfois chercher longtemps pour trouver enfin... et c'est ce qui en fait tout le charme. *Annie (Rambouillet).*

## Vues à la télé

Chaque semaine, je lis ELLE avec plaisir. Toutefois, je m'interroge : les journalistes de ELLE ne regardent-elles jamais la télé ? Il s'y passe pourtant plein de choses. Un exemple : les émissions de qualité présentées par des journalistes aussi compétentes que celles de votre magazine se multiplient sur toutes les chaînes. Je souhaiterais qu'on s'intéresse à Ruth Elkrief, Béatrice Schönberg, Isabelle Giordano, Anne de Palmi, Agnès Michaux, Sophie Davant, Hélène Devynck, Daniela Lombroso, Nathalie Lanetta... ou même titre qu'à Lolita Chammah, Lou Doillon ou Virginie Ladoyen. Elles ont sans doute plus de choses à raconter et ne sont pas moins populaires. Contrairement à ce que vous semblez penser, la télévision fait partie de la vie quotidienne des Françaises, de leur vie culturelle ou même titre que la mode ou le cinéma. Suis-je donc une exception ? *Sophie (Lyon).*

## FÓRUM DOS LEITORES

### Tomada do poder

Seguindo, ao que parece, a tradição ou o hábito oral dos companheiros, o presidente Lula vem de confirmar o que foi dito pelo presidente da Câmara. Este foi direto ao ponto, pois, com toda a clareza, afirmou que a atuação parlamentar do PT na oposição não objetivava senão a tomada do poder. Essa é, agora, a história oficial, segundo o presidente. Sem se encabular, disse que a meta era, realmente, a tomada do poder, pois a postura devida era a de bloquear as reformas então propostas, realizando obstruções regimentais ou dando votos contrários. Era a política de destruir a casa para depois, no poder, reconstruí-la como "salvador da Pátria". Sua frase nesse sentido foi, entretanto, sutil: "Nem todo mundo dorme e acorda na mesma hora" (*Estado*, 16/5). Realmente, essa manifestação presidencial não comporta outra interpretação: embora não houvesse óbices para dormir, os companheiros ficaram, na calada da noite, bem acordados para conspirar pela tomada do poder, enquanto tudo o mais se *ralava*. Certo? **Pedro Luís de Campos Vergueiro** ([pedrover@matrix.com.br](mailto:pedrover@matrix.com.br)), São Paulo

### Imposto disfarçado

Há pouco tempo, dizia-se nas páginas do *Estadão* que o preço da gasolina estava defasado. Com a enorme queda do dólar e do petróleo, a Petrobrás nos deu um mesquinho desconto de 5,2%, se tanto, no preço do derivado. Agora, apresenta lucro escandaloso de

US\$ 5,5 bilhões num único trimestre! É lógico que o governo se faz de rogado e nem comenta o assunto, pois recebe 50% desse lucro, que, no fim das contas, não passa de mais um imposto disfarçado. **Luiz M. Leitão da Cunha** ([leitaoda-cunha@aol.com](mailto:leitaoda-cunha@aol.com)), São Paulo

### Lista de devedores

Em razão da publicação, na edição desse prestigioso jornal de 15/5, da lista em que consta como grande devedor do INSS o Esporte Clube Pinheiros, esclareço que desde 1995 o clube, que tenho a honra de presidir, questiona judicialmente o mérito das contribuições patronais que lhe estão sendo exigidas por aquele órgão. Em face desse questionamento na Justiça, o clube tem depositado, mensal e regularmente, importâncias garantidoras desses pressupostos débitos, ainda pendentes de decisão final. Quanto às parcelas de contribuições relativas aos empregados, estão devidamente pagas, não havendo, portanto, nenhum débito pendente no INSS. Esse tem sido o comportamento administrativo do Pinheiros, que este ano completa 104 anos. **Antônio de Alcântara Machado Rudge**, São Paulo

### Execuções penais

Leio, estupefato, que detentos com boa conduta na prisão são elegíveis para liberdade condicional após um sexto da pena! Condenar alguém a 30 anos de prisão (pena máxima



atual) e, após cinco anos, soltá-lo para cometer novos crimes? E querem acabar com os exames criminológicos, que servem para aquilatar se o detento tem condições mentais, psicológicas, etc., para merecer liberdade condi-

cional! Não é o fim da picada? Mais uma vez o cidadão comum fica à mercê de decisões estapafúrdias das autoridades, cuja finalidade, parece-me, é tão-somente criar mais espaço nas penitenciárias. Solução de jerico: soltam-se criminosos condenados para dar lugar a outros! Qualquer um que goze de sanidade mental encontraria solução mais racional (por exemplo, construir a jato mais penitenciárias). Os governos têm verbas para tantas bobagens, que elas sejam usadas em maior proveito da população tão sacrificada. **João U. Steinberg** ([justeinberg@terra.com.br](mailto:justeinberg@terra.com.br)), São Paulo

### Muitas alegrias

Ao leitor sr. Dayne Nogaro (*Libertadores*, 16/5), de Buenos Aires, quero dizer que "Só Consegue Campeonato Paulista" é um grande elogio. É um campeonato de grandes times e o meu Corinthians foi campeão 24 vezes. Foi também campeão brasileiro, da Copa Rio-São Paulo, Copa Brasil, campeão mundial de interclubes e vencedor de muitos torneios, taças e troféus aqui e fora do Brasil. Talvez o leitor não se lembre de tantas vitórias porque o corralito pode tê-lo perturbado, mas meu glorioso Timão já me

deu muitas alegrias. **Léa Brasolini** ([lcabrasolin@uol.com.br](mailto:lcabrasolin@uol.com.br)), Aldeia da Serra

Além da vergonha pela porcária de futebol apresentado pelo Timão, ainda somos obrigados a agüentar a gozação de um argentino (acho que é brazuca morando lá). Ao leitor em questão, um recado: o Corinthians, ao contrário do seu River, é o único campeão mundial de Clubes da Fifa, título oficial, e seu time, como todos os que estão pegando na veia dos corintianos, apenas campeão de uma copinha de nome Toyota, propaganda daquela empresa. Só. Infelizmente, quanto ao time alvinegro atual, ele está certo. Do plantel, apenas quatro ou cinco são realmente de primeira linha, o restante, de segunda. Assim como o técnico. Podemos começar a treinar para o Paulista vindouro. **Laércio Zanini** ([arsenc@uol.com.br](mailto:arsenc@uol.com.br)), Garça

O Corinthians tem demonstrado não reunir as condições psicológicas nem o autocontrole tão necessários em disputas internacionais. Isso o limita à conquista de títulos somente no âmbito de campeonatos internos. É uma pena. **Mário Pallazini** ([mpallazini@hotmail.com](mailto:mpallazini@hotmail.com)), São Paulo

■ As cartas devem ser encaminhadas – com assinatura, identificação, endereço e telefone do remetente – ao Fórum dos Leitores, Av. Eng. Caetano Álvares, 55, 6.º andar, CEP 02598-900, pelo fax (011) 4856-2920 ou pelo e-mail [forum@estado.com.br](mailto:forum@estado.com.br). As cartas poderão ser resumidas e o Estado se reserva o direito de selecioná-las para publicação.

O Estado de São Paulo  
18/5/2003

**Falta de ética**

O presidente do Senado do nosso Brasil, sr. José Sarney, nos faz sentir vergonha de sermos brasileiros. Manipulou a Constituição, como uma velha e experiente raposa política, para proteger um amigo que sorrateiramente vem delinquindo de forma contumaz. O sr. José Sarney foi transigente com a imoralidade e com a falta de ética. O editorial *O senador Sarney omite o essencial* (7/5, A3) não poderia ser mais explícito e claro ao analisar a questão que envolve de novo o senador Antonio Carlos Magalhães. As bravatas de que a Constituição e o Regimento Interno da Casa servem para justificar a decisão da Mesa acobertam a recomendação de abertura do processo de cassação. O sr. Sarney nos envergonha. Cumprimentamos o Estado, que na defesa do País condena a posição política do sr. Sarney. **Sinésio Mützel de Moura** (sinesiommoura@uol.com.br), Campinas

A votação secreta pela não-abertura de processo de cassação do senador Antonio Carlos Magalhães foi mais um ato lamentável de nossos senadores. Novamente eles demonstraram que o poder e as influências ainda valem mais do que a seriedade, quando se trata de política brasileira. O exemplo que vem do Senado não poderia ser pior e, mais uma vez, faz com que o povo duvide da integridade moral de alguns políticos. **Artur Holender** (arturholender@hotmail.com), São Paulo

mail.com), São Paulo

O que têm o Conselho de Segurança da ONU e o Conselho de Ética do Senado do Brasil em comum? Ambos se mostraram inúteis. O primeiro, porque foi solenemente ignorado pelos EUA, que atacaram o Iraque à revelia de qualquer decisão sua e, no fim, acabou nem mesmo deliberando sobre o assunto; o segundo, porque a Mesa do Senado e o plenário o ignoraram, bem como as provas contra o senador Antonio Carlos Magalhães, e, então, simplesmente, se eximiram de sequer afastá-lo de suas funções enquanto não houver juízo final sobre as acusações que lhe são imputadas. **Eduardo Guimarães** (edu.guim@uol.com.br), São Paulo

A absolvição de ACM pelo Senado é o exemplo vivo do comportamento político dominante no Brasil. Nós, eleitores, somos culpados – ainda não sabemos votar. Também enquanto os homens de bem se omitirem, ficarem de braços cruzados, não participando ativamente do processo político, prevalecerão o corporativismo, os conchavos e o Brasil continuará à deriva. **Humberto S. Soares**, Vila Velha (ES)

**A cabeça dos ditadores**

O roubo de US\$ 1 bilhão em espécie do Banco Central do Iraque por Qusay Saddam Hussein mostra como as coi-



sas funcionam na cabeça dos ditadores: ao mesmo tempo que exigiam o sangue e a alma dos seus cidadãos, não dava sequer para abrirem mão do dinheiro dos iraquianos. Afinal, de que vale a vida alheia quando se tra-

ta de proteger o seu nível de vida? **Jorge A. Nurkin** (j.nurkin@uol.com.br), São Paulo

**Hóspede indesejado**

Enquanto em Fortaleza pessoas morrem diariamente por falta de assistência adequada, um facinora causador de tantas desgraças goza de privilégios que jamais foram concedidos a um cidadão comum. Foram buscá-lo na Colômbia e o transferiram inúmeras vezes, tudo isso pelo dispendioso transporte em aviões e helicópteros. Quando por terra, precedido e seguido por um cortejo de segurança digno dos mais vaidosos ditadores. E, mesmo assim, não é certo de que ele esteja impedido de comandar seus comparsas, pois recebe visitas com as quais mantém conversas sigilosas. Tudo isso bancado pelos contribuintes, entre eles os infelicitados por sua atividade criminosa. Pode ser que a lei esteja sendo seguida à risca, mas que algo está errado em tudo isso, isso está! **Paulo Braun** (pbraun@speet.com.br), Passa Quatro (MG)

**Cartilha**

Não podemos mais transitar sossegadamente na Linha

Vermelha, na Linha Amarela, ir para a escola, sair à noite. Até mesmo comprar um pão na padaria da esquina se tornou arriscado. Seria interessante que o casal Garotinho fornecesse aos pacatos cidadãos uma cartilha com dia, horário e locais a que pudéssemos ir sem termos de ficar assombrados com o fantasma da violência que tem assolado o nosso querido Rio de Janeiro. As afrontas da bandidagem ultrapassaram quaisquer limites da tolerância. Chega! **Fernando Al-Egypto**, Petrópolis (RJ)

**Marta em Aracaju**

A prefeita de São Paulo poderia explicar ao povo de nossa cidade o que estava fazendo no palanque do presidente, lá no Norte do País? Por acaso, estava ensinando a prefeitura de lá a criar taxa de lixo? Será que há pouco trabalho a ser feito em nossa cidade? **José Roberto Zopazo** (jzopazo@ig.com.br), São Paulo

**Arte engajada**

Depois do que Gushiken tentou fazer, é de perguntar: a atriz Regina Duarte tinha ou não razão? **Rodrigo de Melo Porto** (rodrigo@sc.usp.br), São Carlos

■ As cartas devem ser encaminhadas – com assinatura, identificação, endereço e telefone do remetente – ao Fórum dos Leitores, Avenida Eng. Caetano Álvares, 55, 6.º andar, CEP 02598-900, pelo fax (011) 3856-2920 ou pelo e-mail forum@estado.com.br. As cartas poderão ser resumidas e o Estado se reserva o direito de selecioná-las para publicação. Correspondência sem identificação completa será desconsiderada.

[carta 1]

Au courrier des lecteurs

S.P., le 30 juin 2003

Face à l'intention du  
gouvernement brésilien sur la re-  
forme de la Previdência Social, je  
pense que nous, les fonctionnaires  
des publiques ~~est~~, avons déjà fait  
la contribution pour la retraite  
pendant le temps de travail.  
Si la contribution est pour fi-  
nancier notre future retraite, pour  
quoi devons-nous continuer à payer  
25% plus au moins de notre salaire  
aux "Institutes" de Previdência, après  
nos retraites? Il ya une retraite ou ciel?  
Eunice Marques

[carta 2]

À Folha de S. Paulo. Président du Peuple ?

Je suis désolée avec le gouvernement brésilien. Il faut faire quelque chose pour sauver notre pays d'un président qui ne sait rien de l'économie, ou même de les nécessités de son peuple.

Le M. Silva, mais connu comme "dula", répète toujours le même discours, que vraiment ne nous a dit pas. C'est peu probable qu'il change cette situation parce qu'il n'est pas préparé : il n'a pas des études! C'est un grand problème. Nous, brésiliens, ne pouvons accepter les réformes, l'inflation, la misère, le faim, la pauvreté! Je pense qu'il est faut réfléchir et changer le président, maintenant!

Je ne vais pas croire en une personne qui est sorti du peuple, mais que s'a oublié où il né.

Brésiliens, voilà les changements!!

Adriana Silva, économiste

S.P., 30/06/03.



[carta 3]

La critique au gouvernement  
brésilien que quelques politiques  
ont fait ces derniers jours est  
vraiment détestable. C'est vrai que  
le nouveau gouvernement a  
fait des petites erreurs mais on  
ne peut pas le condamner toute de  
suite. C'est très facile d'être à  
côté de Lula avant les élections  
et le critiquer maintenant.

[carta 4]

Requiem

L'inflation est contrôlée!

On sait que l'inflation a tombée tous les espoirs de développement économique au Brésil dans les années 80. Pendant quatorze ans, on a vu la concentration de rendements augmenter et que le peuple a devint chaque fois plus pauvre. Quand FHC était ministre, il a fait avec quelques économistes le Plano Real, jusqu'à là l'inflation était en 85% au mois! Après le Plano Real, les brésiliens ont resté sans inflation, mais le développement économique du Brésil était stoppé. Après FHC a gagné deux élections pour la présidence, nous ont choisi Lula comme président. Il a réussi dans ~~ces~~ élections parce qu'il a dit que les taux d'intérêts avaient baissé, mais jusqu'à ce moment, il ne fait pas ce que lui a dit. Je pense que l'inflation est contrôlée et que les taux d'intérêts peuvent baisser ~~pour le pays~~ je suis mécontente avec les hautes taux qui ne laissent pas le pays se développer.

Mano - Almeida

[carta 5]

Le 30 juin 2008

Mme. Mesquita:  
25, Rue de la Consolation  
XVI<sup>ème</sup>  
Paris  
France.

AU: L'Express  
Paris  
France.

J'ai voté en Lula. Cependant je suis indigné avec ses discours après les élections. La réforme de la retraite qu'il a proposé au Congrès est le ~~renverse~~ de laquelle qu'il défendait avant les élections. Je pense que Lula ~~avait~~ <sup>aurait</sup> changé son discours pour être agréable au PTI.

Attentivement,  
Hilda de Souza  
Luiza Mesquita.

[carta 6]

São Paulo, le 30 juin 2003

Je suis déçu avec le gouvernement de Lula. Il a obtenu la plus expressive notation d'un président dans l'histoire de la République pour changer le modèle économique neo-libéral et développer des politiques sociales. Mais jusqu'ici ~~maintenant~~ maintenant son gouvernement est seulement une séquence des politiques de Fernando Henrique Cardoso, le pire président de notre histoire. Notre économie continue subordonnée à la spéculation financière internationale, la vie est très chère et chômage est arrivé à taxes insupportables. Le président et son équipe doit être fidèle à son parcours politique et gouverner pour les millions de Brésiliens misérables qui n'ont pas d'opportunité pour se développer ~~comme~~ vraiment comme êtres humains, avec santé, éducation et un minimum pouvoir d'achat. C'est pour cela qu'il a été élu.

[carta 7]

LETRE DE LECTEUR

" Vous avez fêté tellement le président du Brésil, Monsieur Lula dans votre journal, mais voyez qu'il ne met pas en action les politiques promises pour développer la petite entreprise, celle qui crée plus d'emplois. Dans les discours M. Lula relève son importance, mais la réalité des mesures sectorielles montre que les "lobbies" des grandes entreprises réussissent comme jamais leurs objectifs, imposant de sacrifices et presque le mort à la petite entreprise "

Marilyn Belognini (courriel)  
Le Nouvel Observateur  
1 au 7 juillet, 2023